Tocado por Nossos Sentimentos

Uma pesquisa histórica do conceito adventista sobre a natureza humana de Cristo

Publicado originalmente pela Review and Herald Publishing Association sob o título "Touched With Our Feelings"

Pr. Jean R. Zurcher, Ph. D.

Presidente da Comissão de Pesquisa Bíblica da Divisão Euro-Africana da IASD – Secretário da Mesma Divisão

Tradutor: Luís Hortolani

Índice 1

Prefácio por Kenneth H. Wood 6 Desafiado pelos Críticos 7 Diálogo e Mudança 8

Introdução 11

Os apóstolos enfrentam as primeiras heresias 11 A Cristologia através dos séculos 12 Cristologia contemporânea 13 Os precursores da Cristologia contemporânea 15 A História da Cristologia adventista 16

PARTE I – A NATUREZA DIVINO-HUMANA DE JESUS CRISTO 18

Capítulo 1. A Divindade de Cristo 18

James Springer White (1828-1881) 18 Uriah Smith (1832-1903) 19 Joseph H. Waggoner (1820-1889) 20 Ellet J. Waggoner (1855-1916) 21 Ellen Gould White (1827-1915) 23

Capítulo 2. A Natureza Humana de Cristo 27

A encarnação, um mistério 28 Os fundamentos bíblicos de Cristologia 28 Os primeiros testemunhos adventistas 30 A primeira declaração oficial 31 A natureza humana em estado decaído 32

PARTE II - A CRISTOLOGIA DOS PIONEIROS DA IGREJA ADVENTISTA 35

Capítulo 3. A Cristologia de Ellen G. White (1827-1915) 35

A humanidade de Jesus Cristo 36
A natureza de Adão antes ou depois de queda? 37
A natureza humana em estado decaído 38

"Tentado em tudo, como nós..." 39

"... mas sem pecado." 41

Divino e humano 42

Participante da natureza divina 43

Conclusão 44

Capítulo 4. *Ellet J. Waggoner* (1855-1916) 47

Primeiras declarações feitas entre 1884 e 1888 47

"Deus manifesto em carne" 49

Waggoner comprova sua Cristologia 52

Conclusão 53

Capítulo 5. Alonzo T. Jones (1850-1923) 55

A mensagem de Jones ainda digna de confiança? 56

A Cristologia de Jones 58

- 1. A decaída natureza humana de Cristo 59
- 2. O pecado condenado na carne 60
- 3. A natureza de Adão: antes ou depois da queda? 60
- 4. A vitória possível através de Jesus Cristo 62

Conclusão 64

Capítulo 6. William Warren Prescott (1855-1944) 67

Um ardoroso partidário da mensagem de 1888 68

- 1. A encarnação, uma verdade fundamental 68
- 2. Humanizado em "carne pecaminosa" 69
- 3. A carne de Adão após a queda 69
- 4. Cristo em nós, a esperança da glória 70

Ellen G. White aprova a Cristologia de Prescott 71

Prescott comprova sua Cristologia 72

- 1. Jesus participou do sangue e da carne humanos 73
- 2. Uma carne semelhante à do pecado 73
- 3. Enviou-O para condenar o pecado na carne 74
- 4. Para poder participar de Sua natureza divina 74

Uma mensagem verdadeiramente cristocêntrica 75

Conclusão 77

Capítulo 7. O movimento da carne santa 78

Haskell informa Ellen G. White 79

Ellen G. White responde a Haskell 80

Um vigoroso protesto 81

Waggoner refuta a doutrina da carne santa 81

Ellen G. White rejeita a doutrina da carne santa 83

Condenada a doutrina da carne santa 84

Conclusão 85

PARTE III – EXCERTOS DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS DA IGREJA (1895-1952) 87

Capítulo 8. Excertos das publicações oficiais (1895-1915) 87

Excertos dos periódicos da igreja 87

Excertos das lições da escola sabatina 89

Excertos de vários livros 91

- 1. Olhando para Jesus, de Uriah Smith 92
- 2. Perguntas e respostas, de Milton C. Wilcox 92
- 3. Estudos bíblicos para o lar 92

Capítulo 9. Excertos das publicações oficiais (1916-1952) 96

Excertos dos periódicos da igreja 96

Excertos da literatura adventista européia 99

Excertos das lições da escola sabatina 103

Excertos de livros selecionados 104

- 1. A doutrina de Cristo, de W. W. Prescott 104
- 2. Vida vitoriosa, de Meade MacGuire 104
- 3. Fatos da fé, de Christian Edwardson 105
- 4. O vinho da Babilônia Romana, de Mary E. Walsh 106
- 5. Respostas a objeções, de F. D. Nichol 106
- 6. A expiação e o drama dos séculos, de W. H. Branson 108

Conclusão 109

PARTE IV – CONTROVÉRSIA CRISTOLÓGICA NO SEIO DA IGREJA ADVENTISTA 112

Capítulo 10. "O novo marco histórico adventista" 112

A primeira data memorável de uma mudança radical 112

A rejeição das "errôneas" idéias do passado 114

O manifesto da nova Cristologia 115

"Humano, mas não carnal" 116

O novo marco histórico adventista 117

Questões doutrinárias 118

A carta de Ellen G. White a William L. H. Baker 120

Capítulo 11. As primeiras reações ao livro Questões Sobre Doutrina 123

A Cristologia tradicional autenticada pelo Comentário Bíblico

Adventista do Sétimo Dia 124

O Patrimônio White publica Mensagens Escolhidas 126

M. L. Andreasen e o seu "Cartas às Igrejas" 126

Propostas para a revisão do livro Questões Doutrinárias 130

Uma votação esclarecedora 130

A publicação do volume 7–A do Comentário Bíblico Adventista do

Sétimo Dia 131

Roy Allan Anderson, O Deus-homem, Sua natureza e obra 132

LeRoy Edwin Froom aprova a nova Cristologia 133

Capítulo 12. Reações à nova Cristologia (1970 a 1979) 138

A reação da Review and Herald 138

A reação do Instituto de Pesquisa Bíblica 140

Herbert E. Douglass reage através das lições da Escola Sabatina 141

A Cristologia da comissão da justificação pela fé 142

As dissertações de Ford na Conferência de Palmdale 143

Herbert E. Douglas reafirma a Cristologia tradicional 144

Kenneth H. Wood confirma a Cristologia tradicional 146

A Cristologia de Edward Heppenstall 148

A posição de J. R. Spangler sobre a Cristologia, enquanto ainda editor periódico O Ministério 151

do

Thomas A. Davis, Foi Jesus realmente como nós? 152

O ponto de vista de William G. Johnsson 154

Edward W. H. Vick, Jesus, o Homem 155

Capítulo 13. O auge da controvérsia 160

Um zeloso defensor da Cristologia tradicional 160

A nova Cristologia nas lições da Escola Sabatina 162

A voz da Verdade Presente 164

Correntes conflitantes na Cristologia adventista 167

As duas Cristologias face a face 169

- 1. Gulley: A natureza humana antes da queda 170
- 2. Douglass: A natureza humana após a queda 171

Revisão recíproca das teses e antíteses 174

Críticas e perguntas dos leitores do O Ministério 176

O ponto de vista alternativo de Thomas A. Davis 177

Capítulo 14. Em busca da verdade histórica 181

Um século de Cristologia adventista 181

O Patrimônio White é solicitado a posicionar-se 182

O ponto de vista de Robert Olson 183

Discussão sobre Cristologia no Patrimônio White 185

Tim Poirier e as fontes da Cristologia de E. G. White 185

D. A. Delafield apóia a Cristologia de Ellen G. White 187

George R. Knight confirma a Cristologia dos pioneiros 188

Uma exposição bíblica no Nisto Cremos 189

Roy Adams busca reacender o debate 191

A situação européia 193

Georges Stéveny na esteira dos pioneiros 194

William G. Johnsson tenta harmonizar 195

Jack Sequeira e o problema do pecado 197

A derradeira declaração de Ellen G. White sobre a natureza humana Cristo 199 de

PARTE V. UM RETORNO ÀS FONTES DA CRISTOLOGIA BÍBLICA E ADVENTISTA 206

Capítulo 15. Avaliação e Crítica 206

Isso é realmente essencial? 206

Sumário das três interpretações atuais 207

- 1. A Cristologia histórica ou tradicional 208
- 2. A nova Cristologia ou a posição pré-lapsariana 209
- 3. A Cristologia alternativa 209

Erros de avaliação 210

Uma doutrina condenada pela igreja 211

Métodos tendenciosos 212

Um argumento fictício, uma expressão desencaminhadora 213

Pontos fortes e fracos da Cristologia alternativa 215

Capítulo 16. Dados bíblicos sobre Cristologia 218

Evidências neotestamentárias 218 O conceito bíblico de pecado 220

- 1. Pecado como poder e pecados como ações 221
- 2. Somente os que pecam são culpados 222

"Em semelhança de carne pecaminosa" 223

Razões para a encarnação 225

- 1. Para ser uma oferta pelo pecado 226
- 2. Para condenar o pecado na carne 227
- 3. Para libertar o homem da "lei do pecado e da morte" 228
- 4. "Para que a justiça da lei se cumprisse em nós" 228

Vitória por meio do "Espírito de Vida em Cristo Jesus" 229

- 1. Cristo "justificado no Espírito" 229
- 2. Transformado pelo "Espírito de Cristo" 230

Conclusão 231

Epílogo 233 Índice Remissivo 235 Uma palavra dos patrocinadores 237

PREFÁCIO

Desde que eu era um menino pequeno, no início de 1920, meus pais me ensinaram que o Filho de Deus veio a este mundo com a herança física semelhante ao de qualquer outro bebê humano. Sem destacar Sua linha de ascendência de pecadores, eles me contaram de Raabe e Davi, e enfatizavam que, a despeito de Sua herança física, Jesus viveu uma vida perfeita como criança, jovem e adulto. Eles me diziam ainda que Cristo compreendia minhas tentações, pois foi tentado como eu, e que desejava conferir-me poder para vencer como Ele o fez. Isso me impressionou profundamente, pois me ajudou a ver Jesus não apenas como meu Salvador, mas como exemplo, e a crer que por Seu poder eu poderia viver uma vida vitoriosa.

Em anos posteriores aprendi que o ensino de meus pais com respeito a Jesus estava bem alicerçado na Bíblia, e que Ellen G. White, a mensageira do Senhor à igreja remanescente, deixou clara essa verdade em numerosas declarações, como as que abaixo seguem:

"Que as crianças tenham em mente que o menino Jesus tomou sobre Si mesmo a natureza humana, em semelhança de carne pecaminosa, e foi tentado por Satanás como todas as crianças o são. Ele foi capaz de resistir às tentações de Satanás através da dependência do divino poder de Seu Pai celestial, enquanto era sujeito à Sua vontade e obediente a todos os Seus mandamentos." Youth's Intructor, 23 de agosto de 1894.

"Jesus teve a idade de vocês. As circunstâncias e os pensamentos que vocês têm nesse período de vida, Jesus também os teve. Ele não pode passá-los por alto nessa fase crítica. Cristo compreende os riscos que os envolvem. Ele está relacionado com as tentações de vocês." Manuscript Releases, vol. 4, pág. 235.

Uma das principais razões pelas quais Cristo entrou na família humana para viver uma vida de conquistas, desde o nascimento até a maturidade, foi o exemplo que Ele deveria dar àqueles a quem viera salvar. "Jesus tomou a natureza humana, passando pela infância, meninice e juventude, para que pudesse saber como simpatizar com todos, e deixar um exemplo para todas as crianças e jovens. Ele está relacionado com as tentações e as fraquezas das crianças." Idem, 1 de setembro de 1873.

Em meus anos de curso médio e faculdade, continuei a ouvir de professores adventistas e

pastores que Jesus tomou a mesma natureza carnal que cada ser humano tem – carne afetada e influenciada pela queda de Adão e Eva. Destacava-se que os católicos não criam nisso, porque sua doutrina do pecado original exige que afastem Jesus da carne pecaminosa. Eles fizeram isso ao criar o dogma da imaculada conceição, a doutrina em que Maria, a mãe de Jesus, embora concebida naturalmente, estava desde o momento de sua concepção, livre de qualquer mancha do pecado original. Assim, uma vez que ela era diferente de seus ancestrais e do restante da raça decaída, podia prover seu Filho com carne semelhante à de Adão antes da queda. Embora alguns protestantes rejeitem a doutrina católica, a maioria ainda debate sobre a diferença entre a humanidade de Cristo e a da raça à qual veio Ele salvar. Sobrenaturalmente, dizem eles, Ele foi privado da herança genética que poderia ter recebido de Seus degenerados antepassados, daí estar isento de certas tendências contra as quais os seres humanos, como um todo, precisam batalhar.

Desafiados Pelos Críticos

Porque os adventistas, desde o início, sustentam que Jesus tomou a natureza humana após 4.000 anos de pecado, ministros e teólogos de outras igrejas têm distorcido essa crença e a utilizado para desviar o povo da verdade do sábado e das três mensagens angélicas. Com a doutrina do pecado original em sua ordem de referência, eles declaram que se Jesus tomou um corpo "em semelhança da carne do pecado" (Rom. 8:3), Ele teria sido um pecador e, conseguintemente, teria Ele mesmo necessidade de um salvador.

No princípio de 1930, um artigo desafiando três ensinos adventistas, inclusive a natureza de Cristo, apareceu no *Moody Monthly* (Mensário Moddy). Francis D. Nichol, editor da *Review and Herald* (hoje Revista Adventista), respondeu às acusações escrevendo uma carta ao editor do *Moody*. Com referência ao ensino de que Cristo "herdou uma natureza decaída e pecaminosa", ele disse: "A crença dos adventistas do sétimo dia sobre esse assunto está claramente fundamentada em Hebreus 2:14-18. Na medida em que tal passagem bíblica ensina a real participação de Cristo em nossa natureza, assim nós pregamos." Mais tarde, num editorial em que comentava a resposta crítica à sua declaração, ele escreveu:

"Concordamos plenamente que para alguém dizer que Cristo herdou uma natureza pecaminosa e decaída, poderia, na ausência de qualquer outra declaração qualificativa, ser malinterpretado, significando que Cristo era um pecador por natureza, como nós. Essa seria, realmente, uma doutrina estarrecedora. Mas, tal ensino não é crido por nós. Ensinamos completamente que embora Jesus fosse nascido de mulher, partilhava da mesma carne e do mesmo sangue que nós, feito tão verdadeiramente semelhante a Seus irmãos, que Lhe era possível ser tentado em todos os pontos como nós, todavia sem pecado. Ele não conheceu pecado.

"A chave de todo o assunto, de fato, é a frase 'contudo, sem pecado'. Cremos irrestritamente nessa declaração dos Escritos Sagrados. Cristo era, verdadeiramente, sem pecado. Cremos que Aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós. Do contrário, Ele não poderia ter sido nosso Salvador. Não importa em que linguagem qualquer adventista se esforce por descrever a natureza que Cristo herdou do lado humano – e quem pode esperar fazer isso com absoluta precisão e livre de qualquer possível mal-entendido? – cremos implicitamente, como já declarado, que Cristo era 'sem pecado'." Review and Herald, 12 de março de 1931.

A posição colocada pelo Pr. Nichol era precisamente a crença que a igreja, bem como muitos respeitáveis estudiosos não-adventistas da Bíblia, mantiveram através das décadas. Esse era o ponto de vista sustentado por Ellen White. Ela escreveu: "Tomando sobre Si a natureza humana em seu estado decaído, Cristo não participou, no mínimo que fosse, do seu pecado... Ele foi tocado com a sensação de nossas fraquezas, e em tudo foi tentado como nós. E todavia não conheceu pecado... Não devemos ter dúvidas acerca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo." Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 256.

Diálogo e Mudança

Imagine minha surpresa então, quando, como um dos editores da Review nos anos

cinqüenta, ouvi alguns líderes de igreja dizerem que esse não era um ponto de vista correto – que essa era apenas a visão de uma "ala lunática" da igreja. O diálogo foi tomando espaço entre uns poucos ministros evangélicos, que estavam comprometidos com um ponto de vista sobre a natureza do homem, o qual incluía o erro da imortalidade da alma. Foi-me dito que nossa posição sobre a natureza humana de Cristo estava sendo "elucidada". Como resultado desse diálogo, muitos líderes da igreja que haviam estado envolvidos nas discussões, declararam que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda e não após ela. A mudança foi de 180 graus: pós-lapsarianos e pré-lapsarianos.

Essa dramática alteração compeliu-me a estudar a questão com uma intensidade que beirou à obsessão. Com toda a objetividade que pude reunir, examinei as Escrituras e li os escritos de Ellen White. Também li as declarações de pensadores adventistas feitas nos últimos cem anos. Examinei estudos e livros de teólogos contemporâneos, adventistas e não-adventistas. Tentei compreender que efeito essa mudança de crença poderia ter sobre: 1) o simbolismo da escada de Jacó, que alcançava Terra e Céu; 2) o propósito de haver Cristo assumido a natureza humana; 3) a relação de Sua humanidade para ser qualificado como nosso Sumo Sacerdote (Heb. 2:10; cf. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 745, e *Vida de Jesus*, pág. 155); 4) a relativa dificuldade de lutar contra o adversário em carne imaculada, em lugar de carne pecaminosa; 5) o profundo significado do Getsêmani e do Calvário; 6) a doutrina da justificação pela fé; e 7) o valor da vida de Cristo como exemplo para mim.

Por quarenta anos continuei esse estudo. Em conseqüência, cheguei a compreender melhor não somente a importância de sustentar uma correta visão da natureza humana de Cristo, como também dois comentários de Ellen White sobre o porquê de verdades simples serem algumas vezes aparentemente confusas: 1) "Professos teólogos parecem ter prazer em tornar misterioso aquilo que é claro. Eles revestem os ensinos simples da Palavra de Deus com seus próprios arrazoados obscurantistas, e assim confundem as mentes daqueles que ouvem suas doutrinas." (Signs of the Times, 2 de julho de 1896). 2) "Muitas passagens da Escritura, que homens doutos consideram mistérios ou passam por alto como merecendo pouca importância, estão cheias de conforto para aquele que aprender na escola de Cristo. Uma das razões por que muitos teólogos não têm melhor compreensão da Bíblia é que eles fecham os olhos para as verdades que não lhes convêm praticar. A boa compreensão da Bíblia não depende tanto da força intelectual posta ao serviço do seu estudo, quanto da singeleza de propósito, do sincero desejo de conhecer a verdade." (Conselhos Sobre a Escola Sabatina, pág. 38)

Durante as recentes décadas, certo número de escritores têm tentado provar sua crença de que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda. Seus textos bíblicos de prova parecem robustos apenas quando interpretados de acordo com suas pressuposições. Ocasionalmente utilizam-se de uma abordagem *ad hominem*, isto é, para confundir quem os ouve ou lê, na qual se empenham em desacreditar respeitabilíssimos professores e ministros adventistas, que mantêm o ponto de vista pós-queda. Entendo que suas tentativas foram moldadas segundo um advogado a quem se atribui as seguintes palavras: "Se você tem um caso difícil, tente confundir a questão. Se você não tem nenhum caso, ralhe com o júri."

Estou amplamente convencido de que antes de a igreja poder proclamar com poder a última mensagem divina de advertência ao mundo, deve unir-se em torno da verdade da natureza humana de Cristo. Tenho esperado longamente que alguém com credenciais espirituais e acadêmicas impecáveis colocasse em forma sucinta e legível a completa Cristologia baseada na Bíblia (e no Espírito de Profecia), e expusesse como a igreja se apartou dessa verdade 40 anos atrás.

Este livro atendeu a essa esperança. Conheço seu autor já há muitos anos. Ele é um fiel adventista do sétimo dia, um erudito que procura a verdade com objetividade incomum. Aproximadamente há três décadas ele fez uma excelente contribuição à teologia contemporânea, escrevendo a obra *The Nature and Destiny of Man* (A Natureza e o Destino do Homem), publicada pela *Philosophical Library*, de Nova Iorque, em 1969. Com clara compreensão da natureza humana, Jean Zurcher tem tido o discernimento necessário para examinar a doutrina da natureza humana de Cristo. No presente volume ele apresenta cuidadosamente a verdade acerca da natureza humana de

Cristo, e mostra que a glória da bem-sucedida missão do Salvador a este mundo é aumentada, e não diminuída, pelo fato dEle haver triunfado a despeito de assumir os riscos da "carne pecaminosa".

Creio que este livro meticulosamente pesquisado e bem escrito, será entusiasticamente recebido por todos aqueles que amam a verdade e desejam compreender melhor quão íntima é a relação entre Jesus e a família humana. Verdadeiramente, "a humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo a Deus." Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 244.

Kenneth H. Wood, presidente Conselho Curador do Patrimônio de Ellen G. White 10 de agosto de 1996.

INTRODUÇÃO

Através da história da Igreja Cristã, o assunto da Cristologia, que trata de Cristo, Sua pessoa e obra¹, foi o centro de muitas disputas teológicas. As mais danosas heresias e mais dramáticos cismas tiveram suas origens na diversidade de teorias concernentes à pessoa e obra de Cristo.

Em razão da helenização da fé (conformar a fé ao caráter e cultura gregos) e do surgimento de doutrinas heréticas, os apóstolos e seus sucessores foram forçados a contender em função da questão da natureza divino-humana de Cristo. Isso deu em resultado à criação de "uma Cristologia no estrito sentido do termo, ou uma expressa doutrina da pessoa de Jesus Cristo".²

Hoje, a natureza humana de Cristo ainda permanece como um sério problema para o Cristianismo, e várias denominações tentam resolvê-lo conforme uma variedade de modos. Esse é um importantíssimo tópico. Desse ponto dependem não apenas nossa compreensão da obra de Cristo, como também o entendimento do modo de vida esperado de cada um de nós, enquanto seguimos "a verdade que é em Jesus". (Efés. 4:21)

Os apóstolos enfrentam as primeiras heresias

É interessante notar que nos primórdios do Cristianismo, a questão da pessoa de Cristo não foi: "O que foi a Sua natureza?", mas "Quem é Ele?" Quando Jesus perguntou a Seus discípulos: "Quem, dizem os homens, ser o Filho do homem? Eles responderam: "Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou algum dos profetas." "Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que Eu Sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mat. 16:13-16)

À medida que a evangelização do mundo greco-romano progredia, a questão deixou de ser uma simples matéria sobre quem Jesus era. Agora o problema mudou de rumo: Como Jesus Se referia a Deus? Era Ele verdadeiramente divino, ou apenas um homem? Se ambos, como podemos explicar o relacionamento entre Sua divina natureza e Sua humana natureza? A igreja, ao confrontar-se com a heresia, foi obrigada a considerar essas questões e tentar respondê-las.

Paulo e João foram os primeiros a refutar os falsos ensinos sobre a natureza de Cristo, em resposta a dúvidas que surgiram acerca de Suas divindade e humanidade. Na epístola aos Filipenses, depois de enfatizar a igualdade de Cristo com Deus, Paulo diz que Jesus veio a este mundo e tornou-Se "semelhante aos homens, e achado na forma de homem..." (Fil. 2:7 e 8) Igualmente, tendo escrito aos romanos que Deus enviou "Seu Filho em semelhança de carne do pecado..." (Rom. 8:3), ele declara enfaticamente aos colossenses que Cristo "é imagem do Deus invisível", e que "nEle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade". (Col. 1:15; 2:9)

Além disso, João foi compelido a afirmar em seu evangelho que "o Verbo era Deus", e que "o Verbo Se fez carne" (João 1:1 e 14) Então, confrontado com as alegações dos gnósticos, ele decidiu que era necessário advertir a igreja contra aqueles que negavam a humanidade de Cristo: "Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus, não é de Deus; esse é o espírito do anticristo." (I João 4:2 e 3)

A Cristologia através dos séculos

Desde o início do segundo século, os sucessores dos apóstolos foram atraídos para os inexoráveis argumentos que tratam da pessoa de Cristo, e em particular de Sua natureza. Defrontado com o desenvolvimento do arianismo, que negava a divindade de Cristo, o Concílio de Nicéia (325 a. D.) resolveu o problema afirmando a divindade de Jesus. Permaneceu ainda o problema das duas naturezas, humana e divina, que foi solucionado pelo Concílio de Caldedônia (451 a. D.), e esse dogma tornou-se a declaração de fé da Igreja Católica.

Os reformadores não foram, em realidade, inovadores cristológicos; eles estavam mais

preocupados com os problemas referentes à natureza da fé e da justificação, do que com aqueles da Cristologia. Em termos gerais, todos eles aceitaram "o dogma fundamental da essencial divindade de Cristo, com a unidade da pessoa e a dualidade de naturezas". Apenas uns poucos teólogos protestantes na Suíça de fala francesa abandonaram a "doutrina das duas naturezas". 4

Entretanto, muitos teólogos do século vinte seguiram suas pegadas. Oscar Culmann, por exemplo, considera que "a discussão relativa às duas naturezas é, essencialmente, um problema grego e não judeu ou bíblico"⁵.

Emil Brunner garante que "o complexo conjunto dos problemas suscitados pela doutrina das duas naturezas é o resultado de uma questão equivocadamente apresentada, de um problema que deseja conhecer algo que nós simplesmente não podemos saber, ou seja, como a divindade e a humanidade estão unidas na pessoa de Cristo". ⁶

Essa notável retirada do dogma de Calcedônia por parte desses teólogos, jaz na base da nova tendência em Cristologia. A vasta maioria dos teólogos, hoje, tanto católicos como protestantes, reconhecem que o estudo do mistério de Cristo não pode mais estar separado de seu significado para a humanidade. Em outras palavras, uma característica das Cristologias contemporâneas é que elas estão mais estreitamente ligadas à antropologia.

Naturalmente, essa nova relação conduz alguns teólogos a uma consideração muito mais profunda da natureza humana de Cristo. O conceito de que o Filho do homem tomou a natureza humana é reconhecido por todos os cristãos. Mas a questão é sobre que espécie de natureza humana Ele assumiu: aquela afetada pela queda ou a originalmente criada por Deus? Em outros termos, a natureza de Adão antes ou depois da queda?

Cristologia contemporânea

Através dos séculos passados, atrever-se a sugerir que a natureza humana de Cristo era a de Adão após o pecado, teria sido considerado uma grave heresia. Hoje, muitos consideram que essa questão ainda é discutível.⁷

Não obstante, devemos certamente reconhecer que os mais eminentes teólogos protestantes da segunda metade do século vinte, tais como Karl Barth, Emil Brunner, Rudolf Bultmann, Oscar Culmann, J. A. T. Robinson e outros, têm-se abertamente declarado em apoio à natureza humana afetada pela queda.

Karl Barth foi o primeiro a declarar seu apoio a essa explanação, num artigo publicado já em 19348. Porém, sua mais abrangente análise é encontrada em *Dogmatics* (Dogmáticos), sob o título *Truly God and Truly Man* (Verdadeiramente Deus e Verdadeiramente Homem) 9. Tendo afirmado sua crença de que Jesus Cristo era "verdadeiramente Deus", ele considera pormenorizadamente como o "Verbo Se fez carne". Para ele não havia nenhuma possível dúvida sobre a decaída natureza humana de Jesus. Com certeza ele afirmou: "*Ele (Jesus) não era um pecador. Mas interior e exteriormente Sua situação era de um homem pecador. Ele nada fez do que Adão praticou, mas viveu na forma em que precisou assumir como base o ato de Adão. Ele suportou inocentemente tudo aquilo de que temos sido culpados – Adão e todos nós em Adão. Espontaneamente, Ele Se solidarizou conosco e entrou em necessária associação com nossa perdida existência. Apenas desse modo poderia a revelação de Deus a nós e nossa reconciliação com Ele, manifestamente tornar-se um evento nEle e por Ele." 10*

Tendo justificado suas conclusões com versos de Paulo e a epístola aos Hebreus, Barth acrescenta: "Mas não deve haver qualquer debilitação ou ensombrecimento da salvadora verdade de que a natureza que Deus assumiu em Cristo é idêntica à nossa natureza, como nós a entendemos à luz da queda. Se isso fosse diferente, como poderia Cristo ser realmente semelhante a nós? Que relação teríamos com Ele? Estamos diante de Deus caracterizados pela queda. O Filho de Deus não apenas assumiu nossa natureza, mas Ele penetrou na concreta forma de nossa natureza, sob a qual estamos perante o Senhor como homens amaldiçoados e perdidos. Ele não criou ou estabeleceu essa forma diversamente da

nossa; embora inocente, Ele Se tornou culpado; a despeito de ser sem pecado, Ele Se tornou pecado. Mas essas coisas não devem levar-nos a diminuir Sua completa solidariedade conosco e desse modo afastá-Lo de nós."¹¹

Emil Bruner, em seu *Dogmatics*, chega à mesma conclusão. Ele não hesita em declarar que "o fato dEle ter nascido de mulher, assim como nós, mostra que Ele era verdadeiramente homem". Bruner indaga: "Foi Jesus de fato um homem como nós e assim, um pecador?" A resposta vem da Escritura: "O apóstolo Paulo, falando da humanidade real de Jesus, vai até onde é possível quando diz que Deus enviou Seu Filho em semelhança de carne pecaminosa (Rom. 8:3). A epístola dos Hebreus acrescenta: 'Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.' Hebreus 4:15." Enquanto Brunner concorda que "Ele era um homem como nós", também reconhece que "Ele **não** é um homem como nós mesmos." ¹⁴

Apoiando-se nos mesmos versos, Bultmann e Culmann, concordam inteiramente. Em seu comentário sobre Filipenses 2:5-8, Culmann escreve: "A fim de assumir a 'forma de servo', foi necessário antes de mais nada, tomar a forma de homem, vale dizer, um homem afetado pela decadência humana. Esse é o significado da expressão 'tornando-se semelhante aos homens' (verso 7). O sentido de **homoiomati** é perfeitamente justificado. Ainda mais, a seguinte frase enfatiza que ao encarnar-Se, Jesus, 'homem', aceitou completamente a condição dos 'homens'. Aquele que, em essência, foi o único Deus-homem... tornou-Se pela obediência ao Seu chamado, um Homem celeste, de forma a amprir Suadraegia foi aum Homem camado encarner pecaminosa" 5

Seria lastimável deixar de mencionar aqui a posição do bispo anglicano J. A. T. Robinson, que em seu estudo sobre o conceito de "corpo" na teologia paulina, expressou-se mais claramente do que qualquer outro sobre a natureza humana de Jesus: "O primeiro ato no drama da redenção", escreveu ele, "é a auto-identificação do Filho de Deus até o limite, todavia sem pecado, com o corpo carnal em seu estado decaído." ¹⁶

"É necessário acentuar essas palavras", detalha ele, "porque a teologia cristã tem sido extraordinariamente relutante em aceitar corajosamente as audaciosas e quase rudes frases que Paulo usa para demonstrar o agravo do evangelho nesse ponto. A tradicional ortodoxia católico-protestante sustenta que Cristo encamou-Se numa natureza humana não-decaída."¹⁷

"Mas, se a questão for reafirmada em seus termos bíblicos, não há razão para temor – e realmente são eles os terrenos mais importantes a pesquisar – a imputação a Cristo de uma humanidade sujeita a todos os efeitos e conseqüências da queda." ¹⁸

Além disso, o problema foi objeto de uma proposta de Thomas F. Torrance, numa sessão da Comissão "Fé e Constituição" do Concílio Ecumênico Mundial, ocorrida em Herrenalb, Alemanha, em julho de 1956. "Necessitamos considerar mais seriamente o fato de que o Verbo de Deus assumiu nossa sarx, isto é, nossa humanidade decaída (e não uma imaculadamente concebida), para assim santificá-la. A doutrina da igreja necessita ser pensada em termos do fato de que Cristo Jesus assumiu nossa humanidade e Se santificou. A igreja é santa na santificação de Cristo." 19

Thomas Torrance é ainda mais explícito: "Talvez a mais fundamental verdade que temos aprendido da igreja cristã, ou antes, reaprendida, uma vez que a suprimimos, é que a encarnação foi a vinda de Deus para nos salvar no cerne de nossa decaída e depravada humanidade, quando ela está em seu ponto mais alto de inimizade e violência contra o reconciliante amor divino. Quer dizer, a encarnação deve ser compreendida como a vinda de Deus para tomar sobre Si mesmo nossa caída natureza humana, nossa real existência carregada de pecado e culpa, nossa humanidade enferma de mente e alma, em sua alienação do Criador. Essa é a doutrina encontrada em toda parte na igreja primitiva, nos primeiros cinco séculos, e expressa-se freqüentemente em termos de que o homem total teve de ser assumido por Cristo, para que o homem total pudesse de ser salvo, e para que o não-assumido se perca, ou seja, o que Deus não assumiu em Cristo não seja salvo... Assim a encarnação devia ser entendida como o envio do Filho de Deus na concreta forma de nossa própria natureza pecaminosa e como sacrifício pelo pecado, no qual Ele julgou o pecado em sua verdadeira natureza, de forma a redimir o homem de sua mente carnal e hostil."²⁰

O rol de teólogos que hoje estão comungando com esse pensamento poderia ser estendido. Mas esses homens tiveram precursores, dentre os quais estão pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os precursores da Cristologia contemporânea

Seria equivocado pensar que os teólogos do século vinte foram pioneiros em sua posição com respeito à natureza humana de Cristo. Karl Barth cita muitos autores do século dezenove em seu *Dogmatics*, os quais defenderam a crença da natureza decaída. ²¹

De maneira ainda mais pormenorizada, Harry Johnson, um valoroso defensor da natureza

pós-queda de Cristo, refere-se a Gregory de Nazianzus (329-389), que falou convincentemente acerca de Cristo: "*Pois aquilo que Ele* não assumiu, Ele não pode salvar; mas aquilo que está unido à Sua divindade, *está também salvo*."²² Então Johnson dedica um capítulo inteiro ao ensino de doze precursores, desde o décimo sétimo até o décimo nono século; desde Antoinette Bourignon até Edward Irving; todos afirmaram que Cristo tomou a natureza de Adão tal qual ela era após a queda.

Com Johnson, concluímos o sumário histórico dos testemunhos dos teólogos contemporâneos. A partir de 1850, a Cristologia dos pioneiros adventistas seguiu as mesmas linhas de interpretação. Nesse tempo, essa posição era ainda insólita e foi considerada herética pelo cristianismo tradicional e radical. Quão interessante é que a Cristologia desses pioneiros é agora confirmada por alguns dos melhores teólogos contemporâneos!

Segue-se que a Cristologia desenvolvida pelos pioneiros do movimento adventista entre 1852 e 1952, poderia bem ser considerada a vanguarda da Cristologia contemporânea. Tal avançada posição, então, merece ser examinada em detalhes para benefício daqueles que estão buscando pelos fundamentos cristológicos.

A história da Cristologia adventista

Muitos autores ingleses têm, em anos recentes, se expressado sobre o assunto, a maioria dos quais assume a posição da pré-queda ou pré-queda modificada. Todavia, até agora, não há nenhuma obra que examine a história da crença da Igreja Adventista sobre o assunto.

Alguns autores têm generosamente provido obras particularmente úteis neste projeto. Elas incluem, 1) de Herbert E. Douglass, *A Condensed Summary of the Historic SDA Positions on the Humanity of Jesus* (Um Sumário Condensado das Posições Históricas dos Adventistas do Sétimo Dia Sobre a Humanidade de Jesus); 2) William H. Grotheer, *An Interpretative History of the Doctrine of the Incarnation as Taught by the SDA Church* (Uma História Interpretativa da Doutrina da Encarnação, Como Ensinada Pela Igreja Adventista do Sétimo Dia; 3) Bruno W. Steinweg, *The Doctrine of the Human Nature of Christ Among Adventists Since 1950* (A Doutrina da Natureza Humana de Cristo Entre os Adventistas, Desde 1950). Esses autores devem ser especialmente reconhecidos.

A história da Cristologia apresentada nestas páginas é dividida em cinco seções. A parte I inicia com um capítulo dedicado à divindade de Cristo, uma doutrina que não foi aceita sem argumentação por muitos líderes adventistas. No segundo capítulo, são apresentados os fundamentos bíblicos nos quais foi baseada a interpretação da natureza pós-queda de Cristo, unanimemente aceita entre 1852 e 1952.

A parte II é dedicada a um pormenorizado estudo da Cristologia como entendida pelos pioneiros adventistas, enquanto que a parte III contém uma coleção de testemunhos extraídos da literatura oficial da igreja. Na parte IV, perfilamos o esquema histórico da controvérsia surgida por volta de 1950, seguindo uma nova interpretação. Essa seção está fundamentada essencialmente nos escritos de Ellen G. White.

Espero que o leitor compreenda o significado e a magnitude da atual controvérsia. Talvez a discussão dos correntes pontos de vista inclusos na parte V, ajude um pouco a unificar o pensamento da igreja sobre o assunto da natureza humana de Cristo.

Notas e Referências

- 1. Oscar Cullman, *Christologie du Nouveau Testament* (Cristologia do Novo Testamento) (Neuchâtel: Delacroix et Niestlé, 1968), págs. 9 e 11.
- 2. Karl Barth, *Dogmatics* (Dogmáticos) (Edimburgo: T&T Clark, 1956), vol. 1, parte 2, pág. 123.
- 3. M. Getaz Op, *Les variations de la doctrine christologique chez les theólogiens de la Suisse***Tomande au XIXe siècle* (As variações da doutrina cristológica nos teólogos da Suíça Romanda, no século 19) (Friburgo: Edições da biblioteca da universidade, 1970), pág. 18.
- 4. *Idem*, pág. 27.
- 5. Cullman, pág. 12.

- 6. Emmil Brunner, *Dogmatics* (Dogmáticos) (Filadélfia, Westminster Press, 1952), vol. 2, pág. 352.
- 7. Henri Blocher, *Christologie* (Cristologia), série Fac. Etude, Vaux-sur-Seine: 1984), vol. 2, págs. 189-192.
- 8. Karl Barth, *Offenbarung, Kirche, Theologie* (Teologia Eclesiástica da Revelação), em *Theologische Existenz Heute* (Existência Teológica Hoje) (Munique: 1934).
- 9. Barth, Dogmatics, vol. 1, parte 2, págs. 132-171.
- 10. Idem, pág. 152.
- 11. Idem, pág. 153.
- 12. Brunner, vol. 2, pág. 322.
- 13. Idem, pág. 323.
- 14. Idem, pág. 324.
- 15. Cullmann, pág. 154.
- 16. J. A. T. Robinson, *The Body, a Study in Pauline Theology* (O Corpo: um Estudo da Teologia (Londres: SCM Press, Ltd., 1952), pág. 37.
- 17. Idem, págs. 37 e 38.
- 18. *Idem*, pág. 38.
- 19. Citado por Harry Johnson em *The Humanity of The Saviour* (A Humanidade do Salvador) Epworth Press, 1982), pág. 172.
- 20. Thomas F. Torrance, *The Mediation of Christ* (A Mediação de Cristo), págs. 48 e 49, citado por Jack Sequeira em *Beyond Belief* (Além da Crença) (Boise, Idaho: Pacific Press Pub. Assn., 1993), págs. 44 e 45.

(Londres:

- 21. Ver Barth, Dogmatics, vol. 1, parte 2, págs. 153-155.
- 22. Ver Johnson, págs. 129-189.

Parte 1

A NATUREZA DIVINO-HUMANA DE CRISTO

Capítulo 1

A DIVINDADE DE CRISTO

Desde o início do movimento adventista, em 1844, a divindade de Jesus Cristo sempre foi uma de suas crenças fundamentais. Apresentada pela primeira vez em 1872, e muitas vezes desde então, foi especificada novamente nos seguintes termos, pela sessão da Associação Geral de 1980: "Deus, o Eterno Filho, encarnou-Se em Jesus Cristo. Através dEle todas as coisas foram criadas, o caráter de Deus revelado, a salvação da humanidade consumada e o mundo julgado. Desde a eternidade, sendo verdadeiramente Deus, Ele também Se tornou verdadeiramente homem, Jesus, o Cristo." ¹

Isso não significa que no começo do movimento os crentes não tinham nuanças de opinião acerca da divindade de Jesus. Dos pastores que se uniram ao movimento adventista em 1844, 38 criam na Trindade, enquanto cinco eram semi-arianos , incluindo James (Tiago) White, Joseph Bates, Uriah Smith e, posteriormente, Joseph H. Waggoner – todos pilares da nova fé. Alguns deles vieram da Conexão Cristã, um movimento que negava a igualdade do Pai e do Filho.²

Esses homens não negavam a divindade de Cristo ou que Ele não fosse o Criador dos céus e da Terra, o Filho de Deus, Senhor e Salvador, mas questionavam sobre o significado das palavras: "Filho" e "Pai", afirmando que o Filho tivera um começo no infinito passado – uma posição semiariana.

Quando se tornaram adventistas do sétimo dia, esses pastores retiveram as crenças semiarianas por um tempo. Isso é visto aqui e acolá em seus escritos. Seu desaparecimento foi marcado por pequena desavença. Esse litígio poderia ter posto em perigo a unidade do novo movimento, mas os pioneiros expressaram abertamente suas diferenças de opinião e as discutiram em espírito de oração, descobrindo soluções através de diligente estudo da Palavra de Deus.

James (Tiago) Springer White (1821-1881)³

James White foi co-fundador da Igreja Adventista do Sétimo Dia, juntamente com Ellen G. White e Joseph Bates. Ele nasceu no dia 4 de agosto de 1821, em Palmyra, no Maine. Seu pai era descendente de um dos peregrinos do *Mayflower*. Após ouvir Guilherme Miller pregar sobre a segunda vinda de Cristo, James engajou-se no movimento milerita e passou pelo Grande Desapontamento de 1844. Enquanto muitos dos que haviam esperado a vinda de Jesus em glória no dia 22 de outubro de 1844, renunciaram à fé, James White formou o núcleo de um grupo que acabou sendo pioneiro do movimento adventista.

Ele era um brilhante pregador e escritor fecundo. Grandemente encorajado por Ellen Harmon, com quem se casou em 1846, James deu início a várias revistas: *Present Truth* (A Verdade Presente), em 1849, *Advent Review and Sabbath Herald* (Revista do Advento e Arauto do Sábado), em1850, *Youth's Instructor* (Instrutor da Juventude), em 1852, e *Signs of the Times* (Sinais dos Tempos), em 1874. Entre 1853 e 1880, ele publicou quatro livros e muitos panfletos.

Em artigos publicados na *Advent Review and Sabbath Herald* (Revista Adventista e Arauto do Sábado), James White expressou seus pontos de vista acerca da divindade de Jesus. De início, ele rejeitou totalmente o que descrevia como "o velho despropósito trinitariano", que favorecia a idéia de que "Jesus Cristo é verdadeiramente o Deus Eterno." Todavia, após 1853, ele afirmou

sua crença na divindade de Cristo.5

Vinte e três anos depois, James escreveu que os adventistas do sétimo dia "crêem na divindade de Cristo da mesma forma que os trinitarianos" Em 1877, ele publicou um artigo intitulado "Cristo igual a Deus". Pouco tempo antes de sua morte, ele declarou mais uma vez que "o Filho era igual ao Pai na Criação, na instituição da lei e no governo das criaturas inteligentes." Enquanto a posição de James White era moderada, tal não se dava com Uriah Smith.

Uriah Smith (1832-1903)9

Uriah Smith nasceu em New Hampshire, em 1832, pouco após Guilherme Miller iniciar sua pregação sobre o iminente retorno de Cristo. Ele tinha apenas 20 anos de idade quando se tornou adventista, em 1852. Já em 1855, ele foi indicado como editor-assistente da *Review and Herald*, onde esteve em estreita associação com James White. Logo se tornou editor-chefe, uma posição que manteve até quase o dia de sua morte.

Uriah Smith possuía uma personalidade dominante e mantinha vigorosamente suas posições. Seus livros e artigos exerciam forte influência sobre as convicções doutrinárias da igreja. Smith é bem conhecido principalmente em razão de seus livros sobre profecias bíblicas: *Daniel and the Revelation* (Daniel e Apocalipse), *The United States in Prophecy* (Os Estados Unidos na Profecia), e *Looking Unto Jesus* (Olhando Para Jesus).

Como James White, Joseph Bates e outros, Uriah Smith abandonou sua postura semiariana, mas não sem dificuldade. Em seu primeiro livro, *Thoughts on the Revelation* (Reflexões Sobre o Apocalipse) (1867), ele declarou abertamente seus pontos de vista antitrinitarianos.¹⁰ Ele não apenas negava a existência do Espírito Santo, como também considerava que "*a eternidade absoluta... só pode ser atribuída a Deus, o Pai.*" ¹¹ Esse atributo, dizia ele, nunca pode ser aplicado a Cristo.

Em seu comentário sobre Apocalipse 3:14, Uriah Smith especifica que Cristo não é reconhecido como "o iniciador, mas como o início, da criação, e o primeiro ser criado". ¹² Pouco tempos após, ele moderou suas afirmações antitrinitarianas. No tempo da publicação de *Daniel and the Revelation*, em 1882, ele explicou que "Seu Filho unigênito", de João 3:16, dificilmente poderia ser aplicado a "um ser criado no sentido comum". ¹³

Em 1898, em seu último livro, *Looking Unto Jesus*, Uriah Smith abandonou a idéia de Cristo como "*um ser criado*". Mas, sustentou que em algum ponto no tempo, Jesus "*apareceu*" e que, conseqüentemente, Ele teve um começo. "*Unicamente Deus não tem princípio*." Na mais remota época, quando pôde haver um começo – um período tão longínquo que para mentes finitas é essencialmente eternidade – apareceu a Palavra. "*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*." (João 1:1) A Palavra incriada era o Ser que, na plenitude dos tempos, tornou-Se carne e habitou entre nós. *Seu princípio não foi semelhante ao de muitas outras coisas no Universo.*" ¹⁴

Considerando a posição de Cristo antes da encarnação, Smith afirmava que ela era "igual a do Pai". No entanto, "nenhuma obra da criação foi realizada até Cristo ter-Se tornado um ativo agente em cena". ¹⁵ Então, traz a público esta declaração estranha: "Com o Filho, a evolução da Deidade, como divindade, cessou." ¹⁶ Em outras palavras, Smith advogava o conceito de que Cristo não foi criado, mas "derivado de Deus". ¹⁷

Esse ponto de vista também era defendido por Joseph H. Waggoner.

Joseph H. Waggoner (1820-1889)18

Joseph H. Waggoner foi um zeloso defensor da posição semi-ariana, especialmente quanto à divindade de Cristo. Ele também se opunha à doutrina da Trindade e considerava o Espírito Santo como meramente uma influência impessoal.¹⁹

Waggoner parece não ter pertencido à Conexão Cristã, mas essa compreensão era partilhada

por muitas denominações daquela época. Antes de unir-se ao crescente movimento adventista, ele era membro da igreja batista e trabalhava como editor-assistente de um jornal político de Wisconsin. Mui rapidamente ele firmou posição ao lado dos pioneiros adventistas e exerceu cargos de influência, como editor da *Signs of the Times*, sucedendo a James White. Posteriormente, Waggoner editou o *American Sentinel* (Sentinela Americana), e finalmente, *Pacific Health Jornal* (Jornal da Saúde do Pacífico). Foi autor de vários artigos e livros, inclusive o *The Atonement* (A Expiação) e, *From Eden to Eden* (Do Éden Para o Éden), em 1886.

Joseph H. Waggoner não pôde assistir à sessão da Conferência Geral de Mineápolis, em 1888, por causa de seu precário estado de saúde. Ele faleceu em 1889. A questão da divindade de Jesus estava na agenda da Conferência de 1888. Nessa ocasião, o filho de Joseph, Ellet J. Waggoner, refutou os últimos argumentos semi-arianos remanescentes na igreja, e definitivamente estabeleceu o fundamento bíblico necessário ao estabelecimento da plena e completa divindade de Jesus Cristo.

Ellet J. Waggoner (1855-1916)²⁰

Ellet J. Waggoner foi o primeiro teólogo adventista a apresentar a Cristologia sistemática referente à divindade e à humanidade de Jesus Cristo.

Nascido em Baraboo, Wisconsin, Ellet J. Waggoner estudou no Colégio de Battle Creek, Michigan. Prosseguiu seus estudos no Bellevue Medical College, New York, para a obtenção do grau em medicina. Iniciou sua carreira como médico no Sanatório de Battle Creek, mas descobriu que preferia pregar e assim entrou para o ministério evangélico.

Depois de revelar talento para escrever, foi ele chamado a trabalhar como editor-assistente da revista *Signs of the Times*²¹, em 1884, sob a direção de seu pai. Dois anos mais tarde, tornou-se editor-chefe, cargo que manteve até 1891. De 1892 até 1902, Waggoner trabalhou na Inglaterra, primeiramente como editor da *Present Truth*, e depois como primeiro presidente da Associação do Sul da Inglaterra. Após retornar aos Estados Unidos por causa de seu divórcio e novo casamento, despendeu os anos restantes de sua carreira à parte da igreja, como professor de teologia no Colégio de Battle Creek, nessa época dirigido por John Harvey Kellogg. ²²

Waggoner era um teólogo muito fecundo. Escreveu vários e importantes livros ²³, numerosos panfletos e centenas de artigos para revistas. No entanto, ficou mais conhecido pelo papel que desempenhou na sessão da Conferência Geral de 1888, em Mineápolis, juntamente com seu colega Alonzo T. Jones. Juntos deixaram sua marca na história da igreja adventista, pelas apresentações sobre justificação pela fé. Para Waggoner, o assunto somente poderia ser compreendido através das lentes da Cristologia.

Já em 1884, Waggoner publicou uma série de artigos na Signs of the Times, nos quais afirmava sua fé na divindade de Cristo, Criador de todas as coisas, a quem os anjos adoram exatamente como fazem a Deus, o Pai. "Ele (Deus) deu Seu Filho Unigênito – por quem todas as coisas foram feitas e a quem os anjos adoram com reverência igual à rendida a Deus – para que o homem pudesse ter vida eterna."²⁴

Na sessão da Conferência Geral de Mineápolis, em 1888, Waggoner apresentou uma série de palestras sobre a divindade de Cristo, um assunto que estava na agenda da Conferência. Embora não tenha deixado versões escritas de suas apresentações, Waggoner publicou uma série de quatro artigos sobre o assunto, imediatamente após a sessão.²⁵ Isso sugere que eles foram relatos de suas palestras. Eles também foram vistos nas primeiras quatro seções do livro *Christ and His Righteousness* (Cristo e Sua Justiça), publicado em 1890. Esse livro contém a maioria das idéias prevalecentes na Cristologia de Waggoner.²⁶

Nesse tempo, muitos líderes da igreja ainda acalentavam conceitos semi-arianos ou adocianistas, concernentes à natureza divina de Cristo, daí a importância da questão levantada por Waggoner: "Cristo é Deus?"

Para provar que Ele realmente era Deus, Waggoner citou muitos versos nos quais Cristo era chamado Deus. Para benefício daqueles que ainda negavam isso, ele explicou que o nome de Deus

"não foi dado a Cristo em conseqüência de alguma grande realização, mas é Seu por direito hereditário". 28 "Cristo é a 'expressa imagem' da pessoa do Pai (Heb. 1:3)... Conquanto Filho do Deus auto-existente, Ele tinha por natureza todos os atributos da divindade". 29 O próprio Cristo ensinou de maneira categórica que Ele era Deus (João 14:8 e 9; 10:33; 8:58)30 Waggoner enfatizava a importância da declaração de Paulo em Col. 1:19: "Porque aprouve a Deus que nEle habitasse toda a plenitude." E 2:9: "Porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade." Waggoner qualifica isso como "o mais absoluto e inequívoco testemunho"31, noção que foi repetida quinze vezes em seu estudo.

Não basta simplesmente dizer: "Jesus Cristo é Deus." Os apóstolos descrevem-nO também como "Criador". Waggoner cita Colossenses 1:15-17, afirmando que "não há coisa alguma no Universo que deixou de ser criada por Cristo... Tudo depende dEle para existir ... Ele sustém todas as coisas pela palavra do Seu poder". Em Hebreus 1:10, o próprio Pai diz ao Filho: "Tu, ó Senhor, no princípio fundaste a Terra e os céus são obra das Tuas mãos." 33

Quem, então, pode se atrever a negar "a divindade de Cristo e o fato de que Ele é o Criador de todas as coisas". Insistir, como "muitas pessoas" fazem, que "Cristo é um ser criado", baseando-se em um único verso, como Apocalipse 3:14, é simplesmente negar Sua divindade. De mesmo é válido quando alguém se apóia na expressão de Paulo, declarando que Cristo era "o primogênito de toda a Criação" (Col. 1:15). O seguinte versículo, ob-serva Waggoner, mostra claramente que Ele é "o Criador e não a criatura". De seguinte versículo, ob-serva Waggoner, mostra claramente que Ele é "o Criador e não a criatura".

Porém, mesmo Waggoner cria que "houve um tempo quando Cristo derivou e saiu de Deus, do seio do Pai (João 8:42; 1:18), mas que esse tempo vai tão distante nos dias da eternidade, que para a finita compreensão ele é praticamente sem princípio".³⁷ Finalmente, Waggoner enfatizou que "uma vez que Ele é o Unigênito Filho de Deus, é da mesma substância e natureza de Deus, e possui, por nascimento, todos os atributos de Deus... Ele tem imortalidade por direito próprio, e pode conferi-la a outros". ³⁸ Isso porque, Waggoner conclui: "Ele é apropri-adamente chamado Jeová, o Eu Sou". ³⁹

A insistência de Waggoner sobre o fato de ser Cristo da mesma substância de Deus e possuir vida em Si mesmo, não era, indubitavelmente, uma novidade aos olhos de muitos dos delegados na sessão de Mineápolis. Sua posição sobre a natureza divina de Cristo era, provavelmente, parte da razão para a oposição de muitos delegados à sua mensagem sobre a justificação pela fé. Ele, evidentemente, achou que era essencial afirmar a igualdade de Cristo com Deus, pois somente a vida de Deus em Cristo tinha o poder de salvar pecadores, justificando-os por Sua graça.

Sua contribuição nesse ponto, como também a respeito da natureza humana de Cristo, foi decisiva. Froom reconhece isso prontamente: "Em 1888, Waggoner estava sendo pioneiro, e sem os benefícios das muitas afirmações posteriores dela [Ellen White]", "não apenas sobre a eterna preexistência de Cristo, como também de Sua existência individual e Sua infinitude, igualdade e onipotência". ⁴⁰

Ellen White assim se expressou após ouvir Waggoner: "A plenitude da divindade em Jesus Cristo foi-nos mostrada com beleza e encanto." ⁴¹ Para ela, isso demonstrava que Deus estava operando entre eles. A interpretação de Waggoner foi, mormente, uma prova teológica do que ela sempre creu e declarou em seus escritos para aquele tempo.

Ellen Gould White (1827-1915)

Educada na fé metodista, Ellen White nunca teve problema em tratar da divindade de Cristo, Sua preexistência e igualdade com o Pai. É, em larga medida, graças a ela e a seus escritos que a doutrina da Trindade foi definitivamente estabelecida. (COMENTÁRIO ACRESCENTADO PELOS HISTÓRICOS: Os adventistas históricos não acreditam que ela tenha escrito tais palavras, mas sim que após sua morte, os livros foram 'purificados' para deixarem a impressão que ela cria na trindade. Ver o livro 'Em Busca de Edentidade', págs. 157-160) Não iniciada nas complexidades da teologia, ela cuidadosamente evitava cair na

armadilha das controvérsias cristológicas anteriores. Igualmente, ela nunca tomou parte em confrontações diretas com seus associados mais chegados que mantinham errôneas idéias sobre a pessoa de Cristo. Isso não impediu que sua influência fosse decisiva.

Nascida em 26 de novembro de 1827, em Gorham, Maine, Ellen cresceu no seio de uma família temente a Deus. Com a idade de 12 anos, ela foi batizada por imersão na Igreja Metodista. No encerramento de uma série de sermões de Guilherme Miller sobre a breve volta de Jesus, toda a família uniu-se ao movimento milerita e passou pelo Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844.

Em dezembro de 1844, ainda atordoada por aqueles acontecimentos, Ellen teve sua primeira visão durante uma reunião de oração. Com o passar do tempo, ficou evidente que o Senhor lhe havia concedido o dom de profecia, falando-lhe através de sonhos e visões. Como mensageira do Senhor, ela serviu de conselheira no próprio seio da igreja. Em agosto de 1846, Ellen Harmon casou-se com James White. Juntos se tornaram colunas do movimento adventista.

Não podemos enfatizar suficientemente como o Senhor usou Ellen White para guiar, desde seu início, a pequena comunidade adventista à Bíblia como a Palavra de Deus, e através dela, a Jesus Cristo. Se já houve um escritor ou escritora que honrou, adorou e exaltou a Cristo, Seu caráter, vida e obra, essa foi Ellen White. Para comprová-lo alguém só precisa ler os livros que ela escreveu com relação à Sua vida e ensinos. ⁴³ Com certeza, em todos os seus livros o Filho de Deus é o tema central.

Em Mineápolis, Ellen White sustentou o princípio da *Sola Scriptura*, promovido por Waggoner, para resolver o problema enfrentado pelos delegados sobre a divindade de Cristo, a justificação pela fé e a lei em Gálatas. Ellen não fora capaz de encontrar um manuscrito anterior que havia escrito para J. H. Waggoner sobre a matéria, e sugeriu que isso poderia ter sido providencial: "*Deus tem um propósito nisso. Ele deseja que vamos à Bíblia e tomemos a evidência escriturística.*" ⁴⁴ Em sua palestra de encerramento, intitulada *A Call to a Deeper Study of the Word* (Um Chamado ao Estudo Mais Profundo da Palavra), Ellen White promoveu um exemplo do próprio método de Waggoner.

"O Dr. Waggoner", ela disse, "apresentou seus pontos de vista de maneira clara e direta, como um cristão deve fazer. Se ele estiver em erro, vocês deveriam, de modo calmo, racional e cristão, buscar mostrar-lhe pela Palavra de Deus onde ele está em desarmonia com seus ensinos... Tomemos nossa Bíblia e com humilde oração e espírito suscetível de ensino, vamos ao grande Mestre do Mundo... A verdade precisa ser apresentada tal qual ela é em Jesus... Devemos pesquisar as Escrituras a fim de obter evidências da verdade... Todos os que reverenciam a Palavra de Deus tal qual ela se apresenta, todos que fazem Sua vontade segundo o melhor de suas capacidades, conhecerão se a doutrina procede de Deus."45

Por ter seguido esse método desde o começo, Ellen White nunca teve problemas com a divindade de Jesus. Ela afirmava a igualdade de Cristo com Deus. 46 Descrevia-O como "a Majestade do Céu... igual a Deus" 47, "Soberano do Céu, um em poder e autoridade com o Pai" 48, "de uma só substância, possuindo os mesmos atributos" do Pai 49 "o Unigênito Filho de Deus, que estava com o Pai desde as eras eternas" 50, "O Senhor Deus... revestido das vestes da humanidade" 51, "Infinito e Onipotente; Eterno e auto-existente Filho" 52.

Em sua maior obra, O Desejado de Todas as Nações, publicado primeiramente em 1898, Ellen White escreve nas linhas iniciais do livro: "Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai; era 'a imagem de Deus', a imagem de Sua grandeza e majestade, 'o resplendor de Sua glória'. Foi para manifestar essa glória que Ele veio ao mundo... para ser 'Deus conosco'"⁵³. Escreveu mais: "Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada... A divindade de Cristo é para o crente a segurança da vida eterna."⁵⁴.

(COMENTÁRIO ADICIONADO PELOS HISTÓRICOS: O texto no livro Testemunho para Igreja, não endossa as palavras acima: "Deus é o Pai de Cristo; Cristo é o Filho de Deus. A Cristo foi atribuída uma posição exaltada. Foi feito igual ao Pai. Cristo participa de todos os desígnios de Deus."

- Testemunhos Para a Igreja, vol. 8, pág. 268. E o mais interessante é que o livro O Desejado saiu dos prelos no período em que ela estava 'deportada' na Austrália, mas o livro sai impresso nos Estados Unidos, e lembre-se que na época, uma carta demorava um mês para circular entre os dois continentes!)

Num artigo publicado em 1900, Ellen White insistiu: "Cristo é o preexistente, auto-existente Filho de Deus... Falando de Sua preexistência, Cristo conduz a mente para as eras sem fim do passado. Ele nos garante que nunca houve tempo em que não estivesse em íntimo companheirismo com o Deus Eterno. Aquele cuja voz os judeus então ouviam, havia estado com Deus como Alguém convivente com Ele."55.

Semelhantemente, em outro artigo datado de 5 de abril de 1906, Ellen White afirmou pela última vez aquilo que se tornou a crença oficial da Igreja Adventista sobre o assunto da divindade de Cristo: "Cristo era essencialmente Deus, e no mais alto sentido. Ele estava com Deus desde toda a eternidade... uma Pessoa distinta, todavia um com o Pai."⁵⁶.

A influência de Ellen White foi decisiva para ajudar a dissipar as crenças semi-arianas que ainda remanesciam entre alguns membros da igreja. Ela foi apoiada por Ellet J. Waggoner e mais tarde por William W. Prescott ⁵⁷ e Arthur G. Daniells ⁵⁸. (COMENTÄRIO ADICIONADO PELOS HISTÓRICOS: As pesquisas revelam que W. Prescot, juntamente com Daniells e mais dois pastores, no ano de 1931, dezesseis anos após a morte de EGW, alteraram as crenças da igreja, de monoteísta, para politeista, definindo a partir dai a trindade. Ver o site www.arquivoxiasd.com Os últimos escritos dela, nos Testemunhos para a Igreja, deixam bem claro a posição de EGW sobre o Deus único, sobre Cristo e quem é o Espírito Santo: "Possuem eles um só Deus e apenas um Salvador. Um só Espírito – o Espírito de Cristo – deve produzir a unidade em suas fileiras." – Testemunhos para a Igreja, vol. 9, pág. 189.)

Notas e Referências

- 1. Seventh-day Adventists Believe: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines (O Que Adventistas do Sétimo Dia Uma Exposição Bíblica Das 27 Doutrinas Fundamentais)-(Haggerstown, Md.; Review and Herald Pub. Assn., 1988), pág. 36.
- 2. Ver LeRoy Edwin Froom, *Movement of Destiny* (O Movimento do Destino) (Washington, Review and Herald Pub. Assn., 1971), págs.148-182.
- 3. Ver *Seventh-day Adventist Encyclopedia* (Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia) (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Assn., 1976), págs. 1598-1604.
- 4. James S. White, na *Review and Herald* (Revista e Arauto), 5 de agosto de 1852. Ver *Seventh-Adventist Encyclopedia*, págs. 286-288.
- 5. James S. White, em Review and Herald, 8 de setembro de 1853.
- 6. Idem, 12 de outubro de 1876.
- 7. *Idem*, 29 de novembro de 1877.
- 8. *Idem*, 5 de julho de 1880.
- 9. Ver Seventh-day Adventist Encyclopedia, págs. 1355, 1356.
- 10. Ver Froom, págs. 158, 159.
- 11. UithSmih*TlaudtsonheRaelation*(ReflexõesSchreoApocalipe)(np.1867)(pág.14.
- 12. Idem, pág. 59.
- 13. Sal. 2:7; Atos 13:33; João 1:14; 3:16; Heb. 1:5; 5:5.
- Looking Unto Jesus (Olhando Para Jesus) (Battle Creek, Mich.: Review and Herald Pub. Assn., 1898) (e reimpresso por Payson, Ariz.: Leaves of Autumn Books, 1986), pág. 10.
- 15. *Idem*, pág. 12.
- 16. Idem, pág. 13.
- 17. Idem, pág. 17.
- 18. Ver Seventh-day Adventist Encyclopedia, pág. 1563.
- 19. Ver Froom, págs. 167-175.
- 20. Ver Eric Claude Webster, *Crosscurrents in Adventist Christology* (Contracorrentes na Cristologia Adventista) (New York: Peter Lang, 1984), págs.157-247.
- 21. Inicialmente essa revista foi chamada de *The Signs of the Times*, mas posteriormente *Signs of the Times*.
- 22. Ver Seventh-day Adventist Encyclopedia, vol. 10, pág. 1563.
- 23. Os principais livros são: Fathers of the Catholic Faith (Pais da Fé Católica), (Oakland:

Pacific Press Pub. Co., 1888); *The Gospel in the Book of Galatians* (O Evangelho na Epístola aos Gálatas) (Oakland: Pacific Press Pub. Co., 1890); *The Gospel in Creation* (O Evangelho na Criação), Battle Creek, Mich.: International Tract Society, 1895); *The Glad Tidings* (Felizes Novas) (Oakland: Pacific Press Pub. Co., 1900); *The Everlasting Covenant* (O Concerto Eterno) (Londres: International Tract Society, 1900).

- 24. Ellet J. Waggoner, em Signs of the Times, 28 de agosto de 1884.
- 25. Idem, 25 de março de 1889; 1, 8 e 15 de abril de 1889.
- 26. Ver Jean Zurcher, "Ellet J. Waggoner's Teaching on Righteousness by Faith" (O Ensino de Ellet J. Waggoner Sobre a Justiça Pela Fé) (ensaio apresentado na reunião dos Depositários White, Washington, D.C., em janeiro de 1988).
- 27. Waggoner, Christ and His Righteousness (Cristo e Sua Justiça), págs. 9-16.
- 28. Idem, págs. 11 e 12.
- 29. Idem, pág. 12.
- 30. Idem, pág. 13-15.
- 31. Idem, pág. 16.
- 32. Idem, pág. 17.
- 33. Idem, pág. 18.
- 34. Idem, pág. 19.
- 35. Idem, págs. 19-21.
- 36. *Idem*, pág. 21.
- 37. Idem, págs. 21-25.
- 38. *Idem*, pág. 22.
- 39. *Idem*, pág. 23.
- 40. Froom, pág. 296.
- 41. Ellen G. White em Review and Herald, 27 de maio de 1890.
- 42. Ver Seventh-day Adventist Encyclopedia, págs. 1584-1592; Webster, págs. 82-88.
- 43. Os mais conhecidos: Steps to Christ (Caminho a Cristo) (New York: Fleming H. Revell, 1892); Thoughs From the Mount of Blessing (O Maior Discurso de Cristo) (Battle Creek, Mich.: International Tract Society, 1896); Christ Our Saviour (Cristo, nosso Salvador) (Battle Creek, Mich.: International Tract Society, 1896); The Desire of Ages (O Desejado de Todas as Nações) (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Co., 1898); Christ's Object Lessons (Parábolas de Jesus) (Battle Creek, Mich.: Review and Herald Pub. Assn., 1900).
- 44. Ellen G. White, *Manuscrito 15*, 1888. Citado em A. V. Olson, *Through Crisis to Victory* (Da Crise à Vitória) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1966), pág. 293.
- 45. Idem, págs. 294-302.
- 46. Ver Seventh-day Adventist Encyclopedia, pág. 287.
- 47. Ellen G. White, *Manuscrito 4*, 1863, citado em *Selected Messages* (Mensagens Escolhidas) (Washington, D.C..: Review and Herald Pub. Co., 1958), volume 1, pág. 69.
- 48. Ellen G. White, *The Great Controversy Between Christ and Satan* (O Grande Conflito) (Moutain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1888), pág. 459.
- 49. _____, em Signs of the Times, 27 de novembro de 1893.
- Fundamentals of Christian Education (Fundamentos da Educação Cristã)
 (Nashville: Southern Pub. Assn., 1895), pág. 382.
- 51. Idem, pág. 379.
- 52. Ellen G. White, *Manuscrito 101*, 1897, citado em EGW, *Evangelim* (Evangelismo) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn, 1946), pág. 615.
- 53. Ellen G. White, *The Desire of Ages* (O Desejado de Todas as Nações) (Nashville: Southern Pub. Assn., 1964), pág. 19.
- 54. *Idem*, pág. 530.
- 55. _____, em *Signs of the Times*, 29 de agosto de 1900.
- 56. _____, em Review and Herald, 5 de abril de 1906.
- 57. William W. Prescott (1855-1944), editor da *Review and Herald* (1902-1909) e vice-presidente da Associação Geral, publicou em 1920 *The Doctrine of Christ* (A Doutrina de Cristo), uma série de estudos bíblicos contendo 18 lições. Esse foi, realmente, o primeiro ensaio adventista em teologia sistemática sobre a pessoa de Cristo. Ver nosso capítulo 6.
- 58. Arthur G. Daniells (1858-1935), presidente da Associação Geral de 1901 a 1922, publicou em 1926, Christ Our Righteousness (Cristo, Nossa Justiça) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn.). Esse livro exerceu notável influência cristocêntrica sobre o corpo ministerial.

Capítulo 2

A NATUREZA HUMANA DE CRISTO

TSem sempre sido um desafio compreender a natureza humana de Cristo, repto talvez maior do que entender Sua natureza divina. A humanidade de Cristo tem sido o ponto crucial da controvérsia, desde os primeiros séculos da Era Cristã até agora, ao ponto de a Cristologia estar hoje confinada maiormente ao seu estudo. A questão crítica é se a carne de Cristo era a de Adão antes da queda ou depois dela. Em outras palavras, estava a carne de Cristo livre das influências do pecado ou sujeita ao seu poder e à morte?

Esse é um problema de magna importância. Se errarmos acerca da natureza humana de Jesus, arriscamo-nos a cometer erros sobre cada aspecto do plano da salvação. Podemos malograr na compreensão da realidade redentiva da graça concedida por Jesus aos seres humanos, ao defendermos Sua humanidade como estando livre do poder do pecado.

Ellen White salientou essa fundamental verdade: "O triunfo e a obediência de Cristo são os de um ser humano. Em nossas considerações, podemos cometer muitos erros em razão de equivocados pontos de vista sobre a natureza humana do Senhor. Quando conferimos à Sua natureza humana um poder que não é possível ao homem possuir em seus conflitos com Satanás, destruímos a inteireza de Sua humanidade".¹

A Encarnação - Um Mistério

Inegavelmente, a encarnação do Filho de Deus é um mistério. O apóstolo Paulo declarou: "E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que Se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória." (I Tim. 3:16).

Esse mistério diz respeito a todos os aspectos do plano da salvação, e não apenas à encarnação. Não admira que Ellen White houvesse declarado: "O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e obra mediadora, ocupará a mente do diligente estudante enquanto o tempo durar." A respeito da encarnação, ela semelhantemente escreveu: "Ao contemplarmos a encarnação de Cristo na humanidade, ficamos atônitos diante de tão insondável mistério que a mente humana não pode compreender. Quanto mais refletimos sobre ele, mais espantoso nos parece."

O fato de ser um "insondável mistério" não implica que seja assunto proibido e posto de lado como incompreensível. Não fala Paulo do "mistério que esteve oculto dos séculos e das gerações, mas agora foi manifesto aos seus santos... que é Cristo em vós, a esperança da glória"? (Col. 1:26 e 27) Ele também falou do mistério da piedade que foi "pregado entre os gentios, crido no mundo" (I Tim 3:16). Isso implica numa progressiva revelação de verdades que Deus deseja partilhar com a humanidade, cujo propósito é conduzi-la à salvação.

Embora ela afirme que a encarnação de Cristo seja um mistério, Ellen White nos convida a estudá-la em profundidade. E dá boa razão de sua importância: "A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo e por meio de Cristo a Deus. Isto deve constituir nosso estudo." Ela, porém, faz uma advertência: "Quando abordamos este assunto, bem faremos em tomar a peito as palavras dirigidas por Cristo a Moisés, junto à sarça ardente: 'Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.' (Êxo. 3:5) Devemos aproximar-nos deste estudo com a humildade de um discípulo, de coração contrito." No encerramento do parágrafo, ela diz: "E o estudo da encarnação de Cristo é campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cave fundo em busca de verdades ocultas." ⁴

O problema ao buscarmos sua compreensão não é tanto o método da encarnação - como a

divina natureza foi capaz de unir-se à natureza humana em Cristo. Esse é um mistério que jaz muito além de nossa compreensão. O problema que a Cristologia busca resolver é o *porquê* da encarnação, e em que espécie de *carne* Jesus realmente Se manifestou. Eis o cerne do problema. A esse respeito, o Novo Testamento não tem carência de informação clara.

O Fundamento Bíblico da Cristologia

O único jeito pelo qual os pioneiros conseguiram se desvencilhar da influência de suas tradições semi-arianas, foi confiar inteiramente no ensino das Escrituras. Em virtude disso, eles abriram o caminho para uma Cristologia a qual os melhores exegetas do século 20 somente vieram verificar recentemente em seus estudos.

À parte do Novo Testamento, é difícil especificar que fontes estão por trás da primeira atribuição adventista de "carne pecaminosa" a Jesus. Por outro lado, é fácil rememorar as referências bíblicas usadas pelos primeiros escritores adventistas, para definir a natureza da carne na qual o Senhor Jesus venceu o poder do pecado.

O texto mais citado e mais explícito é Rom. 8:3. Nenhuma outra passagem parece explicar melhor a razão para a encarnação, e em que espécie de carne ela foi realizada: "Deus, enviando Seu Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado."

Os primeiros teólogos adventistas interpretavam com naturalidade a expressão da *King James Version "em semelhança da carne do pecado"* como a definição paulina da carne de Jesus ao tempo de Sua encarnação. Eles consideravam que a palavra "semelhança" devia ser usada precisamente no mesmo sentido dado em Filipenses 2:7, que diz que Jesus , após ter-Se despojado da forma de Deus e de Sua "igualdade" com Ele, "tomou a forma de servo, tornando-Se semelhante aos homens". Que equivale dizer que Jesus não teve simplesmente uma aparência humana, mas de fato uma natureza com "carne pecaminosa" sarko hamartias, como Paulo declara em Rom. 8:3. Isso não era entendido como implicando que Jesus houvesse sido um pecador, ou que Ele houvesse participado, no mínimo que fosse, do pecado do homem.

A expressão "Deus ... condenou o pecado na carne" foi interpretada como significando que Jesus, tendo vivido uma vida sem pecado, em "carne pecaminosa", havia realmente "condenado o pecado na carne" (Rom. 8:3). Dessa maneira, "veio a ser autor de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem" (Heb. 5:9). Assim, desde o início, a Cristologia dos pioneiros foi desenvolvida em direta relação à sua Soteriologia, sendo a última uma função da primeira.

Entre outros textos amiúde citados, também encontramos Rom. 1:3, que define a natureza de Jesus através de Seus ancestrais: "[Cristo] que nasceu da descendência de Davi segundo a carne" Hebreus 2:16 também foi citado: "Pois, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão." Um escritor fez menção de alguns dos menos louváveis da descendência de Abraão, e comentou: "Um rápido olhar nos ancestrais e na posteridade de Davi, mostra que a linha da qual Cristo descendeu era tal que tenderia a concentrar nEle todas as fraquezas da humanidade." 5

Muitas outras passagens da epístola aos Hebreus foram citadas, as quais enfatizavam a identidade da natureza humana de Jesus com aquela de Seus irmãos humanos. Por exemplo: "Pois tanto o que santifica, como os que são santificados, vêm todos de um só." (Heb. 2:11) "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também Ele, semelhantemente, participou das mesmas coisas" (verso 14). "Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a Seus irmãos." (verso 17). E ainda outra: "Porque não temos um sumo sacerdote que não posa compadecer-Se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." (Heb. 4:15)

A declaração de Paulo em Gálatas 4:4 e 5, é freqüentemente citada como implicando numa completa e real participação na decaída humanidade, como condição para a salvação do homem: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos." Semelhantemente, em II Coríntios 5:21: "Aquele que não conheceu pecado, Deus O fez pecado por

nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus."

Aí estão algumas passagens-chave em que se apoiaram os teólogos e escritores adventistas anteriormente a 1950, para definir a natureza humana de Jesus. De fato, as primeiras afirmações na literatura oficial da igreja mostravam que o significado dado às expressões bíblicas referentes à natureza de Jesus foram firme e claramente estabelecidas.

Os Primeiros Testemunhos Adventistas

De acordo com Ellen White, a natureza humana de Cristo foi definida no início pelos pioneiros adventistas, juntamente com outras crenças fundamentais. "Após o grande desapontamento... a verdade foi desdobrada ponto por ponto, e entrelaçada com suas mais santas lembranças e simpatias. Os pesquisadores da verdade sentiam que a identificação de Cristo com sua natureza e interesses foi completa."

A primeira referência à natureza humana de Jesus saída da pena do editor James White se encontra na *Review and Herald* de 16 de setembro de 1852. No editorial da revista, ele escreveu: "Como Aarão e seus filhos, Ele [Jesus] tomou sobre Si carne e sangue, a semente de Abraão." No ano seguinte, num artigo intitulado "Um Autor Inglês", lemos: "Jesus Cristo, declara a você ser Ele o Filho de Deus, um com o Pai... o que tomou sobre Si a semente de Abraão", nossa natureza, e a preservou sem pecado." §

Em 1854, J. M. Stephenson, escreveu uma série de artigos sobre a natureza humana de Jesus. "Dizer que Deus enviou Seu próprio Filho 'em semelhança de carne do pecado', equivale a afirmar que o Filho de Deus assumiu nossa natureza." Para responder à pergunta: "Que sangue foi derramado para a remissão dos pecados?", Stephenson retorque: "Não foi ele o sangue idêntico ao que fluía nas veias de Maria, Sua mãe, e que veio através de toda a sua ancestralidade desde Eva, a mãe de todos os viventes? Por outro lado, Ele não era a "semente da mulher' de Abraão, Isaque, Jacó e Davi?" 10

Fora esses três autores, ninguém mais escreveu sobre a natureza humana de Jesus na década de 1850, com exceção de Ellen G. White. Sua primeira declaração, datando de 1858, aparece na descrição de um diálogo entre Jesus e Seus anjos, discutindo o plano da salvação. Tendo-lhes revelado que abandonaria Sua glória celestial, encarnaria na Terra, humilhar-SSe-ia como um homem comum, e seria tentado como homem, para poder prestar assistência àqueles que fossem tentados, "Jesus lhes disse que eles teriam uma parte a desempenhar...; Ele tomaria a natureza decaída do homem, e Sua força não seria nem mesmo igual a deles [anjos]."¹¹

No mesmo relato, Ellen White diz que no final da revelação de Jesus, Satanás "disse a seus anjos que quando Jesus assumisse a decaída natureza do homem, ele poderia sobrepujá-Lo e impedir a realização do plano da salvação". ¹²

Para Ellen White todo o plano da salvação dependia da natureza humana de Cristo. "Estava nos planos de Deus", escreveu ela em 1864, "que Cristo tomasse sobre Si mesmo a forma e a natureza do homem caída." Para ela, "a grande obra da redenção deveria ser levada a efeito não apenas com o Redentor tomando o lugar do decaído Adão... O Rei da glória Se propôs humilhar-Se a Si mesmo na degenerada humanidade... Ele tomaria a natureza do homem corrompido." 14

A Primeira Declaração Oficial

As primeiras testemunhas expressavam não apenas seus pontos de vista pessoais, mas também as convições de toda uma comunidade. Eis por que suas opiniões foram inclusas na *Declaração dos Princípios Fundamentais Ensinados e Praticados Pelos Adventistas do Sétimo Dia*, publicada em 1872.

O preâmbulo desse documento declarava explicitamente que os artigos de fé não constituíam um credo, mas simplesmente "uma resumida declaração daquilo que é, e foi, com grande unanimidade, mantido por eles." Sabemos, de fato, que James White, já em 1847, mostrava-se contrário a qualquer idéia de confinar as crenças fundamentais da igreja num credo inflexível. "A Bíblia é uma perfeita e completa revelação. É nossa única regra de fé e prática." 16

Não se pretendia proibir qualquer declaração de fé. Pelo contrário, a igreja via-se obrigada a declarar suas crenças tão claramente quanto possível, para o benefício dos membros bem como para os de fora. Mas "a Bíblia e a Bíblia só, deve ser nosso credo... O homem é falível, mas a Palavra de Deus não falha jamais." 17

Dos 25 artigos de fé nessa primeira declaração doutrinária oficial da igreja, o segundo é acerca da pessoa e obra de Jesus Cristo. Ele proclama "que há um Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai Eterno, o único por quem Deus criou todas as coisas, e por quem elas subsistem; que Ele tomou sobre si a natureza da semente de Abraão, para a redenção de nossa caída raça; que Ele habitou entre os homens, cheio de graça e verdade". 18

Essa declaração não especifica como os adventistas daquele tempo compreendiam a expressão "a natureza da semente de Abraão". Todavia, temos as interpretações daqueles que usaram essa frase antes e depois de 1872. Não satisfeito em citar simplesmente o texto bíblico, James White escreveu que Jesus "tomou sobre Si carne e sangue, a semente de Abraão". ¹⁹ Essa já é uma explicação de espécie. Como veremos, a maioria das declarações daqueles que usaram a expressão deu-lhe o mesmo significado que Ellen White: "Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifestase na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável."²⁰

É interessante notar que a declaração oficial de 1872 sobre a natureza humana de Cristo, permaneceu intocada até 1931. Nessa época, ela foi mudada para expressar com palavras diferentes a mesma convicção básica. "Conquanto retendo Sua divina natureza, Ele tomou sobre Si a natureza da família humana, e viveu na Terra como um homem." Posta no contexto dos escritos desse período, essa nova formulação confirma o que foi o ensino unânime da igreja até 1950, isto é, que a carne de Jesus era "em semelhança da carne do pecado".

A Natureza Humana em Estado Decaído

A declaração oficial de 1872 sobre a natureza humana de Jesus constitui a pedra angular da Cristologia Adventista anterior a 1950. De acordo com Ralph Larson, ela foi reafirmada mais de 1.200 vezes pelos escritores e teólogos adventistas, das quais cerca de 400 são da própria Ellen White. ²²

Por volta de 1950, todavia, influenciada por considerações extrabíblicas, outra interpretação surgiu nos meios adventistas, afirmando que a natureza humana de Cristo era a de Adão antes da queda. Esse foi um indisputável retorno aos credos dos primeiros séculos. Essa mudança constituiuse, de todas, a mais surpreendente porque, ao mesmo tempo, os mais eminentes teólogos protestantes da segunda metade do século vinte emanciparam-se das tradicionais posições e inconscientemente confirmaram a interpretação que havia prevalecido até então na igreja adventista.

Alguém pode ficar espantado ante essa súbita mudança de interpretação dentro da igreja, especialmente após apresentar uma frente unânime por um século de consistente ensino sobre o assunto. De fato, desde o início do movimento, a natureza caída de Cristo nunca havia sido objeto de qualquer controvérsia, distintamente do acontecido com outros pontos doutrinários como a divindade de Cristo. Uma nota manuscrita por William C. White, bem como outros documentos emitidos pela sessão da Conferência Geral de Mineápolis, confirma que a "Cristologia não foi o ponto de atrito em 1888". ²³

Através de toda a década de 1890, a Cristologia tornou-se o assunto favorito entre os pregadores adventistas. Ellen White, em particular, continuamente insistia sobre a importância do tema em todos os seus escritos, enfatizando a natureza caída de Cristo. A razão é patente. Primeiramente, ele servia ao propósito de afirmar a realidade da humanidade de Cristo, mesmo mais enfaticamente do que outros cristãos, que tendiam a advogar a natureza imaculada de Jesus, isto é, a de Adão antes da queda.

Como nosso estudo constatará, a obra da redenção pode ser explicada unicamente com a compreensão apropriada da pessoa divino-humana de Jesus Cristo. Enganar-se na Cristologia é

errar sobre a obra de salvação realizada nos seres humanos por Cristo, através do processo de justificação e santificação.

Finalmente, esse tópico provou-se importante na instrução dos novos conversos ao adventismo. Ele era totalmente contrário às suas crenças, que representavam para muitos um sério desafio. Não espanta que muitas perguntas tenham sido feitas a Ellen White e aos editores das várias publicações da igreja. Suas respostas contêm uma riqueza de informações valiosas.

Notas e Referências

- 1. Ellen G. White Manuscrito 1, de 1892. Citado em *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Assn., 1953-1957) *Ellen G. White Comments*, vol. 7, Pág. 929.
- Ellen G. White, Gospel Workers (Obreiros Evangélicos) (Washington, D.C. Review and Herald Pub. Assn., 1915), pág. 21.
- 3. _____, em *Signs of The Times* (Sinais dos Tempos), 30 de julho de 1896. Citado em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1130.
- 4. _____, Selected Messages (Mensagens Escolhidas) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1958), livro 1, pág. 244.
- 5. Ellet J. Waggoner, em Signs of The Times, 21 de janeiro de 1889.
- 6. Ellen G. White, Selected Messages, livro 2, págs. 109, 110 (itálicos supridos).
- 7. James S. White, Review and Herald, 16 de setembro de 1852.
- 8. *Idem*, 18 de outubro de 1853.
- 9. J. M. Stephenson, Review and Herald, 9 de novembro de 1854.
- 10. Idem, 15 de julho de 1854.
- 11. Ellen G. White, *Early Writings* (Primeiros Escritos) (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Assn., 1945), pág. 150 (itálicos supridos).
- 12. *Idem*, pág. 152 (itálicos supridos).
- 13. ______, Spiritual Gifts (Dons Espirituais) (Washington, D.C., Review and Herald Pub. Assn., 1945), vol. 4, pág. 115 (itálicos supridos).
- 14. _____, Review and Herald, 24 de fevereiro de 1874 (itálicos supridos).
- Review and Herald, 2 de janeiro de 1872. Ver P. Gerard Damsteegt, Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission (Fundamentos da Mensagem e Missão dos Adventistas do Sétimo Dia) (Grand Rapids: W. B. Eerdmans Pub. Co., 1978), págs. 301-305.
- James S. White, A Word to the Little Flock (Uma Palavra ao Pequeno Rebanho), pág. 13. Citado em Seventh-day Adventist Encyclopedia, pág. 358.
- 17. Ellen G. White, Selected Messages, vol. 1, pág. 416.
- 18. Review and Herald, 2 de janeiro de 1872 (itálicos supridos).
- 19. James S White, Review and Herald, 16 de setembro de 1852 (itálicos supridos).
- 20. Ellen G. White, *The Desire of the Ages* (O Desejado de Todas as Nações), pág. 49. Ver interpretações similares em nossas páginas adiante.
- 21. Ver Crença Fundamental nº 3, *Seventh-day Adventista Yearbook* (1931). Essa mesma declaração foi adotada pelo Concílio Outonal de 1941, e incluída no *Manual da Igreja* (1942), onde permaneceu inalterável através de várias edicões, até 1980.
- 22. Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh, One Hundred Years of Seventh-day Adventist Christology 1852-1952* (O Verbo Se Fez Carne, 100 anos de Cristologia Adventista do Sétimo Dia 1852-1952), (Cherry Valley, Calif.: Cherrystone Press, 1986), págs. 220, 245. Larson levantou um censo cronológico das declarações referentes à natureza humana de Cristo contidas na literatura denominacional.
- 23. Ver Eric Claude Webster. *Crosscurrents in Adventist Christology* (Contracorrentes na Cristologia Adventista), pág. 176, nota 56.

Parte 2

A CRISTOLOGIA DOS PIONEIROS DA IGREJA ADVENTISTA

Capítulo 3

A CRISTOLOGIA DE ELLEN G. WHITE (1827-1915)

Ellen G. White desempenhou um importante papel durante a formação das crenças fundamentais da Igreja Adventista. Ela foi a primeira líder – e realmente a única – que, anteriormente a 1888, expressou-se por escrito sobre a posição da natureza humana de Jesus, a qual foi finalmente adotada por toda a jovem comunidade.

Após suas primeiras declarações sobre o assunto, em 1858, Ellen continuou a expressar seus pensamentos concernentes ao tema com crescente clareza, em artigos publicados na *Review and Herald*, e mais tarde em seus livros. Em 1874, uma série de artigos tratando da tentação de Cristo apresentou a essência de sua Cristologia.¹ Em 1888, na sessão da Conferência Geral de Mineápolis, onde Ellet J. Waggoner tornou a divindade e a humanidade de Cristo o fundamento da justificação pela fé, todos os elementos de sua Cristologia haviam já sido expressos nos escritos de Ellen White.

A pessoa e a obra de Jesus foram sempre o centro do interesse de Ellen White. "A humanidade do Filho de Deus" era tudo para ela. Ela a chamava "a cadeia de ouro que liga nossas almas a Cristo, e através de Cristo a Deus". Esse assunto é o âmago de seus escritos, até sua morte em 1915. Apenas seis meses antes de depor a pena, ela escreveu: "Ele [Cristo] fez-Se de nenhuma reputação, tomou sobre Si a forma de servo, e feito em semelhança da carne do pecado... Imaculado e exaltado por natureza, o Filho de Deus consentiu em tomar as vestes da humanidade, para tornar-Se um com a raça decaída. O Verbo Eterno permitiu tornar-Se carne. Deus tornou-Se homem."

Infelizmente, Ellen White nunca tratou o assunto como um todo e de modo sistemático. Essa é uma fonte de dificuldade. Entre suas 120.000 páginas manuscritas⁴, as declarações sobre a natureza humana de Jesus se contam às centenas. Além disso, dependendo das circunstâncias e do ponto específico em consideração, os mesmos conceitos são algumas vezes tratados de modo tão diferente, que podem parecer contraditórios. Por essa razão, é importante colocar as declarações em seu devido contexto, e evitar a tentação de nos fiarmos em afirmações isoladas, pois isso é prérequisito fundamental de uma exegese idônea. Esforçar-nos-emos em seguir essas regras na síntese seguinte da Cristologia de Ellen G. White.

A Humanidade de Jesus

Como vimos, Ellen White atestava convictamente a *divindade* de Cristo. Ela é enfática sobre esse ponto. Todavia, fala da humanidade de Cristo com a mesma convicção. Não há qualquer traço de docetismoΩ em seus escritos. O triunfo do plano da salvação dependia inteiramente da encarnação, do Verbo feito carne, e do Filho de Deus revestir-Se da humanidade.

"Cristo não aparentou tomar a natureza humana; Ele realmente a assumiu. Jesus, em realidade, possuía a natureza humana. 'Portanto, como os filhos são participantes comuns de

carne e sangue, também Ele semelhantemente participou das mesmas coisas...' (Heb. 2:14). Ele era o filho de Maria; Ele era a semente de Davi, conforme a descendência humana. Declara-se ser Ele um homem, o Homem Cristo Jesus."⁵

Ellen White acentua a humana realidade de Jesus: "Ele não tinha uma mera semelhança de um corpo; Jesus tomou a natureza humana, participando da vida da humanidade." "Ele voluntariamente assumiu a natureza humana. Fez isso por Sua própria iniciativa e consentimento." "Ele veio como um desamparado bebê, possuindo a mesma humanidade que nós."

Não satisfeita em declarar sua opinião de maneira geral, Ellen não hesitou em especificar: "Quando Jesus tomou a natureza humana e assumiu a forma de homem, possuía um organismo humano completo." "Suas faculdades foram reduzidas ao próprio nível das débeis faculdades do homem." Embora Cristo tenha assumido a natureza humana com "os resultados da operação da grande lei da hereditariedade", todavia "estava livre de qualquer deformidade física". Sua estrutura física não estava manchada por qualquer defeito; Seu corpo era forte e saudável. E através de toda a Sua vida, Ele viveu em conformidade com as leis da natureza. Física bem como espiritualmente, Ele foi um exemplo do que Deus deseja que toda a humanidade seja por meio da obediência às Suas leis." Suas leis."

Repetidamente Ellen White explica que "não houvesse Cristo sido plenamente humano, não poderia ter sido nosso substituto". Sobre esse ponto em particular, não há qualquer divergência entre os teólogos adventistas. Os pontos de vista diferem, mas apenas com respeito à espécie de natureza humana com a qual Cristo foi revestido. Era ela a de Adão antes ou depois da queda?

 Ω Nota do tradutor – O docetismo era um ensino ligado aos gnósticos, afirmando que Jesus não possuía realmente um corpo humano; que apenas pareceu ter morrido na cruz.

A Natureza de Adão Antes ou Após a Queda?

Essa é realmente uma questão preeminente. Os proponentes das duas interpretações discordam vigorosamente desde 1950. É surpreendente que a questão devesse surgir afinal. Obviamente, ninguém insinuaria que Adão antes da queda tinha uma carne "em semelhança da carne do pecado", como o apóstolo Paulo diz que Cristo possuía. (Rom. 8:3)

Ellen White compara a natureza e posição de Adão antes da queda, e a natureza e posição de Jesus após milhares de anos de pecado: "Adão foi tentado pelo inimigo e caiu. Não foi o pecado interior que o fez ceder, pois Deus fê-lo puro e justo, à Sua própria imagem. Ele era imaculado como os anjos diante do trono. Não havia nele quaisquer princípios corruptos nem tendências para o mal. Mas, quando Cristo foi enfrentar as tentações de Satanás, portava a semelhança da carne do pecado." 14

Em seu livro O Desejado de Todas as Nações, Ellen White muitas vezes contrasta a natureza e a situação de Adão e Jesus: "Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus tomar a natureza humana, mesmo quando Adão permanecia em sua inocência no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça estava enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como cada filho de Adão, Ele aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que foram esses resultados está mostrado na história de Seus ancestrais terrenos. Ele veio com tal hereditariedade para partilhar nossas dores e tentações, e nos dar o exemplo de uma vida sem pecado." 15

E novamente: "Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. Quando este fora vencido pelo tentador, entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado. Encontrava-se na pujança da perfeita varonilidade, possuindo o pleno vigor da mente e do corpo. Achava-se circundado das glórias do Éden, e em comunicação diária com seres celestiais. Não assim quanto a Jesus, quando penetrou no deserto para medir-Se com Satanás. Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as

fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação." ¹⁶

Finalmente, Ellen White deixa pouca dúvida acerca de sua posição referente à natureza pósqueda de Cristo, em sua declaração de 1874: "A grande obra da redenção podia ser efetuada apenas pelo Redentor tomando o lugar do decaído Adão." Uma afirmação feita em 1901 tocou no mesmo ponto: "A natureza de Deus, cuja lei havia sido transgredida, e a natureza de Adão, o transgressor, uniram-se em Jesus, o Filho de Deus e o Filho do homem." Todavia, ela qualifica isso numa declaração feita em 1890: "Não devemos pensar que a possibilidade de Cristo ceder às tentações de Satanás degradou Sua humanidade, e que Ele possuía as mesmas pecaminosas e corruptas propensões como o homem. A natureza divina, combinada com a humana, tornou-O suscetível de ceder às tentações de Satanás. Aqui o teste de Cristo era tanto maior do que aquele de Adão e Eva, pois Ele tomou a nossa natureza, decaída mas não corrompida." 19

Em todos os escritos de Ellen White não há uma simples referência que identifique a natureza humana de Cristo com a de Adão antes da queda. Contrariamente, sobejam declarações afirmando que Jesus tomou a natureza de Adão após 4.000 anos de pecado e degeneração. Em outras palavras, Ele revestiu-Se de nossa carne em estado decaído; ou, tomando emprestada a expressão de Paulo, "em semelhança da carne do pecado".

A Natureza Humana em Estado Decaído

Ellen White acentua vigorosamente a semelhança da natureza de Jesus e a nossa. Não satisfeita em dizer que Jesus tomou a nossa natureza, ela repete que Ele a assumiu em seu "estado decaído" Noutra colocação ela usa a linguagem de Filipenses 2:7, a qual declara que Jesus "tornou-Se semelhante aos homens". Vale-se também de Romanos 8:3: "Porquanto, o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne. Deus, enviando a Seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado." ²¹

Com freqüência a Sra. White cita II Coríntios 5:21: "Àquele que não conheceu pecado, Deus O fez pecado por nós." Ela faz uma conexão disso não apenas com a morte de Cristo na cruz como sacrifício vicário "pelos pecados de todo o mundo" (I João 2:2), mas também em ligação com o início de Seu ministério, ao tempo de Sua tentação no deserto e através de toda a Sua vida, como que estabelecendo a verdadeira natureza de Cristo, que levou "Ele mesmo, os nossos pecados em seu corpo sobre o madeiro..." (I Ped. 2:24)

"Cristo suportou os pecados e fraquezas da raça humana tais como existiam quando Ele veio à Terra para ajudar o homem... E para elevar o homem caído, precisava Cristo alcançá-lo onde se achava. Assumiu natureza humana e arcou com as fraquezas e degenerescência da raça. Ele, que não conhecia pecado, tornou-Se pecado por nós. Humilhou-Se até às mais baixas profundezas da miséria humana, a fim de que pudesse estar habilitado a alcançar o homem e tirá-lo da degradação na qual o pecado o lançara."²²

Com relação a assuntos tão sérios e delicados como esse, Ellen White é muito clara e usa linguagem distinta sem duplos significados. A participação de Cristo em a natureza humana caída não poderia ser descrita com maior clareza.

"Pondo de lado Sua coroa real, Ele condescendeu em descer, passo a passo, ao nível da decaída humanidade." Pensemos sobre a humilhação de Cristo. Ele tomou sobre Si mesmo a decaída, sofrida, degradada e maculada natureza humana." Emais: "Ele Se humilhou e tomou sobre Si a mortalidade." Foi uma humilhação muito maior do que o homem pode compreender." Cristo tomou sobre Si as enfermidades da degenerada humanidade. Apenas desse modo podia Ele resgatar o homem dos profundíssimos abismos de sua degradação."

Para evitar qualquer possível mal-entendido sobre a realidade da participação de Jesus em a natureza da humanidade caída, Ellen White amiúde emprega o verbo *assumir*, implicando que Ele realmente a tomou sobre Si mesmo. "Cristo assumiu nossa natureza decaída e expôs-Se a cada tentação a que o homem está sujeito." ²⁸ "Ele assumiu os riscos da natureza humana, para ser

provado e tentado."29 "Ele assumiu a natureza humana, suas enfermidades, riscos e tentações."30

A participação de Cristo na plena natureza humana em seu estado decaído, é colocada por Ellen White como condição sine qua non para a salvação do homem. "Estava nos planos de Deus que Cristo tomasse sobre Si mesmo a forma e a natureza do homem caído, para que Ele pudesse ser aperfeiçoado através do sofrimento, e suportar em Si mesmo a força das tentações de Satanás, a fim de que conhecesse melhor como socorrer aqueles que são tentados." "Por esse ato de condescendência, Ele seria capaz de derramar Suas bênçãos em favor da raça decaída. Assim Cristo nos tornou possível sermos participantes de Sua natureza." 32

Foi exatamente isso o que o autor da epístola aos Hebreus nos ensinou. "Convinha que em tudo fosse feito semelhante a Seus irmãos", "para que pudesse estar em posição de libertar os seres humanos de seus pecados." (Heb. 2:17). E acrescenta: "Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (verso 18).

"Tentado de Todas as Maneiras, Como Nós..."

Ellen White fez tudo o que podia para explicar o significado dessa verdade. "Nosso Salvador veio a este mundo para suportar em natureza humana, todas as tentações com as quais o homem é assediado."³³ "Ele conhece por experiência quais são as fraquezas da humanidade, quais as nossas carências e onde jaz a força de nossas tentações, pois Ele foi 'tentado em todos os pontos, como nós, mas sem pecado'"³⁴ "Ele sabe quão fortes são as inclinações do coração natural."³⁵, tendo-as experimentado em Si mesmo. "Alguns pensam que Cristo, por ser o Filho de Deus, não teve tentações como os filhos agora têm. As Escrituras dizem que Ele foi tentado em todos os pontos, como nós."³⁶

"As tentações a que Cristo esteve sujeito foram uma terrível realidade... Se não fosse assim; se não Lhe fosse possível cair, Ele não poderia ser tentado em todos os pontos como a família humana é tentada. As tentações de Cristo e Seus sofrimentos sob elas foram proporcionais ao Seu caráter impoluto e exaltado... Ele 'resistiu até o sangue' naquela hora quando o temor de fracasso moral era como o temor da morte. Enquanto curvado no Getsêmani, em agonia de alma, gotas de sangue afloraram-Lhe aos poros e umedeceram o relvado... Sobre a cruz Cristo sabia, como nenhum outro podia saber, o terrível poder das tentações de Satanás."³⁷

"Nenhum outro nascido de mulher foi tão ferozmente assaltado pela tentação." ³⁸ "Ele realmente enfrentou e resistiu às tentações de Satanás, como qualquer ser humano." ³⁹ Em sua batalha no deserto, "a humanidade de Cristo foi posta à prova como nenhum de nós jamais poderá saber... Essas foram tentações reais e não simulacros." ⁴⁰ O apóstolo o confirma quando fala das provações que Jesus teve de suportar: "Ainda não resististes até o sangue, combatendo contra o pecado." (Heb. 12:4)

Na mesma carta, Ellen White descreve as tentações que Jesus teve de confrontar: "O Filho de Deus, em Sua humanidade, lutou com as mesmas cruéis e aparentemente esmagadoras tentações que assediam os homens - tentações para condescender com o apetite, a se aventurar presunçosamente aonde Deus os não conduziu, e darem culto ao deus deste mundo, sacrificarem uma eternidade de bem-aventurança pelos fascinantes prazeres desta vida."⁴¹

"As tentações que Cristo resistiu foram aquelas que achamos tão difícil suportar. Elas foram intensificadas sobre Ele em muito maior grau, na medida em que Seu caráter era superior ao nosso. Com o terrível peso dos pecados do mundo sobre Ele, Jesus resistiu à prova do apetite, do amor do mundo, e do amor da ostentação que conduz à presunção." ⁴²

"É um mistério inexplicável aos mortais que Cristo pudesse ser tentado em todos os pontos, como nós o somos, e ainda ser sem pecado." Certa ocasião, algumas pessoas questionaram a decaída natureza de Cristo. Ellen White lhes respondeu: "Tenho recebido cartas afirmando que Cristo não podia ter tido a mesma natureza que o homem, pois nesse caso, teria caído sob tentações semelhantes. Se não possuísse natureza humana, não poderia ter sido exemplo nosso. Se não fosse participante de nossa natureza, não poderia ter sido tentado como o homem tem sido. Se não Lhe tivesse sido possível ceder à tentação, não poderia ser nosso Auxiliador."

"Pretendem muitos que era impossível Cristo ser vencido pela tentação. Neste caso, não teria sido colocado na posição de Adão; não poderia haver obtido a vitória que aquele deixara de ganhar. Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado para nos socorrer. Mas nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido."⁴⁵

Todavia, "ao tomar sobre Si a natureza do homem em sua decadente condição, Cristo não participou no mínimo que fosse de seu pecado." Eis aqui outra solene verdade que Ellen White nunca deixou de repetir, enquanto enfatizando a realidade das tentações às quais Jesus estava sujeito. Pois, como está escrito: "Antes, foi Ele tentado em todas as coisas, mas sem pecado." (Heb. 4:15)

"... Mas Sem Pecado."

Toda vez que Ellen White escrevia sobre o delicado assunto da natureza caída de Cristo, era muito cuidadosa em acrescentar imediatamente que Jesus viveu "sem cometer pecado", seja por pensamentos, palavras ou obras.

Numa carta enviada a W. L. H. Baker, que evidentemente tinha tendência de falar de Cristo como um homem "integralmente humano", Ellen White sugeriu que ele fosse mais cauteloso: "Nunca, de modo algum, deixe a mais leve impressão sobre mentes humanas de que uma mancha, inclinação ou corrupção incidia sobre Cristo, ou que Ele, de alguma maneira, cedeu à corrupção." "Nenhuma palavra impura escapava de Seus lábios. Nunca Ele praticou uma ação má, pois era o Filho de Deus. Embora possuísse forma humana, todavia era isento da mancha do pecado." "Em Sua natureza humana, Ele manteve a pureza de Seu divino caráter. Ele viveu a lei de Deus e a honrou em um mundo de transgressão." 50

"Em meio à devassidão, Cristo manteve Sua pureza. Satanás não podia manchá-la ou corrompê-la. Seu caráter revelava um perfeito ódio contra o pecado." "Houvesse-se podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à horrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado." 52

Alguns acham que Jesus foi tentado apenas externamente. Se houvesse sido assim, Ele não teria sido verdadeiramente tentado como nós o somos, nem teria conhecido "o poder de nossas tentações" 53, e a "força da paixão humana" 54, aos quais os homens estão sujeitos. Porém, "nunca Ele cedeu à tentação de praticar um simples ato que não fosse puro, elevado e enobrecedor". 55

Ellen White disse: "Ao povo, e depois, mais plenamente, aos discípulos, Jesus explicou que a contaminação não procede do exterior, mas do interior. Pureza e impureza pertencem à alma. É o mau ato, a palavra ou o pensamento mau, a transgressão da lei de Deus, não a negligência de cerimônias externas criadas pelo homem, o que contamina." "Se "Se a lei alcançasse apenas a conduta exterior, os homens não seriam culpados por seus pensamentos, desejos e desígnios injustos. Mas a lei requer que a própria alma seja pura e a mente santa, que os pensamentos e sentimentos estejam de acordo com o padrão de amor e justiça." "ST

"A menos que haja a possibilidade de ceder, a tentação não é tentação. A tentação é resistida quando um homem é poderosamente influenciado a praticar uma má ação e, sabendo que pode fazer isso, resiste pela fé, apegando-se firmemente ao poder divino. Essa foi a duríssima experiência pela qual Cristo passou." 58

"Tomando sobre Si a natureza humana em seu estado decaído, Cristo não participou, no mínimo que fosse, do seu pecado... Não devemos ter dúvidas acerca da perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo." Isso não significa que Sua natureza era impecável em si mesma – o que contradiria tudo quanto Ellen White escrevera em outras partes – mas no sentido de que, por causa de Sua perfeita obediência, Ele a fizera impecável, "condenando o pecado na carne".

Divino e Humano

A realidade da encarnação não significa que Jesus renunciou à Sua divindade. Ellen White

costumava dizer que "Ele revestiu Sua divindade com a humanidade", ou que "Ele velou Sua divindade com a humanidade". Esse tipo de expressão é encontrado cerca de 125 vezes em seus escritos. 60 Eis alguns exemplos: "Por nossa causa, Ele deixou Seu trono real e vestiu Sua divindade com a humanidade. Pôs de lado Seu manto real, Sua majestosa coroa, para que pudesse ser um conosco." 61

"Cristo não trocou Sua divindade pela humanidade, mas revestiu-a da humanidade."⁶² "Ele velou Sua divindade com a roupagem da huma-nidade, mas não Se separou de Sua divindade."⁶³ "Embora tomasse a hu-manidade sobre Si mesmo, Ele era divino. Tudo o que é atribuído ao pró-prio Pai, também o é a Cristo."⁶⁴ "NEle, o próprio Deus desceu do Céu."⁶⁵

Num comentário sobre a visita de Jesus ao templo de Jerusalém, Ellen White escreveu: "O segundo templo foi honrado, não com a nuvem da glória de Jeová, mas com a presença viva dAquele em quem habita corporalmente toda a plenitude da divindade – o próprio Deus manifesto em carne". Eis porque, embora fosse tentado em todos os pontos como nós, esteve no mundo, desde Sua primeira entrada nele, isento de corrupção, embora por ela cercado. "67"

Tendo dito isso, Ellen White então formula uma questão: "Estamos nós nos tornando também participantes dessa plenitude, e não é assim, assim somente, que venceremos como Ele venceu?"68 De fato, "Resistiu Ele à tentação, mediante o Poder que o homem também pode possuir. Apoiou-Se no trono de Deus, e não existe homem ou mulher que não possa ter acesso ao mesmo auxílio, pela fé em Deus."69

"Cristo, na fraqueza da humanidade, devia enfrentar a tentação de alguém que possuía os poderes de uma elevada natureza que Deus concedera à família angélica. Mas a humanidade de Cristo estava unida à Sua divindade, e nesse poder Ele suportaria todas as tentações que Satanás pudesse lançar contra Ele, e ainda manter Sua alma incontaminada do pecado. E esse poder de vencer Ele daria a cada filho e filha de Adão que aceitasse pela fé os justos atributos de Seu caráter."⁷⁰

Participantes da Natureza Divina

Ellen White enfatiza especialmente a possibilidade oferecida à humanidade de "participar da natureza divina" (II Pedro 1:4). Esse é o propósito pelo qual Cristo veio a este mundo. Ele veio para trazer aos homens o poder de Deus de livrá-los do poder do pecado, e torná-los filhos de Deus. Para esse fim Cristo participou da decaída natureza do homem, a fim de que esse pudesse ser capaz de participar de Sua divina natureza.

"Ele [Cristo] tomou nossa natureza e venceu, para que, tomando Sua natureza, pudéssemos vencer. Tornado 'em semelhança da carne do pecado' (Rom. 8:3), Ele viveu uma vida sem pecado." Pois, "a vida que Cristo viveu neste mundo, homens e mulheres podem viver através de Seu poder e sob Sua instrução. No conflito contra Satanás, eles podem ter toda ajuda que Ele teve. Podem ser mais que vencedores por Aquele que os amou e entregou-Se a Si mesmo por eles." ⁷⁷²

Em Sua humanidade, Cristo triunfou sobre o pecado através do poder de Deus ao qual Se apegava. Cada membro da família humana tem o mesmo privilégio. "Cristo nada fez que a natureza humana não possa fazer se for participante da natureza divina." "Ele não exerceu em Seu proveito nenhum poder que não nos seja livremente oferecido. Como homem, Ele enfrentou a tentação, e a venceu na força que Lhe foi dada por Deus." "

"Se Cristo possuísse um poder especial que o homem não tem o privilégio de possuir, Satanás ter-se-ia aproveitado desse fato." De acordo com Ellen White, "Satanás declarou ser impossível aos filhos e filhas de Adão observarem a lei de Deus." fazendo com que a responsabilidade caísse sobre o Legislador e não sobre o homem. Mas "Cristo veio a este mundo para ser tentado em todos os pontos como nós o somos, para provar ao Universo que neste mundo de pecado, os seres humanos podem viver do modo que Deus aprova." O Senhor Jesus veio ao nosso mundo não para revelar o que Deus poderia fazer, mas o que o homem poderia fazer através

da fé no poder de Deus para ajudar em cada emergência. O homem deve, mediante a fé, ser participante da natureza divina e vencer cada tentação com que é assediado."⁷⁸

Ellen White ensinava consistentemente que a obra de salvação realizada por Jesus Cristo não ficou confinada a um simples ato legal, o perdão de nossos pecados, mas que ela também inclui vitória sobre a tentação e o pecado. "Cristo veio para nos tornar 'participantes da natureza divina" (II Ped. 1:4), e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, não comete pecado."⁷⁹

"Era uma solene realidade esta de que Cristo veio para ferir as batalhas como homem, em favor do homem. Sua tentação e vitória nos dizem que a humanidade deve copiar o Modelo; deve o homem tornar-se participante da natureza divina." "Sua vida testificou que, com a ajuda do mesmo poder divino que Cristo recebeu, é possível ao homem obedecer à lei de Deus." "81

Obviamente, essa prova não teria sido efetiva se Jesus houvesse vivido uma vida sem pecado em uma natureza humana diversa da nossa – isto é, em a natureza de Adão antes da queda. Isso explica por que, com perfeita lógica, Ellen White afirmava que "a grande obra da redenção poderia ser efetuada apenas com o Redentor tomando o lugar do decaído Adão." 82

Conclusão

Ellen White escreveu exaustivamente sobre uma ampla variedade de tópicos tais como dietética, saúde, educação, teologia, obra médica, pregação evangelística, e muito mais.⁸³ Não obstante, seu assunto favorito era, indubitavelmente, a pessoa e a obra de Jesus. Embora não trate de temas cristológicos de maneira sistemática, eles saturam seus escritos.

E ela declarou isso muito bem: "Cristo, Seu caráter e obra, são o centro e o âmbito de toda a verdade; Ele é a corrente à qual as jóias da doutrina estão ligadas. NEle é encontrado o sistema completo da verdade."⁸⁴ Por essa razão, ela escreveu: "A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo a Deus."⁸⁵

Como podemos constatar, o núcleo da Cristologia de Ellen White está baseado na obra mediatória de Jesus Cristo, por causa da reconciliação dos pecaminosos seres humanos com o próprio Deus. Ela está em perfeita harmonia com Paulo, que diz ser possível essa reconciliação por causa da encarnação de Cristo "em semelhanca da carne do pecado" (Rom. 8:3).

Podemos pensar que não há melhor síntese da Cristologia de Ellen White, do que seu comentário sobre o Sermão da Montanha: "Cristo é a escada que Jacó viu, tendo a base na Terra, e o topo chegando à porta do Céu, ao próprio limiar da glória. Se aquela escada houvesse deixado de chegar à Terra, por um único degrau que fosse, teríamos ficado perdidos. Mas Cristo vem ter conosco onde nos achamos. Tomou nossa natureza e venceu, para que, revestindo-nos de Sua natureza, nós pudéssemos vencer. Feito 'em semelhança da carne do pecado' (Rom. 8:3), viveu uma vida isenta de pecado. Agora, por Sua divindade, firma-Se ao trono do Céu, ao passo que, pela Sua humanidade, Se liga a nós. Manda-nos que, pela fé nEle, atinjamos à glória do caráter de Deus. Portanto, devemos ser perfeitos, assim como 'é perfeito vosso Pai que está nos Céus'. Mat. 5:48."86

Para Ellen White, Cristo manifesto em "semelhança da carne do pecado" constitui a condição sem a qual não teria havido reconciliação com Deus. "A inteireza de Sua humanidade, a perfeição de Sua divindade, formam para nós um firme terreno sobre o qual podemos ser levados à reconciliação com Deus."87

Notas e referências

- 1. Ellen G. White Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 242-289.
- 2. *Idem*, pág. 244.
- 3. _____, em Signs of the Times, 5 de janeiro de 1915.
- 4. Quando Ellen White faleceu, em 1915, suas obras incluíam 24 livros publicados e traduzidos em vários idiomas, com dois outros prontos para publicação, 4.600 artigos e numerosos panfletos sobre vários assuntos, e cerca de 45.000 páginas manuscritas. Desde sua morte, muitos livros foram publicados em forma de compilações.
- 5. _____, em Review and Herald, 5 de abril de 1906, citado em Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 247.
- 6. Carta 97 de Ellen G. White, 1898.
- 7. E. G. White, em *Review and Herald*, 5 de julho de 1887.

- 8. Manuscrito 210 de Ellen G. White, 1895.
- Carta 32 de Ellen G. White, 1899. Citada em The Seventh-Day Adventist Bible Commentary, Comentários de E.G.White, vol. 5, pág. 1130.
- 10. Ellen G. White, em Review and Herald, 11 de dezembro de 1888.
- 11. _____, O Desejado de Todas as Nações, págs. 49 e 50.
- 12. Idem, págs. 50 e 51.
- 13. _____, em Signs of the Times, 17 de junho de 1897.
- 14. *Idem*, 17 de outubro de 1900.
- 15. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 49.
- 16. *Idem*, pág. 117. Essa comparação já havia sido feita em *Review and Herald*, 28 de julho de 1874. Ver *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 267, 268.
- 17. _____, em *Review and Herald*, 24 de fevereiro de 1874 (itálicos supridos).
- 18. Manuscrito 141 de E. G. White, 1901. Citado em *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 7, pág. 926 (itálicos supridos).
- 19. Manuscrito 57 de E. G. White, 1890 (itálicos supridos)
- 20. Carta 106 de E. G. White, 1896.
- 21. E G. White, em Bible Echo (publicado pela Divisão Australasiana), 15 de dezembro de 1892.
- 22. _____, Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 267, 268.
- 23. _____, Boletim da Conferência Geral, 23 de abril de 1901.
- 24. _____, em Youth's Instructor, 20 de dezembro de 1900.
- 25. _____, em Review and Herald, 4 de setembro de 1900 (itálicos supridos)
- 26. Manuscrito 143 de E. G. White, 1897.
- 27. E. G. White, O Desejado de Todas as Nações, 117.
- 28. Manuscrito 80 de E. G. White, 1903.
- 29. E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 226.
- 30. Manuscrito 141 de E. G. White, 1901 (itálicos supridos)
- 31. E. G. White, Spiritual Gifts (Dons Espirituais), vol. 4, págs. 115, 116.
- 32. _____, em Review and Herald, 17 de julho de 1900.
- 33. _____, Sons and Daughters de Deus (Filhos e Filhas de Deus), pág. 230.
- 34. _____, *The Ministry of Healing* (A Ciência do Bom Viver) (Mountain View, Calif.: Pacific Press. Pub. Assn., 1952), pág. 78.
- 35. _____, Testimonies for the Church (Testemunhos Para a Igreja), vol. 5 (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1948), pág. 177.
- 36. _____, Youth's Instructor, abril de 1873.
- 37. Idem, 26 de outubro de 1899. Citado em Selected Messages (Mensagens Escolhidas), vol. 3, págs. 131, 132.
- 38. _____, Education (Educação) (Mountain View, Calif.: Pacific Press. Pub. Assn., 1952), pág. 78
- 39. Carta 17 de Ellen G. White, 1878.
- 40. E. G. White, Selected Messages, vol. 1, págs. 94 e 95.
- 41. Idem, pág. 95.
- 42. _____, *The Desire of Ages*, pág. 116.
- 43. Carta 8 de E. G. White, 1895. Citada em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 5, págs. 1128, 1129.
- 44. E. G. White, Selected Messages, vol. 1, pág. 408.
- 45. _____, The Desire of Ages, pág. 117.
- 46. _____, em Youth's Instructor, 1 de junho de 1898. Citado em Selected Messages, vol. 1, pág. 256.
- 47. Carta 8 de E. G. White, 1895. Citada em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 5, pág. 1128.
- 48. E. G. White, em Review and Herald, 8 de novembro de 1887.
- Welfare Ministry (Beneficência Social) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1952), pág. 287.
- 50. _____, Youth's Instructor, 2 de junho de 1898.
- 51. _____, em Signs of the Times, 10 de maio de 1899.
- 52. _____, *The Desire of Ages*, pág. 761.
- 53. _____, The Ministry of Healing, pág. 61.
- 54. _____, In Heavenly Places (Nos Lugares Celestiais), pág. 155.
- 55. Ibidem.
- 56. _____, *The Desire of Ages*, pág. 397.
- 57. _____, em Review and Herald, 5 de abril de 1898.
- 58. _____, em Youth's Instructor, 20 de julho de 1899.
- 59. _____, Selected Messages, vol. 1, pág. 256.
- 60. Eric Claude Webster, Crosscurrents in Adventist Christology, pág. 76.

- 61. E. G. White, em Review and Herald, 24 de outubro de 1899.
- 62. *Idem*, 29 de outubro de 1895. Citado em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, vol. 5, pág. 1128.
- 63. Idem, 15 de junho de 1905.
- 64. Idem, 19 de junho de 1896.
- 65. Idem, 1 de fevereiro de 1898.
- 66. *Idem*, 16 de janeiro de 1908.
- 67. Manuscrito 16 de E. G. White, 1890. Citado em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 7, pág. 907.
- 68. Ibidem.
- 69. E. G. White, Selected Messages, , vol. 1, pág. 409.
- 70. _____, em *Review and Herald*, 28 de janeiro de 1909. Citado em *The Seventh-day Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 7, pág. 927.
- 71. _____, *The Desire of Ages*, págs. 311, 312.
- 72. _____, Testimonies for the Church, vol. 9, pág. 22.
- 73. ______, em *Signs of the Times*, 17 de junho de 1897.
- 74. _____, *The Desire of Ages*, pág. 24.
- 75. _____, Selected Messages, vol. 3, pág. 139.
- 76. _____, em Signs of the Times, 16 de janeiro de 1896.
- 77. _____, em Review and Herald, 9 de março de 1905.
- 78. Manuscrito 1 de E. G. White, 1892. Citado em *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de E. G. White, vol. 7, pág. 929.
- 79. E. G. White, The Ministry of Healing, pág. 180.
- 80. _____, Selected Messages, vol. 1, pág. 408.
- 81. Manuscrito 141, de E. G. White, 1901. Citado em Selected Messages, vol. 3, pág. 132.
- 82. E. G. White, em Review and Herald, 24 de fevereiro de 1874.
- 83. Ver Índex dos Escritos de E. G. White (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1983), no qual encontramos classificados alfabeticamente vários assuntos dos escritos de Ellen G. White.
- 84. E. G. White, em Review and Herald, 15 de agosto de 1893.
- 85. _____, Selected Messages, vol. 1, pág. 244.
- 86. _____, The Desire of Ages, págs. 311, 312.
- 87. Carta 35 de E. G. White, 1894. Citada em The Seventh-day Adventist Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 487.

Capítulo 4

ELLET J. WAGGONER (1855-1916)

Quando, em 1884, E. J. Waggoner envolveu-se pela primeira vez com a questão da natureza humana de Jesus, Ellen White já se havia pronunciado claramente sobre o assunto. Até esse tempo ninguém duvidava que Cristo, em Sua encarnação, houvesse tomado sobre Si a natureza caída do homem.

Se Waggoner se sentiu compelido a afirmar tal convicção, foi porque considerava essa verdade indispensável à compreensão do plano da salvação em geral, e à justificação pela fé em particular. Seu propósito não era confirmar o ponto de vista de Ellen White, mas usar sua Cristologia como fundamento para sua mensagem sobre a justiça obtida através dAquele que veio "em semelhança da carne do pecado".

Primeiras Declarações Feitas entre 1884 e 1888

Em 1884, tão logo foi apontado para o cargo de editor-assistente da *Signs of the Times*, Waggoner escreveu uma série de artigos relativos à natureza humana de Jesus. Neles afirmou que Cristo veio a este mundo nas mesmas condições do homem pecaminoso, e permaneceu perfeitamente justo e santo.

Em seu primeiro artigo, em 3 de julho de 1884, intitulado "Condenado e Justificado", lemos: "Cristo era sem pecado; a lei estava em Seu coração. Como o Filho de Deus, Sua vida era mais excelente do que todos os se-res criados, tanto na Terra como no Céu... Ele tomou sobre Si nossa natu-reza (Heb. 2:16), e levou sobre Si 'a iniqüidade de todos nós' (Isa. 53:6). A fim de nos salvar, Ele chegou até onde nós estávamos; em outras palavras, Ele tinha de tomar a posição do pecador perdido... E porque Cristo 'foi contado entre os transgressores', sofreu a penalidade da trans-gressão. Mas o sofrimento de Cristo não foi por Sua própria culpa. Ele 'não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano' (I Pedro 2:22)".

No segundo artigo, por título "Uma Nova Criatura em Cristo", Waggoner escreveu: "Deus fez a Cristo (o Imaculado) pecado por nós. Ele foi, em todas as coisas, 'semelhante aos irmãos', e isso significa não simplesmente na forma exterior, física, mas que Ele suportou o pecado como nós. Esses pecados que assumiu sobre Si não eram Seus, mas nossos. Ele 'não conheceu pecado', 'mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós.' (Isa. 53:6) Muito embora os pecados que estavam sobre Ele fossem nossos, eles foram contados como Seus próprios, e isso Lhe causou a morte (Isa. 53:5)."²

No terceiro artigo, sob o título "Debaixo da Lei", Waggoner reafirma que Jesus "colocou-Se na exata condição daqueles a quem viera salvar." Isso de modo algum implica que Jesus fosse um pecador. Cristo foi contado entre os transgressores, embora Ele não fosse um deles. "Ele levou os pecados do mundo como se fossem Seus."³

Para Waggoner, a expressão "nascido debaixo da lei" (Gál. 4:4) significava não apenas que Cristo estava sujeito à lei, mas que Ele também estava sujeito à condenação da lei como um pecador. Cristo colocou-Se no lugar daqueles que haviam violado a lei e que foram condenados à morte. Eis por que Cristo sofreu a condenação da lei.

Em seu panfleto "O Evangelho na Epístola aos Gálatas", publicado no início de 1888, Waggoner deu especial consideração a Gálatas 4:4, João 1:14 e Romanos 8:3, passagens essas que tratam da questão de Cristo na carne. Desses textos ele concluiu que "Cristo nasceu em semelhança de carne pecaminosa." Seus comentários sobre Filipenses 2:5-7; Romanos 1:3; Hebreus 2:9, 16 e 17, e II Coríntios 5:21, também identificavam a natureza humana de Cristo com a da humanidade pecadora.

Longe de considerar o assunto perturbador, o rebaixamento de Cristo era para Waggoner um tema encorajador que ele tinha de partilhar com seus leitores. "Um dos mais entusiasmantes ensinos da Escritura é que Cristo tomou sobre Si a natureza do homem; e que Seus ancestrais segundo a carne foram pecadores. Quando estudamos a vida dos antepassados de Cristo e vemos que eles tinham todas as fraquezas e paixões que temos, descobrimos que nenhum homem tem qualquer direito de desculpar seus atos pecaminosos em razão da hereditariedade. Se Cristo não Se houvesse feito em todas as coisas semelhante a Seus irmãos, então Sua vida imaculada não serviria de encorajamento para nós. Poderíamos olhar para ela com admiração, mas seria uma consideração que nos traria inexorável desespero."5

"Paulo declara que Deus o fez pecado por nós", assegura Waggoner. "Eu simplesmente apresento fatos da Escritura; não tento explicá-los. 'E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade'. Não posso compreender como Deus pôde Se manifestar em carne, à semelhança da carne pecaminosa. Não sei como o puro e santo Salvador pôde suportar todas as enfermidades do homem, que são resultado do pecado, e ser contado com os pecadores, sofrendo a morte de um pecador. Simplesmente aceito a declaração escriturística de que apenas assim Ele poderia ser o Salvador dos homens; regozijo-me nesse conhecimento porque uma vez que Ele se tornou pecado, eu posso ser feito justiça de Deus nEle."6

Pois Cristo "desceu às baixas profundidades a que o homem havia caído, para que pudesse erguê-lo ao Seu exaltado trono; todavia, Ele nunca deixou de ser Deus, ou perdeu sequer uma partícula de Sua santidade."⁷

Esses são os principais conceitos desenvolvidos por Waggoner em seus primeiros escritos, tratando da humanidade de Jesus. Como se referem à divindade de Cristo, Waggoner erige sobre

eles os fundamentos sobre os quais estruturou sua mensagem de justificação pela fé, apresentada na sessão da Conferência Geral de Mineápolis, em 1888.

"Deus Manifesto em Carne"

Como dito antes, nenhum dos textos dos discursos de Waggoner apresentados na sessão de Mineápolis existem agora. Mas seus artigos publicados na *Signs of the Times* imediatamente após a sessão, poderiam ser representativos de suas apresentações. A sessão foi concluída em 4 de novembro de 1888. Já em 21 de janeiro de 1889, apareceu o primeiro artigo tratando de "*Deus Manifesto em Carne*" Seu teor foi reimpresso integralmente sob o mesmo título no livro de Waggoner publicado em 1890: "Cristo e Sua Justiça."

Ele iniciou o livro com um capítulo sobre a divindade de Cristo, e então discutiu Sua humanidade usando apenas a Bíblia para apresentar "a maravilhosa história da humanidade de Cristo". Introduziu o texto citando João 1:14 para enfatizar que "Cristo era tanto Deus como homem. Originalmente, apenas divino, Ele tomou sobre Si mesmo a natureza humana, e andou entre os homens como um simples mortal".¹⁰

Essa voluntária humilhação de Jesus é melhor expressa por Paulo, de acordo com Waggoner, em Filipenses 2:5-8: Escreve ele: "É-nos impossível compreender como Cristo pôde, sendo Deus, humilhar-Se até a morte na cruz, e é mais do que inútil para nós especularmos sobre isso. Tudo o que podemos fazer é aceitar os fatos como são apresentados na Bíblia." ¹¹

Para tornar claro o significado do que ocorreu quando "o Verbo Se fez carne", Waggoner cita romanos 8:3 e 4: "Um pequeno pensamento será suficiente para mostrar a qualquer um, que se Cristo tomou sobre Si mesmo a semelhança do homem, de forma que pudesse redimir o homem, deve ter sido a semelhança de um homem pecador, pois é ao homem pecador que Ele veio redimir... Além do mais, o fato de Cristo ter tomado sobre Si a carne, não de um ser sem pecado, mas de um pecador, isto é, a carne à qual Ele assumiu tem todas as fraquezas e tendências pecaminosas às quais a decaída natureza humana está sujeita, é mostrado pela afirmação que Ele 'era da semente de Davi segundo a carne'. Davi tinha todas as paixões da natureza humana. Ele disse de si mesmo: 'Eis que eu nasci em iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe.' (Sal. 51:5)"¹²

Para Waggoner, o texto de Hebreus 2:16-18 confirma essa posição: "Se Ele [Cristo] foi feito em todas as coisas semelhante a Seus irmãos, então deve ter suportado todas as enfermidades e estado sujeito a todas as tentações de Seus irmãos." Paulo leva o tema mais adiante quando escreve, em II Coríntios 5:21, que "Aquele que não conheceu pecado, Deus O fez pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus". Waggoner acrescenta: "O imaculado Cordeiro de Deus, que não conhecia pecado, foi feito pecado. Embora inocente, todavia foi contado não apenas como um pecador, mas, na verdade, Ele tomou sobre Si a natureza pecaminosa. Ele foi feito pecado para que nós pudéssemos ser tornados justos." 14

Depois de citar mais uma vez Gálatas 4; 4 e 5, e Hebreus 4:15 e 16, Waggoner comenta: "Alguns podem ter pensado, lendo superficialmente, que estamos depreciando o caráter de Jesus, trazendo-O ao nível do homem pecador." Pelo contrário", ele replica, "estamos simplesmente exaltando o 'poder divino' de nosso bendito Salvador, que voluntariamente desceu ao nível do homem pecaminoso, de forma que pudesse exaltá-lo até Sua própria imaculada pureza, a qual Ele reteve sob as mais adversas circunstâncias." 16

A despeito da fraqueza da carne, "Sua divina natureza nunca, nem por um só momento, abrigou um mau desejo, nem Seu divino poder, por um momento, hesitou. Tendo sofrido na carne tudo o que o homem pode sofrer, Ele retornou ao trono de Seu Pai tão imaculado como quando deixou as cortes da glória."¹⁷

O segredo da vitória de Cristo sobre o pecado reside nesta lógica: "Ele foi cercado pela enfermidade, contudo, 'não cometeu pecado', por causa do poder divino habitando constantemente nEle. Essa mesma força pode ser nossa se 'Cristo habitar pela fé em nossos corações; e se, como Ele, formos 'cheios até a inteira plenitude de Deus' (Efés. 3:17 e 19)."¹⁸

"Tendo sofrido tudo o que a carne humana padece, Ele [Cristo] sabe tudo sobre isso, e Se identifica tão intimamente com Seus filhos, que o que quer que os acosse faz igual impressão sobre Ele, e sabe também quanto poder divino é necessário para resistir; e se nós sinceramente desejarmos renunciar à 'impiedade e às paixões mundanas', Ele está ansioso em conceder e é capaz de nos conferir poder "muitíssimo mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos. Todo o poder que Cristo possuía habitando nEle por natureza, podemos tê-lo em nós pela graça, pois Jesus nô-lo concede livremente." 19

"Que maravilhosas possibilidades há para nós cristãos!", exclamava Waggoner. Daí em diante ele podia dizer: "Posso todas as coisas nAquele que me fortalece." ²⁰

Tal é a argumentação de Waggoner sobre o assunto de "Deus manifesto em carne". A fim de vencer o poder do pecado, foi necessário, de acordo com ele, que Cristo viesse habitar conosco em "semelhança da carne do pecado". Tendo obtido vitória na carne, Ele poderia agora conceder Seu poder àqueles que O aceitassem. Assim, o mesmo poder divino que fortaleceu Cristo a viver uma existência impecável na pecaminosa natureza humana, tornaria o pecador em quem Cristo habitasse capaz de vencer a tentação e sobrepujar o poder do pecado.

Como se pode ver, a Cristologia de Waggoner conduziu-o naturalmente à justificação pela fé. A obra de Cristo não poderia ser separada de Sua pessoa. A mensagem da justificação pela fé como apresentada por Waggoner em 1888, é em realidade tão-somente uma aplicação prática de sua Cristologia. Por que Cristo Se identificou perfeitamente com a natureza humana decaída, Sua obra em nós não está limitada a uma mera transação legal, o perdão do pecado, mas ela também contém a purificação de "toda a injustiça" (I João 1:9).²¹ "Quando Cristo nos cobre com o manto de Sua própria justiça, Ele não fornece uma capa para o pecado, mas retira o pecado de nós... Na verdade Ele purifica da culpa, e se o pecador está limpo de sua culpa, está justificado, tornado justo, e passou por uma mudança radical. É, de fato, outra pessoa... 'é uma nova criatura' (II Cor. 5:17)."²²

A grande contribuição de Waggoner não foi apenas reintroduzir o princípio da justificação pela fé na Igreja Adventista, mas também aplicar a Cristologia à obra de salvação. *Para Lutero, a justificação pela fé era puramente uma transação legal.* A Fórmula de Concord confirma esse ponto de vista: "*Toda a nossa retidão está fora de nós; ela habita inteiramente em Jesus Cristo.*" *Para Waggoner, por outro lado, a justificação inclui a ação de Cristo no homem para torná-lo justo* (Rom. 5:19), através do poder que Deus concede àquele que crê em Cristo e O recebe em seu coração (João 1:12). [Ênfase acrescida]

Em seu último livro, O Concerto Eterno, publicado em Londres no ano de 1900, Waggoner declarou: "Antes que o fim venha, e ao tempo da vinda de Cristo, precisa haver no mundo um povo, não necessariamente grande em relação ao número de habitantes da Terra, mas grande o suficiente para ser conhecido em todo o planeta, e em quem 'toda a plenitude de Deus' seja manifesta, assim como foi em Jesus de Nazaré. Deus demonstrará ao mundo que o que Ele fez com Jesus de Nazaré, fá-lo-á com qualquer um que se entregue a Ele."²³

Waggoner Confirma Sua Cristologia (1891-1902)

Durante a década de 1890, Waggoner desfrutou de grande prestígio e autoridade na Igreja Adventista. Apoiado por Ellen White e em colaboração com seu colega A. T. Jones, foi-lhe dada a oportunidade de apresentar a mensagem da justificação pela fé nos encontros campais, em grandes convenções pastorais e em várias sessões da Conferência Geral.

Em 1891, na sessão da Conferência Geral, Waggoner foi convidado a apresentar uma série de 16 estudos bíblicos, que ele dedicou à epístola aos Romanos.²⁴ Ele dificilmente poderia escolher uma epístola mais favorável para desenvolver as grandes idéias de sua mensagem de justiça pela fé. Duas passagens, em particular, foram relevantes sobre o tema da natureza humana de Jesus.

A declaração de Paulo, em Romanos 1:3, acerca da posteridade de Davi ofereceu-lhe a primeira oportunidade. Paulo disse que Jesus Cristo "nasceu da descendência de Davi segundo a carne". Waggoner, portanto, convida-nos a "ler a história de Davi e dos reis que dele descenderam, os quais foram ancestrais de Jesus, e vocês verão que o lado humano do Senhor

estava em desvantagem por sua ancestralidade, tanto quanto qualquer um de nós pode estar. Muitos deles foram licenciosos e idólatras cruéis. Embora Jesus estivesse assim tão cercado de fraquezas, Ele 'não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano' (I Ped.2:22). Isso é para dar coragem aos homens nas mais baixas condições de vida. É para mostrar que o poder do evangelho da graça de Deus pode triunfar sobre a hereditariedade."²⁵

Com respeito à afirmação de que Deus enviou Seu Filho "em semelhança da carne do pecado", Waggoner assegura: "Há a idéia comum de que isso significa que Cristo simulou ter carne pecaminosa, que Ele não Se revestiu realmente da carne pecaminosa, mas tão-somente pareceu possuí-la."²⁶

Em réplica, Waggoner citou Hebreus 2:17, que afirma que "convinha que em tudo [Jesus] fosse feito semelhante a Seus irmãos, para Se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo". Então referiu Gálatas 4:4 e 5 novamente, onde Paulo sustenta que Jesus foi "nascido de mulher, nascido debaixo da lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei". E conclui: "Ele tomou a mesma carne que todos os que são nascidos de mulher possuem."²⁷

Finalmente, para estabelecer a razão por que Cristo veio em semelhança da carne do pecado, Waggoner coloca lado a lado Romanos 8: 3 e 4 e II Coríntios 5:21. "Os primeiros versos dizem que Cristo foi enviado à semelhança de carne pecaminosa, 'para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós'. Os últimos dizem que Deus 'O fez pecado por nós', embora Ele não houvesse conhecido pecado, 'para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus'." ²⁸

Em todas essas explanações, Waggoner ligava constantemente a encarnação de Cristo, que Se revestiu da decaída natureza humana com propósitos de redenção; para libertar os seres humanos do poder do pecado e da morte, mediante o poder do Espírito de vida que está em Jesus Cristo (Rom. 8:2).

Em 1892, Waggoner aceitou um chamado para ir à Inglaterra e tornar-se o editor da revista *A Verdade Presente*. Ele permaneceu ali até 1902. Nessa ocasião, foi convidado a tomar parte na sessão da Conferência Geral em 1897, onde apresentou 19 estudos baseados nos primeiros capítulos da epístola aos Hebreus. Isso não surpreende, considerando que esses capítulos contêm a mais clara evidência da natureza divino-humana de Cristo.²⁹ Mais uma vez Waggoner teve a oportunidade de propagar sua Cristologia, que concordava também com aquela dos executivos da Comissão da Conferência Geral e da igreja. Se não fosse esse o caso, eles não o teriam sempre convidado para vir da Inglaterra e participar desses eventos especiais.

Uma vez mais Waggoner confirmou sua posição inicial, a qual também examinamos, sobre a natureza humana de Jesus. Num ponto ele parafraseou o apóstolo Paulo: "Se com a nossa boca confessarmos a Jesus como Senhor, que Ele veio em carne, e se crermos em nosso coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos – que Ele é um poder vivo – seremos salvos."³⁰

Para se assegurar de que o público tivesse visão clara desse ponto, Waggoner insistiu: "A Palavra tornou-Se carne perfeita em Adão, mas em Cristo a Palavra tornou-Se carne decaída. Cristo desceu até o fundo, e eis a Palavra em carne, carne pecaminosa."³¹

Num artigo publicado na Signs of the Times, intitulado "Deus Manifesto em Carne", Waggoner especificou que nossos pecados não foram postos sobre Cristo de maneira simbólica, mas realmente lançados sobre Ele.³² Do mesmo modo, em seu comentário sobre a epístola aos Gálatas, publicado em 1900, ele sublinha enfaticamente que Cristo portou nossos pecados "em Seu próprio corpo" (I Ped. 2:24). E escreveu: "Nossos pecados não foram mera e figurativamente postos sobre Ele, mas 'em Seu próprio corpo'. Ele Se 'fez maldição' por nós, tornou-Se 'pecado' por nós e, conseqüentemente, morreu por nós... O mesmo texto que nos diz ter Ele levado nossos pecados 'em Seu próprio corpo', cuida em nos deixar saber que Ele 'não pecou'. O fato de Ele ter podido levar nossos pecados com Ele e nEle, tornando-Se pecado por nós e, todavia, sem ter cometido qualquer pecado, é para Sua glória eterna e nossa eterna salvação do pecado."³³

Conclusão

Isso é o essencial da Cristologia de Waggoner. Se sua posição não estivesse de acordo com a crença da igreja, a Comissão da Conferência Geral não o teria convidado à sessão de 1901, para refutar "a estranha doutrina" do movimento da carne santa, de acordo com a qual Cristo havia tomado a "natureza de Adão antes da queda".

Se há um tema recorrente no ensino de Waggoner, esse é certamente sua Cristologia. A obra *Confissão de Fé*, escrita pouco antes de sua morte, em 1916, permanece como a melhor evidência dessa realidade. Ali ele expressa novamente o paradoxo de Cristo, que assumiu a natureza do "homem pecaminoso", enquanto ofereceu uma "vida perfeita", uma vida livre de pecado, uma vida vitoriosa sobre a morte. "Assim, Deus em Cristo deu Sua vida em favor dos homens pecadores. Esta é, de acordo com Waggoner, a súmula do evangelho." 35

Notas e referências

- 1. Ellet J. Waggoner, em Signs of the Times, 3 de julho de 1884.
- 2. Idem, 17 de julho de 1884.
- 3. *Idem*, 18 de setembro de 1884. Ver Eric Claude Webster em *Contracorrentes na Cristologia Adventista*, págs. 168 a 171.
- 4. Ellet J. Waggoner, *The Gospel in the Book of Galatians* (O Evangelho na Epístola aos Gálatas) (Payson, Ariz.: Leaves of Autumn Books, 1970) Waggoner escreveu esse panfleto de 71 páginas em resposta a um panfleto de 85 páginas, escrito por G. I. Butler, intitulado *The Law in the Book of Galatians* (A Lei na Epístola aos Gálatas.
- 5. *Idem*, pág. 61.
- 6. Idem, pág. 62.
- 7. Idem, pág. 63.
- 8. Sete artigos foram publicados na *Signs of the Times*. O primeiro versava sobre a natureza humana de Cristo (21 de janeiro de 1889); os quatro seguintes, sobre a divindade de Cristo (dias 1, 8, 15, e 22 de março de 1889); os últimos dois tinham por título, respectivamente, "Cristo, o Legislador" e "Cristo, o Redentor".
- 9. Este livro foi igualmente impresso na Austrália e na Inglaterra, em 1892, e em Hamburgo e na Basiléia. Ver Froom, *Movement of Destiny*, pág. 373. Em 1989 ele foi traduzido e publicado na França.
- 10. Waggoner, Christ and His Righteousness, pág. 24.
- 11. Idem, pág. 25.
- 12. Idem, págs. 26 e 27.
- 13. Idem, pág. 27.
- 14. Idem, págs. 27 e 28.
- 15. *Idem*, pág. 28.
- 16. Ibidem.
- 17. Idem, pág. 29.
- 18. Ibidem.
- 19. Idem, pág. 30
- 20. *Idem*, págs. 30 e 31.
- 21. Idem, pág. 59.
- 22. Idem, pág. 66.
- 23. _____, *The Everlasting Covenant* (O Concerto Eterno), pág. 366. Arthur G. Daniells recomendou esse livro de Waggoner a W. C. White, numa carta datada de 12 de maio de 1902: "Estou profundamente convencido de que algo deve ser feito para colocar um dilúvio de luz nos lares de nosso povo. Não conheço um livro melhor para fazer isso, afora a Bíblia, do que o do irmão Waggoner." (citado em A. V. Olson, *Through Crisis to Victory* (Da Crise à Vitória), pág. 231).
- 24. Ellet J. Waggoner, no Boletim da Conferência Geral de 1891; *Signs of the Times*, outubro de 1895 e setembro de 1896; *Waggoner on Romans* (Waggoner Sobre Romanos, o Evangelho na Grande Carta de Paulo) (Paris: Glad Tidings Publishers, n.d.).
- 25. _____, Waggoner on Romans, pág. 12.
- 26. Idem, pág. 128.
- 27. Ibidem.
- 28. Ibidem.
- 29. Esses estudos foram publicados no Boletim da Conferência Geral, 1897, sob o título *Studies in the Book of Hebrews* (Estudos Sobre o Livro de Hebreus).
- 30. Boletim da Conferência Geral, 1897, vol. II, pág. 12.
- 31. *Idem*, vol. I, pág. 57.
- 32. E. J. Waggoner, em Signs of the Times, 21 de janeiro de 1889.
- 33. _____, The Glad Tidings (Felizes Novas), pág. 62.
- 34. Esse evento será considerado no capítulo 7.
- 35. Confession of Faith (Confissão de Fé), págs. 8 e 10. Ver Webster, Crosscurrents in Adventist Christology, págs. 222,

Capítulo 5

ALONZO T. JONES (1850-1923)

Pregador entusiasta, editor de diversos periódicos,² e autor de várias obras³, Alonzo T. Jones foi um dos primeiros líderes espirituais da igreja adventista na década de 1890.

Jones nasceu no dia 21 de abril de 1850, em Rockhill, Ohio. Com 20 anos de idade alistouse no exército e lá ficou durante três anos. Dessa experiência ele conservou o espírito de disciplina e certa brusquidão em seus relacionamentos. Enquanto a maioria de seus companheiros gostava de se divertir nas folgas, Jones preferia ler obras de história ou publicações adventistas, juntamente com a Bíblia. Assim ele adquiriu grande parte do conhecimento básico necessário a seu futuro trabalho como pregador e escritor.

Livre das obrigações militares, solicitou o batismo na igreja adventista. Foi então designado para ir à costa oeste como pregador. Em maio de 1885, foi admitido como editor-assistente da revista *Signs of the Times*, uma posição que manteve ao lado de Ellet J. Waggoner até 1889.

Embora completamente diferentes um do outro, esses homens colaboraram mui estreitamente na pregação da mensagem da justificação pela fé. Com o apoio de Ellen White, eles revolucionaram a sessão da Conferência Geral de 1888, em Mineápolis. Como resultado, por dois anos a comissão da Conferência Geral nomeou Waggoner e Jones para ensinar essa mensagem nos encontros campais, nos concílios pastorais, nas instituições e igrejas por todo o país. Até viajar para a Austrália, em dezembro de 1891, Ellen White freqüentemente os acompanhava nessas campanhas. Ela considerava sua mensagem como vinda de Deus.

Após a ida de Waggoner para a Inglaterra, em 1892, Jones ficou encarregado de manter o interesse na mensagem de 1888. E ele o fez de maneira magistral e com a plena aprovação dos líderes de igreja. Durante a década de 1890, em cada sessão da Conferência Geral, uma posição preferencial era-lhe reservada para a apresentação de vários aspectos da "terceira mensagem angélica", como a coleção de seus estudos bíblicos era popularmente conhecida.

Por causa de seu interesse em liberdade religiosa, Jones foi escolhido em 1889 para dirigir a revista *American Sentinel* (Sentinela Americana). Em 1897, ele foi chamado a servir como um dos membros da Comissão da Conferência Geral, e, ao mesmo tempo, como editor-chefe da *Review and Herald*. Então, na sessão da Conferência Geral de 1901, ele foi eleito para a presidência da Associação da Califórnia, posição em que ficou até 1903.

Jones foi então convidado para tomar conta do departamento de liberdade religiosa em nível da Conferência Geral, em Washington. De início aceitou o convite, mas depois declinou dele e foi para Battle Creek a fim de trabalhar com o Dr. John Harvey Kellogg, sob cuja influência acabou entrando em conflito com a Conferência Geral. Por causa disso deixou a Obra. Posteriormente, em razão de crescente hostilidade com a liderança da igreja, foi desligado do rol de membros em 1909.

Antes dessa separação, todavia, A. G. Daniells, presidente da Conferência Geral, tentou a reconciliação na sessão de 1909. Por alguma razão, Jones rejeitou essa abertura. Daí em diante, embora um observador do sábado ligado às mais fundamentais doutrinas adventistas, permaneceu afastado da igreja. Além disso, como seu biógrafo George R. Knight observa: "A despeito de sua animosidade com a igreja organizada, Jones parecia desejoso de companheirismo adventista." Ele faleceu no dia 12 de maio de 1923, em Battle Creek, após sofrer hemorragia cerebral.

A Mensagem de Jones é Ainda Digna de Confiança?

Por causa de sua ulterior separação da igreja, alguns adventistas hoje questionam

seriamente a validade da mensagem de Jones. Realmente, como regra geral, a mensagem de quem não permanece firme na fé até o final tende a perder toda a credibilidade.⁸

No caso de Jones, todavia, seu desligamento ocorreu fundamentalmente por conflito com a organização e não com a fé. George R. Knight escreve: "Tendo estudado sua vida por muitos anos, achei quase impossível crer que o vigoroso Jones do início da década de 1890, pudesse ter naufragado na fé. Por outro lado, também parece quase impossível para ele — em conseqüência de seu orgulho, obstinadas opiniões e extremismo — ter feito qualquer coisa mais. A chave para o seu futuro jaz na mensagem que foi tão cara ao seu coração — deixar o poder do Espírito Santo transformar sua vida através da fé. Esse foi o ponto onde Jones falhou. Possuía uma correta teoria da verdade, mas fracassou em sua prática."

Ellen G. White acentua a diferença entre a mensagem e o mensageiro. Ela conhecia bem a ambos. A Sra. White havia aceito a mensagem como inspirada pelo Céu. Ela mesma não hesitou em pregá-la. Mas em resultado da oposição que Jones e Waggoner tiveram de enfrentar, ela temia que se desanimassem e por fim "sucumbissem às tentações do inimigo". De qualquer modo, ela advertia: "Se isso acontecesse, não provaria que eles não tinham qualquer mensagem de Deus, ou que a obra que fizeram fosse totalmente um erro." [Ênfase acrescida]

Esse testemunho é ainda mais digno de nota, em vista das circunstâncias que desafortunadamente justificaram mais tarde os temores de Ellen White com relação aos mensageiros. De fato, ela nunca duvidou da origem da mensagem básica pregada por Jones e Waggoner, embora, às vezes, ela os corrigisse em alguns pontos particulares.⁸ Tendo lido, na Austrália, os 24 estudos bíblicos apresentados por Jones na sessão da Conferência Geral em 1893, Ellen White escreveu: "Sabemos que o irmão Jones tem dado a mensagem para este tempo – alimento no tempo devido para o faminto rebanho de Deus. Aqueles que não permitem que o preconceito obstrua o coração contra a mensagem enviada pelo Céu, não podem senão sentir o espírito e a força da verdade."⁹

Jones também desfrutou a confiança dos líderes da igreja, de acordo com Arthur L. White: "Talvez a verdadeira atitude da igreja e seus líderes para com Jones e Waggoner, após a sessão da Conferência de 1888, seja melhor refletida nos convites estendidos a esses dois homens, para conduzirem estudos bíblicos nas sessões da Conferência Geral realizadas nos 10 anos seguintes. É bom lembrar que a Comissão da Conferência Geral foi responsável pelo planejamento das reuniões da Conferência Geral e pela escolha de seus oradores. A igreja tinha muitos oradores competentes. As escolhas feitas revelam os sentimentos de seus líderes." 10

Uma rápida olhadela na impressiva conta de estudos bíblicos apresentados por Waggoner e Jones nas várias sessões da Conferência Geral, de 1891 a 1909, será suficiente para estabelecer o nível de confiança de que gozavam: 17 para Waggoner em 1991; 24 para Jones em 1893; 26 para Jones em 1895; 19 para Waggoner e 11 para Jones em 1897; 3 para Waggoner e 7 para Jones em 1899. Esses homens nunca teriam sido solicitados a apresentar como o fizeram, os vários aspectos da terceira mensagem angélica, se seu discurso não houvesse estado em harmonia com as crenças da igreja.

Cristologia de Jones

Jones falou profusamente sobre a natureza humana de Cristo, primeiramente em numerosos artigos na *Review and Herald*, da qual foi editor-chefe;¹¹ mais tarde nos estudos bíblicos apresentados nas sessões da Conferência Geral havidas entre 1893 e 1895, sob o título "A Terceira Mensagem Angélica"¹² e finalmente num livreto intitulado *The Consacrated Way to Christian Perfection* (O Caminho Consagrado Para a Perfeição Cristã)¹³, publicado ao final de seu ministério, em 1905.

Dentro do escopo deste estudo, é impossível considerar todos os detalhes da mensagem exposta por Jones. Será suficiente aqui definir os pontos principais de sua Cristologia. Primeiramente, vamos deixar claro que Jones sempre apresentou Cristo como Deus. Para ele, "tão inteiramente a natureza de Cristo é a natureza de Deus, que ela é o próprio sinete da substância de

Deus." "Ele é Deus." ¹⁴ Jones declarou: "É essencial conhecer o primeiro capítulo aos Hebreus, de forma a entender o que é Sua natureza como **homem**, revelada no segundo capítulo de Hebreus." ¹⁵

Em suas apresentações no ano de 1893, Jones confirmou os ensinos de Waggoner sobre justificação pela fé. Ele afirmou que "Jesus participou da mesma carne e sangue que nós temos." ¹⁶ E, em seu décimo estudo ele explicou como Deus teceu em Cristo "as vestes da justiça", disponíveis àqueles que O aceitam.

Jones afirmou: "Essas vestes foram tecidas em um corpo humano. O corpo humano – a carne de Cristo – era o tear, não era? Essa roupa foi tecida em Jesus; na mesma carne que você e eu temos, pois Ele tomou parte na mesma carne e sangue que temos. Essa carne, que é sua e minha, foi a que Cristo portou neste mundo, a qual foi o tear no qual Deus teceu os trajes para você e eu vestirmos na carne, e Ele quer que os usemos agora."¹⁷

As mais completas e detalhadas apresentações foram as feitas por Jones na sessão da Conferência Geral de 1895. De 26 estudos, seis foram dedicados à doutrina da encarnação. No curso dessas exposições, Jones mencionou que a natureza de Cristo havia sido objeto de profundo estudo durante "três ou quatro anos", mas que Deus os estava conduzindo "mais além" no assunto. Jones cria que havia novos argumentos capazes de consolidar o ensino sobre a natureza humana de Cristo.

Evidências sugerem que, após sua chegada à Inglaterra em 1892, Waggoner enviou a Jones os escritos de um bispo anglicano, Edward Irving, bem conhecidos por sua Cristologia. Está bastante claro que Jones havia lido as obras de Irving e que elas tiveram influência sobre os argumentos e expressões usados nas apresentações de 1895.²⁰

A compreensão de Jones sobre a natureza humana de Jesus e suas aplicações práticas na vida cristã, podem sem sumariadas em quatro principais conceitos:

1. A Natureza Caída de Cristo

Jones não tinha a mínima dúvida de que Cristo tomou sobre Si a natureza humana decaída ou pecaminosa, "a semelhança da carne do pecado". Esse tipo de expressão ocorre não menos que 90 vezes em suas apresentações feitas no ano de 1895.²¹

Não satisfeito em afirmar a verdade dessa mensagem, Jones desejava explicar sua lógica. Para esse fim ele começou a enfatizar a origem comum da natureza humana de Cristo e de todos os seres humanos. Para demonstrar esse ponto, ele citava Hebreus 2:11: "Pois tanto o que santifica, como os que são santificados, vêm todos de um só..." Com base nesse verso, Jones concluiu que "em Sua natureza humana, Cristo proveio do homem de quem todos nós viemos... Um homem é a fonte e cabeça de toda a natureza humana. E a genealogia de Cristo, como um de nós, origina-se em Adão... Todos vêm de um homem segundo a carne; são todos de um. Assim, do lado humano, a natureza de Cristo é precisamente a nossa natureza."²²

"Que carne é essa, de fato?", interrogava Jones. "Que espécie de carne somente este mundo conhece? Tão-somente a carne que você e eu temos. O mundo não conhece qualquer outro tipo de carne humana, e não tem sabido de outra pela qual a necessidade da vinda de Cristo foi criada. Por esse motivo, como o mundo conhece apenas tal espécie de carne como a que temos, como é agora, é certamente verdade que quando 'o Verbo Se fez carne', foi a mesma carne que a nossa. Isso não pode ser de outro modo."²³

Fundamentando-se nos versos de Hebreus 2:14-18, Jones salientava o fato de Cristo ter participado da carne e do sangue, da mesma maneira que nós compartilhamos da carne e do sangue. "Ele não Se revestiu da natureza dos anjos, mas da natureza de Abraão. Mas a natureza de Abraão e a semente de Abraão são tão-somente natureza humana... 'Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a Seus irmãos.' Em quantas coisas? Todas as coisas. Então, em Sua natureza humana não há sequer uma partícula de diferença entre Ele e você."²⁴

Jones pergunta: "Percebe você que nossa salvação jaz exatamente aí? Não vê que é

justamente aí que Cristo Se aproxima de nós? Ele chegou até nós precisamente onde somos tentados, e foi feito como nós exatamente onde somos tentados; e esse é o ponto onde nós O encontramos – o Salvador vivo contra o poder da tentação."²⁵

2. O Pecado Condenado na Carne

Quando Jones considerava as tentações às quais Cristo esteve sujeito, aludia a Hebreus 4:15: "Porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado."

Obviamente, declarou Jones: "Ele não poderia ser tentado em todos os pontos como eu sou, se em todos os pontos não fosse como eu sou.... Cristo estava em Seu lugar, e Ele possuía a natureza de toda a raça humana. Nele se encontrava toda a fraqueza da humanidade, de forma que cada homem sobre a Terra que pode ser tentado, encontra em Jesus Cristo poder contra a tentação. Para cada alma há em Jesus vitória contra todas as tentações e socorro contra seu poder. Essa é a verdade."²⁶

Em seu décimo quarto estudo, Jones repetiu o que cada homem herdou de Adão. "Assim, todas as tendências para o pecado encontradas na raça humana vieram de Adão. Mas Jesus Cristo sofreu todas essas tentações. Ele foi tentado em todos os pontos na carne que Ele recebeu de Davi, Abraão e Adão... Assim, na carne de Jesus Cristo – não em Si mesmo, mas em Sua carne – nossa carne que Ele tomou em a natureza humana – ocorreram justamente as mesmas tentações ao pecado que existem em você e em mim... E assim, existindo em semelhança da carne pecaminosa, Ele condenou o pecado na carne."²⁷

Por conseguinte, Jones diz: "Todas as tendências para pecar que existem na carne humana estavam em Sua carne, e a nenhuma foi jamais permitido que se manifestasse; Ele venceu a todas elas. E nEle todos temos a vitória sobre elas." ²⁸

Para tornar mais clara sua explanação, Jones admite "uma diferença entre a tendência para pecar e o aberto aparecimento desse pecado nas ações."²⁹ Ao submeter-Se à grande lei da hereditariedade, Cristo aceitou ser tentado em todos os pontos como nós somos, mas sem ceder ao poder da tentação que Ele portava em Sua carne. Então Jones declara: "Ele é um Salvador completo. Ele é um Salvador dos pecados cometidos e um Conquistador das tendências para cometimento de pecados. Nele temos a vitória."³⁰

Jones afirmava não haver mistério em Deus ser manifesto numa carne que não estivesse sujeita ao poder do pecado. "Mas a maravilha está no que Deus pode fazer através da e na carne pecaminosa. Esse é o mistério de Deus — Deus manifesto em carne pecaminosa. Em Jesus Cristo, que estava em carne pecaminosa, Deus demonstrou perante o Universo que Ele pode assim tomar posse da carne pecaminosa para revelar Sua própria presença, poder e glória, em vez de o pecado nela se manifestar."³¹

3. Natureza de Adão: Antes ou Depois da Queda?

Para Jones, essa questão nunca deveria ter sido levantada. "O segundo Adão veio, não como o primeiro Adão era, mas com o que o primeiro Adão havia produzido em seus descendentes no tempo de Sua vinda. O segundo Adão veio no ponto que a degeneração da raça havia atingido desde o primeiro Adão." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás, e assumiu a natureza humana justamente no ponto ao qual Satanás a havia levado." Jesus veio aqui, no território de Satanás a havia levado.

É claro que alguns delegados não compreenderam como foi possível para Jesus ter "carne pecaminosa" e não ter sido um pecador. Conseqüentemente, houve questionamentos aos quais Jones se viu compelido a responder. De pronto ele foi forçado a recorrer à doutrina da imaculada conceição. "A falsa idéia de que Ele é tão santo que Lhe seria inteiramente impróprio achegar-Se a nós e ser possuído da mesma natureza que temos – pecaminosa, depravada, decaída natureza humana – tem sua origem na encarnação daquela inimizade contra Deus, e que separa o homem e Deus – o papado."³⁴

De acordo com essa doutrina, "Maria, portanto, deve ter nascido imaculada, perfeita, impecável, e mais elevada que o querubim e o serafim; então Cristo deve ter nascido assim, para tomar dela Sua natureza humana em absoluta impecabilidade. Mas isso O coloca muito mais

distante de nós do que um querubim e um serafim estão, e em natureza pecaminosa... Quero que alguém me ajude, alguém que conheça alguma coisa sobre natureza pecaminosa, pois essa é a natureza que eu tenho e é a tal que o Senhor assumiu. Ele Se tornou um de nós."35

Alguns delegados acharam que Jones estava indo muito longe ao afirmar que "Cristo possuía as mesmas paixões que nós." Eles o confrontaram com uma declaração de Ellen White de que "Cristo é um irmão em nossas fraquezas, mas não em possuir as mesmas paixões". Jones respondeu enfatizando a diferença entre a carne de Jesus e Sua mente: "Ele foi feito em semelhança de carne pecaminosa; não à semelhança da mente pecaminosa. Não coloquem Sua mente nisso. Sua carne era a nossa carne, mas a mente era 'a mente de Cristo Jesus'. Por conseguinte, está escrito: 'Haja em vós o mesmo sentimento [mente] que também houve em Cristo Jesus.'"³⁶

No princípio, no Jardim do Éden, Jones explicava, Adão e Eva tinham a mente de Cristo Jesus. Ao permitirem ser seduzidos, tornaram-se "escravos" de Satanás, e assim nós depois deles. Jesus veio, portanto, para ferir a batalha no próprio terreno de Adão, onde ele foi derrotado. E por Sua vitória "em Jesus Cristo, a mente de Deus é concedida uma vez mais aos filhos dos homens; e Satanás é vencido." "Jesus Cristo veio na mesma carne que a nossa, mas com a mente que mantinha sua integridade contra cada tentação, contra cada indução ao pecado – uma mente que jamais consentia em pecar. Não, nunca, nem na mínima concebível sombra de um pensamento." "38

Para fundamentar seu argumento, Jones citou uma declaração extraída de um artigo no qual Ellen White destaca as duas naturezas de Jesus, a humana e a divina, com base em Filipenses 2:6 e 7 e Hebreus 1:2. ³⁹ Então Jones fez menção de um trecho do manuscrito de *O Desejado de Todas as Nações*, ainda não impresso na ocasião e com título provisório de *A Vida de Cristo*: "Para completar a grande obra da redenção, o Redentor precisa tomar o lugar do homem decaído... A fim de elevar o homem degenerado, Cristo devia alcançar o homem onde esse se achava. Ele assumiu a natureza humana, suportando as fraquezas e a degeneração da raça. Ele Se humilhou até as mais baixas profundidades da miséria humana, para poder simpatizar com o homem e resgatá-lo da degradação na qual o pecado o havia imergido... Cristo assumiu a humanidade com todos os seus riscos. Tomou-a com a possibilidade de ceder à tentação, e apoiou-Se sobre o poder divino para sustentá-Lo."⁴⁰

Jones concluiu: "Você vê que estamos sobre terreno firme em todo o caminho, assim que quando é dito que Ele [Cristo] tomou nossa carne, mas não era participante de nossas paixões, isso está totalmente exato, totalmente correto; porque Sua mente divina nunca consentiu com o pecado. E essa mente **nos** é concedida através do Espírito Santo, o qual nos é dado livremente."⁴¹

Alguns acham que Jones tinha, com efeito, admitido que Cristo não tinha paixões como as nossas. Não aceitou isso totalmente. Ele fez o seu melhor para esclarecer a diferença entre tendências hereditárias para pecar, que são comuns a todos nós, e hábitos de culpa que cultivamos por ceder à tentação. De mais a mais, "a carne de Jesus Cristo era nossa carne, e nela havia tudo o que há em nossa carne – todas as tendências ao pecado que há em nossa carne estavam em Sua carne, atraindo-O para que cedesse ao pecado." Do mesmo modo, Jesus portou em Sua própria carne nossas paixões por hereditariedade, potencialmente, mas não em atos. Eis por que Jones era capaz de dizer sem se contradizer: "Que isso não signifique que Cristo participou de nossas paixões." Ele possuía nossas paixões, mas nunca participou delas. Todo o problema da natureza humana de Cristo jaz na compreensão dessa diferença. 44

A Vitória é Possível Através de Jesus Cristo

Realmente, a vitória de Jesus sobre o pecado na carne provia para Jones a prova de que cada discípulo de Cristo pode também vencer o pecado na carne. Em última análise, foi para esse real propósito que Deus enviou Jesus Cristo: para condenar o pecado na carne "para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rom. 8:4).

"Em Jesus Cristo, enquanto Ele estava na carne pecaminosa, Deus demonstrou perante o Universo que pode tomar posse da carne pecaminosa, para manifestar Sua própria presença, poder e glória, em vez de dar lugar à expressão do pecado. E tudo o que o Filho pede de qualquer homem para poder realizar essa experiência nele, é que permita que o Senhor o possua como ocorreu com o Senhor Jesus."45

Em 1893, Jones tirou esta lição prática da vitória de Cristo sobre o pecado: da mesma maneira que Deus vestiu os trajes de justiça na carne de Cristo, assim "Ele deseja que nós os vistamos agora, como também quando a carne se tornar imortal no fim... Cristo precisa estar em nós, assim como Deus estava nEle; Seu caráter precisa estar em nós, assim como o de Deus estava nEle. E Seu caráter tem de nos revestir e transformar através desses sofrimentos, tentações e tribulações que enfrentamos. Deus é o tecelão, mas não sem nós. É a cooperação do divino e do humano – o mistério de Deus em você e em mim – o mesmo mistério que havia no evangelho e que há na terceira mensagem angélica." 46

A mesma conclusão prática é extraída do final de seu décimo sétimo estudo, em 1895: "De acordo com Sua promessa, somos participantes da natureza divina."⁴⁷ E na medida em que somos dependentes de Deus todo o tempo, "o divino Espírito que estava nEle [Jesus], e que nos foi concedido, restringirá nosso eu natural, nosso eu pecaminoso... Esta é a nossa vitória", e a maneira pela qual Deus destrói a inimizade em nosso favor.⁴⁸

Os escritos e pregações de A. T. Jones esclareceram uma das maiores verdades da mensagem de 1888: que os cristãos podem viver vidas vitoriosas "através de Cristo Jesus, a lei do Espírito de vida" (Rom. 8:2). É verdade, conforme Jones, que alguns se equivocam sobre o significado dessa liberdade, guinando algumas vezes para um lamentável perfeccionismo, como se a vitória sobre o pecado pudesse ser absolutamente obtida, e o poder do pecado erradicado da carne.

Jones fez alusão a isso em 1899, num artigo relativo ao movimento da "carne santa", condenado na sessão da Conferência Geral de 1901 (falaremos disso posteriormente). Seu artigo intitulado "Carne Pecaminosa" colocou em perspectiva algumas de suas declarações sobre a perfeição cristã.

"Há um sério e mui preocupante erro mantido por muitas pessoas. Esse erro consiste em pensar que quando se convertem, sua velha natureza pecaminosa é eliminada. Em outras palavras, cometem o erro de pensar que estão livres da carne, por ela ter sido retirada completamente delas. Então, quando descobrem que a coisa não é assim; quando verificam que ainda estão com a mesma velha carne com suas inclinações, bloqueios e seduções, vêem que não estão preparados para isso e se desanimam; ficam pensando que nunca se converteram, afinal." 49

Jones continua explicando que "a conversão ... não reveste de nova carne o velho espírito, mas um novo espírito é posto na velha carne. Ela não se propõe a cobrir a velha mente com a nova carne, mas uma nova mente posta na velha carne. Livramento e vitória não são obtidos por que a natureza humana foi retirada, mas pelo recebimento da divina natureza para subjugar a humana e ter domínio sobre ela... A Escritura não diz: 'Transformem-se pela renovação da carne de vocês', mas diz: "Transformem-se pela renovação de sua mente" (Rom. 12:2). Seremos transladados pela renovação de nossa carne; mas devemos ser transformados pela renovação de nossas mentes."⁵⁰

Finalmente, em 1905, a Pacific Press publicou *O Caminho Consagrado Para a Perfeição Cristã*. Baseado na epístola aos Hebreus, o livro recorda os ensinos mais importantes de Jones sobre a natureza humana de Cristo e a perfeição de caráter que cada cristão pode conseguir, graças ao ministério de Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote no santuário celestial, "um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado"; "[Ele] pode socorrer aos que são tentados" (Hebreus 4:15; 2:18).

Conclusão

Como George R. Knight escreveu: "A. T. Jones foi uma das mais influentes vozes no adventistmo." A despeito do fim que possa ter tido, sua mensagem nada perdeu de seu valor. Sua Cristologia, em particular, harmoniza-se perfeitamente com a de Ellen White e Waggoner.

Mesmo que algumas de suas expressões possam aparecer em termos um tanto absolutos, quando consideradas na totalidade de seus ensinos, Jones nada disse a mais daquilo que Ellen White havia ensinado previamente sobre o tema.

Ao final das apresentações de Jones, em 1895, Ellen White escreveu à igreja de Battle Creek, em carta datada de 1 de maio de 1895: "O Senhor, em Sua grande misericórdia, enviou uma preciosíssima mensagem a Seu povo através dos Prs. Waggoner e Jones... Conseqüentemente, Deus concedeu a Seus servos um testemunho que apresentou a verdade tal qual ela é em Jesus, que é a mensagem do terceiro anjo, em linhas claras e distintas."⁵²

A mensagem de Jones, considerada como um todo, foi naquele tempo a melhor explanação do que veio a ser conhecida como "a terceira mensagem angélica"⁵³, que lhe rendeu um privilegiado status entre os líderes da igreja durante a década de 1890. Se não houvesse sido esse o caso, eles jamais teriam convidado Jones a falar com tanta freqüência. Essa mensagem não foi outra senão a da justificação pela fé, onde a natureza divino-humana de Jesus Cristo provê o meio de reconciliação com Deus.⁵⁴

Não é sem razão que Ellen White chama tão vigorosamente a atenção para as mensagens de Jones e Waggoner. É importante termos em mente sua advertência: "É bem possível que os Pastores Jones ou Waggoner possam ser vencidos pelas tentações do inimigo; mas se eles o forem, isso não provaria que não tivessem uma mensagem vinda de Deus, ou que a obra que realizaram foi totalmente um erro. Mas, houvesse isso de acontecer, quantos tomariam essa posição e cairiam sob fatal engano porque não estão sob o controle do Espírito Santo." [Ênfase acrescida]

Os temores de Ellen White, ai! se confirmaram. Porque falharam os mensageiros, muitos hoje em dia consideram que sua mensagem não fora de Deus, e buscam substituí-la por uma nova mensagem, a qual Ellen White descreveu como engano fatal, porque não baseada nas revelações do Espírito de Deus. Para enfatizar, além disso, a certeza dessa predição, Ellen White a repete: "Eu sei que essa é a posição real que muitos tomariam se esses homens viessem a cair." Por incrível que pareça, como veremos, foi isso exatamente o que aconteceu.

Notas e referências

- The Seventh –day Adventist Encyclopedia, pág. 707. Ver também George R. Knight, From 1888 to Apostasy, the Case of A. T. Jones (De 1888 Para a Apostasia – O Caso de A. T. Jones). (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1987).
- 2. Signs of the Times, Review and Herald e American Sentinel.
- 3. The Third's Angel Message (A Mensagem do Terceiro Anjo), sermões proferidos na sessão da Conferência Geral, 1895, por A. T. Jones, publicados por John O. Ford (Angwin, Calif.: Pacific Union College Press, 1977); The Consecrated Way to Christian Perfection (Mountain View, Calif.: Pacific Press Assn., 1905); Lessons on Faith (Lições Sobre Fé), uma seleção de artigos e sermões publicada por John O. Ford (Angwin, Calif.: Pacific Union College Press, s.d.).
- 4. Knight, pág. 255.
- 5. LeRoy Edwin Froom, em *Movement of Destiny*, ignora quase que inteiramente o papel e a mensagem de A. T. Jones
- 6. Knight, pág. 256.
- 7. Ellen G. White, carta 24, de 1892. Citada em A. V. Olson, *Through Crisis to Victory*, págs. 315, 316.
- 8. Para exemplo, ver Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 377-379.
- 9. Manuscrito 1180 de Ellen G. White. Ver Robert J. Wieland, *Ellen G. White Endorsements of the 1888 Message, as Brought by Jones and Waggoner* (Avais de Ellen G. White à Mensagem de 1888, Como Apresentada Por Jones e Waggoner) (St. Maries, Idaho, LMN Publishing, s.d.).
- 10. Arthur L. White, *Ellen White: The Lonely Years* (Ellen White: Os Anos Solitários) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1984), págs. 412, 413.
- 11. Alonzo T. Jones, em *Review and Herald*, 18 de fevereiro de 1896; 16 de novembro de 1897; 11 e 18 de abril de 1899; 4, 11, 18 e 25 de dezembro de 1900; 1 e 22 de janeiro de 1901.
- 12. Ver Boletim da Conferência Geral, 1893, pág. 207.
- 13. Alonzo T. Jones,); *The Consecrated Way to Christian Perfection* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Assn., 1905), reeditado por Upward Way, Dodge Center, Minnesota, 1988.
- 14. *Idem*, pág. 16.

- 15. Ibidem.
- 16. Boletim da Conferência Geral, 1893, pág. 207.
- 17. Ibidem.
- 18. Ver Boletim da Conferência Geral, 1895. Os últimos 16 estudos foram publicados por John O. Ford, *The Third Angel's Message, Sermons Given at the General Conference of 1895*, por A. T. Jones (Angwin, Calif.: Pacific Union College Press, 1977).
- 19. Boletim da Conferência Geral, 1895, pág. 330.
- 20. Ver William H. Grotheer, *An Interpretative History of the Doctrine of Incarnation as Taught SDA Church* (typescript) (Uma História Interpretativa da Doutrina da Encarnação, Como Ensinada Pela Igreja Adventista do Sétimo Dia), págs. 30 e 32.
- 21. Ver Ralph Larson, The Word Was Made Flesh (O Verbo Se Fez Carne), pág. 67.
- 22. Boletim da Conferência Geral, 1895, pág. 231.
- 23. *Idem*, pág. 232. "Nesse argumento, Jones fazia eco das palavras de Edward Irving, que havia declarado: 'Que Cristo tomou nossa natureza decaída é mais evidente porque não havia nenhuma outra em existência para tomar' (Obras 5:15)." (Grotheer, pág. 30).
- 24. Idem, pág. 233.
- 25. Ibidem.
- 26. Idem, págs. 233, 234.
- 27. Idem, págs. 266, 267.
- 28. Idem, pág. 267. Ver também Jones, The Consecrated Way to Christian Perfection, págs. 40 e 41.
- 29. Ibidem.
- 30. Ibidem.
- 31. Idem, pág. 303.
- 32. Idem, pág. 435.
- 33. Idem, pág. 448.
- 34. Idem, pág. 311.
- 35. Ibidem.
- 36. Idem, pág. 327.
- 37. Ibidem.
- 38. Idem, pág. 328.
- 39. E. G. White, em Review and Herald, 5 de julho de 1887.
- 40. A. T. Jones, em Boletim da Conferência Geral, 1895, págs. 332, 333.
- 41. Idem, pág. 333.
- 42. Ver Knight, pág. 139.
- 43. A. T. Jones, em Boletim da Conferência Geral, 1895, pág. 328.
- 44. Ellen G. White confirma o ponto de vista de Jones. Por um lado, ela disse que Cristo não possuía "as mesmas paixões... de nossa humana e decaída natureza." *Testimonies for the Church*, vol. 2, págs. 202, 508); por outro, dizia que: "Ele tinha todo o poder da paixão da humanidade". (Nos Lugares Celestiais, pág. 155).
- 45. A. T. Jones, em Boletim da Conferência Geral, 1895, pág. 303.
- 46. Idem, 1893, pág. 207.
- 47. Idem, 1895, pág. 329.
- 48. Idem, pág. 331.
- 49. ______, em *Review and Herald*, 18 de abril de 1899. Citado em A. T. Jones e E. J. Waggoner, *Lessons on Faith* (Angwin, Calif.: Pacific Union College Press, 1977), págs. 90-92).
- 50. Ibidem.
- 51. Knight, na sobrecapa de From 1888 to Apostasy.
- 52. Ellen G. White, carta 57, 1895. Citado em A. L. White, pág. 414.
- 53. Esse nome é uma referência à mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14, a qual contém essencialmente a mensagem da justificação pela fé. Mas essa expressão tão amiudadamente citada, também se refere às mensagens combinadas dos três anjos de Apocalipse 14.
- 54. Ellen G. White define melhor a natureza divino-humana de Cristo nestas palavras: "A inteireza de Sua humanidade, a perfeição de Sua divindade, criam para nós um firme terreno através do qual podemos ser levados à reconciliação com Deus." (Carta 35, 1894).
- 55. Ellen G. White, carta 24, 1892. Citado em A. L. White, págs. 474, 475.
- 56. *Idem*, em A. L. White, pág. 475.

Capítulo 6

WILLIAM WARREN PRESCOTT (1855-1944)

É importante que se mencione William W. Prescott como alguém que contribuiu para o triunfo da mensagem da justificação pela fé após Mineápolis. Durante a década de 1890, ele esteve intimamente ligado a Waggoner, Jones e Ellen White. Como eles, Prescott fez da natureza divinohumana de Cristo a base de sua Cristologia.

William W. Prescott nasceu na Nova Inglaterra, no ano de 1855, filho de pais piedosos e fervorosos seguidores do movimento milerita. William viveu sua juventude no Estado do Maine. Graduou-se no Dartmouth College em 1877, exercendo então o magistério como professor de grego e latim. De 1877 a 1880, foi diretor da escola secundária de Northfield, e depois em Montpelier, no Estado de Vermont. Por certo período dedicou-se ao jornalismo, antes de fundar seu próprio jornal, *The State Republican* (O Estado Republicano), de Montpelier.

O ano de 1885 marcou o ponto decisivo em sua vida. Primeiramente, ele se uniu ao movimento adventista, aceitando então o comando do Colégio de Battle Creek, posto que conservou até 1894. Enquanto lá, sua competência foi requerida para ajudar no estabelecimento do *Union College*, no Nebraska, e no Walla Walla College, no Estado de Washington. Prescott também tomou a iniciativa de ajudar a organizar o primeiro instituto educacional de treinamento em ensino pessoal para a igreja.

Por causa de sua reputação como educador e professor de Bíblia, os líderes da Conferência Geral pediram-lhe que viajasse para a África do Sul, Austrália e Europa, com o propósito de estimular o desenvolvimento da obra educacional, de ensinar nos vários institutos bíblicos especializados na formação de pastores, e para tomar parte nas reuniões campais. Durante sua estada na Austrália, ele assistiu à criação do Avondale College. Na Inglaterra, lançou os fundamentos da obra educacional.

Durante a sessão de 1901, Prescott foi eleito vice-presidente da Conferência Geral e presidente da comissão diretiva da Casa Publicadora; também se tornou editor-chefe da *Review and Herald*. Quando deixou esses cargos, em 1909, foi eleito editor da Revista Protestante. Isso lhe propiciou a oportunidade de se dedicar durante sete anos a profunda pesquisa. Essa revista mensal tinha o objetivo de "protestar contra erros eclesiásticos e promover a verdade evangélica."²

Um Ardoroso Partidário da Mensagem de 1888

Prescott prontamente aceitou a mensagem da justificação pela fé, como pregada por Waggoner em 1888. Um relatório datado de 1930, relembrando os nomes daqueles que tomaram posição a favor da mensagem anunciada em Mineápolis, dá a Prescott lugar proeminente.³ Todavia, esse relatório também revelou que ele ficou tão chocado com o estado espiritual prevalecente em certas discussões, que deixou a sessão pouco antes de seu encerramento.⁴

Apesar de tudo, assumiu publicamente uma postura de apoio ao lado de Waggoner e Jones nas sessões da Conferência Geral de 1893 e 1895. Há muitas declarações no *Boletim da Conferência Geral* afirmando suas convicções sobre a questão da natureza humana de Cristo. Eis uma das enfáticas sobre o tema:

"Apesar de Jesus Cristo ter tomado sobre Si carne pecaminosa – carne na qual pecamos – Ele a assumiu. Esvaziando-se de Si mesmo e recebendo a plenitude do próprio Deus, o Senhor pôde mantê-Lo livre de pecar nessa carne pecaminosa." ⁵

Não obstante, mais completa e detalhada consideração de Prescott é encontrada em seu estudo sobre João 1:14, apresentado durante sua visita à Austrália (1894-1895). Ele foi um destacado orador em vários encontros campais organizados especialmente para sua visita. Ellen White, que estava vivendo naquele país desde o final de 1891, participou igualmente dessas assembléias. Por isso mesmo ouviu Prescott pregar e não ocultou sua apreciação a respeito.

O teor completo de seu estudo foi publicado na revista australiana *The Bible Echo* (O Eco Bíblico).⁶ Em sua análise, Prescott declara enfaticamente que Cristo revestiu-Se de carne

pecaminosa. Vinte e cinco vezes ele afirma que Jesus veio a este mundo com a decaída natureza humana, e por duas vezes especifica que nosso Senhor não chegou à Terra com a natureza de Adão antes da queda. É válido, então, sumariar aqui as quatro principais idéias que estão claramente registradas nesse importante estudo bíblico intitulado: "E o Verbo Se Fez Carne."

1. A Encarnação – Uma Verdade Fundamental

Prescott inicia o estudo ressaltando sua preferência pela American Revised Version (Versão Americana Revisada), a tradução mais fiel ao texto original: "E o Verbo Se fez carne", preferivelmente a "A Palavra foi feita carne". Ele escreve: "Através dEle todas as coisas vieram a existir. Agora, Ele próprio veio a existir. Aquele que possuíra toda a glória com Seu Pai, agora põe-na de lado e Se torna carne. Abre mão de Seu modo divino de vida, assume o modo humano de existência, e Deus Se manifesta em carne. Essa verdade é o fundamento de toda a verdade."

2. Humanizado em "Carne Pecaminosa"

Para provar esse ponto, Prescott faz referência a Hebreus 2:14: "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também Ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo." Dessa passagem Prescott deduziu que "Jesus Cristo tinha exatamente a mesma carne que nós – carne de pecado, carne através da qual pecamos, mas na qual Ele não pecou e em que levou nossos pecados." Então, desafiava seu auditório: "Não coloquem esse ponto de lado. Não importa como você o viu no passado, veja-o agora como ele está na Palavra; e quanto mais você o vê desse modo, mais razão terá para agradecer a Deus porque isso é assim."

Passando para o caso de Adão, Prescott assevera que pelo seu pecado ele perdeu a imagem de Deus, e assim também seus descendentes. Eis porque "Jesus Cristo veio, da carne e em carne, nascido de mulher e debaixo da lei; nascido do Espírito, mas na carne. E que carne poderia Ele tomar senão a daquela ocasião? Não apenas isso, mas foi a própria carne que Ele tencionou assumir; porque, como você pode ver, o problema era ajudar o homem a sair da dificuldade em que se havia metido... A obra de Cristo tem de ser, não destruí-lo, não criar uma nova raça, mas recriar o homem, restaurá-lo à imagem de Deus."

A fim de executar a obra de salvação, "Jesus Cristo veio para essa finalidade, e para realizá-la, Ele veio, não para onde o homem estava antes da queda, mas após ela... Quando Cristo veio para ajudar o homem a sair do fosso, Ele não foi até a beirada do Céu para examinar a situação e dizer: Suba até aqui e Eu o ajudarei a retornar... Jesus Cristo desceu onde ele estava e o encontrou ali. Ele Se revestiu de sua carne e Se tornou um irmão para ele."

3. A Carne de Adão Após a Queda

Em seu artigo, Prescott repete incansavelmente o ponto que considera fundamental: "Ele veio e tomou a carne pecaminosa que essa família havia produzido para si mesma pelo pecado, e operou sua salvação condenando o pecado na carne... Para redimir o homem desde o ponto em que ele havia caído, Jesus veio e revestiu-Se da carne então possuída pela humanidade."

Da mesma maneira, quando Prescott considera a tentação à qual Cristo e Adão estiveram sujeitos, especifica que "foi na carne pecaminosa que Ele foi tentado, e não na carne através da qual Adão caiu." É verdade, acentua Prescott, que Jesus "possuía a santidade que O capacitava a vir e habitar em carne pecaminosa e glorificá-la por Sua presença nela; e foi isso o que Ele fez, assim que quando ressurgiu dos mortos, foi glorificado. Seu objetivo era, após purificar a carne pecaminosa por Sua presença nela, poder santificar e glorificar a carne pecaminosa em nós."

4. Cristo em Nós, a Esperança da Glória

Após a exposição teológica, Prescott extraiu as aplicações práticas: "Vamos penetrar na experiência de Deus nos haver dado Jesus Cristo para habitar em nossa carne pecaminosa, para nela atuar como fez quando aqui esteve. Ele veio e aqui viveu para que pudéssemos, através dEle, refletir a imagem de Deus."

Prescott prosseguiu, exclamando: "Esse é o próprio âmago do cristianismo." Em apoio, ele cita o apóstolo João: "... Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus." (I João 4:2 e 3).

"Agora, isso não pode significar o simples reconhecimento de que Jesus Cristo aqui esteve e viveu na carne. Os demônios também o reconhecem. Eles sabem que Cristo veio em carne. A fé que vem pelo Espírito de Deus afirma: 'Jesus Cristo veio em **minha** carne; e eu O aceitei.' Esse é o coração é a vida do cristianismo."

"A dificuldade do cristianismo moderno é que Cristo não habita nos corações dos que professam Seu nome. Ele lhes é como um intruso, alguém visto de longe como um exemplo. Mas Ele é mais do que um modelo para nós. Cristo nos fez saber qual é o ideal de Deus para a humanidade, e então veio e viveu esse ideal diante de nós, para que pudéssemos ver o que é ser conforme a imagem de Deus. Depois morreu e ascendeu ao Pai, enviando-nos Seu espírito, Seu próprio Representante, para viver em nós, a fim de que a vida que Ele viveu na carne possamos vivê-la mais uma vez. Isso é cristianismo."

"Não é suficiente falar de Cristo e da formosura de Seu caráter. Cristianismo sem Cristo habitando no coração não é genuíno. É tão-somente legítimo cristão aquele que tem Cristo habitando em seu coração; podemos unicamente viver a vida de Cristo tendo-O habitando em nós... Não esteja satisfeito com qualquer outra coisa... 'Cristo em vós, a esperança da glória'. Seu poder, Sua presença, isso é cristianismo."

Assim Prescott realçava consistentemente a diferença entre o cristianismo tradicional, que está satisfeito com um Cristo que não partilha da carne e do sangue da humanidade e que, conseqüentemente, não poderia torná-los 'participantes da natureza divina' (II Ped. 1:4); e o cristianismo evangélico que afirma, em oposição, que Cristo veio 'em carne pecaminosa' (Rom. 8:3), que foi 'tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado' (Heb. 4:15), e que 'é poderoso para fazer muitíssimo mais que tudo quanto pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera" (Efés. 3:20).

Prescott conclui, desejando que a vida de Jesus Cristo, "o Verbo" que "Se tornou carne", possa ser refletida em nós cada dia.

Ellen White Aprova a Cristologia de Prescott

No início de 1895, Jones apresentou na sessão da Conferência Geral o que ele cognominou "a terceira mensagem angélica". Ele a equiparou à mensagem da "justificação pela fé", baseada na plena humanidade de Cristo e em Sua perfeita divindade como pré-requisito de nossa reconciliação com Deus.

Em virtude de ser essa também a convicção da comunidade adventista americana, os líderes da organização enviaram Prescott para pregar tal mensagem nas igrejas além-mar, na África do Sul, na Austrália e na Europa. Graças à revista australiana, que publicou seu estudo denominado "O Verbo Se Fez Carne", e aos numerosos testemunhos de Ellen White, sabemos precisamente o que Prescott ensinou com respeito à natureza humana de Cristo, e a que ponto sua apresentação foi apreciada e considerada como expressão da fé adventista.

Na reunião campal de Armadale, próxima a Melbourne, Austrália, Prescott transmitiu seu estudo sobre João 1:14. Ellen White estava presente. Ela havia falado perante a mesma assembléia na noite de domingo, dia 31 de outubro de 1895. Assim, a Sra. White sabia exatamente do que estava falando quando expressava, através de cartas, sua entusiástica apreciação pela mensagem apresentada por Prescott.

Eis o que descobrimos num dos manuscritos de Ellen White, redigidos na manhã da apresentação de Prescott. "Tenho ouvido os sermões do Prof. Prescott. Eles são um poderoso apelo ao povo... [Suas] palavras são ditas em demonstração do Espírito e com poder. Sua face toda brilha com a luz celestial. A presença do Senhor se faz sentir em todos os nossos encontros diários."

Ainda em outro manuscrito, lemos mais especificamente como ela recebeu o conteúdo da mensagem de Prescott: "O Senhor visitou Prescott de maneira particular e lhe deu uma mensagem

especial para o povo... A verdade flui dele em ricas torrentes; o povo diz que a Bíblia é agora uma nova revelação para eles."⁸

Numa carta escrita nesse tempo, Ellen White diz: "O Senhor enviou Prescott; ele não é um vaso sem conteúdo, mas cheio do tesouro celestial. Ele apresenta verdades com clareza e estilo simples, repletas de nutrição." Outra carta: "W. W. Prescott tem sido portador de candentes verdades, tais como ouvi em 1844. A inspiração do Espírito Santo está sobre ele. Prescott nunca teve tamanho poder ao pregar a verdade." 10

Outras cartas poderiam ser citadas, nas quais Ellen White repete elogios não somente ao próprio Prescott, mas também ao teor de sua mensagem apresentada "sob inspiração do Espírito Santo".¹¹

Não se limitando simplesmente a mencioná-lo em sua correspondência particular, a Sra. White insistiu em tornar conhecida a toda a igreja sua apreciação, num artigo enviado à *Review and Herald*, publicado em 7 de janeiro de 1896. O seguinte excerto faz referência específica ao estudo de Prescott sobre o tema, "O Verbo Se Fez Carne".

"Certa noite (31 de outubro), o Prof. Prescott deu a mais valiosa lição, preciosa como o ouro. A tenda estava lotada e muitos permaneciam do lado de fora. Todos pareciam fascinados com o sermão, onde ele apresentava a verdade em linhas tão novas para aqueles que não são de nossa fé. A verdade era separada do erro e feita, pelo divino Espírito, brilhar como jóias preciosas... O Senhor está operando com poder através de Seus servos que estão proclamando a verdade, e Ele concedeu ao irmão Prescott uma mensagem especial para o povo. O poder e o espírito da verdade veio de lábios humanos em demonstração do Espírito e poder de Deus. O Senhor visitou o irmão Prescott de maneira extraordinária. Temos certeza de que o Senhor o tem dotado com Seu Santo Espírito, e a verdade flui dele em ricas torrentes." 12

Esses testemunhos de Ellen White são de grande significado por sua relação com a história da Cristologia na igreja adventista. Eles confirmam a interpretação de Prescott acerca da natureza humana de Jesus. Também estabelecem o contexto no qual a carta dirigida ao Pr. W. L. H. Baker, 13 escrita no mesmo período, deve ser interpretada. Alguns teólogos adventistas apóiam-se nessa carta para justificar sua "nova" interpretação, como veremos posteriormente neste estudo. 14 Devemos, entretanto, lembrar o que Ellen White escreveu sobre o assunto durante tal período. Está fora de questão se ela aprovaria a interpretação de Prescott com tal fervor, se fosse a favor de uma interpretação radicalmente oposta.

Prescott Confirma Sua Cristologia

Durante o ano de 1896, Prescott confirmou suas convições sobre a natureza humana de Jesus, numa série de artigos publicados na Review and Herald.¹⁵ Ele as apresentou de modo natural, como um porta-voz das crenças da igreja, e com base nos ensinos bíblicos.

Disse: "A Escritura não nos deixa na incerteza sobre que espécie de carne e sangue eram esses... quando Deus enviou Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa... A carne que Jesus Cristo assumiu quando veio foi a única que alguém poderia tomar ao ser nascido de mulher, a qual era a carne do pecado." ¹⁶

Para evitar qualquer dúvida sobre o significado da expressão de Paulo "em semelhança de carne pecaminosa", Prescott acrescentou uma declaração exata: "Ele [Jesus Cristo] não assumiu a semelhança do homem como Adão antes da queda, mas veio justamente no plano em que o homem se achava caído... e tomou sobre Si mesmo a carne do pecado." 17

Como os que antes dele haviam abordado o problema da natureza humana de Cristo, Prescott fez uso de Romanos 1:3 para afirmar que "as Escrituras dão ênfase à maneira de Seu nascimento... nascido da semente de Davi." 18

Eleito vice-presidente da Conferência Geral em 1901, e ao mesmo tempo editor-chefe da *Review and Herald* (1901-1909), Prescott aproveitou a oportunidade para repetir o ensino da igreja sobre a natureza humana de Jesus. Ele dedicou três editoriais em particular a esse tópico. Os títulos por si já revelavam o conteúdo:

"Como Seus Irmãos", "Cristo e Seus Irmãos" e "Na Carne do Pecado".

O terceiro artigo foi dedicado a responder a questões apresentadas pelos leitores. De modo natural, um deles fez o seguinte comentário sobre Romanos 8:3: "Noto que esse texto não diz que Deus enviou Seu próprio Filho 'em carne pecaminosa', mas 'em semelhança de carne pecaminosa'. Parece-me uma declaração muito diferente."²⁰ Em sua réplica, Prescott destacou quatro verdades fundamentais:

1. Jesus Participou do Sangue e da Carne Humanos.

Primeiramente, Prescott se refere a Hebreus 2:14-17, que declara que Jesus "participou da carne e do sangue" dos filhos dos seres humanos. "A natural e legítima conclusão dessa declaração seria que a carne e o sangue de Jesus foram os mesmos que os filhos têm. Isso é salientado mais adiante na mesma conexão: 'Pois, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão.' Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos.'"

Então, sua primeira conclusão: "A missão de Jesus não foi resgatar anjos caídos, mas salvar homens decaídos. Ele, portanto, identificou-Se com o homem e não com anjos; e tornou-Se 'em todas as coisas' semelhante àqueles a quem Se propusera ajudar. A carne do homem é pecaminosa. Para ser igual 'em todas as coisas' era necessário que Jesus assumisse a carne pecaminosa."

2. Uma Carne Semelhante à do Pecado.

Depois Prescott cita Rom. 8:3: "Em semelhança da carne do pecado", e levanta a questão: "O que isso significa? Quer dizer "em carne pecaminosa"? Se sim, por que não foi escrito desse modo? Por que as palavras 'carne do pecado', como lidas à margem da Versão Americana Revisada, se apresentam como se não fosse intenção do autor transmitir o significado de que a carne de Jesus era a mesma carne pecaminosa que temos? Isso parece exigir uma interpretação forçada, a fim de adicionar qualquer outro significado à declaração."

Prescott explica posteriormente: "Podemos compreender mais claramente o significado dessa passagem, se a compararmos com outra declaração na qual uma forma similar de expressão é usada. Eis aqui uma delas: 'Mas esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-Se semelhante aos homens.' Não podemos nós concluir com acerto que Jesus foi realmente um homem, quando lemos que Ele Se tornou 'em semelhança de homem'? Certamente! O único modo pelo qual Ele poderia ser 'em semelhança de homem', era tornar-Se homem... Não está igualmente claro que o único jeito pelo qual Deus poderia enviar Seu Filho 'em semelhança de carne pecaminosa', seria o Filho ter carne pecaminosa? Como seria possível para Ele ser 'em semelhança de carne pecaminosa', e ainda Sua carne ser impecável? Tal interpretação envolveria uma contradicão de expressões."

Para evitar confusão, Prescott prontamente acrescenta que "embora Jesus houvesse sido enviado 'em semelhança de carne pecaminosa', todavia Ele não cometeu pecado. "Aquele que não conheceu pecado, Deus O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus' (II Cor. 5:21)."

3. Enviou-O Para Condenar o Pecado na Carne.

Ainda desejando tornar mais clara a necessidade da "carne pecaminosa", Prescott continua: "Para que o caráter de Deus pudesse ser manifesto nos homens pecaminosos que nEle cressem, era necessário que Jesus unisse a divindade à humanidade em Si mesmo, para que a carne que Ele portasse fosse a mesma dos outros homens em quem devia assim ser manifestado. Outra forma de expressar isso seria dizer que o Filho de Deus habitou na carne quando apareceu na Judéia, para poder preparar um caminho para morar na carne de todos os crentes, e que, portanto, foi-Lhe necessário tomar o mesmo tipo de carne na qual deveria habitar mais tarde, quando estabelecesse

domicílio nos membros de Sua igreja." Essa não foi uma matéria meramente teórica. "Se o Filho de Deus não habitasse em carne pecaminosa quando nasceu neste mundo, então não seria baixada a escada do Céu à Terra, e o abismo entre o Deus Santo e a humanidade decaída não teria sido transposto. Seria então preciso que alguns meios posteriores fossem providenciados, a fim de completar a conexão entre o Filho de Deus e a carne pecaminosa. E isso foi exatamente o que a Igreja Católica Romana fez. A doutrina dessa organização está em perfeita harmonia com o ponto de vista adotado por nosso correspondente. A expressão formal dessa doutrina é chamada de o dogma da imaculada conceição da virgem Maria... Evitamos essas conseqüências, recusando tal doutrina e sustentando o claro ensino escriturístico."

4. Para Poder Participar de Sua Divina Natureza.

Ainda remanesce a segunda questão do leitor a ser respondida: "Como pode alguém em carne pecaminosa ser perfeito, ser santo?" Essa é uma questão comum levantada pelos novos conversos à mensagem adventista. Ela também suscitou uma resposta da parte de Ellen White: "Prescott considerava que 'essa questão toca o próprio cerne de nosso cristianismo. O ensino de Jesus é: 'Sede vós perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está nos céus.' E por meio do apóstolo Pedro vem a instrução: 'Sede santos porque Eu Sou santo.'"

"Ninguém negará que temos uma carne pecaminosa e, portanto, perguntamos como será possível atender aos reclamos da Escritura, se é impossível a quem quer que seja ser perfeito ou santo em carne de pecado. A verdadeira esperança de atingir a perfeição e a santidade está baseada na maravilhosa verdade de que a perfeição e a santidade da divindade foram reveladas em carne pecaminosa na pessoa de Jesus. Não somos capazes de explicar como isso acontece, mas nossa salvação se fundamenta em crer no fato. Então pode ser cumprida a promessa de Jesus: 'Se alguém Me amar, guardará a Minha Palavra; e Meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada.' Essa é a glória maior de nossa religião, que mesmo a carne do pecado pode tornar-se um templo para a habitação do Espírito Santo."

"Muito mais poderia ser dito em resposta à questão de nosso leitor, mas esperamos que os princípios envolvidos e sua relação com a expe-riência cristã tenham sido esclarecidos, e que nenhum de nossos leitores aceite a doutrina romanista, porque eles são incapazes de explicar o mistério da piedade. É seguro crer apenas no claro ensino das Escrituras."

Uma Mensagem Verdadeiramente Cristocêntrica

Aos olhos de Prescott, a verdade fundamental de que Cristo pôs de lado Sua igualdade com Deus para Se tornar um simples homem, "semelhante aos homens", "em todas as coisas", "participando da carne e do sangue" da humanidade, permanece como "a verdade central do Cristianismo". Ele punha ênfase nesse ponto, em oposição às interpretações de outras denominações, por causa de sua novidade a muitos recém-conversos à mensagem adventista, e por causa de sua importância na compreensão de como Jesus foi capaz de "condenar o pecado na carne" e capacitar pecadores a se libertarem da "lei do pecado e da morte" pelo poder "do Espírito de vida em Cristo Jesus" (Rom. 8:2-4).

A mais ampla Cristologia de Prescott é vista em seu livro "A Doutrina de Cristo", publicado em 1920, como livro didático para colégios e seminários.²² Como explanado na introdução, esse livro não era um tratado de teologia sistemática, mas "a revelação de Cristo", visando a uma experiência prática na vida do crente.²³

Ele tratou do assunto com simplicidade em 18 seções, cada qual compreendendo várias lições. Cada lição é dividida em duas partes: a primeira contendo referências bíblicas apropriadas ao assunto; a segunda, incluindo numerosas notas explicativas. Como um todo, essa obra é realmente uma Cristologia no sentido mais amplo do termo. Para nossos propósitos, deveríamos olhar apenas as mais significativas declarações nas três lições dedicadas à encarnação.²⁴

Para Prescott, Cristo era a verdade central do Cristianismo, e a encarnação constituía "a integralidade do evangelho", "a verdade... absolutamente essencial à religião cristã", "a madura

expressão, na plenitude do tempo, da verdade de que 'Deus é amor'."25

De fato, "o Verbo não apenas 'veio em carne', como em I João 4:2, mas 'tornou-Se carne'. Essas últimas palavras implicam que o Eterno Filho apresentou em Sua encarnação um modo existencial novo para Ele, *tornou-Se* o que não era antes; que Ele não somente tomou sobre Si a forma corporalmente humana, mas aceitou as limitações de uma vida coerente com Seu modo de existir enquanto na Terra."²⁶

"Aquele que compreende a encarnação do Filho de Deus", escreveu Prescott, "tem um terreno mais seguro de fé e uma mais rica esperança e direto acesso ao Céu, do que se a escada de Jacó ficasse ao lado da cabeceira de sua cama e os anjos de Deus o estivessem servindo."²⁷ Pois ao tempo de Sua encarnação "de um modo efetivo e fundamental, embora inexplicável para nós, o divino Salvador Se uniu à raça pecadora do homem que Ele apresentou em Seu próprio corpo, em Sua própria experiência pessoal; não somente o peso de suas fraquezas físicas, mas também de seu pecado, embora não a culpa".²⁸

Para evitar qualquer possível dúvida sobre essa noção, Prescott especifica novamente o que diferencia a natureza humana de Jesus daquela de Adão. "Cristo assumiu não a original e impecável, mas nossa decaída humanidade. Nessa segunda experiência, Ele permaneceu não precisamente onde Adão antes dEle estava, mas com imensas desvantagens. O mal, com todo o seu cortejo de vitórias e conseqüente entronização na própria constituição de nossa natureza, armado do mais terrível poder contra o possível cumprimento da idéia divina de homem — a perfeita santidade. Considerando tudo isto — as desvantagens da situação, os tremendos riscos envolvidos e a ferocidade da oposição encontrada —, chegamos à compreensão adequada da realidade e da grandeza da vasta realização moral: a natureza humana tentada, provada, falida em Adão, e erguida por Cristo à esfera da perfeita impecabilidade."²⁹

A razão para a encarnação foi o único ponto deixado para ser explicado. "O problema que, ao assumir a decaída natureza humana Cristo propôs e aceitou para Si mesmo, não foi nenhum outro senão este, isto é, pessoalmente identificar-Se com sua sorte total, e partilhar a real incapacidade acrescentada pelo pecado, para assenhorear-se, nele e por ele, do infernal poder que operara todo dano e aflição."³⁰

Assim Deus providenciou nossa salvação, concluiu Prescott. "Ele [Cristo] era Deus manifesto em carne, e veio à Terra 'para poder conduzir-nos a Deus'. Isso é o que torna Cristo central e dominante em cada vida que O recebe, conquistando confiança, redimindo do pecado, impelindo à devoção, e inspirando esperança. Isso porque Ele é Deus manifesto, Deus que penetrou na vida humana, Deus satisfazendo às carências humanas."³¹

"Temos apenas contado metade da história do amor divino, quando falamos da descida do Filho de Deus de Sua grandeza e majestade, para as tristezas e conflitos da vida terrena; e que metade dessa história é incrível até vermos claramente que Ele veio para erguer a raça humana às alturas de Deus." 32

"Ele Se manifestou – e não nos permitiu interpretar nEle qualquer coisa pequena ou estreita. Se nós o fazemos, seremos dirigidos imediatamente ao ponto de termos de negar a declaração de que Ele pode expiar pecados. Se Cristo fosse meramente um homem como eu, embora perfeito e sem pecado, não poderia perdoar pecados. Se nEle podemos ver tudo aquilo que João quis dizer, de acordo com o testemunhos de seus próprios escritos, começaremos a perceber algo da estupenda idéia e algo da possibilidade de, pelo menos, crer na declaração de que 'Ele Se manifestou para tirar os nossos pecados.'"³³

Conclusão

Indubitavelmente, a carreira de Prescott foi singular em muitos aspectos, em relação à história da igreja adventista. Brilhante educador, professor de teologia, editor, proficiente administrador e vice-presidente da Conferência Geral, ele exerceu decisiva influência em prol do desenvolvimento da obra de educação e da clarificação de várias doutrinas. Em particular, Prescott contribuiu para a expansão da mensagem da justificação pela fé além das fronteiras dos Estados

Unidos, durante suas viagens pelo mundo.

Como Waggoner e Jones, Prescott fez seu melhor para edificar a mensagem sobre a Cristologia que, conquanto reconhecendo plenamente a perfeita divindade de Cristo, dava destaque à natureza humana de Adão após a queda, vale dizer, uma natureza pecaminosa, como condição da reconciliação da humanidade com Deus. Certamente, a Cristologia de Prescott reúne o mérito de ser a mais completa e a mais explícita.

Por sua competência e prestígio que gozava como vice-presidente da Conferência Geral, ele foi evidentemente autorizado como porta-voz da igreja. Seu testemunho constitui inegável indicação do que os adventistas ensinaram e creram com respeito à natureza humana de Cristo, desde a origem do movimento até o final da longa carreira de Prescott, em 1944.

Notas e referências

- 1. Ver The Seventh –day Adventist Encyclopedia, págs. 1148, 1149.
- 2. Idem, pág. 1158.
- 3. Ver LeRoy Edwin Froom, Movement of Destiny, pág. 373.
- 4. Idem, pág. 254.
- 5. William W. Prescott, em *General Conference Bulletin*, 1895, pág. 319. Na sessão da Conferência Geral de 1885, Prescott apresentou seis sermões sobre o tema *The Divine Human Family* (A Família Divino-Humana), estruturados inteiramente com base da natureza humana decaída de Cristo.
- 6. ______, em *Bible Echo*, 6 e 13 de janeiro de 1896,. Ver Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh* (O Verbo Se Fez Carne), págs. 90-99. Todas as citações nas diversas páginas seguintes procedem desses dois artigos.
- 7. Ellen G. White, manuscrito 19, de 1895. Ver Arthur L. White, *Ellen White: The Australian Years* (Ellen White: Os Anos Australianos) (Washington, D. C.: Review and Herald Pub. Assn., 1985), págs. 232, 233.
- 8. Ellen G. White, manuscrito 47, de 1895.
- 9. Ellen G. White, carta 25, 1895.
- 10. Ellen G. White, carta 32, 1895.
- 11. Ellen G. White, carta 84, 1895.
- 12. Ellen G. White, *Review and Herald*, 7 de janeiro de 1896. Ver Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh* (O Verbo Se fez carne), págs. 88 e 89.
- 13. Ellen G. White, carta 8, 1895. Citada no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, vol. 5, pág. 1128, 1129.
- 14. Ver nosso capítulo 10.
- 15. W. W. Prescott, na *Review and Herald*, 28 de janeiro de 1896; 10 de março de 1896; 24 de março de 1896; 7 de abril de 1896; 14 de abril de 1896; 21 de abril de 1896.
- 16. Idem, 10 de março de 1896.
- 17. Ibidem.
- 18. Idem, 14 de abril de 1896.
- 19. *Idem*, 9 de novembro de 1905; 21 de dezembro de 1905.
- 20. Idem, 21 de dezembro de 1905. Todas as citações em algumas das páginas seguintes são desse artigo.
- 21. Ver nosso capítulo 3.
- 22. William W. Prescott, The Doctrine of Christ (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Ass., 1920), pág. 1.
- 23. Idem, pág. 3.
- 24. Idem, págs. 45 a 54.
- 25. Idem, pág. 46.
- 26. *Idem*, pág. 47.
- 27. Idem, pág. 48.
- 28. Idem, pág. 52.
- 29. Idem, pág. 53.
- 30. Ibidem.
- 31. Ibidem.
- 32. Ibidem.
- 33. Ibidem.

Capítulo 7

O MOVIMENTO DA CARNE SANTA

Se remanesceram algumas dúvidas sobre a posição dos pioneiros adventistas sobre o assunto da Cristologia, sua reação ao "Movimento da Carne Santa" as dissipa totalmente.

Esse movimento nasceu nas igrejas da Associação de Indiana, entre 1898 e 1899. Instituída pelo pastor-evangelista S. S. Davis, essa doutrina logo empolgou o presidente da Associação, R. S. Donnell, e muitos outros pastores. No fim das contas, toda a comissão diretiva da Associação de Indiana tornou-se favorável à "doutrina da carne santa", como seus defensores escolheram designá-la.

Contrariamente à Cristologia ortodoxa adventista, essa "estranha doutrina" afirmava que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda e que Ele, portanto, possuía "carne santa". Baseados nessa premissa, reivindicavam ser possível a obtenção dessa mesma "carne santa" ao seguirem Jesus em Sua experiência no Jardim do Getsêmani. Desse modo, aqueles que seguiam o Salvador poderiam alcançar um correspondente estado físico de impecabilidade, e obter uma fé "transladativa" semelhante à de Enoque e Elias.²

Defrontados com o desenvolvimento dessa crença nas igrejas de Indiana, os líderes da Conferência Geral pensaram ser prudente enviar os irmãos S. N. Haskell e A. J. Breed como delegados ao encontro campal marcado para Muncie, Indiana, de 13 a 23 de setembro de 1900. Ao retornar a Battle Creek, Haskell viu-se compelito a informar não apenas seus colegas da Conferência Geral, como também Ellen White. Ele lhe enviou uma carta, datada de 25 de setembro de 1900, para informá-la da situação.

Haskell Comunica-se com Ellen White

Haskell³ conhecia perfeitamente bem as convicções de Ellen White com respeito à natureza humana de Jesus. Ele próprio achava-se em harmonia com o ensino dela. O propósito de sua carta não foi provar se ele ou os advogados da carne santa estavam corretos. Ele simplesmente achou ser necessário manter Ellen White informada.

Eis como Haskell apresentou o problema a Ellen White: "Quando nós declaramos que acreditávamos que Cristo nasceu da decaída humanidade, eles nos representavam como crendo que Cristo pecou, apesar do fato de havermos colocado nossa posição com tal clareza, que não víamos como alguém haveria de entendê-la mal." Como porta-voz da igreja, Haskell não hesitou em incluir Ellen White, bem como a igreja, em sua declaração.

Haskell havia previamente expresso suas convicções com muita transparência em vários artigos. Já em 1896, ele escreveu para a revista Signs of the Times acerca do tema: "Ele [Cristo] não veio a este mundo e tomou sobre Si mesmo a condição de Adão, mas desceu mais e mais baixo, para encontrar o homem onde ele estava, enfraquecido pelo pecado, poluído por sua própria iniqüidade." 5

Em outro artigo ele escreveu: "Cristo... não Se revestiu da natureza dos anjos, ou mesmo do homem no estado em que foi criado, mas de nossa natureza decaída." "Dessa forma, Cristo, desde a eternidade, é o elo de ligação entre o Céu e a raça caída." "Ele trouxe a divindade desde as cortes da glória até a humanidade degenerada." 8

Esse era o posicionamento de Haskell quando surgiu a doutrina da carne santa. Numa carta endereçada a Ellen White, ele esclarece: "Sua teologia nesse particular parece ser esta: Eles crêem que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda; portanto, Ele Se revestiu da humanidade como ela era no Jardim do Éden. Então, a humanidade era santa e essa foi a que Jesus tomou

sobre Si. E agora, dizem eles, chegou até nós o tempo especial de nos tornarmos santos nesse sentido. Nesse caso, teremos a 'fé da transladação' e nunca morreremos.'"

Ellen G. White Responde a Haskell

Quando Ellen White recebeu a carta de Haskell, havia pouco que se instalara em Elmshaven, na Califórnia, após retornar da Austrália. Tão grave considerou ela a situação, que respondeu imediatamente. Sua carta datada de 10 de outubro de 1900, estabelece uma firme e clara postura contra o ensino do movimento da carne santa, que ela define como "estranha doutrina", "teorias e métodos errôneos", e "uma deplorável invenção do pensamento humano, preparada pelo pai da mentira."

O conteúdo da carta de Haskell não pegou Ellen White de surpresa. Ela já estava ciente do que havia tido lugar em Indiana. Como explicou mais tarde, sua partida para a Austrália foi incitada pelo movimento da carne santa. Eis sua resposta a Haskell:

"Em janeiro último, o Senhor me mostrou que **teorias e métodos errôneos** seriam introduzidos em nossas reuniões campais, e que a história do passado haveria de se repetir. Sentime grandemente aflita. Fui instruída a dizer que nessas demonstrações, demônios em forma humana estão presentes, operando com toda engenhosidade que Satanás pode empregar para tornar a verdade repugnante às pessoas sensíveis; o inimigo está tentando arrumar assuntos para as reuniões, a fim de que as campais, que têm sido os meios de levar a mensagem do terceiro anjo perante as multidões, percam sua força e influência."

E acrescentou solenemente: "A mensagem do terceiro anjo... deve ser mantida livre das invenções baratas e miseráveis das teorias humanas, preparadas pelo pai da mentira e mascaradas como a brilhante serpente usada por Satanás como meio de enganar nossos primeiros pais." ¹²

Se a informação de Haskell não estivesse de acordo com verdade da mensagem e das convicções de Ellen White, ela não teria hesitado em dizer-lhe isso. Nesse caso, ela não apenas aprovou a posição de Haskell, mas também encorajou-o a defender a verdade.

Ellen escreveu novamente, desta vez para o casal Haskell: "Através dos fiéis embaixadores do Senhor, a verdade deve ser apresentada em contornos bem delineados. Muito do que hoje é chamado de verdade probante, não passa de um disparate que leva à resistência ao Espírito Santo."¹³

Um Vigoroso Protesto

Sem esperar pela reação oficial da Conferência Geral, o Pr. S. G. Huntington publicou um vigoroso protesto num pequeno folheto de 16 páginas, intitulado A Ferida do Homem. Seu objetivo era reafirmar a posição da igreja e explicar como Jesus foi capaz de viver uma vida impoluta, mesmo em carne pecaminosa. "Por meio de implícita fé em Seu Pai, Ele foi fortalecido a fim de que Sua natureza divina prevalecesse esmagadoramente sobre Sua natureza pecaminosa e as tendências hereditárias. Assim, do berço ao Calvário, Seus dias de sofrimento e provação, Ele viveu uma vida pura, santa e imaculada. Conseqüentemente, atendeu aos reclamos da lei quebrantada, e tornou-Se 'o fim da lei para justiça de todo aquele que crê.'"¹⁴

Então, querendo explicar as vantagens para aqueles que crêem em Cristo e que O recebem como seu Salvador, Huntington acrescenta: "Como Deus em Cristo, 4.000 anos após a Criação, viveu uma vida perfeita e imaculada em carne pecaminosa, assim pela fé nEle, o Senhor nos expurga de todas as nossas injustiças, comunica-nos Sua própria justiça, habita em nossos corações e vive o mesmo tipo de vida em nossa carne pecaminosa 6.000 anos após a Criação. Então, podemos verdadeiramente dizer: "Segundo Ele é, assim também nós somos neste mundo.' (I João 4:17)"¹⁵

Waggoner Refuta a Doutrina da Carne Santa

Enfrentando a expansão do movimento da carne santa, a Conferência Geral achou imperioso tomar um curso de ação. O problema estava incluso na agenda da sessão de 1901. Ellen G. White foi convidada a assisti-la. Como destacou em sua apresentação, se não houvesse sido por

esse movimento e seus errôneos ensinos, ela não teria respondido positivamente ao convite. Estava então com 73 anos de idade. Havia retornado recentemente da Austrália, e viajar através dos Estados Unidos até Battle Creek não era pouca coisa para alguém de sua idade e frágil saúde.

Waggoner também estava presente à sessão. Como um especialista no problema, ele, juntamente com Ellen White, foi solicitado a refutar essa "estranha doutrina" e confirmar a crença oficial como reconhecida pela igreja, sobre o assunto da natureza humana de Cristo. Ele fez isso em seu estudo de 16 de abril de 1901, dedicado inteiramente a objetar a afirmação de que Cristo viera em carne santa.

Ele iniciou sua apresentação com uma pergunta: "O Ser santo que nasceu da virgem Maria fê-lo em carne pecaminosa? Essa carne tinha as mesmas más tendências a enfrentar que a nossa?"

Antes de apresentar sua réplica à questão, Waggoner quis ajudar seu auditório a compreender o conceito subjacente e tão bem oculto na questão: a doutrina católica da imaculada conceição. Em seu pensamento, o conceito de "carne santa" era nada mais nada menos do que "a deificação do demônio".¹⁷

"Em realidade, a obra demoníaca de colocar um largo abismo entre Jesus, o Salvador, e os homens a quem viera salvar, para que nem Um nem outros pudessem transpô-lo. É isso." 18

"Vocês não percebem", desafiou Waggoner, "que a idéia de que a carne de Jesus não era semelhante à nossa (por causa de sabermos que a nossa é pecaminosa), necessariamente envolve a idéia da imaculada conceição da virgem Maria? Prestem atenção, nEle não há pecado, mas o mistério de Deus manifesto na carne, a maravilha dos séculos, o assombro dos anjos, que mesmo agora desejam compreender e sobre o qual não podem formar uma idéia exata, exceto como o ensinam para a igreja, é a perfeita manifestação da vida de Deus em sua imaculada pureza na carne pecaminosa. (Congregação: amém!) Oh, não é mesmo uma maravilha?" 19

Ao fazer isso. "Ele [Cristo] estabeleceu a vontade de Deus na carne e também o fato de que a vontade de Deus pode ser realizada em qualquer humana e pecaminosa carne. Mas antes de tudo, essa maravilha precisa ser realizada no homem pecaminoso, não simplesmente na pessoa de Cristo, mas em Jesus Cristo reproduzido e multiplicado em Seus milhões de seguidores... Jesus nos concede a experiência do poder de Cristo na carne pecaminosa... para calcar a pés e tornar submissa à Sua vontade essa carne pecaminosa."²⁰

Geralmente falando, "os homens, como para ocultar a falta de seus antepassados, e se há um deslustre em qualquer parte da família, essa não aparece quando o registro parental está escrito. Jesus Cristo 'nasceu da semente de Davi, de acordo com a carne', e na semente de Davi estava Manassés, que cobriu Jerusalém com sangue inocente, de um lado a outro. Nessa linhagem estava Judá, o adúltero, e o filho nascido de um incesto, e também a prostituta Raabe. Todos desta linhagem que foram postos como ancestrais de Cristo, mostram que Ele não Se envergonhava de chamar homens pecaminosos de Seus irmãos."²¹

Da lição da vitoriosa experiência de Cristo em carne pecaminosa, Waggoner concluiu: "Não importa o que nossa herança possa ter sido em natureza, o Espírito de Deus tem poder sobre a carne pecaminosa e pode reverter completamente tudo isso, e tornar-nos participantes da natureza divina, libertando-nos da corrupção que pela concupiscência há no mundo; assim Deus manifesta Seu poder por nosso intermédio."²³

Ellen White Rejeita a Doutrina da Carne Santa

Na manhã seguinte, 17 de abril de 1901, foi a vez de Ellen White condenar publicamente o movimento da carne santa. De fato, ela não repetiu os argumentos teológicos já apresentados por Waggoner. Seu objetivo consistia antes em expor as falsas conclusões derivadas do conceito da carne santa de Cristo.

Eis aqui alguns excertos da mensagem que ela preparou para esse propósito, sob o título "O Recente Movimento em Indiana". "Foi-me dada instrução com respeito à recente experiência dos irmãos em Indiana e o ensino que eles apresentam nas igrejas. Por meio dessa experiência e ensino, o inimigo tem trabalhado para desviar as almas."²³

Ellen White não abordou as pressuposições com respeito à natureza de Cristo na controvérsia da carne santa. Em lugar disso, seu argumento de que "o ensino com respeito ao que foi denominado 'carne santa', é um erro", estava baseado em dois pontos essenciais. Primeiro, ela rejeitou a reivindicação de que seres humanos pecaminosos precisam obter santidade de carne. Ela escreveu: "Todos podem agora mesmo obter corações santos, mas não é certo reivindicar nesta vida a carne santa... Àqueles que têm procurado obter pela fé a assim chamada carne santa, eu gostaria de dizer: Vocês não a podem conseguir. Nenhum de vocês possui carne santa presentemente. Nenhum ser humano sobre a Terra tem carne santa. Essa é uma impossibilidade."²⁵

"Se aqueles que falam tão livremente sobre perfeição na carne pudessem ver as coisas sob a verdadeira luz, recuariam horrorizados de suas presunçosas idéias. Ao mostrar a falácia de suas pretensões com respeito à carne santa, o Senhor está buscando impedir que homens e mulheres dêem às Suas palavras um significado que conduza à poluição do corpo, da alma e do espírito... E conquanto não possamos reclamar perfeição da carne, podemos obter a perfeição cristã da alma. Mediante o sacrifício feito em nosso favor, os pecados podem ser totalmente perdoados. Nossa dependência não está no que o homem pode fazer, mas no que Deus pode fazer pelo homem através de Cristo... Por meio da fé em Seu sangue, todos podem ser perfeitos em Cristo Jesus." 26

"Fui instruída a dizer àqueles que, em Indiana, estão advogando estranhas doutrinas: Vocês estão dando um formato errôneo à preciosa e importante obra de Deus. Mantenham-se dentro dos limites bíblicos... Quando seres humanos receberem carne santa, eles não permanecerão na Terra, mas serão levados ao Céu. Conquanto o pecado esteja sendo perdoado nesta vida, seus resultados não serão agora plenamente removidos. É em Sua vinda que Cristo 'transformará nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo de Sua glória' (Filip. 3:21)."²⁷

Segundo, Ellen White também criticou as turbulentas e fanáticas manifestações dos defensores da carne santa. "O modo como têm sido realizadas as reuniões em Indiana, com ruído e confusão, não as recomenda às mentes pensantes e inteligentes. Não há nada nessas demonstrações que convença o mundo de que temos a verdade. Mero alarido e gritaria não são evidências de santificação ou da descida do Espírito Santo. Suas exibições buliçosas criam tão-somente aversão na mente dos descrentes."²⁸

Como vimos, as razões de Ellen White para rejeição do movimento da carne santa foram de cunho teológico e prático. Ela desaprovou seu comportamento bizarro e rejeitou a doutrina de que seres humanos podem ter carne santa ainda nesta vida. Embora a Sra. White não tenha feito nenhum comentário acerca de sua posição sobre a natureza de Cristo, ela condenou claramente aquelas práticas e crenças que emanavam da premissa da carne santa.

Arthur White esclarece, na biografia de sua avó: "Enfrentar o fanatismo foi uma das razões por que ela deixou a Austrália e retornou aos Estados Unidos. A situação que agora estava enfrentando foi-lhe revelada na Austrália, em janeiro de 1900, 'antes de eu deixar Cooranbong'".²⁹

Condenada a Doutrina da Carne Santa

A mensagem de Waggoner e o testemunho de Ellen White foram atendidos. Já no dia seguinte, os dois principais líderes do movimento, R. S. Donnell e S. S. Davis, confessaram seu erro defronte a um auditório de aproximadamente 300 espectadores. Os outros delegados, bem como os membros da comissão da Associação de Indiana, seguiram o exemplo de seu presidente. Oficialmente, o movimento da carne santa havia ruído. Mas, em realidade, a doutrina não desaparecera das igrejas. Donnell e Davis continuaram a crer e ensinar que Cristo Se revestiu na natureza de Adão antes da queda. Em resultado, eles foram definitivamente afastados do ministério.

Em seu sermão, Ellen White deu alguns conselhos sobre como lidar com esse tipo de situação: "O fanatismo, uma vez iniciado e não reprimido, é tão difícil de extinguir como o fogo que toma conta de um edifício. Aqueles que abraçaram e mantêm esse fanatismo, fariam melhor se se empenhassem em trabalho secular, pois que pelo seu inconsistente comportamento estão desonrando o Senhor e pondo em perigo o povo."³⁰

Em 1903, I. J. Hankins, que sucedeu a R. S. Donnell como presidente da Associação de

Indiana, escreveu a S. S. Davis, o promotor do movimento da carne santa, para perguntar de sua fé. Hankins lhe fez oito perguntas, quatro das quais conduziam diretamente à doutrina da encarnação. ³¹ Não nos devemos esquecer de que seu argumento teológico básico consistia em dizer que "*Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda*", tão nitidamente mostrado na carta de Haskell a Ellen White.

A resposta de Davis confirma que ele não havia mudado suas opiniões com relação à natureza humana de Cristo. Não sabemos se a mesma pergunta foi feita também para Donnell. Mas, em 1905, Donnell foi readmitido ao ministério, enquanto que Davis foi dele excluído definitivamente. Ele deixou finalmente a igreja adventista para unir-se aos batistas, onde foi ordenado ministro.

Com exceção de Davis, parece que todos os que estavam envolvidos com o movimento da carne santa finalmente aceitaram o testemunho de Ellen White. Ainda que auspicioso o resultado, a atitude de oposição a essa doutrina tomada pela Conferência Geral em sessão, é indicativa do ensino oficial da igreja sobre o assunto da natureza humana de Jesus.

Conclusão

O movimento da carne santa foi a primeira tentativa de introduzir na igreja adventista uma doutrina radicalmente oposta ao seu ensino para este tempo. Se os pronunciamentos de Waggoner, Jones e Prescott, bem como de outros, fossem equivocados, Ellen White os teria corrigido, como fez com a "estranha doutrina" da carne santa.

Um testemunho escrito em 1907 não deixa dúvida sobre sua posição: "Durante a Conferência Geral de 1901, foi-me dada instrução com relação à experiência de alguns irmãos em Indiana, e com respeito às doutrinas que eles estavam ensinando nas igrejas. Foi-me mostrado que através dessa experiência e das doutrinas ensinadas, o inimigo tem operado para desviar as almas."³²

Notas e referências

- 1. Ver Ellen G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, págs. 31-39.
- 2. Ver Arthur L. White, *Ellen White: The Early Elmshaven Years* (Ellen White Os Primeiros Anos em Elmshaven) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1981), vol. 5, págs. 100-110.
- Stephen-Nelson Haskell (1833-1922) foi missionário, professor, administrador e presidente de várias associações. Suas obras escritas incluem *The Story of Daniel the Prophet* (A História de Daniel, o Profeta), *The Story of the Seer of Patmos* (A História do Vidente de Patmos), e *The Cross and Its Shadow* (A Cruz e Sua Sombra)
- 4. Stephen-Nelson Haskell, a Ellen G. White, 25 de setembro de 1900.
- 5. Stephen-Nelson Haskell, em Signs of the Times, 2 de abril de 1896.
- 6. *Idem*, 9 de abril de 1896.
- 7. Idem, 28 de maio de 1896.
- 8. *Idem*, 17 de janeiro de 1900.
- 9. Stephen-Nelson Haskell a Ellen G. White, 25 de setembro de 1900 (itálicos supridos).
- 10. Ver também E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 37.
- 11. Ellen G. White, carta 132, 1900 (*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 37). Citado por A. L. White, pág. 103 (itálicos supridos).
- 12. E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 37.
- 13. *Idem*, pág. 38.
- 14. S. G. Huntington, *A Ferida do Homem*, pág. 16. Citado por William H. Grotheer, *História Interpretativa da Doutrina da Encarnação*, pág. 51.
- 15. Ibidem.
- 16. Ellet J. Waggoner, no Boletim da Conferência Geral, 1901, pág. 403.
- 17. Idem, pág. 405.
- 18. *Idem*, pág. 404.
- 19. Ibidem.
- 20. Idem, pág. 406.
- 21. Idem, pág. 408.
- 22. Ibidem.
- 23. E. G. White, no Boletim da Conferência Geral, 1901, págs. 419-422. Citamo-lo de Mensagens Escolhidas, vol. 2, págs. 31 e 32.

- 24. _____, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 32.
- 25. Ibidem.
- 26. Ibidem.
- 27. Idem, pág. 33 (itálicos supridos).
- 28. Idem, pág. 35.
- 29. A. L. White, pág. 100.
- 30. E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 35.
- 31. Ver S. S. Davis para I. J. Hankins, 15 de março de 1903. Citado por Grotheer, págs. 54 e 55.
- 32. Ellen G. White, manuscrito 39, 1907.

Parte 3

EXCERTOS DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS DA IGREJA - (1895-1952)

Capítulo 8

EXCERTOS DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS DA IGREJA - (1895-1915)

Em acréscimo aos escritos dos pioneiros que temos estudado, a posição da Igreja Adventista sobre Cristologia é claramente ilustrada no conteúdo das publicações oficiais, tais como revistas, lições trimestrais da Escola Sabatina, boletins da Conferência Geral e uma ampla variedade de livros impressos por nossas casas publicadoras.

Este capítulo tratará das declarações havidas entre 1895 e 1915, principiando pelo tempo em que a doutrina da encarnação começou a ser olhada como básica à compreensão adequada do plano da salvação, e finalizando com o ano da morte de Ellen White. No capítulo seguinte, cobriremos o período que vai de 1916 até 1952, após o qual surgiu uma nova interpretação e alguns escritores emergiram para questionar a posição tradicional da Igreja Adventista sobre a questão da natureza humana de Cristo.

Excertos dos Periódicos da Igreja

Durante 1895 e 1896, mais de 250 declarações foram feitas em várias revistas pelos líderes da igreja, todas afirmando claramente que Jesus tomou sobre Si a natureza humana de seres decaídos. De 1897 a 1915 mais de 200 podem ser encontradas, das quais cerca de 100 são de autoria de Ellen White, não incluindo 75 adicionais ou espalhadas em suas cartas e manuscritos.¹ Todavia, uma vez que já discutimos Ellen White, Waggoner, Jones e Prescott, neste capítulo ignoraremos as citações desses autores.

Em 1895, uma série de artigos saídos da pena de J. H. Durland foram publicados na Signs of the Times, e refletiam a Cristologia de Jones como apresentada na sessão da Conferência Geral alguns meses antes. "Para enfrentar Satanás, era necessário fazê-lo na carne do homem decaído.", escreveu Durland. "Assim, quando Jesus veio habitar em carne humana, não o fez na carne do

homem antes de haver ele caído, mas em carne pecaminosa possuída após a queda... Ele veio para salvar pecadores, portanto, precisava assumir a carne de pecadores... Ele tinha todas as fraquezas da carne que nós temos. A carne de que Ele Se revestiu possuía todos os desejos que nossa própria carne tem."²

Alguns meses depois, noutro artigo, Durland fez as seguintes perguntas a seus leitores: "Qual era a natureza da carne que Ele tomou? Estava ela isenta de todas as tendências para pecar? Estava ela livre das tentações? A Escritura responde às perguntas... (Heb. 4:15). Assim, a carne que o Logos tomou estava sujeita à tentação, da mesma forma que a carne que temos... A carne sem quaisquer desejos pelo mal não está sujeita à tentação. Mas Cristo foi tentado como nós o somos, de forma que Ele devia ter a mesma espécie de carne que possuímos."³

Não contente em afirmar que Cristo assumiu a carne pecaminosa, Durland também queria explicar a razão para isso. "Jesus veio em carne para enfrentar Satanás em seu próprio baluarte e expulsá-lo... Para fazer isso Ele tinha de Se revestir da mesma carne que o homem possuía após a queda... Cristo não assumiu a natureza angélica nem a do homem antes da queda, mas Ele nasceu 'sob a lei' para redimir aqueles que estavam debaixo da lei... Houvesse Ele tomado a natureza de Adão antes da queda, e não estaria sob a sentença de morte que passou para todos os homens."⁴

Contudo, Durland acentou: "Ele não possuía as paixões de nossa natureza decaída, produzidas pelo cair em pecado. Mas a carne de que Ele se revestiu teria possuído todas as paixões que o pecado nos trouxe, houvesse Ele uma só vez cedido a elas. Cristo enfrentou o tentador na fraqueza da carne pecaminosa, e a condenou porque ela não foi capaz de vencê-Lo... Jesus Cristo foi enviado a este mundo para condenar o pecado na carne. Ele tomou a carne pecaminosa para que pudesse subjugar as corrupções de nossa velha natureza."⁵

Lembre-se de que A. T. Jones havia dito: "Jesus possuía as mesmas paixões que temos." Todavia, Jones explicou que Ele nunca Se rendeu a elas. Durland escreveu que "Ele não possuía as paixões de nossa natureza decaída", significando que Cristo nunca as entregou ao pecado. O ponto de vista de Durland está muito mais próximo do de Jones, do que possa parecer de início. Jones considerava o problema do ponto de vista de uma natureza herdada; Durland já via a questão sob o prisma de uma natureza cultivada. Potencialmente, "possuía as mesmas paixões que temos"; em realidade, "Jesus não possuía as mesmas paixões que temos" por que Ele jamais sucumbiu ao poder da natureza pecaminosa do homem, que herdou de Seus ancestrais.

Do mesmo modo, Ellen White constantemente fazia a diferença entre a natureza herdada e a natureza pecaminosa cultivada. Por um lado, ela escreveu que Jesus "tinha toda a força da paixão da humanidade" ; por outro, ela declarava que "Ele é um irmão em nossas debilidades, mas não em possuir idênticas paixões", "não possuindo as paixões de nossa natureza humana decaída" É bem possível que ela tivesse em mente a diferença entre tendências herdadas para pecar, pelas quais não somos culpados, e tendências cultivadas, que nos tornam pecadores. Para Ellen White bem como para seus contemporâneos adventistas, "semelhantemente a todo filho de Adão, Ele [Cristo] aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade" , mas sem jamais ceder a essas tendências.

Outras declarações sobre o tema aparecem nas revistas australianas *Bible Echo* e a *Australasian Signs of the Times*. G. C. Tenney, que era o diretor da revista *Bible Echo*, declarou num editorial: "Muito poucos de nós compreendem quão proximamente a natureza divina estava da humana na pessoa de Jesus de Nazaré. Mais propriamente falando, é impossível para nós mesmos concebermos a infinita condescendência que foi necessária para que o Filho de Deus, o Associado do Pai, viesse em carne mortal e participasse das experiências humanas, com todas as suas aflições e fraquezas. O quão plenamente isso se cumpriu, foi expresso pelo apóstolo em Hebreus 2:17: "Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a Seus irmãos..."

"Somente dessa maneira poderia Ele sentir o poder das tentações. Não podemos supor que as tentações às quais a humanidade está sujeita impressionassem a Divindade. Mas 'Ele foi tentado em todos os pontos como nós', conseqüentemente, **Ele precisava participar de nossa**

natureza... Não há senão pouca simpatia no pensamento de Jesus haver enfrentado nossas tentações com Suas divinas capacidade e natureza. Elas não seriam senão como a lanugem do cardo soprada contra a montanha. Nesse sentido 'Deus não pode ser tentado'".

"Mas quando consideramos nosso Salvador... **lutando contra inata fraqueza**; quando observamos nossa faltosa, e freqüentemente, mal-sucedida carreira, desejamos saber: Como Ele suportou 'tal contradição dos pecadores contra Si mesmo'?" ¹⁰

Muitas declarações similares poderiam ser citadas, como indicadas pela obra de Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh* (O Verbo Se Fez Carne), na qual o autor indexou em ordem cronológica muitas declarações referentes à Cristologia Adventista. ¹¹

Excertos das Lições da Escola Sabatina

Em 1889, apareceu pela primeira vez a brochura da lição trimestral da Escola Sabatina. As lições eram preparadas para prover o estudo diário da Bíblia, e como temas de discussão para a manhã de sábado, em conjunto com o serviço de culto.

A introdução diz: "As lições de adultos da Escola Sabatina são preparadas pelo Departamento de Escola Sabatina da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. A preparação da lição é dirigida por uma comissão mundial da lição da Escola Sabatina, cujos membros servem como consultores-editores." O papel dessa comissão era garantir que as notas explicativas de cada lição estivessem em harmonia com o ensino oficial da igreja.

Durante o período compreendido entre os anos de 1895 e 1915, muitas declarações são encontradas nas lições da Escola Sabatina, as quais deixam pouca dúvida sobre o assunto da crença adventista com respeito à natureza humana de Cristo. Um exemplo disso é a seguinte explanação de uma das lições do segundo trimestre de 1896: "Para poder ir ao encontro do homem onde ele se achava após a queda, Cristo esvaziou-Se a Si mesmo de toda a Sua glória e poder, tornando-Se tão dependente de Seu Pai por vida e força diária, como o homem pecador depende dEle." 12

Em 1909, outra lição referente ao segundo trimestre tratava de João 1:1-18. Eis aqui um comentário sobre o verso 14: "A Divindade habitou na carne humana. Não na carne de um homem impecável, mas na carne como a possui um filho da Terra. Essa era a Sua glória. A semente divina pôde manifestar a glória de Deus em carne pecaminosa, até a vitória perfeita e absoluta sobre toda tendência da carne."¹³

Nesse mesmo periódico, repete-se a explanação: "Jesus era Deus atuando na carne pecaminosa em favor do pecador. Ele Se tornou um com a humanidade. Tomou sobre Si mesmo os infortúnios, as necessidades e os pecados da humanidade, assim sentiu Sua consciência e a intensidade como nenhuma outra alma o fez."¹⁴

Entre os tópicos do primeiro trimestre de 1913, estava o estudo sobre a relação entre a encarnação e o sacerdócio de Jesus Cristo. Esta declaração acha-se incorporada à primeira nota: "É muito importante que tenhamos uma clara compreensão da relação entre a encarnação de Cristo e Sua obra mediadora. Ele foi feito sacerdote 'segundo o poder de uma vida sem fim', para que pudesse ministrar graça, misericórdia e poder ao fraco e errante. Isso é realizado por tal união íntima com aqueles que necessitam de auxílio, que a divindade e a humanidade são trazidas em ligação pessoal, e o próprio Espírito e a vida de Deus habitam na carne do crente. Para estabelecer essa relação entre Deus e a carne pecaminosa, foi necessário ao Filho de Deus assumir a carne pecaminosa, e assim construir uma ponte sobre o abismo que separava o homem pecador de Deus." 18

A nota 3 da mesma lição finaliza com estas palavras: "Ao assumir a carne pecaminosa, e voluntariamente tornar-Se dependente de Seu Pai para guardá-Lo de pecar enquanto estivesse no mundo, Jesus não apenas serviu de exemplo para todos os cristãos, como também tornou possível a Si mesmo ministrar à carne pecadora o dom de Seu próprio Espírito e o poder para obedecer à vontade de Deus." 16

Essa ótica sobre a encarnação foi também contrastada com a doutrina católica da imaculada conceição, que era, ao pensamento adventista, a negação da encarnação de Cristo. "Essa negação

da perfeita união de Cristo com a carne pecaminosa abre o caminho para uma série de mediadores subsi-diários, cujo dever é conduzir o pecador em salvífico contato com Cristo."⁷⁷

As lições do segundo trimestre de 1913 foram dedicadas ao santuário e à mediação de Cristo. Numa delas discutia-se o ensino católico: "Qual é o ensino da moderna Babilônia concernente a essa doutrina fundamental? Pelo dogma da imaculada conceição da Virgem Maria, Roma ensina que a mãe de Jesus foi preservada da mancha do pecado original, e que ela possuía carne santa, sem pecado. Conseqüentemente, ela foi apartada do restante da humanidade. Como resultado dessa separação de Jesus da carne pecaminosa, o sacerdócio romano foi instituído para que pudesse haver alguém para mediar entre Cristo e o pecador." 18

Então, em réplica à citação da fonte católica, que considerava revoltante a crença de que Jesus tomara a carne pecaminosa, a nota conclui: "Assim, por apartar a Cristo da mesma carne e sangue que temos... a moderna Babilônia realmente nega a verdade vital do Cristianismo, embora pretendendo ensiná-la. Esse é 'o mistério da iniquidade.'"¹⁹

O quarto trimestre de 1913 foi dedicado ao estudo da epístola aos Romanos. Na primeira lição há uma questão sobre Cristo "nascido da semente de Davi segundo a carne" (Rom. 1:3). A nota 5 comenta: "Cristo era, portanto, da linhagem real através de Sua mãe. Mas Ele era mais do que isso; Ele era da mesma carne que a semente de Davi, em e através da qual, por gerações, havia fluído o sangue da humanidade pecaminosa – Salomão, Roboão, Acaz, Manassés, Amom, Jeconias e outros. O Filho de Deus tomou essa mesma carne para poder enfrentar as tentações por nós, e vencer mediante o poder divino todas as provas que temos de encarar. Cristo é nosso irmão na carne, nosso Salvador dos pecados."²⁰

A epístola aos Romanos foi mais uma vez objeto de estudo durante o primeiro trimestre de 1914. Eis um comentário sobre Romanos 8: 3 e 4: "O que a lei não podia fazer no homem pecador, Deus o fez enviando Seu próprio Filho. Esse Filho revestiu-Se da carne do homem pecaminoso e venceu onde o homem fracassou, destruindo o pecado na carne; assim Ele pode tomar posse da carne daqueles que abrem seus corações para recebê-Lo, com o mesmo poder, e vencer o pecado ali."

Esses excertos das lições trimestrais da Escola Sabatina estão em harmonia com tudo o que foi ensinado pelos escritores adventistas que se expressaram sobre a natureza humana de Cristo através dos anos.

Excertos de Livros Variados

Assim como as lições da Escola Sabatina, nenhum livro foi jamais impresso pelas editoras da igreja sem uma prévia revisão dos originais por uma comissão especial. Essa postura garante que o conteúdo dos livros esteja em harmonia com o ensino oficial. Não é nosso propósito aqui repetir as obras de Waggoner, Jones, Prescott ou Ellen White, as quais já foram tratadas nos capítulos anteriores. Basta-nos mencionar as obras mais representativas.

1. Olhando Para Jesus, de Urias Smith

Urias Smith não foi apenas editor da *Review and Herald* por 35 anos, e autor de muitos livros sobre profecia, mas também o segundo no comando da Conferência Geral por 21 anos, na posição de secretário. Eis dois extratos de seu livro *Olhando Para Jesus*, publicado em 1897:

"Em semelhança de carne pecaminosa... Ele desceu às profundezas da condição do homem decaído, e tornou-Se obediente até a morte, mesmo a ignominiosa morte de cruz."²²

"Ele [Jesus] veio em semelhança de carne pecaminosa para demonstrar diante de todos os partidos em controvérsia, que era possível aos homens guardar a lei na carne. Demonstrou isso por observá-la Ele próprio. Em nosso plano de existência e em nossa natureza, Ele prestou tal obediência a cada princípio e preceito, que o próprio olho da Onisciência não detectou sequer uma falha nela. Toda a Sua vida não foi senão um transcrito dessa lei, em Sua natureza espiritual, em Sua santa, boa e justa demanda. Portanto, condenou Ele o pecado na carne e não pecou, mostrando ser possível ao homem viver assim." ²³

2. Perguntas e Respostas, de Milton C. Wilcox

Inicialmente, Milton C. Wilcox foi diretor-adjunto da *Review and Herald*, em associação com Urias Smith. Mais tarde, tornou-se o primeiro editor da *Verdade Presente* na Inglaterra, e então do *Signs of the Times*, por um quarto de século na Pacific Press, Califórnia. Em 1911, publicou *Perguntas e Respostas*, uma compilação de respostas dadas pelo editor às perguntas dos leitores, enquanto encarregado da *Signs of the Times*.

Eis um excerto típico, uma resposta dada a uma questão formulada por um leitor sobre o assunto dos versos de Hebreus 2:14-17, declarando que Jesus foi "feito semelhante a Seus irmãos". "O Verbo Eterno 'tornou-Se carne', a mesma que possuímos; pois Ele é 'nascido de mulher, nascido sob a lei', sob sua condenação, como um humano, tendo na carne todas as tendências humanas; um participante da 'carne e do sangue' da humanidade; 'em todas as coisas' 'feito semelhante a Seus irmãos', 'sendo tentado'. Ele enfrentou todas as tentações que você e eu enfrentamos, pela fé na vontade e Palavra de Deus. Não houve uma tendência na carne humana que não houvesse nEle. Ele as venceu a todas."²⁴

3. Estudos Bíblicos Para o Lar

Em 1915, a Review and Herald Publishing Association publicou um livro de estudos bíblicos intitulado *Estudos Bíblicos Para o Lar.*²⁵ Pelo tempo de sua segunda edição, em 1936, mais de 1.250.000 exemplares foram distribuídos pelo mundo. A terceira edição veio a público em 1946.²⁶

Por cerca de meio século, esse livro constituiu-se na base do ensino bíblico na igreja. A maioria dos adventistas o utilizava para aumentar seu conhecimento da doutrina da igreja, e como auxiliar na partilha da mensagem com outros. Nenhuma outra publicação denominacional foi marcada com maior aprovação oficial do que esse livro. Os estudos bíblicos receberam a "contribuição de um grande número de estudantes da Bíblia". A introdução à edição de 1946 declara que "a obra foi revisada, rescrita totalmente e ampliada... por uma grande comissão de críticos e estudiosos competentes." ²⁷

Alguém dificilmente encontraria um documento mais representativo do ensino da igreja. As lições são apresentadas em forma de perguntas e respostas, com notas explanatórias ocasionais. A doutrina da Encarnação, intitulada "*Uma Vida Sem Pecado*" é nele reproduzida em sua inteireza: ²⁸

- 1. Que testemunho é dado com respeito à vida de Cristo na Terra? "Ele não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano." I Pedro 2:22.
- **2.** O que se diz de todos os demais membros da família humana? "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." Rom. 3:23.
- **3. Com que pergunta Jesus desafiou Seus inimigos?** "Quem dentre vós Me convence de pecado?" João 8:46.
- **4.** Em que extensão Cristo foi tentado? "[Ele] como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado." Hebreus 4:15.
- **5. Em Sua humanidade, de que natureza Cristo participou?** "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também Ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo." Hebreus 2:14.
- **6. Quão plenamente Cristo participou de nossa humanidade?** "Pelo que convinha que em todas as coisas fosse feito semelhante a Seus irmãos, para Se tornar fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo." Verso 17.

Nota: Em Sua humanidade, Cristo participou de nossa natureza pecaminosa, decaída. Não fosse assim, Ele não teria sido "semelhante a Seus irmãos", nem "tentado em todos os pontos como nós", nem venceria como temos nós de vencer, e não é, portanto, um completo e perfeito

Salvador que o homem necessita e precisa ter para ser salvo. A idéia de que Cristo nasceu de u'a mãe imaculada ou isenta de pecado, sem ter herdado quaisquer tendências para o pecado, e por essa razão não cometeu pecado, remove-O do reino do mundo decaído e do verdadeiro lugar onde a ajuda é necessária. Pelo Seu lado humano, Cristo herdou tudo o que cada filho de Adão herda — uma natureza pecaminosa. Pelo lado divino, desde Sua concepção, Ele foi gerado e nascido do Espírito. E tudo isso foi feito para colocar a humanidade num lugar vantajoso, e para demonstrar que *do mesmo modo*, todo o que é "nascido do Espírito" pode obter a vitória sobre o pecado em sua própria carne pecaminosa. Assim, cada um deve vencer como Cristo venceu. Apoc. 3:21. Sem esse nascimento não pode haver vitória sobre a tentação e nenhuma salvação do pecado. João 3:3-7.

7. Onde Deus, em Cristo, condenou o pecado e obteve para nós a vitória sobre a tentação e o pecado? "Portanto, o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne, Deus, enviando a Seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado." Rom. 8:3.

Nota: Deus, em Cristo, condenou o pecado, não por Se pronunciar contra ele meramente como um juiz assentado em sua cadeira, mas vindo e vivendo *na carne*, *em semelhança da carne pecaminosa*, todavia sem pecado. Em Cristo Ele demonstrou que é possível por Sua graça e poder, resistir à tentação, vencer o pecado e *viver uma vida sem pecado na carne*.

8. Através de que poder Cristo viveu uma vida perfeita? "Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma..." João 5:30. "As palavras que Eu vos digo, não as digo por Mim mesmo; mas o Pai, que permanece em Mim, é quem faz as suas obras." João 14:10.

Nota: Em Sua humanidade, Cristo era dependente do divino poder para realizar as obras de Deus como qualquer homem. Para viver uma vida santa, Ele não empregou nenhum meio que não esteja disponível a cada ser humano. Através dEle, cada um pode ter Deus habitando e operando em si "tanto o querer como o efetuar Sua boa vontade". I João 4:15; Filipenses 2:13.

9. Que propósito altruísta Jesus tinha sempre diante de Si? "Porque Eu desci do Céu, não para fazer a Minha vontade, mas a vontade dAquele que Me enviou." João 6:38.

Esta lição trata de modo sumário os vários aspectos da Cristologia adventista. Contudo, a pergunta 6 foi obviamente considerada como sendo de importância fundamental, tanto assim que exigiu uma nota explicativa. As notas estavam em harmonia com a Cristologia adventista como ensinada consistentemente pelos pioneiros da mensagem, desde a origem do movimento e se mantendo até a terceira edição da obra em 1946.

Como vimos, é precisamente na base das notas apenas às perguntas 6, 7 e 8, que um bom número de teólogos evangélicos têm condenado os adventistas de não serem cristãos autênticos, porque atribuem uma natureza pecaminosa a Jesus. Mas elas estavam corretas, considerando que as declarações feitas nessa lição eram verdadeiramente representativas da igreja.

Notas e referências

- 1. Ver Ralph Larson, The Word Was Made Flesh, págs. 67 e 111.
- 2. J. H. Durland, em Signs of the Times, 12 de setembro de 1895.
- 3. *Idem*, 26 de setembro de 1895.
- 4. Idem, 10 de outubro de 1895.
- 5. Ibidem.
- 6. Ellen G. White, Nos Lugares Celestiais, pág. 155.
- 7. _____, Testimonies for the Church, vol. 2, pág. 202.
- 8. Idem, pág. 509.
- 9. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 49.
- 10. G. C. Tenney, em Bible Echo, 15 de maio de 1889. (Itálicos supridos)
- 11. Ver Larson, The Word Was Made Flesh, págs. 34 a 154.
- 12. Lição de Adultos da Escola Sabatina, segundo trimestre de 1896, pág. 11. Todas as citações das lições da Escola Sabatina foram feitas por William H. Grotheer em A História Interpretativa dos Adventistas do Sétimo Dia sobre a

Doutrina da Encarnção, págs. 38 a 41.

- 13. Idem, segundo trimestre de 1909, pág. 8.
- 14. Idem, pág. 20.
- 15. Idem, primeiro trimestre de 1913, pág. 14.
- 16. *Idem*, pág. 15.
- 17. Idem, pág. 14.
- 18. Idem, quarto trimestre de 1913, pág. 6.
- 19. Idem, pág. 26.
- 20. Idem, quarto trimestre de 1913, pág. 6.
- 21. *Idem*, primeiro trimestre de 1914, pág. 16.
- 22. Urias Smith, Olhando Para Jesus, pág. 23.
- 23. Idem, pág. 30.
- 24. Milton C. Wilcox, *Questions and Answers* (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1911), vol. 1, págs. 19 e
- 25. A primeira edição dos *Estudos Bíblicos Para o Lar* data de antes dos anos 1880s. Até 1915, as várias edições não possuíam notas.
- 26. Estudos Bíblicos Para o Lar, terceira edição (1936), pág. 11.
- 27. Ibidem.
- 28. *Idem*, págs. 115 e 116 (Todos os textos bíblicos dessa citação são da *King James Version*).

Capítulo 9

EXCERTOS DAS PUBLICAÇÕES OFICIAIS DA IGREJA - (1916-1952)

O ano de 1915 não apresentou qualquer mudança na interpretação da doutrina adventista da Encarnação. Todavia, ele marcou a morte de Ellen White. Com seu passamento, o último sobrevivente do grupo de pioneiros de 1844 desapareceu. Ellen White repetiu a ressonante advertência pouco antes do fim de sua vida: "Nada temos a temer do futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira como Deus nos tem conduzido, e Seu ensino em nossa história passada." 1

Todos os documentos do período de 1916 a 1952 existentes trazem um testemunho uniforme da posição mantida pela igreja sobre a natureza humana de Jesus, a saber, que Ele tomou sobre Si mesmo a natureza de Adão após a queda; em outras palavras, natureza decaída, mas sem haver cometido um só pecado.

Excertos dos Periódicos da Igreja

Um índice contendo cerca de 200 declarações dos periódicos oficiais da igreja mostra que não houve qualquer variação nessa tradicional posição. Pastores, professores, editores, administradores, executivos da Conferência Geral, incluindo muitos presidentes, todos falaram em uníssono.

Em 6 de setembro de 1917, Joseph E. Steed escreveu na Review and Herald: "Foi necessário que Cristo tivesse uma experiência como a do homem, de forma a poder socorrê-lo em todas as suas tentações e também agir como seu intercessor... Já ficou demonstrado que esse Salvador tornou-Se um homem sujeito a todas debilidades da carne, nascido em carne pecaminosa; e enquanto nessa carne, sofreu como outros homens sofrem em seu conflito com o pecado."²

O testemunho de R. S. Owen é também interessante: "A obra de Cristo na carne foi a condenação do pecado na carne. O pecado habita em nossa carne pecaminosa, e Cristo o condenou habitando na própria casa do pecado, mas nunca Se rendeu a clamores ilícitos e nunca

respondeu a seus maus convites. Ele demonstrou que o homem pode conseguir com a ajuda de Deus, aquilo que o capacitará a viver na carne, e ainda viver para Deus."³

Nesse mesmo mês, J. A. Rippey escreveu no periódico australiano Signs of the Times: "Nada, então, poderia estar mais claro do que ser essa espécie de carne que Davi possuía, a mesma que Jesus tomou. Quem foi Davi? Ele foi o filho de Jessé. Mas quem foi Jessé? Ele era filho de Rute. Rute era uma moça moabita, uma descendente de Moabe; e Moabe era filho de uma das filhas de Ló. Gênesis 19:36 e 37. Descobrimos do estudo dos ancestrais de Jesus que eles eram os mais obscuros da Terra, e desceram às maiores profundezas do pecado."

"Quando Jesus nasceu, tomou sobre Si mesmo a carne pecaminosa após estar ela enfraquecida por cerca de 4.000 anos de iniquidade. Ele poderia ter vindo de outra linhagem, mas proveio da mais fraca dentre as fracas, para que pudesse provar ao mundo que o homem nunca submerge tão fundo no pecado, que o poder de Deus não seja suficiente para habilitá-lo a viver uma vida vitoriosa. Ele 'foi tentado em todos os pontos, como nós, mas sem pecado' Heb. 4:15. Ele não foi apenas tentado, mas Suas tentações eram tão fortes que Ele sofreu quando era tentado. Hebreus 2:18. Embora Jesus tivesse em Sua carne todos os desejos que habitaram na carne de Seus antepassados, todavia Ele nunca, nem mesmo por uma só vez, cedeu ao pecado."⁴

Em 22 de março de 1927, L. A. Wilcox publicou na Signs of the Times um artigo que discutia a questão: "Há esperança de vencer nossas herdadas tendências para o mal?" Ele responde recorrendo à genealogia de Jesus: "Eu estou feliz por causa dela [a genealogia de Cristo]. Pois ela me ajuda a compreender como Ele pôde ser "tocado pelo sentimento" de todas as minhas enfermidades. Ele veio até onde eu estava e ficou em meu lugar. Em Suas veias estava o incubo de uma hereditariedade corrompida, como um leão enjaulado sempre buscando atacar e destruir. Por 4.000 anos a raça viera se deteriorando em força física, poder mental e dignidade moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade em seu pior estado. Apenas assim poderia Ele resgatar o homem das mais baixas profundidades da degradação." 5

Então Wilcox cita em apoio à sua declaração uma passagem de Ellen White, extraída do livro O Desejado de Todas as Nações: "Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado para nos socorrer. Mas nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido."

"É bom saber que", acentua Wilcox, "Ele, o Filho de Deus, tornou-Se o Filho do homem, para que eu, um filho do homem, pudesse tornar-me um filho de Deus. Ele Se tornou como eu sou, para que eu pudesse tornar-me como Ele é. Ele participou da minha humana natureza, para que eu pudesse participar de Sua natureza divina. Em cada tentação que ataca, há poder em saber que tal tentação, em toda a sua avassaladora força, O atacou também de todas as maneiras e em ocasiões inesperadas, e que, com iguais tendências para o mal, a despeito do mau sangue e maldade herdados, através do mesmo poder ao qual eu tenho acesso, Ele venceu. Ele venceu por mim. Ele me oferece Sua vitória como minha própria – um dom gratuito. E assim, em todas essas coisas, sou mais do que vencedor através dAquele que me amou."

Mais tarde, F. M. Wilcox, editor da Review and Herald (1911-1944), também co-fundador do Patrimônio Literário Ellen G. White e membro do conselho de seus depositários, explicou por que achava importante identificar a carne de Cristo com a da humanidade decaída: "O terreno seguro para nós ao irmos ao Senhor Jesus é o fato de que Ele tomou sobre Si a natureza do homem, e na forma humana venceu Satanás, transpondo desse modo o abismo que o pecado abrira entre Deus e a humanidade. Passando por essa experiência em favor da raça perdida, Ele Se tornou um Salvador perfeito... Identificou-Se com o homem em todas as provas e tentações... Cristo foi intensa e severamente tentado, tentado como nenhum outro ser humano jamais foi, contudo Ele suportou tudo isso sem pecar. Nem uma só vez Ele cedeu ao poder do tentador. Em cada conflito Ele foi vitorioso. Com a mente firmada em Deus, confiando no amor e no poder de Seu Pai celestial, Cristo resistiu todas as vezes aos ataques do inimigo. Isso, a herança da vitória sobre o pecado, Ele

igualmente nos transmitiu, em acréscimo, a simpatia que nos dispensa em tempos de provação. Como Ele lançou mão do divino poder, é nosso privilégio fazer o mesmo. Os recursos que estavam abertos a Seu pedido, também estão a nós."⁸

Esse ensino não ficou restrito aos editores dos vários periódicos denominacionais. Ele também foi pregado pelas mais altas autoridades da igreja, como presidentes de divisão, vice-presidentes, e presidentes da Conferência Geral. Essa foi realmente a mais autêntica expressão da fé encontrada na comunidade adventista sobre a questão da Cristologia. Sem desejar citar cada um individualmente, desejamos fazer referência a uns poucos testemunhos dos mais representativos autores.

Durante esse período, W. W. Prescott foi certamente o mais prolífico e competente. Então, como secretário geral e vice-presidente da Conferência Geral no período de 1915 a 1937, ele continuou a propagar esse ensino denominacional através de seus numerosos artigos. Sua interpretação já foi amplamente apresentada, de forma que não será repetida aqui. Mais tarde, W. H. Branson, que foi presidente da Conferência Geral de 1950 a 1954, proclamava as mesmas convicções em artigos publicados nos diferentes periódicos.⁹

Repetidas vezes ele escreveu: "Para Cristo poder compreender as fraquezas da natureza humana, precisava experimentá-la... Portanto, Ele Se tornou osso de nossos ossos e carne de nossa carne... Deus precisou primeiro descer até o homem para poder erguê-Lo até Si mesmo." ¹⁰ "Não foi a natureza dos anjos que Ele assumiu, mas a de Abraão. Ele Se tornou 'semelhante a Seus irmãos'". ¹¹ "Oh, que vergonha que o Grande Deus Se propusesse vir habitar com os homens, morar em sua própria carne." ¹²

Dois presidentes da Divisão Sul-Européia, cuja sede se achava em Berna, Suíça, fizeram o seu melhor para divulgar na Europa a Cristologia ensinada nos Estados Unidos. A. V. Olson¹³ foi o primeiro a expressar-se sobre o assunto da natureza humana decaída que Cristo assumiu. Olson escreveu: "Jesus herdou... a natureza de Sua mãe. Um homem chamado Jesus, feito de carne e sangue como os outros homens, viveu realmente em seu meio."¹⁴

"Nesse sentido, o segundo Adão não era fisicamente idêntico ao primeiro. Foi também no sentido de depreciação em estatura e vitalidade que Cristo, pela lei da hereditariedade, tomou sobre Si mesmo nossa 'natureza decaída' (O Desejado de Todas as Nações, pág. 112), 'nossa natureza em sua deteriorada condição (Signs of the Times, 9 de junho de 1898)." ¹⁵

M. V. Campbell, igualmente, foi presidente da Divisão Sul-Européia (1954-1958), e mais tarde tornou-se vice-presidente da Conferência Geral. Eis como ele se expressou, num tempo quando se estava começando a formular a nova interpretação referente à natureza de Jesus:

"Ao vir a nosso mundo, o Salvador não desceu do Céu como um anjo ou como um ser de outro planeta. Ele tomou Seu lugar como membro da raça humana ao nascer numa famílias cujos ancestrais eram bem conhecidos. Nasceu tão desamparado como qualquer outro bebê... Jesus não veio à Terra como fez o primeiro Adão, que deixou as mãos do Criador sem nenhuma inclinação para pecar. Antes, Ele veio em semelhança 'de carne pecaminosa' (Rom. 8:3). Sua divindade não diminuiu Sua humanidade. Ela a preencheu, inundou-a, cercou-a, mas de modo nenhum a destruiu. O Salvador foi influenciado para pecar através da hereditariedade, do ambiente e das poderosas tentações do diabo... Para vencer o pecado, Jesus não usou qualquer poder espiritual que era Seu em virtude de ser o Filho de Deus. Ele apenas Se utilizou das armas que estão nas mãos do mais humilde de Seus seguidores." 16

Excertos da Literatura Adventista Européia

Os testemunhos desses dois presidente da Divisão Sul-Européia – ambos americanos – são representativos do ensino que, naquele tempo, havia nas igrejas adventistas de fala inglesa do mundo. Mas, qual era a crença geral sobre o assunto na Europa continental, onde a mensagem havia sido oficialmente introduzida em 1874?¹⁷

Como sabemos, a revista *Signes des Temps* (Sinais dos Tempos em francês) foi fundada por John Nevins Andrews na cidade de Basiléia, em 1876. É interessante notar que até 1938, nenhuma

menção foi feita com relação à natureza humana caída de Cristo. Evidentemente, esse aspecto da Cristologia não constituía nenhuma importante característica do ensino adventista nesse tempo. 18 Pode ser que os adventistas do continente partilhavam dos mesmos pontos de vista da maioria dos protestantes sobre esse assunto. O apoio para isso veio do editor-chefe da Signes des Temps: "Para salvar a humanidade, foi necessário, de acordo com a justiça de Deus, que Cristo fosse colocado sob as mesmas condições de Adão na criação, vale dizer, livre do pecado, mas suscetível de cair em tentação." 19

Desse modo, a Cristologia adventista tradicional, como ensinada no mundo de fala inglesa, não foi completamente obscurecida, mas sua introdução foi retardada no continente europeu até que as traduções inglesas dos livros e artigos de Ellen White se tornassem disponíveis.

A primeira menção da Cristologia tradicional é encontrada na Revue Adventiste (Revista Adventista em francês), o órgão informativo dos adventistas do sétimo dia na Europa Latina. O artigo está datado de 15 de novembro de 1923. Foi escrito por Tell Nussbaum, primeiro presidente da Associação Francesa.²⁰ Seu título: "*Jesus, Filho de Deus e Filho do Homem*", sumaria o ensino da Igreja Adventista sobre o tema da pessoa e obra de Cristo. Eis um extrato:

"Jesus foi declarado com poder ser o Filho de Deus através do Espírito Santo, por Sua ressurreição dos mortos. Rom. 1:4. Tendo vindo em nossa carne enferma, nascido sob a lei, capaz de pecar, Ele não cometeu qualquer pecado. Foi nela que o pecado deveria ser vencido e o homem, em sua decaída natureza, pôde ser colocado num estado em que a santidade seria possível. Ele deveria viver a vida de Deus que se acha unicamente em Jesus Cristo, a qual Ele nos assegura continuamente pela fé."

"O propósito de Jesus Cristo foi cumprido: transmitir Sua perfeita natureza à Sua posteridade. Mas ela não será completamente adquirida até o dia quando nós O virmos como é agora no Céu (João 17:22). Hoje, aceitando pela fé o que Cristo fez por nós, andamos pelo Espírito de Jesus Cristo... O Espírito de vida, que está em Jesus Cristo, nos libertou do pecado. Por Sua morte, Ele triunfou sobre o pecado a fim de nos conceder esse poder."²¹

É duvidoso que essa declaração represente o pensamento da maioria dos adventistas da Europa continental. O objetivo do autor era aparentemente tornar conhecido mais amplamente o ensino aceito pela Igreja Adventista. Outra série de artigos com o mesmo propósito apareceu na *Revue Adventiste*, entre 1925 e janeiro de 1926.²²

Esses foram, mais tarde, reimpressos em forma de panfleto com este significativo título: *A Touchstone – Jesus Christ Come in Flesh* (Uma Pedra de Toque – Jesus Cristo Veio em Carne). ²³

Seu autor foi Jules-Cesar Guenin, então presidente da Associação Francesa. Ele tinha um perfeito conhecimento da Cristologia como estabelecida por Ellen White e os pioneiros, aos quais faz referências. Para introduzir o assunto, ele se baseia em I João 4:1-3, asseverando que "todo espírito que confessa que Jesus veio em carne" é de Deus, mas todo espírito que não reconhece que Jesus veio em carne é do anticristo.

Mas Guenin pergunta: "O que a Bíblia quer dizer quando fala que 'Jesus veio em carne'? Depois de considerar as principais passagens que tratam da Encarnação (Filip. 2:5-8; João 1:14; Rom. 8:3; Heb. 2:14-18; 4:15), ele conclui: "Essa doutrina tem tal importância que é, por assim dizer, a doutrina das doutrinas, o ponto alto da pregação apostólica e evangelística, a pedra de toque do cristianismo autêntico."²⁴

Abordando o problema da natureza humana de Cristo, Guenin perfila com seus colegas americanos: "A redenção da humanidade somente poderia ser adquirida mediante Deus tornar-Se homem. Foi revestido de carne como a nossa que Cristo enfrentou as lutas morais e correu os mesmos riscos que nós, de modo a provar que a justiça da lei poderia ser alcançada pelo homem. O Filho de Deus veio a este mundo com carne semelhante à nossa... Assim, o pecado foi gloriosamente vencido e finalmente condenado, e a santidade efetivada na carne humana."25

Falando sobre as tentações que Cristo suportou, Guenin faz referência a várias declarações de Ellen White, tais como estas: "Se tivéssemos, em certo sentido, um mais probante conflito do que teve Cristo, então Ele não estaria habilitado para nos socorrer. Mas nosso Salvador Se

revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido."²⁶

Ademais, J. C. Guenin também citou o teólogo protestante E. de Presence, na questão das tentações que Jesus enfrentou no deserto: "O Redentor passou por Seu grande teste de liberdade sem o qual nenhum destino moral é alcançado. É aqui que precisamos aceitar o completo mistério de Sua humilhação. Se Lhe atribuirmos impecaminosidade, separamo-Lo das reais condições de uma existência terrestre; Sua humanidade não é, então, mais que uma ilusão, um véu transparente através do qual é vista Sua transcendente divindade. Não sendo como nós, Ele não mais está conosco. Ao excitante drama da luta moral segue uma indescritível fantasmagoria metafísica. Não devemos mais falar de tentações ou provas com respeito a esse assunto."²⁷

Da vitória de Jesus sobre o pecado, Guenin extrai a seguinte lição prática: "Cristo venceu o pecado para provar que cada crente pode vencer também; mas Ele triunfou porque desejava fazêlo e porque lutou e sofreu usando apenas as armas da fé e da oração. É por esses meios, com esses armamentos, que o crente pode triunfar... Isso é o que significa confessar ter vindo Cristo em carne." ²⁸

A doutrina da Encarnação constitui para J. C. Guenin "o ponto vital da religião redentiva e regenerativa de Jesus; negar isso é fazer com que o cristianismo perca toda a sua eficácia e valor prático."²⁹

Num artigo sobre os dois Adões publicado na Revue Adventiste, em 1942, J. C. Guenin reenfatiza a importância de Jesus ter participado de nossa completa humanidade. "Se Jesus houvesse vindo com a impossibilidade de pecar, como certos crentes e certa teologia preconizam, como poderia Ele ter-Se tornado o pai da nova humanidade vitoriosa, um 'grande sumo sacerdote' que podia simpatizar com as fraquezas da humanidade e provar a possibilidade de uma vida vitoriosa? Jesus não veio ao mundo apenas para resgatar do pecado, para expiar a culpa dos pecadores, mas também para dar à humanidade um exemplo de perfeita obediência à vontade divina, para provar que tal obediência é possível àquele que sinceramente deseja tê-la. Para fazer isso, era necessário que Cristo vivesse uma absoluta vida santa, sem pecado."³⁰

Almejando explicar a doutrina da Encarnação a seus leitores não-adventistas, J. C. Guenin publicou uma série de três artigos na *Signes des Temps*. Foi a primeira menção da Cristologia adventista nesse magazine após 62 anos de existência. O conteúdo desses artigos está claramente patenteado em seus títulos: "Jesus Cristo Veio em Carne"; "Jesus Cristo, o Ideal da Humanidade"; "Foi Jesus um Pecador?" Neles encontramos repetido o ensino desenvolvido na brochura Uma Pedra de Toque: Jesus Veio em Carne.

Outros autores fizeram referências semelhantes à crença comum dos adventistas daquele tempo. Num artigo escrito por James Howard, traduzido do inglês e publicado na Revue Adventiste, encontramos a seguinte declaração acerca da tentação de Cristo: "A tendência hereditária para pecar é verdadeiramente forte. A mãe de Jesus Cristo herdou a 'forma e a semelhança' de seus ancestrais; ela nascera em carne pecaminosa. Sendo assim, seu Filho Jesus Cristo herdou a natureza humana."³²

Também na exposição de um sermão pregado no dia 11 de julho de 1928, em Genebra, sobre "o preço de nossa redenção", B. E. Beddoe, um visitante, falou acerca da natureza humana de Jesus que, sendo como nós, "conhecia as tendências da carne, os desejos que levam ao pecado". Daí, ante a pergunta: "Poderia ter Ele pecado?", o pregador respondeu sem hesitar: "Certamente".³³

Finalmente, é bom repetir o que Charles Gerber³⁴ escreveu em seus folhetos evangelísticos, distribuídos aos milhares e mais tarde compilados e formatados num livro intitulado *Le Chemin du Salut* (O Caminho da Salvação).³⁵ No capítulo que trata do "mistério da Encarnação", ele confirma a Cristologia adventista aceita. "Para salvar a humanidade, Deus deu Seu Filho, o qual assumiu nossa natureza e Se identificou conosco. O Filho de Deus consentiu em tornar-Se Filho do homem.

'Deus enviou Seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei' (Gál. 4:4). 'O Verbo Se fez carne e habitou entre nós' (João 1:14). '... Deus, enviando a Seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, na carne condenou o pecado."

"É um milagre, é um mistério, Deus descer entre nós e tornar-Se carne, é o Céu humilhando-se diante da Terra, é a escada de Jacó ligando a Terra ao Céu e o Céu à Terra... Jesus Se tornou homem... Sofreu fome, sede e cansaço assim como nós. Era 'em todas as coisas... semelhante a Seus irmãos'; Ele enfrentou semelhantes tentações, derramou lágrimas e finalmente morreu." 36

Excertos das Lições da Escola Sabatina

Como já foi dito, as lições da Escola Sabatina são o melhor indicador oficial do ensino da Igreja Adventista. Preparadas por especialistas e revisadas por uma comissão de representatividade mundial, elas são realmente a mais autêntica expressão da fé adventista. Cada vez que as lições tocam no assunto da natureza humana de Jesus, as notas explicativas invariavelmente apresentam o ensino tradicional. Exemplos do período compreendido entre 1916 e 1952 são tão poucos que é possível citá-los todos. O primeiro data do primeiro trimestre de 1921, e é relevante sobre a questão da Encarnação.

"Cristo assumiu, não a original impecável, mas nossa humanidade decaída. Nessa segunda experiência, Ele Se encontrou não precisamente onde Adão estivera antes dEle, mas, como dito anteriormente, com imensas desvantagens contra Si – o mal, com todo o seu vitorioso prestígio e sua conseqüente entronização na própria constituição de nossa natureza, armado com o mais terrível poder contra a possível realização desse divino ideal no homem – perfeita santidade. Tudo isso considerado, as desvantagens da situação, os tremendos riscos envolvidos e a ferocidade da oposição encontrada, faz-nos ter uma idéia da realidade e da grandeza desse vasto empreendimento moral; a natureza humana tentada, provada e extraviada em Adão, é elevada por Cristo à esfera da consumada santidade." 37

Noutra lição acerca do sacerdócio de Cristo, editada no mesmo ano, verificamos este comentário versando sobre os primeiros dois capítulos da epístola aos Hebreus: "Aquele que é apresentado no primeiro capítulo como Filho, Deus e Senhor, cuja divindade e eternidade são enfatizadas, encontra-nos no segundo capítulo como o Filho do homem, com todas as limitações de nossa humanidade comum. Ele é conhecido por Seu nome pessoal e terrestre e como alguém que pode provar a morte (Heb. 2:9), e pode ser 'aperfeiçoado pelos sofrimentos' (verso 10). Ele participou da mesma carne e sangue que nós (verso 14), tornando-se tão verdadeiramente homem (verso 17), como é verdadeiramente Deus." 39

No terceiro trimestre de 1921, o mesmo conceito é encontrado destacadamente: "Quando o Filho de Deus nasceu de mulher (Gál. 4:4) e participou de nossa carne pecaminosa (Rom. 8:3), a vida eterna se manifestou em corpo humano (I João 1:2)."³⁹

Em 1928, as lições do primeiro trimestre foram baseadas na epístola aos Efésios. Eis uma nota explicativa em relação a Efésios 2:15) "O homem carnal, natural, não pode abolir sua inimizade contra Deus. Ela faz parte de sua natureza. Está entretecida em cada fibra de seu ser. Mas Jesus tomou sobre Si mesmo nossa natureza de carne e sangue (Heb. 2:14), 'em todas as coisas.... para ser semelhante a Seus irmãos' (Heb. 2:17), 'da semente de Davi segundo a carne' (Rom. 1:3); 'Ele enfrentou e aboliu a inimizade em Sua carne', 'a mente carnal' (Rom. 8:7). Ele venceu o pecado na carne por nós, para sempre." 40

Excertos de Livros Selecionados

Durante o período que vai de 1916 até 1952, muitos livros tratando direta ou indiretamente da doutrina da Encarnação foram publicados pelas diversas casas editoras da igreja, tais como: Review and Herald Publishing Association, Pacific Press Publishing Association e Southern Publishing Association. Todos os livros por elas editados haviam recebido o prévio selo de aprovação de uma comissão editorial, certificando que o conteúdo estava em harmonia com a fé a

as doutrinas adventistas.

1. A Doutrina de Cristo, de W. W. Prescott

Relembramos que Prescott, em seu livro datado de 1920 e por título *A Doutrina de Cristo*, demonstrava que sem participar da "carne e no sangue" daqueles a quem Ele viera libertar do poder do pecado e da morte, Cristo não poderia ter sido nosso Salvador. Essa verdade, na mente de Prescott, era a verdade central do evangelho.

2. Uma Vida Vitoriosa, de Mead MacGuire

Em 1924, foi lançado o livro de Mead MacGuire, *Uma Vida Vitoriosa*. O autor também foi um dos fundadores do Departamento de Jovens em nível de Conferência Geral. Ele foi, sucessivamente, secretário dos Departamentos Missionário e Ministerial. ⁴¹ No capítulo em que trata da "*medonha natureza do pecado*", MacGuire responde à questão levantada por Paulo em Romanos 7:23: "*Mas vejo nos meus membros outra lei guerreando contra a lei do meu entendimento, e me levando cativo à lei do pecado, que está nos meus membros*."

"Há apenas um meio de livramento dessa congênita lei do pecado. Ele é Cristo. Ele Se revestiu da humanidade. Ele venceu o pecado enquanto num corpo que estava sob a hereditária lei do pecado. Agora Ele nos propõe viver essa mesma vida impecável em meus membros. Sua presença neutraliza completamente o poder da lei do pecado."⁴²

Noutro capítulo, Macguire escreve: "Quando Jesus suportou a cruz, Ele admitiu a sentença de morte sobre a natureza do pecado. Cristo tomou nossa natureza, a natureza de Adão, a vida de Saulo, e concordando com o Pai de que essa natureza estava qualificada apenas para morrer, Ele foi voluntariamente até a cruz e conduziu essa natureza decaída até sua inevitável e necessária morte... Por Seu grande sacrifício, Cristo fez provisão para a morte da natureza de Adão em você e em mim, se estivermos dispostos a levar essa nossa degenerada natureza até Sua cruz e pregá-la nela."⁴³

3. Fatos da Fé, de Christian Edwardson

Em 1942, Edwardson abordou o assunto da Encarnação e da natureza humana de Cristo sob um ângulo diferente. Ele discutiu II João 7, que declara que os enganadores e o anticristo não "confessam que Jesus Cristo veio em carne". Em oposição ao argumento de que o papado poderia não ser o anticristo, uma vez que o catolicismo não nega a encarnação de Cristo, Edwardson escreveu:

"Esse argumento, todavia, está baseado num mal-entendido produzido pelo descuido de uma palavra no texto. O anticristo não nega que Cristo veio em carne, mas nega que Ele houvesse vindo na carne, na mesma espécie de carne da raça humana que viera salvar... Sobre essa vital diferença articula-se a verdade 'vital do evangelho'. Desceu Cristo totalmente para estabelecer contato com a raça caída, ou só parcialmente, de modo que precisamos ter santos, papas e padres para interceder por nós juntamente com Cristo, que está muito afastado da humanidade decaída e de suas necessidades para estabelecer contato direto com o pecador individualmente? Justamente aqui jaz a grande divisor que separa o protestantismo do catolicismo romano."

Edwardson estende-se sobre o segredo da salvação do homem: "Por meio do pecado o homem separou-se de Deus, e sua natureza decaída é oposta à vontade divina... Apenas através de Cristo, nosso Mediador, pode o homem ser resgatado do pecado e novamente entrar em ligação com a fonte da pureza e do poder. Porém, para tornar-Se tal elo de ligação, Cristo teve de participar da divindade de Deus e da humanidade do homem, de forma que Seu divino braço pudesse cingir a Deus e com Seu braço humano envolver o homem, ligando assim ambos em Sua própria Pessoa. Nessa união do divino com o humano jaz o 'mistério' do evangelho, o segredo do poder para erguer o homem de sua degradação."

Edwardson busca explicar o porquê da encarnação de Cristo: "Era o homem decaído quem

devia ser resgatado do pecado. E para fazer contato com ele, Cristo tinha de condescender em tomar nossa natureza sobre Si mesmo (e não alguma espécie mais elevada de carne). 'Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também Ele semelhantemente participou das mesmas coisas... Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a Seus irmãos.' Esse texto está redigido de um modo que não pode ser malcompreendido. Cristo 'tomou parte da mesma carne e sangue que os nossos'; Ele veio 'na carne'. Negar isso é a marca do anticristo."

4. O Vinho da Babilônia Romana, de Mary E. Walsh

Como sugerido pelo próprio título, esse livro contrasta o ensino católico com o das Escrituras. Mary E. Walsh, a autora, foi por 20 anos uma fervorosa católica.⁴⁵

No capítulo dedicado à imaculada conceição, Mary Walsh escreve: "Tudo o que Maria deu a Cristo foi Seu corpo humano. É uma lei da Natureza que alguém não pode dar aquilo que não possui, e Maria, sendo humana em cada aspecto da palavra, não poderia conceder a Seu Filho a natureza da divindade." ⁴⁶

Então, tendo mostrado ambos os aspectos da natureza de Jesus, o divino e o humano, Mary Walsh cita Rom. 8:3 e Hebreus 2:14, 17 e 18, para concluir: "Na genealogia de Cristo, como apresentada em Mateus, verificamos que Jesus é chamado o filho de Davi e também Filho de Abraão. Alguém tem de estudar apenas os caracteres de Abraão e Davi, para aprender que eles foram verdadeiramente humanos e tinham tendência para pecar. Assim vemos que espécie de natureza humana Cristo herdou de Seus progenitores."⁴⁷

No início dos anos cinqüenta, muitas outras obras foram publicadas buscando explicar o porquê da Encarnação e o que Cristo realizou vivendo uma vida impecável em carne pecaminosa. O livro de A. B. Lickey, *Cristo Para Sempre* e a obra de W. B. Ochs, *Nisso eu Creio*, ambos publicados em 1951 pela Review and Herald Publishing Association⁴⁸, mantiveram o ensino adventista tradicional dos últimos 100 anos.

Para completar nosso exame, abordaremos mais dois autores cujo testemunho é particularmente valioso porque veio num tempo em que uma radical mudança estava sendo implementada: F. D. Nichol, editor-chefe da *Review and Herald* de 1945 a 1966, e autor de muitos livros, e W. H. Branson, presidente da Conferência Geral de 1950 a 1954.

5. Respostas a Objeções, de F. D. Nichol

Em 1952, Nichol se sentiu compelido a replicar ao criticismo frequentemente dirigido contra os adventistas, nestes termos: "Os adventistas do sétimo dia ensinam que, como toda a humanidade, Cristo nasceu com uma natureza pecaminosa. Isso indica plenamente que Seu coração, também, era 'enganoso, mais do que todas as coisas, e perverso' (Jer. 17:9). Em harmonia com isso eles também ensinam que Cristo poderia ter falhado enquanto em Sua missão terrestre como Salvador do homem; que Ele veio ao mundo 'sob risco de fracasso e eterna perda', e que Ele 'não falhou nem ficou desanimado'."⁵⁰

A resposta de Nichol é encontrada, antes de tudo, em dois artigos da *Review and Herald*, depois reproduzida no livro *Answers to Objections* (Respostas a Objeções)⁵¹, publicado no mesmo ano. O prefácio foi escrito por W. H. Branson, então presidente da Conferência Geral. Branson escreveu: "Este volume fornece uma bem definida e convincente resposta às objeções mais amiúde levantadas pelos críticos das doutrinas mantidas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia... Com cordial aprovação, portanto, recomendamos este livro a cada obreiro evangélico. Ele se provará um pronto auxiliar no enfrentamento dos ataques dos críticos teológicos, e sincero ao responder as indagações do perplexo inquiridor."⁵²

Em sua réplica, Nichol não diz que os críticos estavam enganados quanto às crenças dos adventistas sobre o assunto. Ele simplesmente procurou mostrar que eles se enganaram em concluir que "os adventistas do sétimo dia eram culpados de terrível heresia".⁵³ Na verdade, observa Nichol: "Os adventistas nunca fizeram um pronunciamento formal sobre o assunto em sua declaração de crenças. A única declaração em nossa literatura que poderia ser considerada como

verdadeiramente autorizada nessa questão é aquela que a Sra. Ellen G. White escreveu."⁵⁴ Além disso, os contestadores citam um excerto do livro O Desejado de Todas as Nações, para provar que eles não estão equivocados em seu julgamento, e Nichol faz o mesmo para confirmar que "Cristo tinha de ser, em todas as coisas, semelhante a Seus irmãos".

"Essa é a crença adventista. E nós a sustentamos porque sentimos que ela concorda com a revelação e a razão." Apoiando-se nos textos bíblicos habituais (Rom. 8:3; Hebreus 2:14, 16 e 17, e 4:15), Nichol assevera: "O opositor procura evitar a força dessas passagens declarando que quanto a Cristo, 'tentado' simplesmente significa 'provado' ou 'experimentado'. Mas os textos que vimos enfatizam que a natureza da tentação de Cristo foi exatamente a mesma que sobrevém à humanidade. Realmente, essas escrituras mencionam uma diferença – quando Cristo foi tentado, Ele não pecou. O que não pode ser dito da humanidade. Em maior ou menor grau, todos caímos diante da tentação. O texto não diz que Cristo não poderia pecar, mas que Ele não pecou. Se em Sua natureza humana fosse-Lhe impossível pecar, por que Paulo não nos mostra os textos concernentes? Essa teria sido uma grande revelação." 55

Então Nichol prossegue mostrando que os adventistas não são os únicos que mantêm esse ponto de vista. Ele cita uma constelação de teólogos de diferentes denominações protestantes antes de concluir: "A crença adventista com relação a Cristo é que Ele era verdadeiramente divino e verdadeiramente humano; que Sua natureza humana estava sujeita às mesmas tentações para pecar que nos confrontam, para que triunfasse sobre a tentação mediante o poder a Ele dado por Seu Pai; e que Ele pode ser literalmente descrito como 'santo, inocente, imaculado' (Heb 7:26)." 56

Algumas das expressões de Nichol alhures têm levado muitos a pensar que ele era um defensor da nova interpretação que surgiu por essa época. ⁵⁷ Mas o que ele escreveu sobre o tema das tentações de Cristo indica que esse não foi o caso. Note a comparação entre os dois Adões: "Cristo venceu a despeito do fato de ter tomado sobre Si 'a semelhança da carne pecaminosa', com tudo o que ela implica em efeitos maléficos e debilitantes do pecado sobre o corpo e o sistema nervoso do homem, e seus resultados sobre o meio ambiente – 'Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?'". ⁵⁸

Em nota adicional à objeção 94, Nichol explicou a expressão 'carne pecaminosa': "Os críticos, especialmente aqueles que vêem as Escrituras através de olhos calvinistas, lêem no termo 'carne pecaminosa' algo que a teologia adventista não requer. Assim, se usamos o termo 'carne pecaminosa' em relação à natureza humana de Cristo, como alguns de nossos escritores têm feito, arriscamo-nos a ser mal compreendidos. Realmente, com essa expressão queremos dizer simplesmente que Cristo 'tomou sobre Si a semente de Abraão', e Se tornou 'em semelhança de carne pecaminosa', mas os críticos não estão dispostos a crer nisso." 59

De acordo com o testemunho de Kenneth H. Wood, por muito tempo editor-associado de F. D. Nichol e seu sucessor como editor-chefe, de 1966 a 1982, Nichol sempre advogou em suas conversas e discussões a crença de que Cristo veio a este mundo com a natureza decaída do homem. Isso explicaria por que Walter Martin declarou: "A Conferência Geral inteligentemente separou Nichol de mim. Ele foi proibido de fazer contato comigo." 60

6. A Expiação e o Drama dos Séculos, de W. H. Branson

O ponto de vista expresso por W. H. Branson em vários artigos é confirmado em dois de seus livros. No primeiro, A Expiação, publicado em 1935, ele declara aquilo que sempre foi o ensino da igreja até então. "Cristo, o Filho de Deus, o Criador do Universo, tomou sobre Si mesmo nossa natureza e tornou-Se homem. Ele nasceu de uma mulher. Tornou-Se 'a semente de Abraão', tornou-Se um de nós." ⁶¹

Em 1953, enquanto Branson era presidente da Conferência Geral, e provavelmente estando ciente de uma nova interpretação emergente, ele escreveu em sua última obra, Drama dos Séculos: "Foi da carne e sangue do homem que Jesus participou. Ele Se tornou um membro da raça humana. Ele Se tornou como os homens... Essa, então, era uma humanidade real. Não foi a natureza dos anjos que

Ele assumiu, mas a de Abraão. Ele foi 'em todas as coisas feito semelhante a Seus irmãos'. Tornou-Se um deles. Estava sujeito à tentação; Ele conhecia as angústias do sofrimento e não era estranho aos pesares comuns aos homens."62

Então W. H. Branson explica sua posição com respeito ao motivo da participação de Cristo na natureza decaída da humanidade: "Para que Cristo pudesse compreender a fraqueza da natureza humana, Ele teve de experimentá-la. A fim de poder simpatizar com os homens em suas aflições, Jesus teve de ser afligido. Precisou sofrer fome, cansaço, desapontamento, tristezas e perseguições. Teve de trilhar os mesmos caminhos, viver sob as mesmas circunstâncias e passar pelo mesmo tipo de morte. Portanto, Ele Se tornou osso de nossos ossos, carne de nossa carne. Sua encarnação foi na humanidade real."63

Conclusão

Nossa pesquisa, cobrindo um século de Cristologia adventista (de 1852 até 1952), permitenos afirmar que os teólogos e administradores da igreja falaram em uníssono sobre o assunto da pessoa de Cristo e Sua obra em favor da salvação do homem.

Embora, primeiramente, descobríssemos alguns sentimentos semi-arianos sobre o tema da natureza divina de Cristo entre os líderes da igreja, esses foram abandonados antes da passagem do século. Por outro lado, sobre a natureza humana de Cristo, não havia divergência. Desde o início, a Igreja Adventista apresentou notável unanimidade em seu ensino sistemático desse ponto. Seu estudo neotestamentário levou os pioneiros da mensagem e seus seguidores a compreenderem a Encarnação, não simplesmente envolvendo a crença de que Jesus veio em carne, mas acima de tudo, "à semelhança de carne pecaminosa". E pela razão de ser seu ensino radicalmente oposto à tradição das igrejas estabelecidas, foi necessário repeti-la consistentemente para benefício dos novos conversos à mensagem adventista. Essa doutrina foi considerada como a "pedra de toque do Cristianismo autêntico"; como a "áurea cadeia na qual foram incrustadas as jóias da doutrina", "a doutrina das doutrinas", em resumo, "o ponto vital da regeneradora e redentiva religião de Jesus".

Por volta de 1950, surgiu uma nova interpretação: Cristo não assumiu a decaída natureza da humanidade, mas aquela de Adão antes da queda. De fato, tal drástica mudança de interpretação encontrou viva reação. É, por conseguinte, muito importante considerar esse novo passo na história da Cristologia adventista, para compreender as causas reais da controvérsia que perfurou o próprio âmago da igreja. Muito importante: é necessário afiar a capacidade de distinguir o ensino que concorda com o evangelho, daquele que não o faz. Esse é um ponto de destaque, porque de acordo com o apóstolo João, o teste do verdadeiro Espírito de Deus centraliza-se precisamente sobre o conceito de Cristo vindo em carne (I João 4:1-3).

Notas e referências

- 1. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 9, pág. 10. (itálicos supridos). Originalmente publicados em *Vida e Ensinos de Ellen G. White* (Life Sketches of Ellen G. White) (Mountain View, Calif., Pacific Press Pub. Assn., 1915), pág. 196.
- 2. Joseph E. Steed, na *Review and Herald*, 6 de setembro de 1917.
- 3. R. S. Owen, na Review and Herald, 29 de maio de 1924.
- 4. J. A. Rippey, na Signs of the Times, 5 de maio de 1924.
- 5. L. A. Wilcox, na Signs of the Times, 22 de março de 1927.
- 6. Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 117.
- 7. Wilcox, na Signs of the Times, 22 de março de 1927.
- 8. W. W. Prescott, na *Australian Signs of the Times*, 7 de janeiro d 1924; 4 de maio de 1936; 7 de agosto de 1936; *Signs of the Times*, 15 de janeiro de 1929; 22 de fevereiro de 1929.
- 9. W. H. Branson, no *The Watchman* (O Atalaia), julho-agosto de 1932; *Australian Signs of the Times*, 30 de outubro de 1933; 1 de novembro de 1937.
- 10. _____, *The Watchman*, agosto de 1933.
- 11. _____, Signs of the Times, 8 de novembro de 1936.

- 12. _____, *TheW atchman*, julho de 1932.
- 13. A. V. Olson foi o primeiro presidente da União Latina (1917-1920), depois presidente da Divisão Sul-Européia (1920-1946), e finalmente vice-presidente da Conferência Geral. Foi o autor do livro *Thirteen Crisis Years* (Treze Anos de Crise), 1888-1901 (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1966).
- 14. _____, na Review and Herald, 6 de agosto de 1942.
- 15. ______, em *Ministry* (O Ministério), janeiro de 1962. Citado em *A Encarnação de Cristo*, estudo publicado por Fred C. Metz (setembro de 1964).
- 16. M. V. Campbell, na Review and Herald, 5 de outubro de 1950.
- 17. Nossa pesquisa restringiu-se à Divisão Sul-Européia, compreendendo os seguintes países: Áustria, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, França, Grécia, Hungria, Israel, Itália, Portugal, Romênia, Espanha, Suíça, Iugoslávia e as colônias francesas na África.
- 18. Esse aspecto particular da Cristologia adventista não foi incluído nos cursos teológicos de nossos seminários. Em seu manual sobre doutrina, *L'Histoire du Salut* (A História da Salvação), Alfred Vaucher simplesmente afirma que Jesus tornou-se humano.
- 19. Jules Boureau, na Signes des Temps, maio de 1950.
- 20. Tell Nussbaum foi presidente da Associação das Igrejas Adventistas na França (1910-1914). Era pai do Dr. Jean Nussbaum, conhecido mundialmente por suas atividades em favor da liberdade religiosa, e fundador da revista *Consciene et Liberté* (Consciência e Liberdade).
- 21. Tell Nusbaum, na Revue Adventiste, 15 de novembro de 1923.
- 22. Revue Adventiste, 1 e 15 de dezembro de 1925; janeiro, 1 a 15 de 1926.
- 23. Jules-Cesar Guenin, *Une Pierre de Touche Jesus Cristo veio em Carne* (Dammarie-les-Lys): Imprensa "Os Sinais dos Tempos" n.d.). Ver *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, págs. 544, 545.
- 24. Idem, págs. 3 e 4.
- 25. Idem, págs. 4 e 5.
- 26. Idem, pág. 5. Ver Ellen White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 117.
- 27. Ibidem.
- 28. Idem, pág. 6.
- 29. _____, na Revue Adventiste, 15 de dezembro de 1925.
- 30. _____, na Revue Adventiste, janeiro de 1942.
- 31. _____, na Signes des Temps, julho, agosto e setembro de 1938.
- 32. James Howard, Revue Adventiste, 15 de julho de 1927.
- 33. B. E. Beddoe, Revue Adventiste, 25 de janeiro de 1929.
- 34. Charles Gerber foi, ao mesmo tempo, editor-chefe dos periódicos *Signes des Temps* (1933-1940), *Revue Adventiste* (1933-1939), e *Vie et Santé* (Vida e Saúde) (1939-1969).
- 35. Charles Gerber, *Le Chemin du Salut* (O Caminho da Salvação) (Dammarie-les-Lys: Impresa "Os Sinais dos Tempos", n.d.).
- 36. _____, Signes des Temps, outubro de 1937.
- 37. Lições Trimestrais da Escola Sabatina, adultos, primeiro trimestre de 1921, pág. 16.
- 38. Idem, segundo trimestre de 1921, págs. 13 e 14.
- 39. Idem, terceiro trimestre de 1921, pág. 20.
- 40. *Idem*, primeiro trimestre de 1928, pág. 15. Todos os exemplos citados por William H. Grotheer estão contidos na obra *História Interpretativa dos Adventistas do Sétimo Dia Doutrina da Encarnação*, págs. 56 e 57.
- 41. Meade Macquire, ver Seventh-day Adventista Encyclopedia, pág. 825.
- 42. _____, *The Life of Victory* (Vida Vitoriosa) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1924), págs. 17 e 18.
- 43. Idem, pág. 43.
- 44. Christian Edwardson, *Fatos da Fé* (Nashville, Tenn.: Southern Pub. Assn., 1942), págs. 204 e 205, em William H. Grotheer, *História Interpretativa dos Adventistas do Sétimo Dia Doutrina da Encarnação*, págs. 58 e 59.
- 45. Mary W. Walsh, *The Wine of Babylon*, pág. 3, em William H. Grotheer, obra *História Interpretativa dos Adventistas do Sétimo Dia Doutrina da Encarnação*, págs. 59 e 60.
- 46. Idem, pág. 132.
- 47. Idem, pág. 134.
- 48. A. E. Lickey, Christ Forever (Cristo Para Sempre) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1951).
- 49. Ver *The Seventh-day Adventist Encyclopedia*, artigo "F. D. Nichol", págs. 974 e 975. Simultaneamente à sua longa carreira como editor-chefe da *Review and Herald*, ele também foi editor do *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Nichol escreveu cerca de 20 livros.
- 50. Nichol, Review and Herald, 10 e 17 de julho de 1952.
- 51. Nichol, Answers to Objections (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1952), objeção 94, págs. 389 e 397.
- 52. Idem, págs. 23 e 24.

- 53. Idem, pág. 389.
- 54. Idem, pág. 390.
- 55. Idem, pág. 391.
- 56. Idem, pág. 397.
- 57. Ver William H. Grotheer, *História Interpretativa dos Adventistas do Sétimo Dia Doutrina da Encarnação*, págs. 70 a 72; e Ralph Larson, *The Word Was Made Flesh*, págs. 221 a 223.
- 58. Nichol, *Idem*, pág. 393.
- 59. _____, Answers to Objections, pág. 397.
- 60. Ver Larson, *The Word Was Made Flesh*, pág. 223; *Adventist Currents* (Correntes Adventistas), julho de 1983, pág.
- 61. Branson, The Atonement (A Expiação) (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1935), pág. 14.
- 62. _____, Drama of the Ages (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1980), págs. 97 e 98.
- 63. Idem, pág. 98.

Parte 4

A CONTROVÉRSIA CRISTOLÓGICA NO SEIO DA IGREJA ADVENTISTA

Capítulo 10

O NOVO MARCO HISTÓRICO ADVENTISTA

Através da história do Cristianismo, as mudanças doutrinárias têm geralmente ocorrido lenta, sutil e imperceptivelmente. Por via de regra é muito difícil determinar a origem dessas mudanças ou os que foram responsáveis por elas. Mas tal não é o caso da modificação doutrinária sobre a natureza humana de Cristo, a qual teve lugar na Igreja Adventista durante a década de 1950. Os principais responsáveis pela alteração deixaram suas marcas sobre as crenças da igreja.

Parece óbvio que os autores das mudanças eram plenamente cientes de que estavam introduzindo um novo ensino doutrinário com referência à Encarnação. Isso ficou evidente no relato das circunstâncias registrado por LeRoy Edwin Froom em seu livro *Movement of Destiny*;¹ e numa exposição que poderia ser considerada como um manifesto dessa nova interpretação, publicado na revista *Ministry* (O Ministério) sob o título "O Novo Marco Histórico Adventista". ² Este capítulo focaliza a história dessa nova ótica como delineada nessas fontes.

Não pretendo questionar o compromisso de meus colegas com a verdade ou sua lealdade à igreja. Estou certo de que eles amam ao Senhor e Sua Palavra. Mas tenho de examinar certas abordagens doutrinárias, buscando fazê-lo com bondade cristã.

A Primeira Data Memorável de Uma Mudanca Radical

Em 1949, a Review and Herald Publishing Association solicitou ao Prof. D. E. Rebok, presidente do Seminário Teológico Adventista de Washington, D.C., que revisasse o texto do livro *Estudos Bíblicos Para o Lar*³, em preparo de nova edição.

Esse livro, que teve numerosas edições, é largamente usado pelas famílias adventistas no estudo sistemático da Bíblia. Ele apresenta o ensino oficial da igreja com muitos detalhes. Como já dissemos, a edição de 1915, reimpressa em 1936 e 1945, especifica inequivocamente: "*Em Sua*

humanidade, Cristo participou de nossa **natureza pecaminosa decaída**. Não fosse assim e Ele não poderia ser 'semelhante a Seus irmãos', ser 'tentado em todos os pontos como nós', nem vencido como temos de vencer; e portanto, não teria condições de ser o completo e perfeito Salvador que o homem necessita e deve ter para ser salvo."⁴

Froom faz comentários acerca de Rebok: "Encontrando esta infortunada nota na pág. 174, no estudo sobre a 'Vida Sem Pecado', ele reconheceu que ela não era verdadeira... Assim, a inexata nota foi suprimida e ficou fora de todas as edições subseqüentes." Como resultado, a nova edição do Estudos Bíblicos deu outra resposta à questão: "Quão plenamente Cristo participou de nossa humanidade comum?" É feita a citação de Hebreus 2:17 com a seguinte observação explicativa: "Jesus Cristo é o Filho de Deus e o Filho do Homem. Como membro da família humana 'convinha que Ele fosse semelhante a Seus irmãos' — 'em semelhança de carne pecaminosa'. Até que ponto essa 'semelhança' chegou, é um mistério da Encarnação que os homens nunca foram capazes de desvendar. A Bíblia claramente ensina que Cristo foi tentado como os outros homens são tentados — 'em todos os pontos... como nós somos'. Tal tentação precisa, necessariamente, incluir a possibilidade de pecar; mas Cristo foi sem pecado. Não há apoio bíblico para o ensino de que a mãe de Cristo, por meio da imaculada conceição, foi preservada da pecaminosa herança da raça, sendo Seu divino Filho, portanto, incapaz de pecar."

Esta é uma significativa diferença da edição de 1946. Enquanto a versão anterior realça a participação de Cristo na "pecaminosa natureza do homem", em "sua natureza decaída", a posterior afirma decididamente que "Cristo era sem pecado". Obviamente, a afirmação é perfeitamente correta. Ninguém alegou nada em contrário. Mas essa não é a questão. O problema prende-se à humanidade de Cristo, Sua "carne pecaminosa", como Paulo a coloca.

Como foi mostrado⁷, pela rejeição do dogma da imaculada conceição e pela declaração de que Maria herdou naturalmente as imperfeições da humanidade, Rebok deixa sem explicação como Jesus não herdou, Ele próprio, a carne pecaminosa, a exemplo de todos os descendentes de Adão. Paulo não diz expressamente que Ele nasceu "da semente de Davi, segundo a carne"?

Rebok, em sua edição dos *Estudos Bíblicos*, também alterou a segunda nota explanatória em resposta à questão: "*Onde, em Cristo, condenou Deus o pecado e nos obteve a vitória sobre a tentação e o pecado?*" As duas notas explicativas das duas diferentes edições foram a seguir colocadas em paralelo a título de comparação:

Edição de 1946

"Deus, em Cristo, condenou o pecado, não por Se pronunciar contra ele como um simples juiz assentado no tribunal, mas vindo e vivendo na carne, na pecaminosa carne, sem todavia pecar. Em Cristo Ele demonstrou que é possível, por Sua graça e poder, resistir à tentação, vencer o pecado e viver uma vida sem pecado na pecaminosa carne.

Texto Revisado Por Rebok

"Deus, em Cristo, condenou o pecado, não por Se pronunciar contra ele como um simples juiz assentado no tribunal, mas vindo e vivendo **na carne**, (omissão), sem todavia pecar. Em Cristo Ele demonstrou que é possível, por Sua graça e poder, resistir à tentação, vencer o pecado, e viver uma vida sem pecado (**omissão**) na carne."

As diferenças entre as duas notas são pequenas porém significativas. A expressão de Paulo, "carne pecaminosa", é omitida. Essa edição revisada dos Estudos Bíblicos não aparece, todavia, até 1958, após a nova interpretação haver sido fomentada por uma série de artigos no Ministry, uma revista publicada especialmente para os ministros.

A Rejeição das "Errôneas" Idéias do Passado

Os eventos que conduziram à nova interpretação sobre a natureza humana de Cristo são bem conhecidos. Um forte proponente, LeRoy Edwin Froom, registrou as circunstâncias descendo aos mais minudentes detalhes.⁹ Tudo começou em janeiro de 1955, quando apareceu uma declaração no periódico evangélico *Nossa Esperança*, declarando que a Igreja Adventista do Sétimo Dia "rebaixa a Pessoa e a obra de Cristo", ao ensinar que Ele, em Sua humanidade, 'participou de nossa pecaminosa e decaída natureza'. A opinião de Schuyler English, editor do periódico, era que Cristo não participou da natureza decaída dos outros homens.¹⁰ De acordo com Froom, English foi desencaminhado pela velha edição do *Bible Readings for the Home Circle*.

Froom imediatamente escreveu a English observando que ele estava equivocado quanto à posição adventista sobre a natureza humana de Cristo. "A nota sobre o ponto de vista minoritário de Colcord, saída no Bible Readings — contendendo por uma inerente pecaminosa e decaída natureza de Cristo — foi anos antes examinada por causa de seus erros." ¹¹

No encerramento dessa correspondência, English ficou convencido de que ele estava errado. Então publicou uma correção sobre o assunto na revista *Nossa Esperança*. Alguns meses mais tarde, ele publicou um artigo de Walter R. Martin, um teólogo batista que, após estudar os adventistas por sete anos, concluiu: "Acusar a maioria dos adventistas hoje como mantendo esses heréticos pontos de vista, é injusto, incorreto e decididamente anticristão." ¹²

Após esses contatos iniciais com English, Froom foi apresentado a Donald Grey Barnhouse, pastor presbiteriano e editor do periódico *Eternidade*, de Filadélfia, e a Walter Martin, que estava ansioso por informações sobre os adventistas para concluir seu livro *A Verdade Sobre os Adventistas do Sétimo Dia.*¹³ De 1955 a 1956, uma série de 18 conferências teve lugar entre os evangélicos e os adventistas, com o propósito de discutir a doutrina da Encarnação.

Quando o tópico sobre a natureza humana de Cristo foi apresentado, os representantes adventistas afirmaram, de acordo com o relatório de Barnhouse, que "a maioria da denominação sempre mantivera [a humanidade assumida por Cristo] como sendo sem pecado, santa e perfeita, a despeito do fato de que alguns de seus escritores ocasionalmente imprimiram obras com pontos de vista totalmente contrários e incompatíveis com a igreja em geral."¹⁴

De acordo com esse relatório, os representantes adventistas revelaram a Walter Martin que "eles tinham entre seus membros certos indivíduos extremistas, assim como há irresponsáveis em cada campo do cristianismo fundamental. Obviamente os representantes adventistas deram a impressão de que havia alguns lunáticos irresponsáveis que haviam escrito que Cristo havia tomado sobre si a decaída natureza humana."

Ao ler o relatório de Froom acerca desses encontros, alguém pode ficar impressionado pelo seu forte desejo de ver os adventistas retratados como autênticos cristãos. Os sub-títulos de seu relatório são por si sós reveladores: "Walter Martin Afirma Que os ASD São Irmãos em Cristo"; "Os Adventistas São 'Mais Decididamente' Cristãos." Ele chega mesmo a dizer que os evangélicos agora vêem essa mudança de atitude como resultado dos 'Pontos de Vista Anteriores 'Totalmente Rejeitados'." ¹⁶

O Manifesto da Nova Cristologia

Enquanto esses encontros estavam tendo lugar, concordou-se que os resultados das discussões seriam publicados simultaneamente nos periódicos oficiais de ambos os grupos. A nova interpretação adventista, como matéria de fato, foi publicada em *O Ministério* de setembro de 1956, sob o título geral "Conselhos do Espírito de Profecia". Em apoio à nova interpretação, oito páginas de citações de Ellen White foram cuidadosamente selecionadas para definir "a natureza de Cristo na encarnação".

Sob esse título achamos expresso em destaque os pontos essenciais do manifesto: "Ele Assumiu Nossa Natureza Humana, Não Nossas Propensões Pecaminosas; Nosso Pecado, Culpa e Punição foram-Lhe todos imputados, Mas Não Eram Realmente Seus." O referido texto faz um bom trabalho ao resumir os diferentes aspectos da nova Cristologia. Os títulos de sete seções

revelam a idéia geral: "1) O Mistério da Encarnação; 2) A Miraculosa União do Humano e o Divino; 3) Assumiu a Natureza Humana Impecável; 4) Riscos Assumidos da Natureza Humana; 5) Tentado em Todos os Pontos; 6) Suportou o Pecado Imputado e a Culpa do Mundo; 7) A Perfeita Impecabilidade da Natureza Humana de Cristo."

Os subtítulos de cada seção também transmitem a saliente posição dada aos conceitos fundamentais atinentes à natureza humana de Jesus: "Cristo Assumiu a Humanidade Como Deus a Criou"; "Iniciou Onde Adão Começou"; "Tomou a Forma Humana Mas Não a Sua Corrompida e Pecaminosa Natureza"; "Assumiu a Impecável Natureza Humana de Adão"; "A Perfeita Impecabilidade de Sua Natureza Humana"; "Não Herdou de Adão Nenhuma Má Propensão", e outros semelhantes. 18

As notas elucidativas de cada uma dessas afirmações foram todas extraídas dos escritos de Ellen G. White. Não há uma simples referência a textos bíblicos. Esse foi um novo ponto de vista sobre o tema, pois até esse tempo a discussão havia sido fundamentada nas Escrituras. Isso certamente abriria a porta a controvérsias porque tornar-se-ia essencialmente um problema de definição do significado das declarações de Ellen G. White. Essa foi também a opinião de Morris Venden: "Penso que o problema semântico mais árduo que temos hoje é sobre a natureza de Cristo. E a mim me parece que ele é tão pesadamente semântico que é quase impossível trabalhar no assunto." Eis por que Roy Allan Anderson, secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral e editor-chefe de O Ministério, cria ser necessário apresentar o relato a seguir, o qual representa verdadeiramente a caracterização da nova Cristologia adventista.²⁰

"Humano, Mas Não Carnal"

Esse é o título do editorial de Anderson. Eis seu ponto de vista sobre o tema da natureza humana de Cristo: "Através de nossa história denominacional nem sempre tivemos clara compreensão desse assunto, como seria desejável. De fato, esse ponto particular na teologia adventista provocou severas críticas por parte de muitos eminentes eruditos bíblicos, tanto os de nossa fé como de fora. Ao longo dos anos foram feitas afirmações em sermões, e ocasionalmente em impressos, que, consideradas devidamente, têm desacreditado a pessoa e a obra de Jesus Cristo, nosso Senhor. Temos sido acusados de torná-Lo totalmente humano." 21

Mencionando numerosas e bem escolhidas citações de Ellen White como evidência, Anderson afirmou "que nosso Senhor participou de nossa limitada natureza humana, mas não de nossa carnal e corrupta natureza, com todas as suas propensões para o pecado e concupiscências. Nele não havia pecado, quer herdado quer cultivado, como é comum a todos os descendentes naturais de Adão."²²

Anderson também declarou que "em apenas três ou quatro lugares em todos esses inspirados conselhos" de Ellen White, ela usa "expressões tais como 'natureza decaída' e 'natureza pecaminosa'". Porém acrescentou:

"Essas são fortemente contrabalançadas e claramente explicadas por muitas outras declarações, que revelam o pensamento da escritora (Ellen G. White). Cristo realmente participou de nossa natureza, nossa natureza humana com todas as suas limitações físicas, mas não nossa natureza carnal com suas concupiscentes corrupções. Quando Ele entrou na família humana, fê-lo após a raça haver sido tremendamente enfraquecida pela degeneração. Por milhares de anos a humanidade foi sendo fisicamente deteriorada. Comparada com Adão e sua imediata posteridade, a humanidade, quando Deus apareceu em carne humana, havia definhado em estatura, longevidade e vitalidade... Ele não cessou de ser Deus. Verdadeiramente, não podemos compreender isso, mas temos de aceitá-lo pela fé."²³

No mesmo editorial, Anderson mais adiante alude à declaração que "apareceu na obra Estudos Bíblicos Para o Lar (edição de 1915), a qual declarava que Cristo veio 'em carne pecaminosa'. Justamente como essa expressão escapuliu para o livro é difícil saber. Ela tem sido muitas vezes citada pelos críticos ao redor do mundo, como sendo típica da Cristologia adventista."²⁴

No final, Anderson convoca a classe ministerial "para estudar cuidadosamente e com oração a seção **Conselho** sobre essa questão. Mas façamo-lo com a mesma mente aberta com que reconhecemos ser tão importante no estudo dos temas fundamentais da Bíblia."²⁵

O Novo Marco Histórico Adventista

A editora-associada, Louise C. Kleuser, publicou outro editorial sobre a temática, destinado a promover a plataforma que ela chamou de "O Novo Marco Histórico Adventista" Lousie anunciou as mudanças, primeiramente com respeito às nossas relações com "nossos irmãos evangélicos em Cristo", de quem "estamos tentando aprender algumas lições", e então com respeito à natureza humana de Cristo, tratada por Anderson na segunda parte do editorial.

De acordo com Anderson, "nada há mais claramente ensinado na Escritura do que, quando Deus tornou-Se homem através da Encarnação, Ele participou da natureza do homem, isto é, Ele tomou sobre Si mesmo a natureza humana. Em Romanos 1:3 lemos que Jesus Cristo nasceu 'da semente de Davi segundo a carne', e em Gálatas 4:4, que Ele era 'nascido de mulher'. Ele Se tornou filho da humanidade por Seu nascimento humano e submeteu-Se às condições da existência humana, possuindo um corpo humano (Heb. 2:14)."²⁸

Porém, "quando lemos de Jesus Cristo tomando a natureza do homem, é imperativo reconhecermos a diferença entre natureza humana no sentido físico da palavra, e natureza humana no sentido teológico do termo. Ele foi realmente um homem, mas, além disso, era Deus manifesto em carne. Verdadeiramente, Ele tomou nossa natureza humana, isto é, nossa forma física, mas não possuía nossas pecaminosas propensões."²⁹

Finalmente, Anderson insiste em que a diferença entre o primeiro e o segundo Adão não era de natureza, mas uma simples diferença de situação. "Quando o encarnado Deus adentrou a história humana e tornou-Se um com a raça, entendemos que Ele possuía a impecaminosidade da natureza com a qual Adão foi criado no Éden. O ambiente em que Jesus viveu, entretanto, era tragicamente diferente daquele que Adão conhecia antes da queda." 30

Como resultado, conclui Anderson, "nossos pecados Lhe foram imputados. Assim, vicariamente Ele assumiu nossa pecaminosa e decaída natureza, morrendo em nosso lugar, e foi 'contado com os transgressores' (Isa. 58:12). O pecado foi colocado sobre Ele; o pecado nunca teve parte nEle. Era exterior e não interior. Tudo o que Ele assumiu não era inerentemente Seu; tomou-o, isto é, Ele o aceitou. 'Ele voluntariamente assumiu a natureza humana. Foi um ato Seu próprio e mediante Seu consentimento pessoal' (Ellen G. White, na Review and Herald, de 5 de julho de 1887; Ênfase suprida).³¹

No mesmo número de *O Ministério*, apareceu um artigo escrito por W. E. Read, que perfilava com Anderson e Froom. Sob o título *A Encarnação e o Filho do Homem*, Read apresenta um sumário da Cristologia. Para cada uma de suas declarações ele cita textos bíblicos apropriados, seguidos por excertos dos escritos de Ellen White. E sugeriu também o advérbio "vicariamente" como palavra-chave da nova Cristologia, para nos capacitar a compreender a natureza humana de Cristo.

Confiantemente ele escreveu: "Cristo foi tentado em todos os pontos, como nós. Esse é um pensamento confortador, maravilhoso. Mas lembremo-nos de que embora ele seja verdadeiro, também é verdade que Cristo era 'sem pecado' (Heb. 4:15). Sua natureza tentada, entretanto, não contaminou o Filho de Deus. Ele suportou vicariamente nossas fraquezas, nossas tentações, do mesmo modo que portou nossas iniqüidades." ³²

Esses artigos pretendiam preparar as mentes para receber "o novo marco histórico do adventismo", como desenvolvido no livro Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a Questões Sobre Doutrina. Pouco antes de sua impressão, Anderson anunciou-o no O Ministério como o mais maravilhoso livro jamais publicado pela igreja.³³ Uma vez que ele trata da natureza humana de Cristo em detalhes, fazia-se necessário examiná-lo mais detidamente.

Questões Sobre Doutrina

Essa obra foi resultado das reuniões mantidas com os representantes evangélicos Donald Grey Barnhouse e Walter R. Martin. Martin estava para imprimir seu livro *A Verdade Sobre o Adventismo do Sétimo Dia*, publicado em 1960.³⁴

Questões Sobre Doutrina não lida apenas com a doutrina da Encarnação. Ele é uma resposta às numerosas questões doutrinárias feitas por evangélicos sobre os temas da "salvação pela graça versus salvação pelas obras, a distinção entre a lei moral e a lei cerimonial, o antítipo do bode expiatório, a identidade de Miguel, e assim por diante, através de um amplo elenco de crenças e práticas fundamentais dos adventistas, cobrindo doutrina e profecia". ³⁵

Martin e Barnhouse fizeram específicas objeções às posições sustentadas pelos pioneiros adventistas em relação à divindade de Cristo e Sua natureza humana, as quais eles sinceramente consideravam errôneas e heréticas. Não foi de todo surpresa que eles perguntassem se a posição oficial havia mudado nesses pontos.³⁶ Questões específicas com respeito à encarnação de Cristo foram colocadas: "O que os adventistas entendem pelo uso do título 'Filho do homem', por parte de Cristo? E qual, vocês acreditam, ter sido o propósito básico da Encarnação?"

Em resposta, quase todos os textos bíblicos referentes à Cristologia foram citados. Como notas explicativas, eles geralmente as redigiram com base nas citações de Ellen White. Os oficiais adventistas fizeram o máximo para mostrar que "os escritos de Ellen G. White estão inteiramente em harmonia com as Escrituras acerca disso". 38 "Não se negou que Cristo 'era o segundo Adão, vindo em 'semelhança' de carne pecaminosa (Rom. 8:3)"39, ou que Ellen White tenha usado expressões como "natureza humana", "nossa carne pecaminosa", "nossa decaída natureza", "a natureza do homem em sua caída condição".40

Ninguém argüiu se "Jesus ficava doente ou se havia experimentado as debilidades das quais nossa decaída natureza é herdeira. Mas Ele sofreu tudo isso. Não poderia ocorrer que Ele também tenha suportado isso vicariamente, justamente como suportou os pecados de todo o mundo? Essas fraquezas, debilidades, enfermidades e falhas são coisas que nós, em nossa decaída e pecaminosa natureza, temos de arrostar. Para nós elas são naturais, inerentes, porém, quando Ele as suportou, tomou-as não como algo inato Seu, mas como nosso substituto. Cristo as sofreu em Sua perfeita e impecável natureza. Mais uma vez afirmamos que Cristo tolerou tudo vicariamente, assim como vicariamente sofreu as iniqüidades de todos nós."⁴¹

Em suma, "o que quer que Jesus tenha assumido, não foi Seu intrínseca ou congenitamente... Tudo o que Ele recebeu, tudo o que Ele suportou, quer sejam cargas e penalidades de nossas iniquidades ou males e fragilidades de nossa natureza humana, tudo foi assumido ou suportado vicariamente."⁴²

Essa expressão é realmente a fórmula mágica contida no "novo marco histórico do adventismo". De acordo com os autores do Questões Sobre Doutrina, "é nesse sentido que deveriam ser compreendidos os escritos Ellen G. White quando ela se refere ocasionalmente à natureza humana pecaminosa, decaída e deteriorada". ⁴³

Os autores do livro publicaram num apêndice, cerca de 66 citações de Ellen White divididas em seções com subtítulos tais como: "Assumiu a Impecável Natureza Humana"⁴⁵, ou "A Perfeita Impecabilidade da Natureza Humana de Cristo". Tais frases, naturalmente, jamais foram escritas por Ellen White.⁴⁶

Está claro que "o novo marco histórico do adventismo" difere significativamente do tradicional ensino sobre a natureza humana de Cristo em quatro pontos. Ele advoga que:

- 1) Cristo tomou a natureza espiritual de Adão antes da queda; o que quer dizer, uma natureza humana impecável.
- 2) Cristo herdou apenas as consequências físicas da pecaminosa natureza humana; ou, sua hereditariedade genética foi debilitada por 4.000 anos de pecado.
- 3) A diferença entre a tentação de Cristo e a de Adão remanesce unicamente na diferença do ambiente e das circunstâncias, mas não de natureza.
- 4) Cristo levou vicariamente os pecados do mundo, não em realidade, mas apenas como substituto do homem pecador, sem participar de sua natureza pecaminosa.

Apresentado com o aparente selo de aprovação da Conferência Geral, o livro *Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a Questões Sobre Doutrina* foi amplamente divulgado em seminários, universidades e livrarias públicas.⁴⁸ Milhares de exemplares foram enviados aos membros do ministério, bem como a professores não-adventistas de teologia. ⁴⁹ As quase 140.000 cópias tiveram influência evidente tanto dentro como fora da Igreja Adventista.⁵⁰

A publicação dessa obra produziu um impacto cujas reações não demoraram a ser sentidas. Mal ela havia saído do prelo e já se tornara objeto de viva controvérsia, que prosseguiu com intensidade através dos anos até nossos dias. Trataremos disso nos próximos capítulos deste estudo. Primeiramente, todavia, é imperativo mencionar aqui a importantíssima carta de Ellen White, que serviu como um dos principais esteios da nova teologia.

A Carta de Ellen White a William L. H. Baker

Em 1895, enquanto ainda na Austrália, Ellen White escreveu uma longa carta de encorajamento a William Baker, que estava incumbido da obra na Austrália, Tasmânia e Nova Zelândia. Ele era um homem que a Sra. White muito apreciava e de quem deu positivas referências.

Antes de deixar os Estados Unidos em viagem para a Austrália, Baker havia trabalhado na Pacific Press, Califórnia, de 1882 a 1887. Durante quatro anos ele foi assistente de Waggoner. Em 1914, foi escolhido para ser professor

de Bíblia no Avondale College, Austrália. Ao retornar aos Estados Unidos em 1922, encerrou sua carreira como professor e capelão. Baker morreu em 1933.

A carta endereçada a Baker é composta de 19 páginas manuscritas, das quais duas são inteiramente dedicadas a erros que devem ser evitados na apresentação pública da natureza humana de Cristo. Essa carta, como muitas outras missivas particulares, nunca foi publicada nos *Testemunhos Para a Igreja*, a exemplo do que ocorreu com várias delas. Preservada nos arquivos do Patrimônio de Ellen G. White, ela não foi conhecida dos pesquisadores até 1955. Após sua descoberta, os advogados da nova interpretação entenderam que seu teor parecia condenar a posição tradicional e apoiar o novo ponto de vista concernente à natureza humana de Cristo.

Cinco parágrafos dedicados a esse tema foram publicados em 1956 no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, como nota explanatória do primeiro capítulo do evangelho de João.⁵² Em 1957, uma seleção de citações foi também feita no livro *Questões Sobre Doutrina*.⁵³ Tendo-se em vista a importância dada ao conteúdo dessa carta⁵⁴, é preciso que se cite aqui os mais significativos e controversos parágrafos:

"Sejam cuidadosos, extremamente cuidadosos quando tratarem da natureza humana de Cristo. Não O ponham diante do povo como um homem com propensões para o pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado como um ser puro e impecável, sem uma mancha de pecado sobre si; ele era a imagem de Deus. Ele poderia cair e caiu por meio da transgressão. Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com inerentes propensões à desobediência. Mas Jesus Cristo foi o unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos em que a natureza humana é assaltada. Ele poderia haver pecado; Ele poderia haver caído, mas nem por um só momento houve nEle qualquer má propensão." 55

"Nunca, de modo algum, deixem a mais leve impressão sobre mentes humanas de que havia em Cristo uma mancha, uma inclinação para o mal, ou que Ele de algum modo tenha cedido à corrupção. Jesus foi tentado em todos os pontos como o homem é tentado, todavia, Ele é chamado 'o Santo'. Que cada ser humano tenha cuidado em não fazer Cristo totalmente humano, tal como um de nós; pois isso não pode ser... Não deveríamos ter nenhuma dúvida com respeito à perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo." 56

Essas declarações desempenharam – e ainda desempenham – um papel decisivo em favor da nova interpretação. O testemunho de Robert J. Spangler, que em 1967 tornou-se o editor-chefe de O Ministério, é especialmente significativo: "À luz dessa declaração, eu pessoalmente devo admitir que qualquer tipo de natureza pecaminosa que Cristo houvesse tido (se realmente a teve), não tinha qualquer propensão, nem natural inclinação, tendência ou pendor para o mal."⁵⁷

Os defensores da posição tradicional citam a declaração de Baker sem concluir que Jesus estava livre de todas as "tendências hereditárias". Obviamente, ambos os lados não podem estar certos. Voltaremos mais tarde à carta de Baker.

Desde a publicação do *Questões Sobre Doutrina*, a Igreja Adventista tem experimentado uma séria controvérsia teológica. Alguns a consideram uma crise fundamental, enquanto outros acham que ela não deve ser nada mais do que um simples diferença de opinião. O que quer que ela possa ser, uma avaliação das teses predominantes é impositiva. Eis o que procuraremos fazer na Parte V, mas é importante para nós primeiramente analisar detalhada- mente as suposições feitas por ambos os lados.

Notas e referências

- 1. Leroy Edwin Froom, Movimento do Destino.
- 2. Roy Allan Anderson, no O Ministério, abril de 1957.
- 3. A primeira edição do Estudos Bíblicos Para o Lar data da década de 1880.
- 4. Estudos Bíblicos Para o Lar (1915), pág. 115 (itálicos supridos).
- 5. Froom, pág. 428.
- 6. Estudos Bíblicos Para o Lar (1958), págs. 143 e 144.
- 7. William H. Grotheer, Interpretative History of DAS Doctrine of Incarnation, pág. 65.
- 8. Comparação feita por Grotheer, págs. 65 e 66.
- 9. Froom, págs. 468 a 475.
- 10. Idem, pág. 469.
- 11. Ibidem.
- 12. Idem, pág. 473.
- 13. Walter R. Martin, A Verdade Acerca dos Adventistas do Sétimo Dia (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960).
- 14. Donald Grey Barnhouse, *Os Adventistas do Sétimo Dia São Cristãos? Eternity*, setembro de 1956. Citado por Grotheer, pág. 75.
- 15. Ibidem (Itálicos supridos).
- 16. Froom, págs. 472 e 473. O mesmo conceito é encontrado no editorial de Anderson.
- 17. Anderson, no O Ministério, setembro de 1956.
- 18. Ibidem.
- 19. Morris L. Venden, na *Insight*, 15 de maio de 1979.
- 20. Este artigo, escrito por Anderson no *O Ministério Adventista* de setembro de 1956, foi também publicado no apêndice do *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1957), págs. 647 a 660, e no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7-A, págs. 647 a 660.
- 21. Anderson, no O Ministério, setembro de 1956.
- 22. Ibidem.
- 23. Ibidem.
- 24. Idem. Estudos Bíblicos Para o Lar foi revisado em 1949 e não 1946.
- 25. Ibidem
- 26. Anderson, no O Ministério, abril de 1957.
- 27. Ibidem.
- 28. Ibidem.
- 29. Ibidem.
- 30. Ibidem.
- 31. Ibidem.
- 32. W. E. Read, no O Ministério, abril de 1957.
- 33. Anderson, no O Ministério, julho de 1957.
- 34. Walter R. Martin, A Verdade Sobre o Adventismo do Sétimo Dia (Grand Rapids; Zondervan Pub. House, 1960).
- 35. Froom, pág. 481.
- 36. Questions on Doctrine, pág. 29.
- 37. *Idem*, pág. 50.
- 38. *Idem*, pág. 57.
- 39. Idem, pág. 52.
- 40. Idem, pág. 60.
- 41. *Idem*, págs. 59 e 60.
- 42. Idem, pág. 61 e 62.
- 43. Idem, pág. 60 (itálicos supridos).
- 44. Idem, págs. 647 a 660.

- 45. Idem, págs. 650 e 658.
- 46. Ralph Larson, em seu livro *The Word Was Made Flesh*, **oferece mil dólares a quem encontrar uma citação de** Ellen White declarando que Cristo veio à Terra com a natureza de Adão antes da queda (pág. 274).
- 47. Froom esforçou-se por mostrar que esse não era um assunto de decisão "oficial". Movement of Destiny, pág. 492.
- 48. Idem, pág. 492.
- 49. Idem, págs. 488 a 492.
- 50. Idem, pág. 489.
- 51. Ver a Review and Herald do dia 30 de maio de 1933.
- 52. Ver o Seventh-day Adventist Bible Commentary, vol. 5, págs. 1128 e 1129.
- 53. Ver Questions on DoctrineI, págs. 621, 651 e 652.
- 54. Ellen G. White, carta 8 de 1895.
- 55. Seventh-day Adventist Bible Commentary, vol. 5, pág. 1128.
- 56. *Idem*, pág. 1128 e 1129; *Questions on Doctrine*, pág. 652 e 651.
- 57. Robert J. Spangler, em *O Ministério*, abril de 1978, pág. 23.

Capítulo 11

AS PRIMEIRAS REAÇÕES AO LIVRO "QUESTÕES SOBRE DOUTRINA"

Como era de se esperar, as novas interpretações das declarações de Ellen White sobre a questão da natureza humana de Cristo provocaram enérgicas reações. Os mais francos e diretos denunciavam o que viam como erros de interpretação, enquanto outros calmamente confirmavam o ensino da igreja desde sua origem. Essas reações ao livro *Questões Sobre Doutrina* merecem nossa mais dedicada atenção.

A Cristologia Tradicional Autenticada

Pelo The Seventh-day Adventist Bible Commentary

Entre 1953 e 1957, enquanto encontros não-oficiais entre três ou quatro adventistas e dois ou três evangélicos estavam tendo lugar, cerca de 40 teólogos sob a liderança de Francis D. Nichol estavam trabalhando no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia). Desconhecemos a posição individual que os vários comentaristas tinham sobre a natureza humana de Cristo. Mas sabemos que as duas epístolas neotestamentárias que tratam mais diretamente da Cristologia, foram designadas a teólogos que eram ardentes defensores da posição tradicional: M. L. Andreasen (Hebreus) e A. G. Maxwell (Romanos).

Embora os sete volumes do comentário tenham sido publicados em 1957, no mesmo ano do *Questões Sobre Doutrina*, nenhum traço da nova teologia foi neles encontrado. Contrariamente, muitas das declarações suplementares encontradas no final de cada volume tendem a confirmar a posição histórica. Eis a seguir muitos exemplos típicos:

Gênesis 3:15: "O Rei da glória dispôs-Se a humilhar a Si próprio até a decaída humanidade! Ele poria Seus pés nas pegadas de Adão. Ele tomaria a natureza decaída do homem e contenderia com o forte adversário que triunfara sobre Adão."¹

Isaías 53:2 e 3: "Pense sobre a humilhação de Cristo. Ele tomou sobre Si a decaída e sofredora natureza humana, degradada e corrompida pelo pecado... Ele suportou todas as tentações com as quais o homem é assediado... 'O Verbo Se fez carne e habitou entre nós', pois fazendo assim Ele poderia associar-Se com os pecaminosos e sofridos filhos e filhas de Adão."²

Mateus 4:1-4: "O Redentor, em quem estavam unidos o humano e o divino, ficou em lugar de Adão e suportou um terrível jejum de quase seis semanas. A extensão desse jejum é a mais forte evidência da pecaminosidade e do poder do apetite depravado sobre a família humana."³

Mateus 4:1-11: "Aqui Cristo venceu em favor do pecador, quatro mil anos após Adão haver voltado as costas ao resplendor de seu lar... Cristo suportou os pecados e as debilidades da

raça como existiam quando Ele veio à Terra para socorrer o homem. Em prol da raça, com as fraquezas do homem decaído sobre Si, Ele veio para resistir às tentações de Satanás em todos os pontos nos quais o homem era assaltado... E a fim de erguer o homem caído, Cristo precisava alcançá-lo onde esse estava. Ele tomou a natureza humana, carregou suas debilidades e arrostou a degeneração da raça. Ele, que não conhecera pecado, tornou-Se pecado por nós."⁴

Lucas 22:44: "Não foi uma humanidade fictícia que Cristo tomou sobre Si. Ele assumiu a natureza humana e nela viveu... Tomou nossas enfermidades. Ele não somente Se tornou carne, mas foi formado em semelhança da carne pecaminosa."⁵

João 1:1-3 e 14: Acerca desses textos, são citados cinco parágrafos da carta de Ellen White a Baker. Retornaremos a essa carta mais tarde porque ela é o principal documento sobre o qual os defensores da nova Cristologia se apóiam. Além dessas, a seguinte declaração é citada: "Ele [Cristo] tomou sobre Si mesmo a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como a natureza humana é tentada. Ele poderia ter pecado; Ele poderia ter caído, mas nem por um momento havia nEle propensão para o mal... É um inexplicável mistério a mortais que Cristo pudesse ser tentado em todos os pontos, como nós o somos, e todavia ser sem pecado... Ele humilhou-Se a Si mesmo quando esteve em forma humana, para que pudesse compreender a força de todas as tentações com as quais o homem é assediado."6

Romanos 5:12-19: "Em carne humana Ele foi ao deserto para ser tentado pelo inimigo... Ele conhece as fraquezas e as enfermidades da carne. Foi tentado em todos os pontos como nós."⁷

Romanos 8:1-3: "Cristo enfrentou, venceu e condenou o pecado na esfera esse havia exercido previamente seu domínio e senhorio. A carne, a cena dos anteriores triunfos do pecado, agora tornou-se o cenário de sua derrota e expulsão." 8

Filipenses 2:5-8: "A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. Ela é a cadeia dourada que liga nossas almas a Cristo e, através de Cristo, a Deus." 9

Hebreus 2:14-16: "Em Cristo estavam unidos o divino e o humano – o Criador e a criatura. A natureza de Deus, cuja lei havia sido transgredida, e a natureza de Adão, o transgressor, encontraram-se em Jesus – o Filho de Deus e o Filho do homem." ¹⁰

Hebreus 4:15: "A vitória e a obediência de Cristo é a de um ser humano real. Em nossas conclusões, cometemos muitos erros por causa de nossos equivocados pontos de vista sobre a natureza humana de nosso Senhor. Quando conferimos à Sua humana natureza um poder que não é possível ao homem ter em seu conflito com Satanás, destruímos a inteireza de Sua humanidade." ¹¹

"Satanás exibiu seu conhecimento dos pontos fracos do coração humano, e aplicou seu máximo poder para obter vantagem da fraqueza da humanidade que Cristo havia assumido, para vencer suas tentações em prol do homem." ¹²

"Não devemos colocar a obediência de Cristo em si mesma, como algo para o qual Ele estava especialmente dotado por Sua particular natureza divina, porque Ele permaneceu diante de Deus como representante do homem e foi tentado como substituto e penhor do homem. Se Cristo possuísse um poder especial o qual não é privilégio do homem ter, Satanás teria extraído o máximo proveito dessa questão." ¹³

A respeito da expressão "sem pecado", Andreasen fez o seguinte comentário: "Nisso jaz o inescrutável mistério da vida perfeita de nosso Salvador. Pela primeira vez a natureza humana foi conduzida à vitória sobre sua natural tendência para pecar, e por causa da vitória de Cristo sobre o pecado, nós também podemos triunfar sobre ele." ¹⁴

Esses poucos exemplos, entre outros, ¹⁵ têm o mérito de confirmar o ensino tradicional numa obra que é geralmente observada como a expressão oficial da doutrina da igreja.

O Patrimônio de Ellen G. White Publica o

Livro - Mensagens Escolhidas

Em 1958, o Patrimônio de Ellen G. White publicou dois livros conhecidos como *Mensagens Escolhidas*. Essas obras contêm algumas das mais claras e significativas passagens concernentes à natureza humana assumida por Cristo. Artigos sobre a Encarnação, a natureza de

Cristo e as tentações de Jesus ocupam lugar proeminente no primeiro volume. ¹⁶ Há uma declaração que não poderia expressar a noção mais claramente: "Ao tomar sobre Si a natureza do homem em sua decaída condição, Cristo não participou no mínimo que fosse de seu pecado." ¹⁷ E novamente: "Cristo não fez crer que tomou a natureza humana; Ele verdadeiramente dela Se revestiu. Cristo, em realidade, possui natureza humana... Ele era o filho de Maria, a semente de Davi de acordo com a descendência humana." ¹⁸

No segundo volume encontramos o texto completo do discurso de Ellen White, por ocasião do encerramento da sessão da Conferência Geral em 1901, onde ela condenou o movimento da carne santa, ¹⁹ cuja posição teológica, de acordo com Haskell, era que "*Cristo tomou a natureza de Adão antes de sua queda*". ²⁰ Ellen White descreve a ruidosa confusão e sensualidade associados ao movimento, e adverte sobre "*teorias e métodos errôneos*", e "*infelizes invenções de teorias humanas, preparadas pelo pai da mentira*". ²¹ A doutrina e as práticas desse movimento foram consideradas tão perigosas para o futuro da igreja, que incorreram em condenação pelos delegados da sessão da Conferência Geral de 1901, e seus promotores desligados do ministério pastoral.

M. L. Andreasen e o Seu "Cartas às Igrejas"

A primeira e mais vigorosa reação contra o livro *Questions on Doctrine* partiu de M. L. Andreasen. Eminente teólogo e professor em vários estabelecimentos de ensino superior nos Estados Unidos, Andreasen encerrou sua carreira magisterial no Seminário Teológico de Washington, D. C. (1938-1949). Autor de numerosos artigos e muitos livros, ele desfrutava de indisputada autoridade. ²²

Já em 1948, Andreasen claramente afirmava sua convicção sobre o assunto da natureza humana de Cristo em O Livro de Hebreus.²³ O segundo capítulo é inteiramente dedicado à humanidade de Jesus.²⁴ Seu comentário sobre essa mesma epístola, no Seventh-day Adventist Bible Commentary,²⁵ segue a Cristologia adventista tradicional. Sua enérgica reação pode, conseqüentemente, ser entendida quando o Questions on Doctrine promoveu uma interpretação da Cristologia de Ellen White, que diferia radicalmente do ensino tradicional da igreja.

Alguns alegaram que Andreasen ficou ofendido por não ter sido convidado a participar das discussões que aconteceram com Walter Martin e Donald G. Barnhouse. Andreasen gozava, então, de sua aposentadoria. Talvez essa tenha sido uma das razões de não ter sido ele convidado. Porém, a razão fundamental foi, provavelmente, sua bem conhecida posição com respeito à Pessoa e obra de Jesus Cristo.

Andreasen publicou sua sistemática e veemente crítica em *Cartas às Igrejas*²⁵, que teve ampla circulação no meio adventista. Um grupo de dissidentes na França aproveitou-se da oportunidade para traduzi-los e acusar a igreja de apostasia, de modo similar ao do movimento de Brinsmead.²⁷

Ele iniciou posicionando a questão fundamental: Estava Cristo 'isento das paixões herdadas e contaminações que corrompem os descendentes naturais de Adão"?²⁸ Ele mesmo replicou citando Hebreus 2:10 e 2:17: "É correto e justo para Deus tornar Cristo 'perfeito através do sofrimento' e "por essa razão é necessário para Cristo, em todas as coisas, tornar-Se semelhante a Seus irmãos"²⁹ "É a participação de Cristo nas aflições e fraquezas, que O capacita a ser o compadecido Salvador que Ele é."³⁰

"Se Cristo estava isento das paixões da humanidade, Ele era diferente dos outros homens, nenhum dos quais tivera essa condição. Tal ensino é trágico e completamente oposto ao que os adventistas do sétimo dia têm ensinado e crido. Cristo veio como homem entre homens, não solicitando favores e nem recebendo qualquer consideração especial. De acordo com os termos do concerto, Ele não deveria receber qualquer ajuda de Deus que não estivesse disponível aos outros homens. Essa seria uma condição necessária se Sua demonstração devesse ser de algum valor e Sua obra aceitável. O menor desvio dessa lei invalidaria a experiência, nulificando o contrato, esvaziando o concerto e efetivamente destruindo toda a esperança do homem."³¹

Com respeito a Romanos 8:3, Andreasen declarou que Deus não enviou Seu próprio Filho, em semelhança de carne pecaminosa, para desculpar o pecado na carne, mas para *condená-lo*. ³² Em apoio a suas afirmações, ele citou várias passagens de Ellen White afirmando inequivocamente que "o inimigo foi vencido por Cristo em Sua natureza humana", "apoiando-Se em Deus para recebimento de poder." ³³ "Se Ele não fosse um participante de nossa natureza, não poderia ter sido tentado como o homem é. Se não Lhe fosse possível ceder às tentações, Ele não poderia ser nosso ajudador." ³⁴

Algumas vezes Andreasen hiperbolizava o caso. Com referência ao que ele via como perigosa heresia, concluiu: "Um Salvador que nunca foi tentado, nunca combateu as paixões, que nunca ofereceu 'com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que O podia livrar da morte', que embora sendo 'Filho, aprendeu a obediência por meio daquilo que sofreu', mas estava 'isento' das coisas que um verdadeiro salvador precisa experimentar, tal salvador é o que essa nova teologia nos oferece. Essa não é a espécie de Salvador que eu necessito, nem o mundo. Alguém que nunca lutou com paixões não pode ter nenhuma compreensão de seu poder, nem jamais experimentou o gozo de vencê-las. Se Deus concedeu favores especiais e isenções a Cristo, no próprio ato Ele O desqualificou para Sua obra. Não pode haver heresia mais danosa do que essa aqui discutida. Ela anula o Salvador que eu conheço e O substitui por uma personalidade fraca, não considerada por Deus como capaz de resistir e conquistar as paixões que Ele pede aos homens que vençam." ³⁵

"De fato, está patente a todos que ninguém pode afirmar crer nos Testemunhos e ainda acreditar na nova teologia de que Cristo estava isento das paixões humanas. Ou é uma coisa ou outra. A denominação é agora convocada a decidir. Aceitar o ensino do Questions on Doctrine significa abandonar a fé no Dom que Deus deu a Seu povo."³⁶

Andreasen explicou a seus leitores como essa nova doutrina penetrou na igreja. Ele se espantava com o que "é certamente anômalo quando um ministro de outra denominação tem suficiente influência com nossos líderes para fazê-los corrigir nossa teologia, realizando uma mudança no ensino da denominação sobre a mais vital doutrina da igreja."³⁷

Ele não podia entender porque nunca fora publicado um relatório sobre as reuniões. "Não sabemos e não estamos supondo saber, justamente quem escreveu Questions on Doctrine... Mesmo na própria sessão da Conferência Geral do último ano (1958), o assunto não foi discutido." Além disso, ele especifica: "Essa é uma nova doutrina que jamais apareceu em qualquer Declaração de Crença da denominação Adventista do Sétimo Dia, e se acha em conflito direto com nossas precedentes afirmações doutrinárias. Ela não foi 'adotada pela Conferência Geral em sua sessão quadrienal, quando autorizados delegados de todo o mundo estavam presentes', como Questions on Doctrine diz ter sido feito para ela ser oficializada. Ver página 9. Ela, portanto, não é uma doutrina aprovada ou aceita." 39

Numa de suas últimas cartas, Andreasen retornou ao problema das paixões hereditárias. Ele continuou a refutar as declarações encontradas na pág. 383 do Questions on Doctrine, de que Cristo "estava isento de paixões herdadas e contaminações que corrompem os descendentes naturais de Adão". Em primeiro lugar, escreveu ele, "essa não é uma citação do Espírito de Profecia". Também paixão e contaminação "são dois conceitos inteiramente diferentes", e não deveriam ser postos juntos como estão no Questions on Doctrine. "Paixão pode geralmente ser equiparada à tentação, e tal não é pecado. Um pensamento impuro pode ocorrer espontaneamente mesmo numa ocasião sagrada, mas ele não polui; não é pecado a menos que seja tolerado e nutrido. Um desejo profano pode repentinamente lampejar na mente sob instigação de Satanás, mas ele não é pecado se não for acariciado... A lei da hereditariedade aplica-se às paixões e não às contaminações. Se paixão é hereditária, então Cristo teria Se poluído quando veio a este mundo, e não poderia ser chamado de "Ser santo". Lucas 1:35. Mesmo os filhos de um pai descrente são chamados santos – uma declaração que deveria servir de conforto às esposas tais homens. I Coríntios 7:14. Como adventistas, portanto, não cremos no pecado original."

Finalmente, nas duas passagens citadas nos Testemunhos,⁴³ "como provando que Cristo estava isento de paixões herdadas", "ambas essas declarações mencionam paixões, mas nenhuma contaminações. A palavra **isento** não é encontrada."⁴⁴ Então Andreasen levantou a questão: "A declaração da Sra. White de que Cristo não **teve** ou **possuiu** paixões significaria que Ele estava isento delas? Não, pois não ter paixões não é equivalente a estar isento delas. Esses são dois conceitos inteiramente diferentes... A Sra. White não diz que Cristo estava **isento** das paixões. Diz sim que Ele não **tinha** paixões, não **possuía** paixões e não de que Ele era imune a elas... Fico ainda intrigado sobre como pode alguém fazer a Sra. White dizer que Jesus era Isento, quando ela de fato declara justamente o contrário e não faz uso da palavra **isento**."⁴⁵

Depois de citar copiosamente Ellen White, Andreasen pergunta: "Em vista dessas e muitas outras declarações, como pode alguém dizer que Ele era isento? Longe de estar isento ou relutantemente submeter-Se a essas condições, Ele as aceitou. Por duas vezes isso é dito nas citações aqui feitas. Ele aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade, e com 'tal hereditariedade Ele veio partilhar de nossas tristezas e tentações'."⁴⁶

"A escolha do adventista devoto está, portanto, entre o Questions on Doctrine e O Desejado de Todas as Nações, entre a falsidade e a verdade... A grande lei da hereditariedade foi decretada por Deus para tornar a salvação possível, e é uma das leis elementares que nunca foi abrogada. Anule-se essa lei e não teremos um Salvador que possa servir de ajuda ou exemplo para nós. Graciosamente Jesus aceitou essa lei e assim tornou possível a salvação. Ensinar que Cristo estava isento dessa lei nega o cristianismo e torna a Encarnação uma brincadeira piedosa. Que Deus possa livrar os adventistas do sétimo dia de tais ensinos e ensinadores." 47

O protesto de Andreasen não ficou sem efeito. Um coro de vozes ergueu-se quase que em todos os lugares contra o livro *Questions on Doctrine*. Não apenas por causa de seu ensino sobre a natureza humana de Cristo, como também por sua falta de concernência com outros pontos doutrinários. É bom mencionar que várias propostas pedindo uma revisão do livro foram enviadas à mesa da Conferência Geral.

Propostas Para Revisão do Livro *Questions on Doctrine*

Numa carta endereçada à mesa da Conferência Geral, redigida com o objetivo de apoiar a reação de Andreasen, A. L. Hudson acusou os autores do *Questions on Doctrine* de falta de honestidade intelectual, por causa da maneira com que o editor do *Ministry* apresentou as citações de Ellen White no número de setembro de 1956, reproduzidas no apêndice B do *Questions on Doctrine*.

Por um lado, observou Hudson, muitas passagens importantes tratando da decaída natureza humana assumida por Jesus não foram citadas;⁴⁸ por outro, muitas não foram citadas em sua integralidade. Por exemplo, Hudson menciona uma citação extraída da *Review and Herald* de 28 de julho de 1874, na qual a parte essencial havia sido omitida, uma porção especificando que "*Cristo tomou sobre Si os pecados e as debilidades da raça assim como existiam quando Ele veio à Terra para ajudar o homem. Em favor da raça, com a fraqueza do homem decaído sobre Si, Ele enfrentou as tentações de Satanás em todos os pontos nos quais o homem é assaltado."⁴⁹*

Hudson, consequentemente, propôs que os delegados à sessão da Conferência Geral de 1958 autorizassem a revisão do *Questions on Doctrine*.⁵⁰ No entanto, como Andreasen observou, o assunto sequer foi tocado.

Ao mesmo tempo, um grupo de membros da igreja de Loma Linda, Califórnia, formou uma comissão encarregada de revisar esse livro. Seu relatório apresentado à mesa da Conferência Geral, alega que o livro deturpa "certos dogmas fundamentais e compromete outros princípios de nossa fé". "É evidente que determinadas declarações e ensinos do livro nunca serão aceitos por um considerável número de membros de nossa igreja. De fato, estamos convencidos de que, desde o tempo da controvérsia panteística de J. H. Kellogg, mais de meio século atrás, não surgiu tal inquietude, dissensão e desunião entre nosso povo como aquelas oriundas da publicação desse livro." 52

A despeito das citações de Ellen White publicadas pelos Depositários White, e apesar das numerosas críticas contra o ensino contido no *O Ministério* e *Question on Doctrine*, os postulados da nova teologia tiveram aceitação crescente da parte de alguns teólogos, professores e pastores de igreja.

Uma Votação Esclarecedora

Em 1962, Robert Lee Hancock empreendeu um estudo sobre o ensino da igreja concernente à natureza humana de Cristo. Em verdade, o propósito de seu trabalho era determinar qual posição era mais popular, "se aquela em que Cristo tomou a natureza de Adão como originalmente criada, ou se Ele tinha a carne 'pecaminosa' com as inerentes fraquezas que cada filho herda naturalmente de seus pais."⁵³

Eis a seguir as conclusões a que chegou Hancock:

Primeira, "desde seus primeiros dias, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem ensinado que quando Deus participou da humanidade, Ele tomou não a perfeita e imaculada natureza do homem antes da queda, mas a caída, pecaminosa, transgressora e degenerada natureza do homem como ela se encontrava quando Ele veio à Terra para ajudar o homem".

Segunda, "que durante os quinze anos que mediaram entre 1940 e 1955, as palavras 'pecaminosa' e 'decaída', com referência à natureza humana de Cristo, foram muito ou completamente eliminadas dos materiais denominacionais publicados".

Terceira, "que desde 1952, frases tais como 'natureza humana impecável', 'natureza de Adão antes da queda', e 'natureza humana imaculada' têm tomado o lugar da terminologia inicial".⁵⁴

O resultado final desse estudo levou Hancock a concluir: "As descobertas desse estudo garantem a conclusão de que o que os adventistas do sétimo dia ensinam com respeito à natureza humana de Cristo mudaram, e que essas mudanças envolvem conceitos não meramente semânticos". 55

De fato, durante 1970 muitas publicações serviram para popularizar esses novos dogmas. Eles foram mais prontamente aceitos dentro da igreja porque eram proclamados como representando a posição oficial da Conferência Geral.

Publicação do Volume 7-A do

The Seventh-day Adventist Bible Commentary

O volume 7-A do *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* é uma compilação de todas as citações de Ellen White anteriormente publicadas no final de cada um dos sete volumes da série. Como já pôde ser notado, esses comentários incluem algumas de suas mais vigorosas declarações em favor da decaída natureza humana assumida por Cristo.

A nova teologia foi apresentada nesse volume em três apêndices, os quais foram retirados do *Question on Doctrine*. O apêndice B, em particular, mostra uma visão radicalmente nada tradicional sobre a natureza humana de Cristo. Os subtítulos acrescentados pelo editor tendem a contradizer algumas das declarações de Ellen White que aparecem alhures no volume. Por um lado, Ellen White é citada como dizendo que "*Ele [Cristo] tomou sobre Si mesmo a decaída e sofredora natureza humana, degradada e maculada pelo pecado"*⁵⁷, "a natureza de Adão, o transgressor"⁵⁸, o que equivale a dizer, a natureza de Adão *após* a queda. Por outro lado, um subtítulo indica que Cristo "tomou a impecável natureza humana"⁵⁸, ou, a natureza de Adão *antes* da queda, que é algo que a Sra. White nunca escreveu.

O problema não escapuliu à observação de alguns membros da Comissão de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral, que reagiram recomendando uma séria revisão do apêndice B.⁶⁰

Roy Allan Anderson, O Deus-Homem, Sua Natureza e Obra

No mesmo ano (1970), Roy Allan Anderson publicou o livro The God-Man, His Nature and

Work.⁶¹ O título da página de rosto chama-o de "Uma Apresentação Escriturística na Área da Cristologia".⁶³ Anderson era, nesse tempo, editor do Ministry, uma revista para pastores adventistas. Ele tomara parte ativa nas reuniões com os evangélicos e foi um dos autores do livro Questions on Doctrine.

No prólogo de seu livro, Anderson enfatizou que a obra era necessária para edificar sobre "a inabalável Rocha do Deus-Homem", sobre a qual "o cristão precisa assentar sua vida em Deus" "Para melhor compreender o que Cristo fez, temos necessidade de uma clara definição de quem Ele é." O livro explica o plano da salvação como um todo e mostra com simplicidade como ele se realiza em Jesus Cristo.

Até onde a Cristologia se acha envolvida, o livro não contém nenhum material controverso no trato com o delicado problema de natureza humana de Cristo. "Ao vir ao mundo", declara Anderson, "Cristo tornou-Se o que nos somos, para tornar-nos o que Ele é. Irineu se expressa belamente quando diz: 'Ele Se fez o que nós somos, para que pudesse fazer-nos como Ele próprio é '"65

No capítulo "A Encarnação – A Suprema Revelação de Deus", Anderson afirma: "A humanidade de Cristo e Sua deidade são as duas verdades gêmeas. Precisamos guardar-nos de fazer Jesus Cristo meramente um homem divino, ou pensar nEle como um Deus humano. Ele não é nenhum dos dois. Ele foi, e é, Deus-Homem. Em Jesus Cristo está a absoluta humanidade e a absoluta divindade." Por Sua encarnação, "Ele não Se despojou de Sua divina natureza, mas aceitou a natureza humana... Ele Se impôs as limitações e restrições de nossa natureza humana. E nada do que é humano ficou alienado dEle." 68

Em seguida, Anderson explorou a questão sobre o que distinguia a natureza humana de Cristo de nossa natureza. "Ele 'esvaziou-Se' e 'tomou sobre Si a forma de servo'. Ele a tomou; essa não Lhe foi transmitida, como acontece em nossa natureza. Quando nascemos, ninguém nos consultou sobre nossa vinda ao mundo. Além do mais, nossos genitores nos legaram a única natureza que possuíam, a qual é decaída e pecaminosa. Herdamos de todas as gerações passadas tendências para pecar. Verdadeiramente, fomos "formados em iniquidade". Mas desde Sua primeira inspiração, nosso Senhor era impecável. Ele estava na semelhança da carne pecaminosa, mas Ele foi impecável em Sua natureza e vida."69

Descobrimos aqui um conceito básico da nova Cristologia. Por um lado Anderson afirma "a absoluta humanidade" de Cristo, enquanto que por outro ele rejeita a verdadeira essência da natureza humana em seu estado decaído, subserviente ao poder do pecado. O fato de o Senhor "ser sem pecado..." em Sua vida, ninguém disputa. Mas como harmonizar isso com a declaração de Paulo de que Ele era 'em semelhança de carne pecaminosa'"?

Anderson foi aparentemente relutante em polemizar num livro propositado para o público geral. Tal não é o caso da monumental obra de LeRoy E. Froom Movement of Destiny. Publicada no mesmo ano do volume 7-A do The Seventh-day Adventist Bible Commentary, e do livro de Anderson The God-Man, His Nature and Work, a obra de Froom foi instrumental em alimentar os princípios da nova teologia, e merece atenção muito especial.

LeRoy Edwin Froom Aprova a Nova Teologia

Até que LeRoy Edwin Froom publicasse o *Movement of Destiny*, em 1970, ele conseguira um indisputável reconhecimento como pesquisador, erudito e historiador. Sua coleção de quatro volumes intitulada *The Prophetic Faith of Our Fathers* (A Fé Profética de Nossos Pais), e os dois volumes da *Conditionalist Faith of Our Fathers* (A Fé Condicionalista de Nossos Pais), contribuíram grandemente para sua reputação.⁷¹ Não surpreende que seu *Movement of Destiny* tenha recebido endosso oficial.

O projeto teve aprovação nos mais altos níveis da igreja. O próprio Froom declarou que "sessenta dos mais competentes eruditos denominacionais, de uma dúzia de especialidades", aprovaram os conteúdos.⁷²

No Movement of Destiny, Froom apresenta as principais doutrinas adventistas na moldura de seu desenvolvimento histórico. Fica evidente que o tópico sobre pessoa e obra de Cristo era muito caro ao seu coração. Acima de tudo, ele desejava restabelecer a verdade sobre a natureza humana de Cristo, a qual, de acordo com ele, uma "minoria" havia falsamente apresentado como a posição adventista. "Como resultado", sustentou Froom, "os adventistas foram tremendamente censurados pelos teólogos não pertencentes à nossa fé, por tolerarem essa errônea posição da minoria." ⁷³

O principal objetivo de Froom era "mudar a enfraquecida imagem do adventismo".⁷⁴ Primeiramente, por meio de discussões com representantes evangélicos; depois, através da publicação do Question on Doctrine.⁷⁵ Froom concluiu que "acima de tudo, as compreensíveis declarações do Questions on Doctrine sobre a preexistência e a completa deidade de Cristo, **Sua impecável natureza** e vida durante a Encarnação, e o transcendente ato expiatório consumado na cruz, são fatores determinantes. Muitos eruditos não-adventistas nos disseram francamente que esses fatores fizeram com que fôssemos reconhecidos como verdadeiros crentes cristãos."

Na força de expressões típicas tomadas das declarações de Ellen White, Froom considerava que ele estava em posição de fazer uma "estupenda apresentação da deidade e da humanidade de Cristo." A demonstração foi realizada em 10 pontos, incluindo os seguintes e tendenciosos subtítulos: Cristo "tomou a impecável natureza de Adão antes da queda"; 'assumiu 'os riscos' da 'natureza humana'; foi "tentado em todos os pontos ou princípios"; "levou os pecado imputado e a culpa do mundo"; "sem as 'paixões' da natureza decaída". ⁷⁸

Como uma matéria de fato, Froom estava apenas repetindo os conceitos contidos no *Ministry* de setembro de 1956, e no livro *Questions on Doctrine*. Mas sua meta consistia principalmente em colocá-los em sua moldura histórica⁷⁹, rememorando as circunstâncias que lhe permitiram corrigir o que ele considerava como a "errônea" imagem do adventismo.

O livro era bastante polêmico. Sobre a divulgação do Movement of Destiny, um dos críticos de Froom escreveu: "O leitor precisa sempre estar alerta quando estudando Froom, perguntandose se ele está apresentando uma explicação completa ou se importantes aspectos foram negligenciados ou desfigurados."⁸⁰

Essa é uma avaliação grave, mas verdadeira com respeito ao modo como Froom tratou a história da doutrina da Encarnação. Para demonstrar que Jesus assumiu uma natureza impecável semelhante à de Adão antes da queda, ele propositadamente omitiu tudo o que contrariava sua tese. Algumas vezes referências foram apresentadas fora de sua contextuação ou sob títulos que distorciam o significado das declarações feitas pelo autor.

Não dispomos de espaço para examinar todos os problemas contidos no *Movement of Destiny*. Uns poucos detalhes bastarão. Primeiramente, por que Froom sistematicamente ignora as declarações claramente a favor do ponto de vista de Cristo ter assumido a pecaminosa natureza humana? A missão do historiador é reportar os fatos tão objetivamente quanto possível. Por que, então, ele descartou todas as inequívocas declarações de Ellen White sobre a "natureza pecaminosa"?

Outras omissões por parte do historiador são justamente tão inexplicáveis, que requerem uma volta às origens do desenvolvimento de uma doutrina crucial como a justificação pela fé, no contexto dos pioneiros que a proclamaram. Froom quase não fez menção de A. T. Jones, que foi o principal expoente dessa doutrina, exceto para relembrar que Jones finalmente apostatou. O movimento da "carne santa" foi passado por alto, em completo silêncio – com boa razão, naturalmente, pois seus defensores ensinavam que Cristo possuía carne santa, e isso os levou a cometerem extravagâncias que atraíram condenação por parte de Ellen White e dos delegados da sessão da Conferência Geral de 1901.

De todos aqueles que escreveram sobre a pessoa e a obra de Jesus no passado, Prescott foi o único que, de acordo com Froom, fez uma contribuição apreciável.⁸¹ Seu livro, *The Doctrine of Christ*, publicado em 1920, foi, segundo Froom, o primeiro a colocar "a centralidade de Cristo em toda a Sua 'plenitude' como a essência do evangelho, e a justiça pela fé nEle como a única

esperança do homem".82 Froom considerava o livro tão importante, que sumariou seus principais capítulos.

Muito embora Prescott tenha dedicado três lições à doutrina da Encarnação, Froom não mencionou uma só palavra com respeito ao ensino de Prescott sobre a natureza humana de Cristo, porque estavam em oposição à sua tese. Outrossim, Froom silenciou sobre o sermão de Prescott, *O Verbo Se Fez Carne*, proferido na Austrália e amplamente divulgado nos periódicos oficiais da igreja, embora Ellen White tenha entusiasticamente aprovado suas explanações.⁸⁴

Quando, em diversos pontos, Froom não mais podia ignorar certas declarações de Waggoner e Ellen White que se opunham à sua tese, ele as interpretou "vicariamente" Froom introduziu no original o termo "vicariamente", como se ele procedesse da própria pena de Waggoner. [Ênfase acrescida]. Tendo citado a expressão "Ele Se fez pecado", de II Coríntios 5:21, Waggoner concluiu: "Impecável, todavia não apenas contado como um transgressor, mas realmente tomando sobre Si próprio a natureza pecaminosa." Froom repetiu a declaração, escrevendo: "Mais do que isso, Ele realmente 'Se fez' – vicariamente – pecado por nós, para que 'pudéssemos ser feitos justiça de Deus nEle'. (II Cor. 5:21)."

A despeito de suas muitas falhas, esse livro exerceu considerável influência. Froom desfrutava elevada reputação de autoridade entre certos líderes da igreja, muitos dos quais não compreendiam o ensino tradicional da igreja. De qualquer modo, *Movement of Destiny* produziu um despertamento, e uma nova rodada de reações por parte de muitas organizações oficiais da igreja, bem como de indivíduos cuja competência era inquestionável.

Notas e referências

- 1. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Comentários de Ellen G. White, vol. 1, pág. 1085 (Review and Herald, 24 de fevereiro de 1874).
- 2. Idem, vol. 4, pág. 1147 (O Instrutor da Juventude, 20 de dezembro de 1900).
- 3. Idem, vol. 5, pág. 1079 (Review and Herald, 4 de agosto de 1974).
- 4. Idem, pág. 1081 (Review and Herald, 28 de julho de 1874).
- 5. *Idem.* pág. 1124 (Ellen G. White, carta 106 de 1896).
- 6. *Idem*, pág. 1128 (Ellen G. White, carta 8 de 1895).
- 7. Idem, vol. 6, pág. 1074 (Ellen G. White, manuscrito 76 de 1903).
- 8. Idem, pág. 562 (o comentário é de A. G. Maxwell e não de Ellen G. White).
- 9. *Idem*, vol. 7, pág. 904 (Ellen G. White, manuscrito 67 de 1898).
- 10. Idem, pág. 926 (Ellen G. White, manuscrito 141 de 1901).
- 11. Idem, pág. 929 (Ellen G. White, manuscrito 1 de 1892).
- 12. Idem, pág. 930 (Review and Herald, 1 de abril de 1875).
- 13. Idem, pág. 930 (Ellen G. White, manuscrito 1 de 1892).
- 14. Idem, pág. 426.
- 15. Bruno W. Steinweg referiu as mesmas citações em seu documento de 1986, intitulado *A Doutrina da Natureza Humana de Cristo Entre os Adventistas, desde 1950*, págs. 5 a 7.
- 16. E. G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 285-339. Ver nosso capítulo 2, *O Testemunho dos Primeiros Adventistas*.
- 17. Idem, pág. 256.
- 18. Idem, pág. 247.
- 19. Idem, volume 2, págs. 31-39. Ver nosso capítulo 7 O Movimento da Carne Santa.
- 20. S. N. Haskell, carta a Ellen G. White, setembro de 1900. Citado por William H. Grotheer, *An Interpretative History of the Doctrine of the Incarnation*, pág. 50.
- 21. Ellen G. White, carta 132 de 1900 (Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 37).
- 22. Ver Seventh-day Adventist Encyclopaedia, pág. 43. Entre os livros de M. L. Andreasen, mencionaríamos em particular O Ritual do Santuário, O Livro de Hebreus; A Fé Pela Qual Eu Vivo; O Que Pode o Homem Crer; Santos e Pecadores.
- 23. Milian L. Andreasen, O Livro de Hebreus (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1948).
- 24. Idem, págs. 79-109.
- 25. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, vol. 7, págs. 387-494.
- 26. M. L. Andreasen, *Cartas às Igrejas* (Conway, Mo.: Gems of Truth, n.d.).
- 27. _____, Lettres aux Eglises (Cartas às Igrejas) (Roiffieux, Ardeche, France: Association Culturelle Laique Adventiste, n.d.)
- 28. _____, Letters to the Churches (Cartas às Igrejas), pág. 4.

- 29. Idem, págs. 1-3.
- 30. Idem, págs. 3 e 4.
- 31. Ibidem.
- 32. Idem, pág. 4.
- 33. Idem, pág. 5. Ellen G. White, em O Instrutor da Juventude, 25 de abril de 1901.
- 34. Andreasen, Letters to the Churches (Cartas às Igrejas), pág. 5. White, Review and Herald, 18 de fevereiro de 1890.
- 35. Andreasen, Letters to the Churches (Cartas às Igrejas), págs. 5 e 6.
- 36. Ibidem.
- 37. Idem, pág. 8.
- 38. Idem, pág. 13.
- 39. Idem, pág. 53.
- 40. Ibidem.
- 41. Ibidem.
- 42. *Idem*, pág. 56.
- 43. E. G. White, Testimonies for the Church, vol. 2, págs. 202, 509.
- 44. Andreasen, Letters to the Churches, págs. 53 e 54.
- 45. Idem, pág. 54.
- 46. Idem, pág. 55.
- 47. Idem, págs. 55 e 56.
- 48. A. L. Hudson refere-se ao manuscrito 21 de 1895, de autoria de E. G. White; à Carta 121 de 1897, e ao manuscrito 1 de 1892.
- 49. E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 267 e 268.
- 50. Essa carta de A. L. Hudson é mencionada por Steinweg, págs. 7 e 8.
- 51. Detalhes apontados por William H. Grotheer.
- 52. Idem, pág. 81.
- 53. Robert Lee Hancock, *A Humanidade de Cristo* (monografia apresentada ao Departamento de História da Igreja, Andrews University, julho de 1962). Ver Grotheer, págs. 81 e 82.
- 54. Hancock, págs. 26 e 27. Ver Grotheer, pág. 82.
- 55. Hancock, pág. 27.
- 56. Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1970.
- 57. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 157 (Youth's Instructor, 20 de dezembro de 1900).
- 58. Idem, pág. 370 (Ellen G. White, manuscrito 141 de 1901).
- 59. Idem, pág. 446, subtítulo III.
- 60. Ver nosso capítulo 12.
- 61. Roy Allan Anderson, The God-Man, His Nature and Work (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1970).
- 62. Idem, pág. 3.
- 63. Idem, pág. 10.
- 64. Idem, pág. 14.
- 65. Idem, pág. 35.
- 66. Idem, págs. 32-48.
- 67. Idem, pág. 40.
- 68. Idem, pág. 53.
- 69. Ibidem.
- 70. O livro *The God-Man, His Nature and Work*, de Roy Allan Anderson, teve origem numa série de suas reuniões públicas.
- 71. Ver a The Seventh-day Adventist Encyclopedia, pág. 484.
- 72. LeRoy Edwin Froom para William H. Grotheer, 17 de abril de 1971. Ver Grotheer, pág. 83.
- 73. Froom, Movement of Destiny, pág. 428. (itálicos supridos).
- 74. Idem, págs. 465-475.
- 75. Idem, págs. 476-492.
- 76. Idem, pág. 492 (itálicos supridos).
- 77. Idem, pág. 495.
- 78. Idem, págs. 495-499.
- 79. Idem, págs. 485 e 486.
- 80. Ingemar Linden, Apologetics as History (Apologética Como História), Espectrum, outono de 1971.
- 81. Froom, pág. 380.
- 82. Idem, págs. 380 e 381.
- 83. Ver nosso capítulo 6, dedicado à Cristologia de Prescott.
- 84. Ibidem.
- 85. Ellet J. Waggoner, Christ and His Righeousness, págs. 28 e 28.
- 86. Ibidem.
- 87. Froom, pág. 197.

88. Foi meu privilégio remontar à origem da história da Cristologia adventista, dentro da Conferência IV dos Depósitários de E. G. White, em Washington, em janeiro de 1987. É óbvio que muitos na distinta audiência não estavam cientes do ensino dos pioneiros. Um deles destacou, ao final da apresentação: "Se isso é assim, precisamos mudar nossa posição sobre o assunto."

Capítulo 12

REAÇÕES À NOVA CRISTOLOGIA - (1970 – 1979)

A influência da nova teologia foi crescente. Embora os defensores da Cristologia tradicional ficassem, de início, um tanto aturdidos com a rapidez da mudança, começaram a reagir energicamente, principalmente através dos canais oficiais de mídia da igreja. No começo, eles se fizeram ouvir em artigos publicados na *Review and Herald*, e então por meio do Instituto de Pesquisas Bíblicas, em nível da Conferência Geral. Mais tarde, mediante as lições da Escola Sabatina e em muitos livros. Em seguida à publicação do *Movement of Destiny*, o ano de 1970 marcou o início de um despertamento do interesse nos ensinamentos históricos dos pioneiros da igreja

A Reação da Review and Herald

Após a morte de F. D. Nichol, em 1966, Kenneth H. Wood, seu associado, tornou-se editorchefe da *Review and Herald*. Sob sua liderança, de 1966 a 1982, a *Review* nunca cessou de rememorar o ensino histórico. Como presidente do Patrimônio de Ellen G. White e também da junta de seus depositários, desde 1980, Wood fez tudo o que podia para incentivar a publicação de artigos sustentando a posição tradicional.

Para esse fim, Wood chamou dois editores-associados: Thomas A. Davis, em 1970, e Herbert E. Douglass, em 1971. Ambos se revelaram fortes defensores da tradicional Cristologia adventista. Por meio de artigos, livros e ocasionais participações nas lições da Escola Sabatina, eles sistematicamente se opuseram ao ensino apresentado no *Questions on Doctrine* e no *Movement of Destiny*.

Mesmo antes de ser chamado à *Review*, Thomas A. Davis havia publicado em 1966 um livro de meditações diárias, que apoiava a posição histórica. Davis escreveu: "O Poderoso Criador que havia colocado o átomo do mundo girando no espaço, Ele próprio Se tornou participante da carne e do sangue do homem pecaminoso, e edificou Sua casa sobre o minúsculo planeta que fizera. Que espantosa condescendência! Houvesse Ele tomado sobre Si a forma impecável de Adão, e já teria feito um sacrifício infinito. Mas Ele foi muito mais além quando Se achou na forma de homem degradada por milênios de pecado." Em 1971, Davis repetiu suas convicções no livro Romans for the Every-day Man (Romanos Para o Homem de Cada Dia).²

Herbert E. Douglass também assumiu firme defesa contra os novos pontos de vista do Adventismo. Ele era conhecido como um teólogo equilibrado e respeitado professor de Bíblia, tendo servido como presidente do Colégio União do Atlântico. Chamado para unir-se ao *staff* da *Review and Herald* como editor-associado, tornou-se conhecido como um dos mais ardentes defensores da posição histórica pós-lapsariana.³

Ao chegar à *Review*, ele publicou uma série de artigos e editoriais expondo um aspecto da questão muito caro ao seu coração: "Naquele primeiro Natal, os jubilosos anjos sabiam que o dramático momento chegara. Seu amado Senhor havia entrado pessoalmente na batalha... Ele provaria que o que Ele requerera do homem decaído, seria realizado."⁴

No segundo editorial, Douglass explicou por que Cristo tinha de tomar sobre Si mesmo a natureza decaída do homem. "Todos os outros passos no plano da salvação, incluindo a ressurreição dos fiéis durante os tempos do Velho Testamento, dependiam totalmente do sucesso

que Jesus teria como co-participante na arena da tentação. Pois se Cristo, perante o expectante Universo, não vencesse sob as mesmas condições que todo homem precisa enfrentar, então nenhum homem poderia esperar vencer."⁵

No último artigo da série, Douglas mostrou que o homem pode vencer a tentação conforme o exemplo de Jesus. "Como substituto do homem, Ele provou que esse poderia viver sem pecar. 'Nós também podemos vencer como Cristo venceu.' (O Desejado de Todas as Nações, pág. 389). Jesus não Se valeu de nenhuma vantagem que não esteja disponível a cada ser humano. Unicamente Sua fé constitui-se no segredo de Seu triunfo sobre o pecado. 'A vitória e a obediência de Cristo é a de um ser humano... Quando conferimos à Sua natureza humana um poder que não é possível ao homem possuir em seus conflitos com Satanás, destruímos a integralidade de Sua humanidade' (Seventh-day Adventist Bible Commentary, Comentários de Ellen G. White, vol. 7, pág. 929)."6

Um dos conceitos que Douglass desenvolveu em seus editoriais era-lhe especialmente caro. Esse tinha que ver com a última geração vivente ao tempo do retorno de Cristo. "A fé de Jesus produz o caráter de Jesus; essa é a meta de todos aqueles que desejam tomar parte naquela extraordinária demonstração de um viver semelhante ao de Cristo na última geração de adventistas." "A última geração dos que 'guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus' dissipará para sempre todas as dúvidas remanescentes sobre se a vontade do homem, unida ao poder de Deus, pode afastar todas as tentações de servir ao eu e ao pecado." "8

Por vários anos, entre 1971 e 1974, Douglass publicou um editorial natalino que chamava a atenção para a natureza humana decaída de Cristo, e para a razão por que Ele teve de tomar a humanidade sobre Si.⁹ Quando lhe perguntaram por que ele escrevera esses editoriais, Douglass respondeu: "Obviamente, isso se tornou um ponto de encontro ou bandeira para muitos que pensavam nunca mais poder ver a verdade impressa... Eu simplesmente queria dar um suporte mais rico ao ponto de vista que foi proeminente na história de nossa igreja, e ainda o é na vida e pensamento de muitos irmãos da Conferência Geral, com quem convivo no dia-a-dia." ¹⁰

A Reação do Instituto de Pesquisa Bíblica

Pouco após o lançamento do volume 7-A do *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, em 1970, os membros do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral foram convocados para revisar um dos apêndices. Isso foi feito através de um suplemento especial do *Ministry*, em fevereiro de 1972,¹¹ com a seguinte introdução:

"Com a publicação do Question on Doctrine... despertou-se considerável interesse com respeito à natureza de Cristo durante a Encarnação, e a relação dessa natureza com a natureza do homem, especialmente na guerra do homem contra a tentação e o pecado.

"Como o estudo se seguiu à publicação do Questions on Doctrine, foi feita a sugestão de que o Apêndice B, intitulado 'A Natureza de Cristo Durante a Encarnação' poderia ser mais útil se os elementos de possível interpretação – ênfase por italização, interpretação por título, etc. – , fossem minimizados para que as declarações pudessem ser postas diante do leitor em sua própria força, falando-lhe à mente.

"O material em seu presente feitio foi considerado pela Comissão de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral, e aprovado como a mais proveitosa forma para futura apresentação... Seus leitores são estimulados a considerar nessas declarações, o equilíbrio entre a divindade e a humanidade de Cristo, e os perigos inerentes em torná-Lo tão exclusivamente divino ou tão completamente humano. O elemento de mistério na Encarnação pede constante reconhecimento." 12

O Instituto de Pesquisa Bíblica eliminou os itálicos, reorganizou o texto e suprimiu algumas citações. E o mais importante: rescreveu muitos dos títulos e subtítulos para torná-los menos tendenciosos teologicamente. Assim, por exemplo, o título III, que diz que Jesus "assumiu a natureza humana isenta de pecado"¹³, foi substituído por outro mais de acordo com o conteúdo das citações: "Tomando a natureza humana, Cristo não participou de seu pecado ou propensão para o mal."¹⁴ Dessa maneira, sem entrar em polêmica com os autores do apêndice B, os membros do

Instituto de Pesquisa Bíblica apresentaram um texto neutro, deixando que os leitores tirassem suas próprias conclusões.

Em seu relatório público, Gordon Hyde, então diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Conferência Geral, notou com pesar a crescente influência da nova Cristologia. Escreveu ele: "É geralmente sabido que nem todos ficaram felizes com a ênfase dada no Question on Doctrine, e de fato, um ou dois estudiosos entre nós, bem como líderes de alguns grupos discordantes, tomaram uma atitude negativa diante da ênfase dada e disputaram enfaticamente pela posição póslapsariana. Em geral, todavia, a posição do Question on Doctrine pareceu prevalecer e foi mantida pela liderança da igreja como sendo correta... Porém, nos últimos três ou quatro anos, houve um reacendimento dos assuntos por parte de certos editores da Review em seus editoriais, e em algumas publicações dos grupos divergentes." 15

Herbert E. Douglass Reage Através das Lições da Escola Sabatina

Nessa ocasião, enquanto Herbert Douglass publicava seus editoriais na *Review and Herald*, foi-lhe solicitado preparar as lições da Escola Sabatina sobre "*Cristo, Nossa Justiça*", para o primeiro trimestre de 1974. ¹⁶

O problema da natureza humana de Jesus é tratado sob o título "O Justo Jesus"¹⁷. O verso básico é Romanos 8:3, e a introdução do tópico apresenta esta citação de Ellen White: "Cristo suportou os pecados e fraquezas da raça humana tais como existiam quando Ele veio à Terra para ajudar o homem. Em favor da raça, tendo sobre Si as fraquezas do homem caído, devia Ele resistir às tentações de Satanás em todos os pontos em que o homem era tentado."¹⁸

Tendo desenvolvido o tema da divindade de Cristo nas primeiras duas seções da lição, Douglass abordou Sua humanidade nas outras quatro, sob os seguintes títulos "Jesus Foi Homem" (Fil. 2:5-7); "Compreensão Mútua" (Heb. 2:17); "Jesus Foi Tentado" (Heb. 4:15; 12:3 e 4); "Uma Vida Sem Pecado" (Rom. 8:3; João 16:33). Os comentários de cada texto foram extraídos principalmente dos escritos de Ellen White. Considerando que a nova interpretação estava supostamente baseada nas citações de Ellen White, achou-se apropriado refutar essa explanação com apoio em seus escritos. Por essa razão, eis esta clássica citação em conexão com Filipenses 2:5-7 e João 1:14: "Cristo não fingiu assumir a natureza humana; Ele de fato a tomou sobre Si... (Heb. 2:14). Ele era o filho de Maria; era da semente de Davi segundo a descendência humana. É declarado ser Ele homem, o Homem Cristo Jesus." E outra ainda: "Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação." ²⁰

Jesus era imaculado não por que possuísse carne impecável, mas porque Ele viveu sem pecar numa 'carne em semelhança do pecado'. Assim Douglass concluiu que Jesus havia demonstrado ser possível "viver sem pecar, em obediência à lei do Céu, a quem quer que se lance inteiramente nas mãos de Deus". ²¹

Como veremos mais tarde, Douglass é específico sobre enfatizar a *razão* de Jesus ter vindo em carne pecaminosa. Para ele existia uma relação de causa e efeito entre Cristologia e Soterologia. Realmente, ele sentiu ser precisamente essa toda a controvérsia havida.

Numa tentativa de resolver as divergências sobre o assunto da justificação pela fé, os líderes da Conferência Geral entenderam que deveria ser escolhida uma comissão especial. Obviamente, essa comissão não poderia considerar o problema sem também examinar a natureza humana de Cristo.

Pesquisaremos os relatórios dessa comissão para coligir suas conclusões com respeito à Cristologia.

A Cristologia da Comissão da Justificação Pela Fé

Essa comissão foi especificamente criada para examinar o manuscrito de Robert J. Wieland

e Donald K. Short. Por essa razão, ela foi inicialmente conhecida como "A Comissão Revisora do Manuscrito Wieland e Short". Já em 1950, esses dois missionários, ao retornarem da África, foram os primeiros a advertir a Conferência Geral sobre as novas interpretações a respeito da Pessoa e obra de Cristo, que estavam ameaçando a igreja. Subseqüentemente, eles foram solicitados a apresentar suas preocupações por escrito, o que fizeram em forma de um compêndio datilografado intitulado 1888 Reexaminado.

Para facilitar o trabalho da comissão, três subcomissões foram criadas para reunir a documentação necessária. A própria comissão reuniu-se em 25 de outubro de 1974, e numa segunda vez em 17 a 19 de fevereiro de 1975. Um terceiro e final encontro, de 23 a 30 de abril de 1976, em Palmdale, Califórnia, incluiu uma importante delegação proveniente da Austrália.

É interessante notar como o relatório da reunião de 17 de fevereiro de 1975 sumariou o acordo havido com os irmãos Wieland e Short. Primeiramente, eles reconheceram a contribuição sem paralelo de Jones e Waggoner em sua mensagem sobre a justificação pela fé, e a relação existente entre a *natureza humana de Jesus* e a justiça pela fé. A comissão concluiu, todavia, que Ellen White não teria aprovado todas as declarações feitas por Jones e Waggoner.²⁴ Ademais, ela se recusou entrar na controvérsia sobre o assunto da natureza humana de Cristo.

Em essência, esses pontos foram abordados no relatório da comissão de Palmdale sobre justificação pela fé. Entretanto, alguns teólogos adventistas da Austrália desafiaram a interpretação tradicional da justificação pela fé, afirmando que de acordo com a Bíblia, a expressão diz respeito apenas à justificação, sem incluir santificação. Uma delegação de 19 líderes da igreja australiana, incluindo Desmond Ford e Alwyn Salom, foi convidada a discutir a matéria na conferência de Palmdale. Esses homens tiveram a oportunidade de apresentar seus pontos de vista sobre justificação pela fé e a natureza humana de Cristo. Ficou claro que ninguém duvidava da relação direta entre as duas.

Na sessão que tratou da humanidade de Cristo, o relatório sintetizou as conclusões da comissão conforme estes termos:

- "1. Que Cristo era, e ainda é, o Deus-Homem a união da verdadeira Divindade e da verdadeira humanidade.
- "2. Que Cristo experimentou toda a extensão das tentações, com risco de fracasso e perda eterna.
- "3. Que Cristo venceu a tentação, apropriando-Se unicamente daquelas provisões que Deus dispõe à família humana.
- "4. Que Cristo viveu em perfeita obediência aos mandamen-tos de Deus e que Ele era sem pecado.
- "5. Que por Sua vida e morte expiatória tornou possível aos pecadores ser justificados pela fé e, portanto, considerados justos à vista de Deus.
- "6. Que pela fé no ato redentor de Cristo, não apenas a posição da pessoa diante de Deus pode ser mudada, mas seu caráter também, enquanto cresce na graça e obtém a vitória tanto sobre as tendências hereditárias como sobre as cultivadas para o mal. Essa experiência de justificação e santificação prossegue até a glorificação." ²⁶

O relatório cita as declarações de Ellen White mais favoráveis à posição tradicional, enfatizando a participação de Cristo na natureza caída do homem e Sua vida imaculada. Mas, naturalmente, os participantes dessa conferência não eram unânimes com respeito às interpretações dessas declarações. Em realidade, tanto estavam presentes ali muitos defensores da posição póslapsariana como da pré-lapsariana. Assim, o relatório da conferência não tomou posição sobre esse tema, mas finalizou com um apelo pela unidade e encorajamento para o prosseguimento desse estudo num espírito de tolerância de ambas as partes.

Com efeito, isso já não era mais uma questão de decidir qual das duas interpretações estava correta, mas simplesmente de reconhecer que os dois diferentes pontos de vista existiam. Esses desvios das doutrinas fundamentais como justificação pela fé e a natureza humana de Cristo, foram

considerados por alguns como evidência de uma aguda crise teológica no seio da Igreja Adventista. A obra de Geoffrey J. Paxton, *The Shaking of Adventism* (O Abalo do Adventismo), representa claramente a opinião daqueles que acompanharam as discussões da conferência de Palmdale do lado de fora.²⁷

Vistas do lado de dentro, Arthur Leroy Moore, um teólogo adventista, chegou à mesma conclusão em sua tese doutoral publicada em 1980, sob o título *The Theology Crisis* (A Crise da Teologia)²⁸ Moore refuta sistematicamente as novas interpretações dos "reformistas" – como ele os chamou – sobre a justificação pela fé e a natureza humana de Cristo, baseadas nas apresentações de Ford na Conferência de Palmdale.²⁹

As Dissertações de Ford na Conferência de Palmdale

Entre os delegados australianos à Conferência de Palmdale, em abril de 1976, estava um influente teólogo por nome Desmond Ford, que ensina no Colégio Adventista de Avondale, em seu país natal.

Por anos Ford havia propagado suas idéias sobre a doutrina da justificação pela fé, declarando que a igreja havia anulado esse ensino ao rejeitar a doutrina do pecado original. Ford escreveu: "Isso... deu origem a três heresias relacionadas: a) que o evangelho inclui santificação bem como justificação; b) que Cristo tomou a decaída natureza de Adão; e c) que a 'última geração' deve desenvolver caracteres perfeitos antes da volta de Cristo."³⁰

Como essas idéias se houvessem espalhado amplamente pelos Estados Unidos, era desejável que Ford as apresentasse à Comissão da Justificação Pela Fé, para chegar, se possível, a uma declaração oficial. Assim foi dada a Ford a oportunidade de apresentar três documentos na conferência de Palmdale. O primeiro era "O Escopo e os Limites da Expressão Paulina 'Justiça Pela Fé'"; o segundo, 'A Relação Entre a Encarnação e a Justiça Pela Fé'; e o terceiro, 'Ellen G. White e a Justiça Pela Fé.'

Ford assumiu posição semelhante à encontrada no Question on Doctrine,³² mas sua colocação era bem mais definida: "Cristo tomou a natureza impecável de Adão, mas não sua força. Ele assumiu nossa fraqueza mas não nossa pecaminosidade. Ele poderia ter pecado, mas não o fez."³³

A partir dessa Cristologia, Ford desenvolveu sua doutrina da justificação pela fé, no sentido de uma transação puramente legal, limitada à justiça imputada. E escreveu: "Para colocá-la ainda de outra forma, justificação, e não santificação, é a justiça pela fé do Novo Testamento, e tal justiça é o dom do encarnado, crucificado e ressurreto Senhor."³⁴

Esse ensino de uma justiça puramente legal levou Ford e seus seguidores a uma forma de adventismo evangélico,³⁵ que tendia a subestimar a importância da obediência como condição de salvação, oferecendo uma remissão sem temor de um julgamento por vir, e negava todo o significado profético do evento de 1844.³⁶ Essas conclusões extremadas estão em harmonia lógica com suas suposições, mas em radical oposição à Cristologia adventista tradicional e à mensagem da justificação pela fé proclamada em 1888. Não admira que a reação a essas opiniões fosse imediata.

Herbert E. Douglass Reafirma a Cristologia Tradicional

Depois da impressão de sua primeira lição da Escola Sabatina para o primeiro trimestre de 1974, Douglas foi requisitado a preparar os originais para o segundo trimestre de 1977. Ele intitulou esse trabalho *Jesus*, *o Homem-Modelo*. Essa foi uma seqüência lógica às precedentes lições sobre *O Justo Jesus*.

Os originais das lições sempre são submetidos a exame por uma comissão mundial responsável pela manutenção do conteúdo doutrinário, em harmonia com os princípios da igreja. O segundo original encontrou alguma oposição, mas o Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral aprovou sua publicação, a despeito das críticas.³⁷

O tema dominante dessas lições pode ser sintetizado por esta declaração de Ellen White, citada na introdução geral: "Devemos olhar para o homem Cristo Jesus, que é completa na

perfeição da justiça e santidade. Ele é o Autor e Consumador de nossa fé. Ele é o homem-modelo. Sua experiência é a medida da experiência que temos de obter. Seu caráter é nosso modelo... Enquanto O contemplamos e meditamos nEle, Ele será formado interiormente."38

Fiel ao conceito básico da Cristologia adventista tradicional, Douglass repetiu que "Jesus, o Carpinteiro de Nazaré, veio a este mundo e aceitou 'os resultados da operação da grande lei da hereditariedade". Ele estava 'sujeito à fraqueza da humanidade... para ferir a batalha em que cada ser humano precisa se empenhar, com risco de fracasso e perda eterna',"³⁹ Apoiando-se constantemente no ensino de Ellen White, Douglass se gratificava em afirmar que a vitória de Cristo sobre o pecado pode ser também a nossa. "Como um de nós, Ele tinha de dar um exemplo de obediência... Cristo suportou cada prova a que estamos sujeitos, e não exerceu em Seu próprio favor nenhum poder que não nos seja livremente oferecido... Sua vida testifica de que é possível também a nós obedecermos à lei de Deus."⁴⁰

"Se Deus houvesse vindo à Terra e apenas parecendo ser um homem, Seu desempenho não teria respondido às acusações de Satanás; a questão não era o que Deus poderia fazer, mas se o homem poderia guardar a lei e resistir ao pecado." Em apoio a suas convicções, ele citou a declaração de Ellen White de que 'a vitória e a obediência de Cristo são aquelas de um verdadeiro ser humano. Em nossas conclusões, cometemos muitos equívocos por causa de nossos errôneos pontos de vista sobre a natureza humana do Senhor. Quando conferimos à Sua natureza humana um poder que não é possível ao homem dispor em seus conflitos com Satanás, destruímos a perfeição de Sua humanidade." 42

Além das lições da Escola Sabatina, Douglas também publicou uma espécie de comentário sobre as várias lições, em parceria com Leo Van Dolson: *Jesus – O Ponto de Referência da Humanidade*. ⁴³ Para Douglass, Jesus foi não apenas o "*Homem-Modelo*", mas também "*O Ponto de Referência da Humanidade*". Em outras palavras, a medida do que podemos nos tornar pela graça de Deus em Jesus Cristo.

Douglass já havia desenvolvido esse tema num capítulo do livro *Perfeição*, *A Impossibilidade Possível*, publicado em 1975.⁴⁴ Sob o título *O Mostruário da Graça de Deus*, Douglass reafirmou o ensino dos pioneiros e de Ellen White, cujos escritos citou profusamente. Ele se alegrava também ao reconhecer que proeminentes teólogos como Karl Barth e Emil Brunner, os quais, como ele, haviam demonstrado que a participação de Jesus no estado da decaída natureza humana, era não apenas uma verdade cristológica, mas uma realidade soterológica de grande importância. Na ótica de Douglass, a perfeição cristã é possível apenas na extensão do reconhecimento de que Jesus Cristo mesmo participou da natureza do homem pecaminoso.

Ele é explicito: "De nenhum modo Ellen White menosprezaria o triunfo de Jesus e emprestaria suporte à grande heresia de que a natureza humana do Senhor era a de Adão antes da queda – isenta dos riscos e da degeneração do pecado."⁴⁵

Naturalmente, Douglass não estava sozinho em relembrar qual era o fundamento da Cristologia adventista desde o começo do movimento. Outras vozes também foram ouvidas, ⁴⁶ tais como a de Kenneth H. Wood, editor-chefe do órgão oficial da igreja, a *Review and Herald*.

Kenneth H. Wood Confirma a Cristologia Tradicional

Kenneth H. Wood, atualmente presidente dos Depositários de Ellen G. White, foi editor da *Review and Herald* de 1966 a 1982. Ele não expressou diretamente seus pontos de vista sobre o problema da natureza humana de Cristo até 1977, quando publicou três editoriais paralelamente às lições da Escola Sabatina do segundo trimestre, tratando de *Jesus, o Homem-Modelo*.

O primeiro surgiu em 5 de maio de 1977, sincronizado para coincidir com o estudo das lições preparadas por Herbert Douglass. Wood considerava essas lições como "sendo de excepcional valor". "Essas lições da Escola Sabatina enfatizavam que Jesus satisfez plenamente cada qualificação necessária à missão de salvar a humanidade perdida. Excetuando-se Sua absoluta pureza, Jesus identificou-Se completamente com a raça humana (Ver Ellen G. White, carta 17, de 1878)."47

"Mas ai", observou Woods, "nem todos os cristãos – mesmo os adventistas do sétimo dia – concordam com a interpretação dessas e outras inspiradas declarações". 48 Isso ficou demonstrado na Conferência de Palmdale onde, de acordo com o relatório, os participantes ficaram divididos entre aqueles que sustentavam o pontos de vista acerca da natureza pertencente à pecaminosa humanidade, como herdada por Cristo, e aqueles que criam que Sua natureza havia sido da humanidade impecável."49

Wood cria que os adventistas haviam sido comissionados por Deus para exaltar a Cristo. "Estão eles fazendo isso? Não tão plenamente quanto deveriam. E talvez uma razão para isso seja que por anos muitos membros e ministros têm-se arreceado discutir a humanidade de Cristo, por medo de parecerem irreverentes e fazer a Jesus totalmente humano (o que Ele não foi; nosso Senhor também era divino). Eles ficavam transtornados quando alguns membros da igreja e líderes pregavam o Cristo do adventismo histórico, o Cristo que viveu como nós temos de viver, que foi tentado como nós o somos, que venceu como nós temos de vencer, e que prometeu viver em nós pelo Seu Santo Espírito (unindo nossa natureza humana com Sua natureza divina)." 50

Wood expressou sua satisfação nestes termos: "Assim, estamos felizes porque o Departamento de Escola Sabatina da Conferência Geral, através das lições trimestrais, está levando o mundo a contemplar demorada e firmemente a Jesus. Cremos que como resultado dessas lições sobre a vida e ministério de Jesus, haverá maior proveito para cada crente, e entendemos que foi criado um clima de abertura no qual o estudo pode propiciar aspectos da Encarnação que precisam ser compreendidos integralmente, antes que a mensagem do terceiro anjo possa se dilatar até o alto clamor."51

Nos meses que se seguiram a esses editoriais, foi publicado o livro de Edward Heppenstall, O Homem Que É Deus, e cujo subtítulo dizia: "Um Estudo Sobre a Pessoa e a Natureza de Jesus, Filho de Deus e Filho do Homem." Falaremos mais tarde sobre seu conteúdo, mas queremos destacar aqui que os dois editoriais saídos da pena de Kenneth Wood no final do ano, tinham relação com a publicação desse livro.

Em resposta aos argumentos de Heppenstall, Wood reafirmou sua posição em 22 de dezembro de 1977, num editorial intitulado "O Dom Supremo". Wood primeiramente expressou sua gratidão a Deus por esse dom que excede a todo entendimento. "O aspecto espantoso da história de Belém é que o infinito Deus viria a este mundo e se uniria à raça humana." 53

"Porém, mais admirável ainda do que o fato de Deus Filho vir habitar com a humanidade, é a verdade de que Ele veio morar com a humanidade pecadora! 'Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifestase na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável.(O Desejado de Todas as Nações, pág. 49)."54

Em seu segundo editorial, Wood explicou como Jesus pôde viver sem pecar enquanto em carne humana pecaminosa. Certamente, assinalou ele, isso "desafia a fé e a razão, mas não ousamos rejeitar a verdade meramente porque não podemos compreendê-la ou explicá-la." Outros aspectos da Encarnação são também um mistério, todavia, nós os aceitamos – tais "como a natureza divina e a natureza humana poderiam combinar-se em uma Pessoa". 56

Wood advertiu contra duas perigosas conclusões que alguns extraíam da declaração de que Cristo tomou a natureza pecaminosa do homem. Primeira: "que isso tornou Cristo apenas humano e não divino." Segunda: "que Jesus foi por causa disso maculado pelo pecado ou tivesse inclinação para ele." Wood citou Ellen White contra esses pontos de vista: "Nunca, de modo algum, deixem a mais leve impressão sobre mentes humanas de que havia em Cristo uma mancha ou inclinação para a corrupção, o ou que Ele, de alguma forma, cedeu à tentação.' (The SDA Bible Coomentary, Comentários de Ellen G. White, vol. 5, pág. 1128)." S8

De fato, Wood declarou: "1) Tomar a natureza pecaminosa do homem não poluiu ou manchou a Cristo. 2) Jesus foi totalmente leal a Seu Pai e contrário à rebelião, que é a verdadeira essência do pecado."59

Wood justificou a primeira declaração com a seguinte explanação: "Notem o que acontecia quando Jesus tocava os leprosos. Foi Ele contaminado por tocá-los?... Não, em lugar disso, os leprosos é que foram purificados." "Quando a Divindade toca a humanidade, Ela não é contaminada; em vez, a humanidade é abençoada, curada e purificada." Cristo nasceu do Espírito, e quando Ele Se uniu à pecaminosa natureza humana, "pelo fato de tê-la tomado, purificou-a de toda a sua inerente depravação." 60

Quanto à segunda declaração, Wood explicou que nenhum traço de rebelião foi encontrado em Jesus. "Ele sempre estava em completa harmonia com a vontade e a lei de Seu Pai... Jesus disse de Si mesmo: 'Vem aí o príncipe deste mundo; e ele nada tem em Mim' (João 14:30). E também: '... não procuro a Minha própria vontade, e, sim, a dAquele que Me enviou' (cap. 5:30). Jesus possuía Sua própria vontade – como todo ser humano – mas submeteu-a a Seu Pai – como deveria ser com a vontade de todo aquele que nasce do Espírito."⁶¹

"Quando se escreve que Jesus foi tentado em todos os pontos como nós, sem cometer pecado (Heb. 4:15), a quem esse "nós" descreve?", pergunta Woods. "Ele não se refere aos pagãos, mas ao povo de Deus... Talvez se refira primariamente aosS nascidos do Espírito (cf. João 3:3-8), a pessoas não mais dirigidas pela carne e 'na carne', mas espiritualmente conduzidas e 'no espírito' (ver Rom. 8:4-9)."62 Conseqüentemente, 'aqueles que são nascidos do Espírito podem, através do poder de Cristo, resistir com êxito a cada tentação e ser vitoriosos em sua luta contra o inimigo de suas almas."63

Ao viver vitoriosamente em a natureza humana decaída, "Jesus deu um exemplo de que Seus seguidores podem se valer em sua batalha contra o pecado." Encerrando, Wood exclama: "Que maravilhoso Deus nós servimos! Que maravilhoso Salvador nós temos! Que maravilhoso poder está disponível para nos capacitar a viver uma vida vitoriosa!" ⁶⁵

A Cristologia de Edward Heppenstall

Edward Heppenstall foi um proeminente professor de filosofia cristã, para quem a teologia não era verdadeiramente útil, a menos que conduzisse a um relacionamento com Deus através de Jesus Cristo. Nascido na Inglaterra, Heppenstall ensinou em várias universidades americanas e no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia em Washington, D.C., a partir de 1955. Na Universidade Andrews, em Berrien Springs, Michigan, ele tinha a seu cargo as cadeiras de teologia sistemática e filosofia cristã. Em 1967, ele aceitou o chamado para a Universidade de Loma Linda, Califórnia, para ensinar no Departamento de Religião, onde ficou até sua aposentadoria em 1970.66

Através dos anos, Heppenstall foi um fiel colaborador de vários periódicos adventistas, em particular do *Ministry*, *Signs of the Times* e *These Times*. O comentário da segunda epístola aos Coríntios, no *SDA Bible Commentary*, procede de sua pena. Muitos dos livros escritos durante sua aposentadoria, são dignos de crédito: *Our High Priest* (Nosso Sumo Sacerdote), 1972; *Salvation Unlimited* (Salvação Ilimitada), 1974, *In Touch With God* (Em Contato Com Deus), 1975, *The Man Who Is God* (O Homem Que é Deus), 1977, todos publicados em Washington, D.C., pela Review and Herald Publishing Association.

Até onde nosso tema está envolvido, Heppenstall detalhou sua Cristologia no livro *The Man Who Is God.* Essa é talvez a mais sistemática abordagem feita por um teólogo adventista sobre "a pessoa e a natureza de Jesus, o Filho de Deus e o Filho do Homem" (o subtítulo do livro). Nele são tratados todos os aspectos da Cristologia: Cristo na história humana, a Encarnação, o nascimento de Jesus, a doutrina da *kenosis* (a abdicação da forma divina por Jesus ao tornar-Se homem e sofrer a morte), o centro da consciência de Cristo, Cristo e o pecado, a impecabilidade de Jesus, a tentação de Cristo e a singularidade de Cristo.

Para Heppenstall, a Encarnação constitui o maior milagre de todos os tempos e da eternidade. Ela é verdadeiramente o fato central do Cristianismo. "Se alguém não crê na

Encarnação, então é impossível compreender o que a fé cristã representa",67 porque, "a substância de nossa fé jaz no que Cristo foi e fez, e não meramente no que Ele ensinou."68 "A união do divino e do humano resultou em duas naturezas em uma pessoa, Jesus Cristo. Daí o termo usado para Jesus — o Deus-Homem."69 Tendo enfatizado o miraculoso nascimento de Jesus, Heppenstall prossegue afirmando a perfeita divindade de Cristo e Sua perfeita humanidade; plenamente Deus e totalmente homem.

Heppenstall cria que a humanidade de Jesus não era a impecável humanidade de Adão antes da queda. "Cristo veio na humilde forma de um servo em Sua encarnação, representando servidão, sujeição, subordinação. Ele assumiu a debilitada natureza humana e não a perfeita natureza que Adão possuía antes de pecar. Jesus não veio à Terra como um novo ser humano, criado novamente em poder e esplendor... Em lugar de comandar e reinar em poder e majestade, ocupando um lugar de honra e preeminência entre os homens, Ele humilhou-Se a Si mesmo. Trilhou a senda da humilhação que culminou em Sua morte sobre a cruz."⁷⁰

Enquanto Heppenstall diferia daqueles que afirmavam que Jesus tomou a natureza de Adão *antes da queda*, também divergia dos que atribuíam a Jesus a natureza de Adão *após a queda*. Ele via uma diferença entre ter uma natureza pecaminosa e uma natureza que portava simplesmente os resultados do pecado. Obviamente, "se a transmissão do pecado é por propagação natural, então Jesus deve ter herdado de Maria o que todos nós herdamos de nossos pais, a menos que admitamos alguma forma de doutrina de imaculada conceição."⁷¹

Para Heppenstall, o pecado não é algo genético. O que os seres humanos herdaram de Adão pelo nascimento foi um estado de pecado que separa de Deus, isto é, "pecado original". "O pecado é um fato espiritual causado pela alienação total de Deus por parte do ser humano. Não podemos aplicar essa condição alienada a Cristo. Ele não nasceu como nós, separado de Deus. Ele era o próprio Deus. Ele poderia herdar de Maria apenas aquilo que seria transmitido geneticamente. Isso significa que Ele herdou a constituição física enfraquecida, os resultados do pecado sobre o corpo, que todos nós herdamos. Com referência aos demais homens, eles nascem sem Deus. Todos os homens necessitam de regeneração. Cristo não. Aqui jaz a grande diferença entre Cristo e nós."⁷²

Porque distinguiu o pecado original do processo genético, Heppenstall pôde afirmar que Cristo não teve uma natureza pecaminosa como o restante da humanidade. Além disso, destacou ele: "Essa Escritura [Rom. 8:3] não diz que Deus enviou Seu Filho 'em carne pecaminosa', mas apenas 'em semelhança' dela... Se Cristo houvesse nascido exatamente como nós, Paulo não teria escrito 'em semelhança', mas 'em carne pecaminosa'. O apóstolo é muito cuidadoso em tornar clara a impecabilidade da natureza de Cristo." "Cristo não nasceu isento de deterioração física. Ele a herdou totalmente de Maria... Ele estava fisicamente sujeito ao declínio da raça; mas uma vez que o pecado não é transmitido geneticamente, mas como resultado da separação do homem de Deus, Cristo nasceu sem pecado." "74"

Ao lidar com o problema da tentação, Heppenstall considerou que 'a possibilidade de ser tentado é a mesma para um ser sem pecado como para um pecaminoso. Adão foi tentado quando era um ser impecável. Ele enfrentou a tentação na plena força de um sistema físico e mental perfeito. Mas Cristo não Se tornou carne no perfeito estado em que Adão foi criado. Para Cristo, o poder da tentação foi enormemente aumentado em virtude de Sua herança de uma constituição física enfraquecida por 4.000 anos de crescente degeneração da raça. A possibilidade de ser vencido era muito maior do que a de Adão por causa disso."⁷⁵

Em razão de Sua confiança em Seu Pai celestial e pelo poder do Santo Espírito, Cristo triunfou sobre o pecado. "Nisso Ele é nosso Padrão perfeito. Nossa união com Deus é pela fé e não por nossos próprios esforços. Cristo escolheu viver como um ser humano, em total dependência de Deus. Nada poderia mudar isso. Ele andou com Deus pela fé, assim como temos de fazer."⁷⁶

Em conclusão, alguém pode apreciar o esforço de síntese tentado por Heppenstall entre a Cristologia tradicional e aquela ensinada pelos autores do livro *Questions on Doctrine*. Mais do que

uma vez, ele declarou que Cristo havia tomado sobre Si, não a natureza de Adão antes da queda, mas a natureza humana após 4.000 anos de degenerescência da raça. Todavia, se afirmamos que o pecado é meramente um fato espiritual aparentado com a natureza religiosa, e não transmitido geneticamente, somos deixados com um Cristo que realmente não "condenou o pecado na carne", a verdadeira missão pela qual Ele foi enviado por Deus para cumprir "em semelhança da carne pecaminosa" (Rom. 8:3).

O argumento de Heppensttall tende a ser mais filosófico do que bíblico, e ele não faz nenhuma citação de Ellen White.

Está evidente por que, após a publicação do *The Man Who Is God*, Kenneth Wood sentiu a responsabilidade de reafirmar a Cristologia adventista histórica em seu editorial publicado no natal de 1977. Longe de esclarecer o problema da natureza humana de Cristo, Heppenstall tornou-a mais hipotética. Recentes descobertas genéticas parecem contradizer essa hipótese. De acordo com a antropologia bíblica, os seres humanos são um todo; e se os efeitos do pecado são transferíveis, certamente o mesmo deveria ser verdadeiro quanto ao pecado como um poder.

A Posição de J. R. Spangler Sobre Cristologia, Enquanto Editor do *Ministry*

Lembramo-nos do papel desempenhado pelo editor-chefe do *Ministry*, Roy Allan Anderson, quando "o novo marco histórico do adventismo" foi publicado em 1956. J. R. Spangler sucedeu-o em 1966, mas ele achou melhor pôr-se à margem da controvérsia que foi crescendo de intensidade através dos anos. Ela alcançou tal ponto que muitos acharam estranho que o editor do *Ministry* não se envolvesse no assunto.

A questão lhe foi colocada: "Por que os editores do Ministry não têm algo a dizer sobre a presente discussão a respeito da natureza de Cristo e da justiça pela fé? Qual é sua posição sobre esses temas?"⁷⁷

A réplica de Spangler foi franca, direta e clara. Durante seus 36 anos de ministério, sua opinião sobre esses pontos havia mudado. Ele escreveu: "Mesmo agora, hesito em responder a tais questões por medo de deixar impressões errôneas sobre a natureza do Senhor." Mas desde o momento em que não havia nenhuma declaração de fé votada pela Conferência Geral sobre esse assunto, ele se sentiu livre para expressar seu ponto de vista.

"Antes da publicação do Questions on Doctrine e de certos artigos no Ministry, eu não dedicara muita atenção sobre a exata natureza de Cristo. Simplesmente cria que Ele era Deus-Homem e O apresentava como tal nas campanhas evangelísticas. Durante os primeiros anos de meu ministério, eu esposava firmemente o ponto de vista de que Cristo tinha tendências e propensões para o mal, justamente como nós. Eu cria que Cristo possuía uma natureza exatamente igual à minha, exceto que Ele nunca cedera à tentação. Todavia, nos anos 50, enquanto a igreja focalizava a natureza de Cristo, minha posição mudou. Agora era a favor da idéia de que Cristo foi genuinamente homem, sujeito às tentações e ao fracasso, mas com uma natureza humana impecável, totalmente livre de qualquer tendência ou predisposição para o mal." 79

Tendo examinado o que a Bíblia ensinava sobre a natureza humana de Cristo, Spangler fezse perguntas como estas: "Nasceu Jesus com uma natureza corrompida como a minha? Foi Ele 'apartado do útero'? Era Ele, por natureza, filho da ira? Recebeu injustos traços de caráter pelo nascimento? Teve Ele de batalhar contra as fortes tendências para o mal com as quais nasceu? Se sim, que tendências e perversões hereditárias possuía? Ou Sua natureza tinha toda variedade, embora nunca houvesse cedido a elas?"80 Alguns elementos contidos na carta de Ellen White ao Pastor Baker, tornados públicos no Question on Doctrine, definiram sua posição, particularmente a declaração "nem por um momento houve nEle qualquer propensão para o mal".81

Foi Jesus realmente como nós? Spangler não estava sozinho em seu desejo de saber sobre essa fundamental questão. Thomas A. Davis, editor-associado da *Review and Herald*, ocupou-se do problema e tentou dar-lhe uma resposta através do livro *Was Jesus Really Like Us?* (Era Jesus Realmente Como Nós?), publicado em 1979.82

Thomas A. Davis: Foi Jesus Realmente Como Nós?

Se o livro de Heppenstall teve a distinção de ser o mais completo estudo entre aqueles que sustentavam que Jesus tinha uma natureza impecável, o livro de Davis oferecia uma interessante alternativa. Graças às suas primeiras publicações, a posição de Davis era bem conhecida. Seu objetivo nesse ponto não era repetir sua primeira postura. Em Era Jesus Realmente Como Nós?, o autor tentou, em vez, definir quem era o "nós" a quem se supunha Jesus Se assemelhava. Esse foi o ponto central desse estudo.

Davis convida seus leitores a lerem atentamente Hebreus 2:11-17. O verso 11 diz: "Pois tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso é que Ele não Se envergonha de lhes chamar irmãos." O verso 12 refere-se mais uma vez aos 'irmãos'; no verso 13, "os filhos que Deus Me deu; no verso 14, "os filhos têm participação comum de carne e sangue". O verso 16 diz que Jesus veio para socorrer os descendentes de Abraão. Eis por que o verso 17 especifica que Jesus 'em todas as coisas Se tornasse semelhante aos irmãos'.

O autor conclui que "aqueles que são santificados – postos à parte como filhos de Deus – são homens e mulheres que, em resumo, **nasceram de novo**".84 E acrescenta: "Latente no termo **irmãos** está, talvez, uma das mais vitais chaves de toda a Bíblia para a compreensão da natureza humana de Jesus. O modo pelo qual o termo é usado em Hebreus 2:11-17 abre um vasto campo de exploração tanto nas Escrituras como nos escritos do Espírito de Profecia."85

A partir de Hebreus 2:17, Davis concluiu que "Jesus não Se encarnou na natureza comum de todos os homens. Ele não veio a este mundo semelhante ao homem em todos os aspectos. A natureza humana que Ele adotou não era semelhante àquela dos pecadores não regenerados. Sua natureza humana era comum apenas com a daqueles que haviam experimentado um renascimento espiritual. Então, quando lemos que Jesus era, em todos os respeitos, semelhante a Seus irmãos, compreendemos que Ele possuía uma natureza semelhante à das pessoas renascidas." 86

Essa posição já fora mantida por outros teólogos adventistas do passado. Davis refere-se, entre outros, a W. W. Prescott, que havia escrito em um de seus editoriais que "Jesus nasceu novamente pelo Espírito Santo... Quando alguém se entrega a Deus e se submete ao novo nascimento do Espírito, entra em um novo estágio da existência, justamente como Jesus fez." Esse conceito fora também mencionado por Kenneth Wood em seu editorial de 29 de dezembro de 1977.88

Isso não significa que Jesus tivesse de passar por um novo nascimento, esclarece Davis. "Jesus sempre foi cheio do Espírito, puro, impecável, totalmente incontaminado pelo pecado. Dessa forma, Ele nunca necessitou da experiência transformadora. Então, quando usamos o termo com referência a Ele, fazemo-lo no sentido acomodativo, por não possuirmos um vocábulo melhor." 89

"Quando descrevemos a natureza espiritual e moral de Jesus como 'nascida de novo', não queremos transferir a idéia de que ela seja exatamente como a natureza moral e espiritual de uma pessoa regenerada. Jesus é o Homem ideal, o Absoluto em perfeição de caráter em todos os aspectos. Uma pessoa regenerada é ainda alguém falho, de quem Jesus está removendo os defeitos."90

Davis interpretava Romanos 8:3 significando "que há íntima similaridade entre a humanidade de Cristo e a nossa, mas elas não são idênticas. Há uma singularidade nEle que não poderia ser encontrada em ninguém mais." ⁹¹

No capítulo 6, após examinar algumas declarações de Ellen White particularmente difíceis de alguém aceitar, Davis chega ao "ponto central" de seu argumento. "Devemos ter diante de nós o conceito ao redor do qual toda a nossa investigação gira: que Jesus possuía uma natureza semelhante à de uma pessoa renascida. Ele foi 'feito em tudo semelhante a Seus **irmãos**', 'todavia, sem pecado' (Hebreus 2:17; 4:15). Tenhamos em mente que Sua natureza humana era 'idêntica à nossa', ⁹² que Ele 'assumiu os riscos da natureza humana, para ser provado e tentado', ⁹³ e que

tomou 'sobre Si mesmo nossa decaída natureza'. 94, 95

"Se isso for verdade, se concordarmos que Jesus não estava fingindo quando Se tornou homem, então precisamos aceitar o conceito de que Ele encontrou dificuldades com Sua natureza humana decaída, justamente como o ser humano – um ser humano renascido – teria. Insistir que a natureza humana de Jesus era menos do que a de uma pessoa regenerada, que ela era como a de alguém não-convertido, é algo imponderável... Por outro lado, crer que Sua natureza era superior àquela de um pessoa convertida, é realmente colocá-Lo acima da própria humanidade, o que é algo igualmente inadmissível. Isso é reivindicar para Ele vantagens que nenhum ser humano pode ter, pois o novo nascimento é o mais alto estágio espiritual ao qual a humanidade pode atingir em seu presente estado."96

Para Davis, Jesus foi realmente o Deus-Homem. "Ele era um homem com uma 'natureza humana decaída, que foi 'degradada e poluída pelo pecado', em uma 'deteriorada condição' com as mesmas 'susceptibilidades' mentais e físicas que o homem pecaminoso tem, estando sujeito à 'fraqueza da humanidade', sem todavia Ele próprio ser pecaminoso, e portanto, sem culpa. Ele era impecável, inculpável; Sua vontade estava constantemente em concórdia com a de Seu Pai." ⁹⁷

O Ponto de Vista de William G. Johnsson

William G. Johnsson foi indicado para o cargo de editor-chefe da Adventist Review em 2 de dezembro de 1982. É importante para nós compreendermos seu ponto de vista com respeito à controvérsia sobre a natureza humana de Cristo.⁹⁸

Ele não se envolveu diretamente no debate. Todavia, expressou suas idéias num livro sobre a epístola aos Hebreus, publicado em 1979. *In Absolute Confidence: The Book of Hebrews Speaks to Our Days* (Em Confiança Absoluta: O Livro de Hebreus Fala Para os Nossos Dias). ⁹⁹ O prefácio explica que o livro não pretende ser um comentário. "*O propósito da obra é básico: explanar claramente a 'mensagem' de Hebreus e mostrar sua significação para os cristãos hoje.*"¹⁰⁰

Ninguém pode explicar Hebreus sem falar de Cristologia, uma vez que os primeiros dois capítulos afirmam tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus Cristo. Johnsson considerava que Jesus era plenamente Deus e plenamente homem. Sobre Sua natureza humana, "o apóstolo quer que estejamos totalmente convencidos dela [que Cristo Se tornou nosso irmão]. Realmente, todo o seu argumento com respeito a Jesus como Sumo Sacerdote celestial se romperá em ruínas, se ele não puder mostrar a humanidade. Assim, conquanto ele discuta mais extensivamente o ponto em Hebreus 2:5-18, retorna a ele mais e mais vezes." 101

Mas embora Jesus "Se identifique conosco", isso se faz "na base de laços sangüíneos familiares". Ele é nosso irmão de sangue, 'não por adoção, mas por nascimento. E embora Suas origens O coloquem muito distante de nossos limites, Ele não Se envergonha de nós, mas proclama ao Universo reunido que nós somos **Seus** irmãos." ¹⁰²

No capítulo 3, Johnsson viu os sofrimentos e as tentações de Cristo como garantindo "a genuinidade da plena humanidade de Jesus Cristo". ¹⁰³ Mas ele cria que a epístola aos Hebreus não responde às modernas questões do âmago do debate sobre a natureza de Jesus. "O problema é que os escritores do Novo Testamento não estavam conscientes da distinção entre natureza "pecaminosa" e "impecável", e assim não a mencionam. Podemos ficar perturbados quanto a isso, mas não eles. Para eles foi suficiente afirmar a realidade da humanidade do Filho e Suas provas, a certeza de Sua impecabilidade através de todas as tentações, e Sua capacidade de ajudar o cristão a vencer na hora de sua provação." ¹⁰⁴

Em uma nota explicativa, Johnsson declarou: "Apenas dois versos do Novo Testamento focalizam diretamente o tema da 'natureza' de Cristo: Romanos 8:3 e Filipenses 2:7. Cada verso, contudo, é ambíguo; assim, os proponentes de ambos os lados usam-nos nos debates".

Embora Johnsson não se inclinasse explicitamente para nenhum dos lados da questão em seu livro, suas palavras sugerem que ele favorecia o conceito da natureza humana sem pecado, como a de Adão antes da queda, conforme suas declarações posteriores também sugerem.¹⁰⁶

Edward W. H. Vick: Jesus, o Homem

Em 1979, surgiu outro livro notável em muitos aspectos: *Jesus, o Homem*, de autoria de Edward W. H. Vick. Vick era conhecido nos meios adventistas por causa de muitos de seus livros, como *Deixe-me Garantir-lhe*.¹⁰⁷

Com diplomas das Universidades de Londres e Oxford, e um Ph.D. da Vanderbilt University, Vick dirigia o Departamento de Estudos Religiosos do Forest Fields College, em Nottingham, Inglaterra, na ocasião em que surgiu *Jesus*, *o Homem*, numa série de estudos sobre teologia adventista. Ao seu próprio estilo, Vick buscou responder às numerosas questões que os teólogos haviam levantado sobre o tema da pessoa de Jesus: "Quem o povo diz que Sou?"

Bem naturalmente o problema da natureza humana de Jesus foi exercendo pressão sobre Vick. Ele o aborda no capítulo 6: "Realmente, Um Homem Verdadeiro". Então, tendo listado muitas expressões similares que jazem na raiz da fé cristã, Vick destacou: "Note que essas declarações não alegam que Jesus, em todo o alcance de Sua pessoa, é idêntico a nós. Elas meramente afirmam que com respeito à Sua humanidade, Ele é semelhante a nós e que isso é essencial. Essencial a quê? Uma resposta eficaz sugere que a identidade é necessária à salvação do homem. Foi dito que o que não é alcançado não pode ser salvo. Para salvar um ser humano é preciso ser instrumental, útil." 108

Vick concluiu: "Ele é a agência da redenção humana, por virtude de Sua humanidade." Além disso, "a humanidade de Jesus é uma confissão de fé. Ela foi a pressuposição de fé para os crentes primitivos e veio a ser uma declaração explícita como a ocasião exigia, quando, por exemplo, a ameaça do docetismo a questionava." Mas, obviamente, não é fácil falar acertadamente sobre Jesus Cristo, que é Deus e Homem, "verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem", como o Concílio de Calcedônia O definiu. Mas Vick perguntava: "Quando alguém diz que em Jesus Cristo, Deus e o homem são um, que espécie de unidade isso quer significar?"

Para compreender essa unidade, de acordo com Vick, o problema de Jesus Cristo precisa ser considerado sob dois pontos de vista: um histórico e outro experimental. Mediante essas duas abordagens, Vick então buscou definir a Encarnação nestes termos: "A Encarnação significa que Deus toma parte da humanidade. Significa que, embora Jesus tenha participado das estruturas de uma existência humana pecaminosa, como formada pelo homem, Ele não foi vencido por tal participação... Através dEle, que Se entregou, Deus recebe o mundo para Si mesmo. Tal é o mistério da graça de Deus – um mistério experimentado pelo crente quando ele encontra a fé em Deus, e participa da renovação da fé dia-a-dia. Quando o homem pecador abandona a Deus, Ele descobre um meio de Se revelar ao homem."112

Vick insistia que em Cristo "Deus e homem estão unidos. O termo 'encarnação' expressa uma realidade objetiva. Em Jesus a humanidade está compreendida, e Ele Se tornou as primícias, o paradigma, o exemplo, o modelo capaz, o mediador — mas nenhum símbolo é adequado... A linguagem que não permite que Jesus seja realmente Deus e realmente Homem é totalmente inaceitável." "Nada deve comprometer a real humani-dade de Jesus. Não podemos permitir hibridação de qualquer espécie." "113

Esse era o ponto de vista de Vick sobre a humanidade de Jesus. Em certo sentido, ele retorna à definição de Ellen White: "A integralidade de Sua humanidade, a perfeição de Sua divindade, formam para nós um seguro terreno sobre o qual podemos ser levados à reconciliação com Deus." 114

Com o testemunho de Vick, a década de 1970 se encerrou. Durante esse período, a Cristologia dos pioneiros foi confirmada de muitos modos, pelas autorizadas publicações da igreja. Confrontados com esse revigorado ensino tradicional, aqueles que se lhe opunham tentaram várias fórmulas concessivas envolvendo uma posição intermediária, como a chave da natureza humana de Cristo, ou simplesmente decidiram conviver com ambas as posições. Essa tendência culminou em junho de 1985, com a simultânea publicação no *Ministry* das duas interpretações opostas.

Notas e referências

- Thomas A. Davis, Preludes to Prayer (Prelúdios à Oração) (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1906), pág. 346.
- 2. _____, Romans for the Every-Day Man (Romanos Para o Homem de Cada Dia) () (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1971).
- 3. Eric Claude Webster, em *Crosscurrents in Adventist Christology*, fez um pormenorizado estudo da Cristologia de Herbert E. Douglass (págs. 347-428).
- 4. Herbert E. Douglass, *The Humanity of the Son of God Is Everything to Us*, Review and Herald, 23 de dezembro de 1971
- 5. _____, Jesus Showed Us the Possible, Review and Herald, 30 de dezembro de 1971.
- 6. _____, The Demonstration That Settles Everything, Review and Herald, 6 de janeiro de 1972.
- 7. Ibidem.
- 8. Ibidem.
- 9. Ver Why the Angels Sang, Review and Herald, 21 de dezembro de 1972; Emmanuel, God With Us, 20 de dezembro de 1973; The Mistery of Manger, 19 de dezembro de 1974.
- 10. Herbert E. Douglass para Bruno W. Steinweg, janeiro de 1986, em *The Doctrine of the Human Nature of Christ Among Adventists Since* 1950, pág. 12.
- 11. _____, em *Ministry*, fevereiro de 1972.
- 12. Ibidem.
- 13. Question on Doctrine, pág. 650.
- 14. Ministry, Supplement, fevereiro de 1972, pág. 5.
- 15. Gordon H. Hyde, na Review and Herald, 20 de agosto de 1974.
- 16. Lições de Adultos da Escola Sabatina (Grantham, Eng.: Stanborough Press Ltd., 1973), primeiro trimestre de 1974, pág. 3. As referências das cinco seguintes notas de rodapé foram reimpressas nessa fonte.
- 17. Ibidem.
- 18. E. G. White, Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 267, 268.
- 19. Idem, pág. 247.
- 20. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 117.
- 21. _____, Review and Herald, 27 de setembro de 1906.
- 22. Ver Minutes of the Righteousness by Faith Committee, fevereiro de 1975.
- 23. Robert J. Wieland and Donald K. Short, *1888 Re-Examinado*, revised and updated (Leominster, Mass.: Eusey Press, Inc., 1987).
- 24. Wieland, Ellen G. White, Endorsements of the 1888 Message, as Brought By Jones and Waggoner (St. Maries, Idaho: LMN Publishing).
- 25. Review and Herald, 27 de maio de 1976.
- 26. *bidem*.
- 27. Geoffrey J. Paxton, *The Shaking of Adventism* (Wilmington, Del.: Zenith Publishers, Inc., 1977). Ver Fritz Guy em *Spectrum*, julho de 1978, págs. 28 a 60. Ver também David P. Duffie, *Theological Issues Facing the Adventist Church* (Grand Terrace, Calif.: 1975).
- 28. Arthur Leroy Moore, *Theology in Crisis: A Study of Righteousness by Faith* (Amarillo, Tex.: Southwestern Pub. Co., 1980).
- 29. Com respeito à natureza humana de Cristo, ver Moore, págs. 242-292.
- 30. *Idem*, pág. 23, nota 1.
- 31. Jack D. Walker, *Documents From the Palmdale Conference on Righteousness by Faith* (Goodlessville, Tenn.: 1976).
- 32. Idem, págs. 36-41; Questions on Doctrine, págs. 647-660.
- Ford, 3 3 . D e s m o n d c i t a d o T h eH u m aG i llian Ford nN a t $S \quad a \quad l \quad v \quad a \quad t \quad i \quad o \quad n$ C h r i s ti n 0 8 9 á S e
- F rd, 3 $D \quad e \quad s \quad m \quad o \quad n \quad d$ O D o c u mFP C on f e rt h el mdale ma R i g h t eb y o u s n e s
- 35. O periódico *Evangélico*, publicado pelos estudantes da Andrews University seguidores de Ford, é um exemplo. Ele sistematicamente colocava em oposição "o adventismo evangélico" contra o adventismo tradicional".
- 36. Ver o documento de Desmond Ford apresentado na Conferência de Glacier View, Colorado, em agosto de 1980.
- 37. Steinweg (pág. 12) menciona os nomes daqueles que aprovaram a publicação do manuscrito por Douglass: Prs. Pierson, Rampton, Nigri, Eva, Hyde, Lesher e Dower. Essa não foi uma aprovação da tese de Douglass com respeito à natureza humana decaída assumida por Cristo, mas uma aceitação de sua publicação nas lições da

- Escola Sabatina, em harmonia com o espírito da Conferência de Palmdale. A opinião contrária foi apresentada nas lições do primeiro trimestre de 1983. Ver nosso capítulo 13, págs. 175, 176.
- 38. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 7, pág. 970. Citado por Herbert Douglass, Jesus, o Homem-Modelo, Lições de Adultos da Escola Sabatina, segundo trimestre de 1977, pág. 3.
- 39. E. G. White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 24. Citado em Douglass, Trimensário.
- 40. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 24. Citado em Douglass, Trimensário.
- 41. Douglass, Jesus, o Homem-Modelo, lição 2, seção 6.
- 42. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 7, pág. 929. Citado em Douglass, Jesus, Homem-Modelo.
- 43. Herbert E. Douglass, Jesus, o Ponto de Referência da Humanidade (Nashville: Sothern Pub. Assn., 1977).
- 44 Herbert E. Douglass, Edward Heppenstall, Hans K. LaRondelle, C. Merwyn Maxwell, *Perfeição, A Impossibilidade Possível* (Nashville: Southern Pub. Assn., 1977). Ver págs. 35-45.
- 45. Idem, pág. 42.
- 46. A . John Clifford e Russell R. Standish, Conceitos Conflitantes sobre a Justificação Pela Fé (Rapidan, Va.: Hartland Institute Publications, 1976); Robert J. Wieland, Como Poderia Cristo Ser Inocente Como um Bebê? E Algumas Questões Com Respeito à Natureza de Cristo, segunda edição (Chula Vista, Calif.: 1977); Albert H. Olesen, Pensando Corretamente Sobre a Encarnação (Platina, Calif.: Unwalled Village Publishers, 1977).
- 47. Kenneth H. Wood, Jesus, o Deus-Homem, Review and Herald, 5 de maio de 1977.
- 48. Idem, pág. 12.
- 49. Registros da Comissão de Palmdale Sobre a Justiça Pela Fé, pág. 1. Ver Review and Herald, 5 de maio de 1977.
- 50. Wood.
- 51. Ibidem
- 52. Edward Heppenstall, O Homem Que é Deus (Washington, D.C.: Review and Herald, 27 de maio de 1976.
- 53. Wood, na Review and Herald, 22 de dezembro de 1977.
- 54. Ibidem.
- 55. _____, em Review and Herald, 29 de dezembro de 1977.
- 56. Ibidem.
- 57. Ibidem.
- 58. Ibidem.
- 59. Ibidem.
- 60. Ibidem.
- 61. Ibidem.
- 62. Ibidem.
- 63. *Ibidem*.64. *Ibidem*.
- 65. Ibidem.
- 66. Ver Webster, págs. 248-346.
- 67. Heppenstall, pág. 21
- 68. Idem, pág. 25.
- 69. Idem, pág. 22.
- 70. *Idem*, pág. 74. -
- 71. Idem, pág. 126.
- 72. Ibidem.
- 73. Idem, págs. 136, 137.
- 74. Idem, pág. 138.
- 75. Idem, pág. 154.
- 76. *Idem*, pág. 162.
- 77. J. R. Spangler, em Ministry, abril de 1978.
- 78. Ibidem.
- 79. Ibidem.
- 80. Idem, pág. 23.
- 81. Ibidem.
- 82. Thomas A. Davis, Foi Jesus, Realmente, Como Nós? (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1979).
- 83. *Idem*, pág. 22 (itálicos supridos).
- 84. *Idem*, pág. 24 (itálicos supridos).
- 85. *Idem*, pág. 25.
- 86. *Idem*, págs. 30, 31.
- 87. Idem, pág. 32.
- 88. Wood, em Review and Herald, 29 de dezembro de 1977. Ver nosso capítulo 12.
- 89. Davis, Foi Jesus, Realmente, Como Nós?, pág. 35.
- 90. *Idem*, pág. 37.
- 91. Idem, pág. 46.

```
92. Ellen G. White, Manuscrito 94, 1893.
93. Ellen G. White, Signs of the Times, 2 de agosto de 1905.
             , O Desejado de Todas as Nações, pág. 112.
95. Davis, Foi Jesus, Realmente, Como Nós?, pág. 53.
96. Ibidem.
97. Idem, pág. 97.
98. Depois do dia 5 de janeiro de 1978, a Review and Herald passou a denominar-se Adventist Review.
99. William G. Johnsson, Em Absoluta Confiança: O Livro de Hebreus Fala Para os Nossos Dias (Nashville: Southern
    Pub. Assn., 1979).
100. Idem, pág. 11.
101. Idem, pág. 55.
102. Idem, pág. 57, 58.
103. Idem, pág. 61.
104. Idem, pág. 63, 64.
105. Idem, pág. 73, nota 11.
106. Ver nosso capítulo 14.
107. Edward W. H. Vick, Deixe-me Garantir-lhe (Mountain View, Calif.: Pacific Press Publ Assn., 1968); Jesus, o
    Homem (Nashville: Southern Pub. Assn., 1979).
          ____, Jesus, o Homem, pág. 53.
109. Idem, pág. 54.
110. Idem, pág. 57.
111. Idem, pág. 93.
112. Idem, pág. 94.
113. Idem, págs. 94, 95.
114. Ellen G. White, carta 35, de 1894. Citada em The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Comentários de Ellen G.
    White, vol. 7-A, pág. 487.
```

Capítulo 13

O AUGE DA CONTROVÉRSIA

Depois de mais de 25 anos de controvérsia sobre a natureza humana de Cristo, era de se esperar um período de distensão. Mas, ao contrário, a intensidade da discussão foi-se elevando num crescendo no período compreendido entre 1980 e 1985.

Enquanto a Cristologia tradicional estava ganhando popularidade, o nova teologia parecia estar perdendo força e seus proponentes procurando novos argumentos. Enfrentando até as críticas mais contundentes, os defensores da nova teologia se esforçaram por harmonizar as duas posições contrárias, como se elas fossem de igual valor e mérito.

Um Zeloso Defensor da Cristologia Tradicional

Como já mostrado, Wieland e Short foram os primeiros a alertar a igreja sobre as novas interpretações concernentes à pessoa e obra de Cristo.¹ Para estudar o assunto, a Conferência Geral escolheu uma comissão especial cujas conclusões foram publicadas no relatório da Conferência de Palmdale, após muitas reuniões. Totalmente insatisfeito com os resultados, Wieland procurou esclarecer o assunto através da publicação, em 1977, de um livro intitulado *Como Pôde Cristo Ser Inocente Como um Bebê*?² Em 1979, ele escreveu novamente para responder questões complementares relacionadas à Cristologia tradicional.³

Tendo sido um missionário, Wieland era bem versado em assuntos africanos. Ele foi convidado a voltar à África com o específico propósito de preparar ali uma variedade de livros para suprir as necessidades espirituais dos cristãos da região subsaariana. Já na África, ele publicou em 1981, entre outros livros, um estudo da natureza humana de Cristo denominado *O Elo Rompido*.⁴

No prefácio, Wieland declarou que o propósito de seu livro era "tentar esclarecer as aparentes ou supostas contradições sobre a questão da humanidade de Cristo. A total divindade de Cristo é fundamental e espera-se que seja compreendida. Nosso único problema em discussão aqui

é que espécie de humanidade Cristo tomou ou assumiu em Sua encarnação. Que Ele retivera Sua plena divindade na encarnação não é nem minimamente questionada."⁵

Wieland reconheceu que parecia haver algumas contradições em muitas declarações de Ellen White sobre a natureza de Cristo. "Mas quando suas declarações são estudadas dentro do contexto, os paradoxos demonstraram que ela levou muito a sério seus conselhos sobre 'ser cuidadoso, extremamente cuidadoso, quando tratar da natureza humana de Cristo'. Ela não se omite sobre o assunto e nem nós deveríamos fazê-lo; e porque ele significa 'tudo para nós', 'a corrente dourada que liga nossas almas a Cristo, e através de Cristo a Deus', não pode haver nenhum elo rompido nessa corrente."⁶

Para Wieland "provavelmente a mais clara e mais bela apresentação de Cristo como 'Deus conosco', desde os tempos apostólicos, é encontrada na mensagem de 1888 sobre a justiça de Cristo." Mas essa mensagem continha uma pedra de tropeço para muitos que temiam que a inocência de Cristo pudesse ser violada. Wieland declara: "Os mensageiros de 1888 sustentavam que a justiça de Cristo foi por Ele vivida numa natureza humana idêntica à nossa, e que quando o povo de Deus verdadeiramente compreender e receber essa 'justiça pela fé', serão capazes de vencer como Cristo venceu."⁷

Wieland apresentou 32 questões e as respondeu com a Escritura e as declarações de Ellen White. Primeiramente, Wieland mostrou que não há nenhuma contradição na Bíblia com referência à natureza humana de Cristo. Então demonstrou que Ellen White nunca se opôs ao ensino de Waggoner ou Jones sobre esse assunto. Prosseguiu então mostrando que a carta escrita a Baker em 1895 não tinha a intenção de desacreditar os pontos de vista desses pregadores. Sua análise de algumas declarações contidas na carta de Baker revelou que elas não eram contrárias aos ensinos de Ellen White.

Wieland respondeu a algumas séries de inquirições de pessoas que, compreensivelmente, não aceitavam a noção de que Jesus poderia ter vivido uma vida isenta de pecado numa natureza humana decaída. Ele não apenas colocou em seu devido contexto algumas citações contidas no *Questions on Doctrine*, como também refutou certas declarações equivocadas tais como a de que "Jesus assumiu uma natureza humana impecável", destacando que "a própria Ellen White nunca jamais escreveu tais palavras; elas foram unicamente suposições dos editores." Em resumo, esse estudo continha respostas detalhadas a muitas das questões básicas que podem ser levantadas sobre a natureza humana de Cristo.

Em 1983, a Pacific Press publicou o livro *Ouro Provado no Fogo*¹³, no qual Wieland explicou o "que Cristo necessitava para ser nosso substituto", isto é, "ouro provado no fogo", como o título sugere. De fato, segundo Wieland, "Cristo não pode ser nosso Substituto a menos que tenha enfrentado nossas tentações como temos de fazer. Ele precisava enfrentar nossoininigoemsaupróprio temagensauprópriocoxiledicimirá-la".

Posteriormente, ao comentar Romanos 8:3, Wieland escreveu: "A palavra semelhança usada por Paulo não pode significar diferença, pois seria uma monstruosa fraude para Cristo professar que condenou o pecado na carne, a carne na qual Paulo diz que fomos 'vendidos sob pecado', onde "a lei do pecado" opera, se Ele apresentasse uma contrafação de Sua encarnação por tomar simplesmente o que parecia ser nossa carne pecaminosa, mas que não era de fato a coisa real ... Paulo usa a palavra semelhança (com boa razão) para denotar a realidade da plena identificação de Cristo conosco, todavia, tornando claro que Ele, de modo nenhum, participou de nosso pecado. A gloriosa vitória de Cristo jaz no fato de que Ele foi 'tentado em tudo, como nós o somos, mas sem pecado' (Heb. 4:15)."¹⁵

Extraindo dessa "vitória" a conclusão óbvia, Wieland anima seus leitores a vencer a tentação como Cristo o fez: "Não importa quem você seja ou onde esteja, tenha a certeza de que Alguém já esteve exatamente em seu lugar, 'mas sem pecado'. Olhar para Ele, 'vê-Lo', com todas as nuvens do engano dissipadas pela verdade de Sua justiça, 'em semelhança da carne pecaminosa'. Crer que o pecado que o atrai foi 'condenado na carne'. Você pode vencer através da fé nEle." ¹⁶

A Nova Cristologia nas Lições da Escola Sabatina

Como já declarado, as lições da escola sabatina preparadas por Herbert E. Douglass em 1977, ensinavam que Cristo assumiu a natureza humana de Adão após a queda. Em contraposição, as lições preparadas por Norman R. Gulley, professor de Bíblia do Southern Missionary College, para o primeiro trimestre de 1983, ensinavam que a natureza espiritual de Cristo foi pré-queda, mas Sua natureza física foi pós-queda. Realmente, Gulley tentou provar que os dois modos de compreender a natureza humana de Cristo se realçavam mutuamente.

Para lograr seu intento, Gulley explicou detalhadamente essa teoria no livro *Cristo, Nosso* Substituto.¹⁷ "Os adventistas do sétimo dia crêem que Jesus Cristo era plenamente Deus e plenamente homem. Mas podemos entender a frase 'plenamente homem' de dois modos. Jesus possuía (1) a natureza humana impecável, tal como Adão a tinha antes da queda, ou a natureza humana decaída. Qual é a correta? Ele assumiu ambas. Pois Cristo tinha a natureza espiritual do homem antes da queda, e sua natureza física após a queda."¹⁸

Gulley tentou uma síntese das duas interpretações e reivindicou o apoio de Ellen White. "Se ela estiver defendendo Sua impecabilidade, então a natureza pré-queda está apoiada. Se ela estiver defendendo Sua limitada humanidade, então a natureza pós-queda é advogada", escreveu ele. ¹⁸

A explicação, em princípio, pode parecer atraente. Pelo menos ela tem o mérito de suportar o ímpeto da oposição entre as duas idéias. Mas alguns podem discutir o fato dela criar mais confusão ao atribuir a Cristo duas naturezas humanas em acréscimo à Sua divina natureza. Face a isso, prorromperam comentários e objeções através das cartas dos leitores da seção da *Adventist Review*. O que se segue é de autoria de Donald K. Short:

"Ellen White não diz uma simples palavra sobre 'a natureza pré-queda' de Cristo, e sugerir isso é pôr palavras em sua boca e promover confusão. Não há um lugar onde ela coloque Jesus à parte de Seu povo e tente equilibrar as naturezas pré-lapsariana e pós-lapsariana. Como pode esse tipo de confusão ser promovido em nome da 'unidade dentro de nossa igreja'?"²⁰

Herbert Douglass enviou dois artigos ao editor da *Adventist Review*, para serem ambos publicados no natal de 1983, sob o significativo título "*Por Que os Anjos Cantaram em Belém*".²¹ Sem reparos ao ponto de vista geral de Douglass, mencionamos a seguir sua lista de expressões distintivas emprestadas de Ellen White e de eminentes teólogos com relação à natureza humana de Cristo:

"Embora Jesus... [houvesse] tomado 'nossa natureza decaída' 'o lugar do decaído Adão', 'a natureza humana... à semelhança da carne pecaminosa, e haja sido tentado por Satanás como todos os filhos são tentados', a 'natureza de Adão, o transgressor', 'a ofensiva natureza do homem', e muitas outras expressões similares, esses eruditos e Ellen White são claros em dizer que o material humano decaído, degradado, não O forçou a pecar, quer em pensamento, quer em atos. Ele Se manteve imaculado e puro, embora tenha sido tentado por dentro e por fora."²²

Outros protestos foram feitos diretamente a H. F. Rampton, diretor do Departamento de Escola Sabatina da Conferência Geral. Um deles, datado de 19 de janeiro de 1983, foi enviado pelos líderes da igreja de Anderson, na Califórnia. Eles expressavam sua preocupação com os "graves erros doutrinários" apresentados "sutilmente" por meio das lições da Escola Sabatina. "Sentimos que essas lições representam um deliberado esforço para 'persuadir' a massa de leitores e preparar os membros da Escola Sabatina para receberem novos conceitos teológicos, totalmente contrários às crenças adventistas tradicionais, crenças fundamentadas em sadios princípios bíblicos e do Espírito de Profecia."²³

"A lição do dia 15 de janeiro torna confusa a natureza humana de Cristo na Encarnação, mas com decidida tendência para uma 'natureza não decaída'"²⁴ A escolha das citações de Ellen White foi criticada. "A doutrina da 'natureza não decaída de Cristo' é vital ao novo conceito teológico. Satanás tem trabalhado diligentemente para introduzir as idéias da 'nova teologia' na Igreja Adventista. Nos anos cinqüenta, Satanás operou através de um grupo de destacados teólogos

para promover sua "Cristologia", mas a igreja não a recebeu. Estará ele novamente usando a Escola Sabatina para realizar seu propósito?"²⁵

O periódico *A Voz da Verdade Presente*, embora não sendo uma publicação denominacional, imprimiu cartas de grupos e membros escandalizados com a apresentação da 'nova teologia' na igreja, por meio das lições da Escola Sabatina. Com a missão de "representar os princípios fundamentais do Movimento Adventista" ²⁶, esse periódico dedicou inteiramente a edição de março à reafirmação do ensino tradicional sobre o tema da natureza humana de Cristo. A fim de cumprir esse objetivo, foram solicitados artigos de autores como Herbert E. Douglas e Dennis E. Priebe.

A Voz da Verdade Presente

O artigo de Herbert Douglass trouxe seu título estampado em letras garrafais no topo da primeira página: "O Homem Modelo". De fato, nada houve nesse artigo que Douglass não tivesse dito previamente. O objetivo não era apresentar novas verdades, mas relembrar as antigas.

Douglass escreveu: "Deus não veio pela metade à Terra em Sua tentativa de redimir homens e mulheres. Ele não veio como um simpático anjo, ou mesmo como um super-homem inexpugnável a todos os problemas e fraquezas da humanidade. A escada do Céu à Terra atingiu plenamente o ponto onde os pecadores estavam. Se ela houvesse deixado de tocar a Terra por um simples degrau, estaríamos perdidos. Mas Cristo veio até nós onde estávamos. Ele tomou nossa natureza e venceu, para que tomando Sua natureza possamos vencer" (O Desejado de Todas as Nações, págs. 311 e 312)."²⁷

Naturalmente, o alvo do artigo de Douglas era mostrar que "Jesus entrou para a família humana tomando a mesma natureza de todos os outros 'descendentes de Abraão'... Jesus era um homem real, exceto por não ter pecado."²⁸ Todavia, Ele foi tentado como nós o somos em todas as coisas. Para destacar esse ponto, Douglass citou as mais impressivas declarações de Ellen White sobre o assunto.

Entre muitas, Douglass relembrou a resposta de Ellen White àqueles que supunham que se Jesus houvesse realmente possuído a mesma natureza de todos os seres humanos, Ele teria sucumbido à tentação. "Se Ele não tivesse a natureza do homem, não poderia ser nosso exemplo. Se ele não fosse participante de nossa natureza, não poderia ser tentado como o homem é. Se não Lhe fosse possível ceder à tentação, não poderia ser nosso auxiliador. É uma solene realidade que Cristo veio para ferir as batalhas como homem, em favor do homem. Sua tentação e vitória nos ensinam que a humanidade tem de copiar o Modelo; o homem precisa tornar-se participante da natureza divina (Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 408)."²⁹

O artigo de Denis E. Priebe, então professor de Bíblia no Pacific Union College, na Califórnia, também merece nossa atenção. Para ele "a principal doutrina, o tema que determina o rumo de ambos os sistemas de crença, o fundamento e a premissa de toda a controvérsia, é a questão 'O Que é Pecado?' O evangelho é todo sobre como somos salvos do pecado. É o pecado que nos faz perdidos e o evangelho é a boa-nova de como Deus nos redime do pecado. A maioria de nós supõe que sabemos o que é pecado, sem tomar tempo para definir pecado."³⁰

Primeiramente, Priebe conduziu a questão ao pecado original. De acordo com os reformadores, "o pecado original é simplesmente a crença de que somos culpados por causa de nosso nascimento como filhos e filhas de Adão. Essa doutrina ensina que somos culpados por natureza, antes que qualquer escolha do bem ou mal entre em cena." Priebe observou com propriedade: "Sob esse ponto de vista, fraqueza, imperfeições e tendências são pecado. É um enfoque interessante e significativo que os reformadores tenham edificado sua doutrina do pecado original sobre a premissa da predestinação... É um pouco estranho que conquanto a predestinação tenha sido rejeitada pela maioria dos cristãos hoje, o pecado original é ainda visto como o fundamento do correto ensino evangélico." Priebe observou com propriedade.

"Obviamente, Ele [Cristo] tem de possuir uma natureza impecável, totalmente diferente da natureza que você e eu herdamos por nascimento... Por causa da crença de que a natureza pecaminosa envolve culpa à vista de Deus, é absolutamente imperativo que Cristo não tenha ligação com nossa natureza decaída."³³

A visão de Priebe sobre a natureza do pecado era totalmente diferente. Para ele, "o pecado não é basicamente o que o homem é, mas o que ele escolhe ser. O pecado ocorre quando a mente consente com aquilo que parece desejável e assim rompe seu relacionamento com Deus. Falar de culpa em termos de natureza herdada é passar por alto a importante categoria da responsabilidade. Até termos unido nossa vontade à rebelião humana contra Deus, até nos opormos à Sua vontade, a culpa não é cabível. O pecado está envolvido na vida do homem, em sua rebelião contra Deus, em sua voluntariosa desobediência, e com o transtornado relacionamento com Deus que disso resulta. Se a responsabilidade pelo pecado deve ter algum significado, não se pode afirmar que a natureza humana decaída torna o homem inevitavelmente culpado de pecado. Inevitabilidade e responsabilidade são conceitos mutuamente exclusíveis na esfera moral. Assim, o pecado é definido como voluntariosa escolha de rebelar-se contra Deus em pensamento, palavra ou ação. Nesse evangelho, o pecado é a escolha intencional para exercitar nossa decaída natureza em oposição à vontade de Deus."³⁴

Priebe aplicou sua definição de pecado à natureza de Cristo: "Se o pecado não é natural, mas escolha, então Cristo poderia herdar nossa decaída natureza sem, por meio disso, tornar-Se pecador. Ele permaneceu sempre impoluto porque Sua conscienciosa escolha sempre foi a obediência a Deus, nunca permitindo que Sua natureza decaída Lhe controlasse as opções. Sua herança era a mesma que a nossa, sem necessidade de recorrer a uma especial intervenção divina para evitar que Jesus recebesse a plenitude humana de Maria. Cristo aceitou espontaneamente a humilhação de descer não apenas ao nível do homem sem pecado, mas ao nível que o homem havia caído através do pecado de Adão e dos pecados das sucessivas gerações. O homem não estava no estado de Adão antes da queda, assim, algo muito mais drástico era necessário se os efeitos da queda de Adão devessem ser suplantados. Cristo precisava baixar às profundezas às quais a humanidade havia descido, e em Sua própria Pessoa erguê-la de seus baixios a um novo nível de vida. Jesus desceu desde as alturas até as profundezas para nos erguer, para ser nosso Salvador." 35

Em seguida Priebe considerou o que teria acontecido "se Jesus Se houvesse revestido da natureza humana perfeita", ou a natureza de Adão antes da queda. Ele teria sido 'intocado pela queda', 'e não estaria lado a lado com o homem em suas necessidades', 'haveria um grande abismo entre Jesus e aqueles a quem Ele representava diante de Deus... Se Jesus assumisse a perfeita natureza humana, teria atravessado o abismo entre Deus e o homem, mas essa voragem entre o homem caído e o homem não-caído ainda precisaria ser cruzada."³⁶

"Se, todavia", acrescentou Priebe, "Cristo partilhou de nossa natureza humana decaída, então Sua obra mediatória cruzou todo o abismo desde o homem caído, em sua triste necessidade, até Deus. Tão somente por ter entrado em nossa situação, no mais profundo e pleníssimo sentido, e identificando-Se totalmente conosco, foi Ele capaz de ser nosso Salvador. Quaisquer outras condições, exceto numa carne decaída, poderiam ter sido desafiadas de vez pelo inimigo e influenciado o pensamento de seu universo." 37

Priebe escreveu que esse modo de compreender a natureza humana de Cristo foi também proclamado por Waggoner e Jones em 1888, e claramente apoiado por Ellen White. "De fato, essa compreensão da vida de Cristo foi o poder dinâmico da mensagem – o Senhor Jesus Cristo, que foi leal a Deus em carne pecaminosa." 38

Considerando a aplicação prática da mensagem da justificação, Priebe abordou-a em duas frentes. "Daqui a mensagem do evangelho vem até nossa situação. O evangelho é a boa-nova sobre o caráter de Deus — de que Ele perdoa e restaura. O evangelho é a declaração de Deus de que somos justos nos méritos de Cristo e da renovação de nossas vidas pecaminosas, para que, gradualmente, possamos ser restaurados à Sua imagem. O evangelho é um veredicto legal e um poder transformador. A união com Cristo é a chave da fé, através da qual a justificação deve ocorrer. O evangelho inclui justificação, uma ligação com Cristo

pela fé na base da qual somos **declarados justos**, e santificação, uma sempre crescente semelhança com Cristo mediante o exercício diário de uma progressiva fé, na base da qual **somos feitos justos**."³⁹

Em 1985, Priebe desenvolveu detalhadamente cada um de seus argumentos num livro publicado pela Pacific Press, intitulado Face to Face With the Real Gospel (Cara a Cara com o Evangelho Real).⁴⁰ Citaremos apenas uma observação que consideramos apropriada: "Como igreja, nunca definimos formalmente nossas crenças nestas três áreas críticas – pecado, Cristo e perfeição. E por causa de nossa falta de clareza e pontos de vista divergentes acerca delas, temos peregrinado num deserto teológico de incerteza e frustração através de 40 anos. Além disso, porque temos tido contraditórios pontos de vista nessas áreas, fomos incapazes de definir claramente nossa mensagem e missão."⁴¹

O contraste entre as diferentes Cristologias encontrou clarificação numa excelente tese doutoral de Eric Claude Webster, defendida na faculdade de teologia da Stellenbosch University, Província do Cabo, na África do Sul, e publicada em 1984 sob o título *Crosscurrents in Adventist Christology* (Correntes Conflitantes na Cristologia Adventista).

Correntes Conflitantes na Cristologia Adventista

Como um hábil cirurgião, Eric Claude Webster⁴³ expôs o verdadeiro cerne da Cristologia adventista em sua volumosa obra sobre o assunto. No primeiro capítulo, Webster abordou o problema da Cristologia em suas variadas molduras históricas. Nos capítulos sucessivos ele analisou as Cristologias de quatro eminentes escritores e teólogos adventistas: Ellen G. White, Ellet J. Waggoner, Edward A. Heppenstall e Herbert E. Douglass, dois deles representando a geração dos pioneiros e dois contemporâneos. No capítulo final, Webster sumariou seus pensamentos com respeito a essas quatro Cristologias, as quais são realmente representativas das diferentes correntes e contra-correntes na Cristologia adventista.

Já examinamos a posição de cada um desses autores e, por conseguinte, evitaremos repetilas aqui. De especial interesse são os notáveis pontos de vista pessoais com respeito à controvérsia sobre a natureza humana de Cristo. Por exemplo, ele classificou as Cristologias de Ellen White e Heppenstall como ontológicas; a de Waggoner como especulativa e a de Douglas como funcional.

Webster também citou o que ele considerava ser o fator dominante de cada Cristologia. Para Ellen White, Waggoner e Heppenstall, foi a *pessoa* de Jesus, enquanto que para Douglass, a *obra* de Cristo. Como objetivo proposto de cada um, ele afirmou que Ellen White focalizou a manifestação do caráter de Deus, enquanto Waggoner destacou a inteireza da santidade no homem; Heppenstall deteve-se sobre o objetivo da salvação, e Douglas enfatizou a semelhança com Cristo.

Quanto à natureza humana de Jesus, Webster confirmou a análise que até aqui fizemos a respeito de cada um desses autores. No entanto, suas conclusões acerca de Ellen White diferiam sobre importantes pontos: "Em relação ao pecado, achamos que Ellen White entende a vinda de Cristo à Terra em natureza pós-queda, com todas as 'simples enfermidades e fraquezas do homem', juntamente com os pecados imputados e a culpa do mundo, suportando assim vicariamente a culpa e a punição de todo pecado; e ainda numa natureza que era impecável e sem perversão, poluição, corrupção, propensões pecaminosas e tendências ou mancha de pecado."⁴⁴

Webster então reafirmou a posição pós-lapsariana de Ellen White. Todavia, ele alude às 'simples enfermidades' em citações avulsas, como se essa expressão fosse de Ellen White. Como previamente declarado, essa expressão nunca foi usada por Ellen White; quanto ao termo 'vicariamente', ela nunca o utilizou em todos os seus escritos.

Na apresentação de seu ponto de vista, Webster concordou essencialmente com Heppenstall.⁴⁵ Ele escreveu: "Durante a Encarnação, Jesus Cristo manifestou Sua divindade de forma a ser plenamente Deus, e ... Sua humanidade de forma a ser plenamente homem." Mas acima de tudo, "Jesus Cristo veio a este mundo na humanidade de Adão após a queda e não antes dela.

Ele assumiu a humanidade afetada pelas leis da hereditariedade e sujeita à fraqueza, enfermidades e tentações."⁴⁶ Webster acrescenta: "Porém, Jesus Cristo, conquanto vindo em natureza humana decaída, não foi infectado pelo pecado original e nasceu sem quaisquer propensões para o pecado; assim, não precisamos ter dúvidas com respeito à Sua absoluta impecabilidade."⁴⁷ Todavia, "Jesus Cristo escolheu livremente assumir não apenas uma natureza como a nossa em todos os respeitos, excetuando-se o pecado, como também a situação comum de sofrimento, alienação e perda, vindo em carne mortal, aceitando vicariamente nossa culpa, punição e separação sobre Si mesmo." ⁴⁸

O estudo de Webster é uma mina de ouro para aqueles que desejam melhor compreensão do problema atual, no centro da controvérsia na Igreja Adventista. Sua posição em favor da natureza pós-queda de Cristo constitui um voto a favor da Cristologia tradicional. Não obstante, alguns vêem contradição nas posições de Webster. Por um lado, ele afirma que "Jesus Se revestiu da humanidade afetada pela lei da hereditariedade", enquanto que por outro, ele garante que Cristo "não foi infectado pelo pecado original e nasceu sem quaisquer tendências e propensões para pecar." Nossas objeções com relação àqueles que declaram que Cristo não possuía tendência para pecar e que Ele herdou apenas "simples fraquezas", aplicam-se também a Webster. De fato, essas declarações não são bíblicas nem estão em harmonia com o ensino de Ellen White.

As Duas Cristologias Face a Face

Em resposta à polêmica, J. Robert Spangler, editor do *Ministry*, solicitou que dois teólogos, cada um especializado no assunto, apresentassem seus pontos de vista para os pastores adventistas. No editorial de junho de 1985, ele escreveu: "Por muitos anos temos intencionalmente evitado publicar em nosso periódico qualquer artigo tratando da natureza de Cristo. Meu editorial de abril de 1978 no Ministry testificou de minha própria luta sobre esse tema. Destaquei que eu havia sido oprimido com sentimentos de insuficiência própria na tentativa de expressar minhas convicções."⁴⁹

"Entretanto, em vista do fato de que há aqueles que sinceramente crêem que a igreja cairá ou se erguerá segundo sua compreensão sobre Cristo e Sua natureza, e em vista das reimpressões e da discussão sobre o assunto, achei que ambos os lados da questão deveriam ser reexaminados. Portanto, estamos publicando dois extensos artigos de dois eruditos adventistas." 50

Spangler esforçou-se para dar ênfase às linhas comuns em ambas as interpretações. "Ambos os lados crêem que nosso Senhor era plenamente humano e plenamente divino; que Ele foi tentado em todos os pontos, como nós o somos; que Ele poderia haver caído em pecado, abortando assim todo o plano de salvação, mas que nunca cometeu pecado. (Parece que em alto grau a diferença de pontos de vista pode ser atribuída à variação de compreensão do que constitui a natureza pecaminosa. Pode haver muito menos do que parece separando os dois lados em seu debate)." 51

Depois de rever os pontos concordes, o editor ponderou umas poucas questões fundamentais das quais o debate dependia. "Em Sua natureza humana, começou nosso Senhor onde todos os outros filhos começam? Cristo assumiu a natureza humana pré ou pós-queda? Se a raça humana foi afetada pela queda de Adão e Eva, foi Cristo também atingido ou Ele estava imune a isso? Se Cristo aceitou a natureza humana impecável, tinha Ele alguma vantagem sobre nós? Tomou Ele vicariamente a natureza humana decaída? Se Ele assumiu a natureza humana decaída, esse elemento 'caído' dizia respeito apenas ao Seu físico e não ao Seu caráter moral? É possível resolver o assunto da natureza de Cristo, com o qual a igreja cristã vem se debatendo por dois mil anos? É-nos necessário ter uma definitiva e acurada compreensão da natureza de Cristo para sermos salvos? Precisava Cristo ter nossa natureza decaída (sem pecado, é claro), a fim de os cristãos poderem viver a vida imaculada que Ele viveu?"52

Essas foram as perguntas às quais os dois teólogos indicados deveriam responder. Para evitar influenciar os leitores, as duas apresentações foram publicadas sob pseudônimos. Num artigo posterior, os dois nomes foram revelados: Norman R. Gulley e Herbert E. Douglas.

1. Gulley: A Natureza Humana Antes da Queda

Gulley defendia a posição pré-lapsariana. Mas contrariamente à prática daqueles que partilhavam esse ponto de vista, ele não estabeleceu sua posição com base nas declarações de Ellen White. Sua exposição se apoiava no estudo exegético de versos bíblicos cristológicos.⁵³ Ele cria que toda verdade doutrinária deveria estar fundamentada em terreno escriturístico.

Ele procedeu a um estudo lingüístico e teológico para definir o significado das palavras gregas sarx, hamartia, isos, homoioma, monogenes e prototokos, e o significado das expressões "descendentes de Abraão" (Heb. 2:16) e "descendente de Davi" (Rom. 1:3). Sua premissa principal: "Através da investigação, documentaremos a esmagadora evidência de que Jesus, de fato, tomou a natureza humana sem pecado em Seu nascimento (espiritualmente), conquanto possuindo natureza física similar aos outros de Seu tempo." 54

Um só texto, sustentava ele, fazia referência direta à carne e pecado: "O pecado habita em mim" (Rom. 7:17). "Portanto, sarx não significa necessariamente 'pecaminoso'... Em I Tim. 3:16 não aparece soma, mas sarx. Isso significa simplesmente 'encarnado', não 'pecaminoso'." 55

Então Gulley passou a discutir o significado da palavra 'semelhança' como citada em Romanos 8:3, Filipenses 2:7 e Hebreus 2:17, para concluir que "Jesus era apenas semelhante a outros seres humanos, tendo um corpo humano físico afetado pelo pecado, mas não o mesmo de outros seres humanos, pois somente foi impecável em Seu relacionamento espiritual com Deus."56

Tratando do pecado, Gulley considerava que ele não poderia ser definido apenas como um "ato". "Essa é uma definição muito superficial. Embora o pecado inclua escolhas errôneas e, portanto, atos, e mesmo pensamentos (ver Mateus 5:28), ele também inclui natureza. Se não houvéramos nascido pecadores, então não teríamos necessidade de um Salvador até um primeiro ato ou pensamento pecaminoso. Tal idéia presta um terrível desserviço às trágicas conseqüências do pecado e à missão de Cristo, como o único Salvador de cada ser humano (João 14:6; Atos 4:12). Isso também significa que se Jesus veio com uma natureza pecaminosa, mas resistiu, então talvez alguém mais possa fazer o mesmo, e que essa pessoa não necessita de Jesus para salvá-la." 57

Citando Salmos 51:7;22:10;139:3 e outros, Gulley argumentava que todos são pecadores, com exceção de Cristo. O fato de Jesus ser impecável não justifica a imaculada conceição. "Mas se Deus pôde realizar tal ato salvífico por um humano, por que não por todos? Isso teria poupado Cristo de todas as angústias de Se tornar humano. Além disso, se Maria se tornou imaculada sem Cristo, isso coloca a missão de Cristo em questão." 58

De acordo com declarações bíblicas, Jesus era "único", monogenes; "o primogênito", prototokos. Certamente essas expressões não deveriam ser interpretadas literalmente, especificava Gulley. "Elas implicam que Ele era o único de uma espécie. Sua missão era tornar-Se o novo Adão, o novo primogênito, ou cabeça, de uma raça. Isso O qualificava a ser nosso representante, sumo sacerdote e intercessor no grande conflito. Jesus é nosso exemplo em Sua vida, mas não em nascimento... Ele nasceu sem pecado para atender à nossa primeira necessidade dEle como Salvador, enquanto que nós nascemos pecadores." ⁵⁹

De acordo com Gulley, os versos que declaram que Jesus é "descendente" de Abraão e de Davi, "não estão levando em conta a **natureza**, mas a missão de Cristo. Eles não dizem respeito ao tipo de carne com a qual Ele nasceu (impecável ou pecaminosa) ... O contexto se refere à missão e não à natureza." ⁶⁰ S"Aquele que não 'conheceu pecado', tornou-Se 'pecado por nós' em Sua morte (II Cor. 5:21). Nunca antes daquele momento o pecado O separara de Seu Pai e O levara a clamar 'Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?' (Mat. 27:46). O homem Jesus tornou-Se pecado por nós em **missão** para a morte e não em **natureza** por nascimento." ⁶¹

Em sua "doxologia", Gulley afirmava energicamente que "a Cristologia é o centro e o coração da teologia, pois Jesus Cristo é a maior revelação de Deus ao homem. Ele é também a melhor revelação do autêntico homem para o homem. Jesus Cristo é único não somente como Deus conosco, mas como Homem conosco. Ele era a divindade imaculada unida à carne humana debitadapelopecado, mas enigualmente impecávelem ambasas raturezas"

Gulley explicava que a verdadeira Cristologia não é completa com adoração, obediência e oração apenas. Pelo contemplar a Cristo tornamo-nos como Ele (II Cor. 3:18). Gulley também concluiu que "a Cristologia culmina na declaração: 'Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim' (Gál. 2:20). Tão somente nessa dependente união pode Jesus

ser nosso homem-modelo, nunca em Sua natureza de nascimento."6

Ninguém censuraria Gulley por basear sua demonstração unicamente nas Escrituras, enquanto que seus predecessores haviam fundamentado as suas principalmente sobre os escritos de Ellen White. ⁶⁴ Mas sua exegese é similar àquela encontrada na maioria dos teólogos protestantes ortodoxos, o que o coloca em oposição aos pioneiros e à Ellen White.

2. Douglass: a Natureza Humana Após a Queda

Herbert Douglass estava corretíssimo quando disse a seus leitores que se eles houvessem vivido antes de 1950, estariam completamente desatentos com respeito da presente controvérsia. Pois "até o terceiro quarto do século vinte, os porta-vozes adventistas afirmavam consistentemente que Jesus assumiu nossa natureza decaída."65

Douglas voltou a focalizar a atenção de seus leitores na questão do "por quê" antes que do "como". De acordo com ele, "o tema da salvação não é primariamente como Deus Se tornou homem, mas por que... Sem a questão, o mistério envolve a Encarnação. Mas o mistério é concernente a como Deus e o homem se combinaram, não por quê."66

De fato, "o assunto parece estagnado até perguntarmos **por que** Ele veio do modo como o fez. Se não encararmos a questão corretamente, cada tema bíblico parecerá distorcido." Por outro lado, o plano da salvação aparece em sua simplicidade quando é formulada a pergunta: "Por que Jesus, como todo bebê dois mil anos atrás, assumiu a condição da humanidade decaída, e não a de Adão 'em sua inocência no Éden'?" 68

Muitos teólogos não-adventistas têm desafiado o ponto de vista tradicional que afirma que Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda, e assumem a posição pós-lapsariana. Douglass listou cerca de 15 deles. Ele escreveu: "Nenhum desses homens cria que Cristo pecou, quer fosse em pensamento ou ato, e que por causa de haver Ele assumido a pecaminosa carne decaída necessitava de um salvador. Genericamente falando, o termo carne pecaminosa significa a condição humana em todos os seus aspectos, como atingida pela queda de Adão e Eva. Tal natureza é suscetível tanto à tentação de dentro como de fora. Contrariamente ao dualismo grego, que inicialmente impregnou muito do cristianismo ortodoxo, a carne não é má nem peca por si mesma. Embora a carne seja amoral, ela provê o equipamento, a ocasião e o sítio para o pecado, se a vontade humana não for constantemente assistida pelo Espírito Santo. Mas a pessoa nascida com carne pecaminosa não necessita ser um pecador."70

Quais são as implicações de ensinar que Jesus possuía natureza impecável? "Sugerir que Ele nascera livre das riscos da hereditariedade é trilhar a mesma estrada que o catolicismo romano tomou quando confundiu pecado com substância física... Nenhuma evidência bíblica sugere que a corrente da hereditariedade humana ficou rompida entre Maria e Jesus." ⁷¹

Nada demonstra melhor a solidariedade de Jesus com a raça humana do que a maneira dEle Se apresentar sob o nome de Filho do homem (Mat. 8:20; 24:27, etc.), e a analogia que Paulo estabelece entre Cristo e Adão (Rom. 5:1; I Cor. 15). "Muitos consideram Romanos 5:12 como evidência de que homens e mulheres nascem pecadores, mas esse não é o argumento de Paulo. Ele está simplesmente declarando um fato óbvio: o trilho da morte começou com Adão".

"Mas todos os descendentes de Adão morrem 'porque todos os homens pecaram'... A suposição de que Jesus tomou a natureza de Adão antes da queda destrói a força do paralelo de Paulo e seu princípio de solidariedade. A analogia paulina Adão-Cristo torna-se relevante para a humanidade e no contexto do grande conflito, somente se Jesus Se incorporou à natureza humana decaída; somente se Ele enfrentou o pecado na arena onde todos os homens estão – 'em Adão' –, e venceu cada apelo para servir a Si mesmo, quer de dentro ou de fora. Jesus desejava que aqueles que estivessem nEle se unissem corporativamente aos resultados de Sua obra salvadora. Mas para cumprir isso, Ele precisava primeiro ter estado corporativamente ligado à humanidade em sua condição decadente."⁷²

Douglass observou então que Paulo foi muito cuidadoso na sua escolha de palavras em Romanos 8:3. Por que ele disse, nesse caso, 'en homoiomati sarkos hamartias' (em semelhança de

carne pecaminosa), antes que simplesmente 'em sarki hamartias' (em carne pecaminosa)?⁷³ Douglas citou C. E. B. Cranfield, professor de teologia da Universidade de Durham: "A intenção não é, de modo algum, atrair a atenção para o fato de que, conquanto o Filho de Deus tenha verdadeiramente assumido sarx hamartias, Ele nunca Se tornou sarx hamartias e nada mais, nem mesmo sarx hamartias habitada pelo Espírito Santo." "Entendemos... que o pensamento de Paulo (concernente a seu uso de homoioma aqui), seja de que o Filho de Deus assumiu idêntica natureza decaída à nossa, mas que em Seu caso essa natureza humana decaída nunca foi integral nEle – Ele nunca cessou de ser o eterno Filho de Deus."⁷⁴

Analisando os versos cristológicos da epístola aos Hebreus (2:11-18; 4:15; 5:7-9), Douglass demonstrou a necessidade de o sumo sacerdote ser solidário com a humanidade. "Uma das principais linhas de argumento em Hebreus é que a eficácia do sumo sacerdote depende de quão intimamente ele se identifica com aqueles por quem media. Jesus é um perfeito sumo sacerdote por causa de Sua real identificação com os predicamentos humanos, quer do espírito (tentações), quer do corpo (privações e morte)."⁷⁵

"Porque não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, antes foi Ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente... (Heb.4:15 e 16)" "Jesus foi vitorioso sob os mesmos riscos e desvantagens comuns a toda a humanidade; Conseqüentemente, homens e mulheres também podem vencer recebendo o mesmo auxílio do qual Ele dependia, se se 'aproximarem' em tempos de necessidade." "T

Para Cristo ser um perfeito sumo sacerdote, a epístola aos Hebreus exige que Ele "seja um com o homem em cada aspecto do material humano (princípio da solidariedade), mas não um com ele como pecador, isto é, do ponto de vista do desempenho humano (princípio da dissimilaridade)... Na Encarnação, o Salvador tornou-Se um homem em cada aspecto essencial; Ele estava cercado de todas as desvantagens humanas... Ao tomar a natureza do homem no estado em que se encontrava quando Ele encarnou, Jesus cruzou o abismo entre Céu e Terra, entre Deus e o homem. Assim fazendo, Cristo tournou-Se a escada posta no Céu e fincada solidamente na Terra, Alguém em quem os homens e mulheres poderiam confiar."⁷⁸

Para Douglass não havia sombra de dúvida: "Até o terceiro quarto do século vinte os pregadores adventistas consistentemente apresentaram Jesus como alguém que assumiu nossa natureza decaída. Como muitos eruditos não-adventistas, eles teriam sido intimidados pela falsa conclusão de que ao crerem que por Jesus ter tomado a natureza humana decaída, necessitassem também crer que Ele houvesse de ser um pecador. Ou que Ele tivesse necessidade de um salvador." "De modo nenhum uma mancha de pecado jazeu sobre Jesus, porque Ele nunca foi um pecador. Cristo nunca teve uma 'má propensão' porque jamais pecou. Tentações genuínas, seduções reais para satisfazer desejos legítimos de modos egoístas, inquestionavelmente nosso Senhor as experimentou e com toda a possibilidade de a elas ceder. Porém, 'nem por um momento' Jesus permitiu tentações que concebessem e dessem à luz o pecado. Ele também travou cruentas batalhas com o eu e as tendências potencialmente hereditárias, mas nunca permitiu que uma inclinação se tornasse pecaminosa (ver Tiago 1:14 e 15). Cristo Se mantinha dizendo 'não!', enquanto todos os outros seres humanos diziam 'sim!'".80

Concluindo, Douglass uma vez mais colocou a questão que deveria dirigir todas as pesquisas sobre a natureza humana de Cristo: "Por que Jesus veio à Terra?" "A razão de Sua vinda determinou o modo por que veio, ou jamais ela teria cumprido seu propósito. Ele triunfou gloriosamente sobre o mal; Ele Se tornou o substituto adequado, o homem pioneiro, o modelo da humanidade. E realizou todas as coisas em meio às piores circunstâncias, sem exceção de nada, com a mesma hereditariedade partilhada por todos os homens e mulheres aos quais veio salvar."81

É interessante notar que a apresentação de Douglass, como a de Gulley, está apoiada inteiramente em versos do Novo Testamento. Todavia, para provar que suas conclusões estavam em harmonia com o ensino tradicional da igreja, Douglass foi cauteloso, numa nota, ao listar 27 autores

adventistas com suas apoiadoras declarações, juntamente com afirmações de Ellen White.82

Revisão Recíproca de Teses e Antíteses

Posteriormente, o editor do *Ministry* pediu que os dois autores criticassem cada um os artigos do outro, na edição de agosto de 1985.

Douglass foi o primeiro e destacou que as opiniões de Gulley surgiram no cenário da Igreja Adventista apenas na década de 50. "As conseqüências dessas mudanças tiveram muito que ver com o trauma e as divisões teológicas que a igreja experimentou nos últimos trinta anos."84

Douglass mostrou que Gulley não havia "feito diferença entre bagagem humana herdada e desempenho dentro da humanidade degenerada pelas conseqüências do pecado". ⁸⁵ De fato, o que Gulley antecipou como natureza humana de Jesus correspondia à heresia da carne santa, que afirmava "que Jesus tomou a natureza pré-queda de Adão. Os adeptos daquele movimento criam que Jesus recebeu de Maria uma natureza física enfraquecida pelo pecado. Mas eles também criam que Ele recebeu do Espírito Santo a natureza espiritual de Adão antes da queda, e assim foi evitado o pleno impacto da lei da hereditariedade." ⁸⁶ Agora, "uma errônea compreensão da Encarnação tem resultados práticos inflizasespecidimentequando de su intertular monizar o encoexendade". ⁸⁷

Com respeito à teoria da salvação, Douglass considerava que Gulley havia sido fortemente influenciado por sua própria Cristologia. "Por que Jesus Se tornou homem, me parece, pode ser compreendido apenas do ponto de vista do grande conflito – uma perspectiva acentuadamente perdida no 'protestantismo ortodoxo, bem como no catolicismo. Jesus não veio para satisfazer um Deus ofendido que requeria sangue antes de poder perdoar, ou para provar que Deus poderia observar as leis divinas, ou mesmo que Adão poderia ter permanecido obediente."⁸⁸

Gulley, por sua vez, atacou o argumento de Douglass de que "Jesus não era um pecador por nascimento, porque todos os homens são impecáveis no nascimento. Pois, alguém 'nascido com carne pecaminosa não necessita ser um pecador'".89

De acordo com Gulley, a Bíblia contesta tal idéia. "Ela indica que todos os homens 'tornaram-se pecadores pela transgressão de Adão, de modo similar àquele pelo qual se tornaram justos pela obediência de Cristo. Douglass passou por alto esse paralelo em Romanos 5. Somos pecadores pelo **nascimento** e justos em **Cristo**. Apenas os dois Adões entraram sem pecado no planeta Terra. Todos os outros nasceram pecadores."⁹⁰

Cristo não veio a este mundo "como um pródigo, mas como Deus-homem... Conseqüentemente, como o segundo Adão, Ele veio não à imagem do homem, mas na exata imagem de Deus (Col. 1:15; Heb. 1:1-3)." Ademais, "O ponto de vista de Douglass sobre propensões é simplesmente muito superficial. Por definição, as propensões estão contidas na natureza decaída, antes de qualquer ato pecaminoso. Mas Jesus não as possuía. Não surpreende que Satanás não tenha encontrado nenhum mal nEle (João 14:30)... A imagem criativa de Deus não tem nada a ver com a queda. Esse reino está confinado à imagem do homem." ⁹²

Gulley destacou as contradições da argumentação de Douglass com relação ao fato de que "Cristo tomou a natureza pós-queda de Adão", conquanto admitisse que não houve nenhuma 'mancha de pecado', nenhumas 'más propensões', ou fraquezas pecaminosas como as nossas... Essas isenções destroem Sua exata identidade conosco". 93

"Douglas declarou que o **porquê** de Jesus tornar-Se humano é mais importante que o **como** Ele Se tornou humano... Mas todas as seis razões que Douglass deu foram plenamente satisfeitas pela vinda de Jesus como espiritualmente imaculado numa natureza humana enfraquecida pelo pecado." "Nunca devemos perder de vista o fato de que a identidade de Jesus como Deus é mais importante do que Sua solidariedade com a humanidade. Ele não é simplesmente outro homem, mas Deus tornado homem." ⁹⁵

Em suma, Gulley concordou com Douglass no fato de que "Jesus era um homem real e que Ele foi realmente tentado e poderia ter fracassado; que Sua dependência de Deus proveu-nos um exemplo. Concordamos que Ele Se manteve imaculado... O Jesus de Douglass não é muito

humano? Reconheceu ele apropriada e adequadamente Sua divindade?"96

A resposta recíproca nada trouxe de novo. Cada autor manteve sua posição. Até certo ponto essa reserva era uma questão de semântica: os dois teólogos deram diferentes significados a termos bíblicos e teológicos básicos.

Críticas e Perguntas dos Leitores do Ministry

Para ampliar o círculo, o periódico *Ministry* franqueou suas páginas aos leitores . Os mais significativos comentários foram publicados nas edições de dezembro de 1985 e junho de 1986.

A incisiva crítica apresentada por Joe E. Crews merece menção especial. Ele (Gulley) não apenas confunde pecado com efeitos do pecado, mas torna a natureza pecaminosa equivalente ao próprio pecado... Uma vez que natureza decaída é o mesmo que culpa e pecado, cada bebê nascido tem necessidade de redenção antes que possa pensar, falar ou agir. Isso significa que Jesus seria culpado já por ter nascido, a menos que Sua natureza fosse diferente de todos os outros bebês."98

"Do mesmo modo que ele mistura pecado com natureza pecaminosa, os resultados do pecado com o próprio pecado e a separação de Deus com natureza corrompida, o autor [Gulley] confunde más propensões com propensões naturais. Ele define más propensões como 'inclinação para pecar'. Ele escreve: 'Más propensões (inclinação para pecar) são adquiridas de dois modos: mediante o ato de pecar e através do nascimento como pecador. Cristo não participou de nenhum deles.'"99

"Eu não conheço uma só pessoa que creia que Jesus pecou ou nasceu pecador. Nem conheço alguém que creia que Jesus tinha 'propensões pecaminosas'. Mas conheço muitos que crêem que Ele possuía 'propensões naturais', justamente como todos nós, como resultado de haver nascido como nós, com uma natureza decaída. Más propensões são aqueles impulsos para o pecado que foram cultivados e fortalecidos pela indulgência para com o pecado. Propensões naturais são aquelas tendências herdadas. A culpa está contida numas mas não em outras. Isso não é pecaminoso a menos que alguém ceda à propensão." 100

Outro leitor, Anibal Rivera, ficou pasmado de que alguém desse crédito à idéia de que há dois pontos de vista possíveis na teologia adventista, com relação à natureza humana de Jesus. 101 "Nossos pioneiros e o Espírito de Profecia não estavam em conflito com respeito à questão da natureza humana de Jesus. É como se nós, como um povo, houvéssemos decidido crer que os guardadores do domingo e os observadores do sábado estão justificados aos olhos de Deus. Obviamente, houve uma mudança em nossa posição histórica." 102

Alguns leitores ficaram simplesmente espantados com que o *Ministry* publicasse artigos *pró* e *contra* sobre uma doutrina bem estabelecida na Igreja Adventista do Sétimo Dia. ¹⁰³ Por exemplo, eis um enérgico comentário de R. R. D. Marks, um professor australiano: "Nossas lições da escola sabatina, por mais de um quarto de século antes da morte de Ellen G. White, enfatizavam que Cristo assumiu nossa natureza decaída; e embora ela as tenha estudado, como também aconselhou outros a fazer, nunca ergueu sua voz contra os enfáticos ensinos do trimensário sobre ao assunto. Note a lição do segundo trimestre de 1909, pág. 8: 'A semente divina poderia manifestar a glória de Deus em carne pecaminosa, e igualmente obter uma absoluta e perfeita vitória sobre qualquer tendência da came.'"¹⁰⁴

Uma leitora californiana, Ethel Wildes, apresentou um único argumento: "Se Cristo houvesse vindo com a natureza de Adão antes da queda, o homem teria fugido de Sua presença. O pecado furtou de Adão a sua glória e ele percebeu que estava nu. A face de Moisés resplandecia com uma pequeníssima porção da pureza e glória de Deus, e o povo temeu. Ele foi obrigado a velar sua face. Quando Jesus vier em Sua glória, a qual foi velada pela humanidade quando andava entre os homens, muitos clamarão às rochas e montanhas que os escondam dEle. Essa glória destrói os ímpios. Deus habitou numa natureza como a minha e resistiu a toda tentação. Ele pode fazer o mesmo por mim ao habitar em meu coração por Seu Espírito. Bendito seja Seu santo nome!" 105

O Ponto de Vista Alternativo de Thomas A. Davis

Também no *Ministry*, Thomas A. Davis apresentou uma proposta alternativa sobre a natureza humana de Cristo, como explanada em seu livro *Was Jesus Really Like Us?* (Foi Jesus Realmente Como Nós?) Ele cria que seu ponto de vista poderia servir de ponte entre as interpretações de Douglass e Gulley, e resolver adequadamente o problema por eles levantado.

Davis escreveu: "Lemos em Hebreus 2:17 que Jesus em todas as coisas Se tornou 'semelhante a Seus **irmãos** [os renascidos e santificados].' Creio que não se causa dano à sintaxe fazer essa conexão e, ademais, estamos naturalmente aplicando a regra da primeira menção. É simplesmente bom senso supor que o significado explícito ou implícito dado a uma palavra na primeira vez em que ela é usada numa passagem, seja mantido através da passagem, a menos que indicado de outro modo." ¹⁰⁶

"À luz do precedente, podemos concluir que houve algo importante sobre a encarnada natureza de Cristo que era semelhante à pessoa recém-nascida, mas dessemelhante à pessoa degenerada. Acho que nessa idéia está um conceito que poderia unir os dois pontos de vista discutidos no Ministry." ¹⁰⁷

Davis concluiu: "Jesus, então, tornou-Se homem com uma natureza humana integral (conquanto também plenamente Deus). Assim, na carne, Ele tinha a fraqueza da humanidade atacada pela tentação como acontece conosco, com a possibilidade de pecar. Mas, nessa condição, Cristo possuía mente, coração e vontade impecáveis; estava total e continuamente afinado com o Pai e dirigido pelo Espírito Santo. Desse modo, Ele era semelhante ao Adão não decaído. E é nesse ponto que, cremos, o regenerado e Jesus se acham em terreno comum." ¹⁰⁸

Essa interpretação parece atraente. Todavia, no contexto do segundo capítulo da epístola aos Hebreus, é questionável se a palavra "irmãos" se aplicar estritamente aos regenerados. Além disso, a comparação feita entre Jesus e "Seus irmãos" não pretende cotejar suas semelhanças espirituais, mas sublinhar a semelhança natural de "carne e sangue" partilhada com Cristo. "Os filhos" (verso 14) aqui mencionados como vindo "de um só" (verso 11), são todos aqueles por quem Jesus sofreu a morte (verso 9). "Por isso é que Ele não Se envergonha de lhes chamar irmãos" (Verso 11).

Notas e Referências

- Ver nosso capítulo 12.
 Robert J. Wieland, How Could Christ Be Sinless as a Baby? (Chula Vista, Calif.: 1977).
 ______, Answers to Some Questions (Chula Vista, Calif.: 1979).
 ______, The Broken Link (Kendu Bay, Kenya: Africa Herald Publishing House, 1981). Esse livro foi também impresso na Austrália por Elija Press. Esse estudo já havia sido assunto de uma brochura publicada em 1975, no tempo em que a Comissão Sobre Justiça Pela Fé estava reunida em Palmdale.
 Idem, pág. 2.
 Ibidem.
 Idem, págs. 9-11.
 Idem, págs. 9-11.
 Idem, págs. 11-14.
 Idem, págs. 14-16.
 Idem, págs. 16-19.
 Idem, págs. 33 e 34.
- 13. _____, Gold Tried in the Fire (Outro Provado no Fogo) (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1983).
- 14. *Idem*, pág. 73.
- 15. *Idem*, pág. 75.
- 16. Idem, pág. 77.
- 17. Norman R. Gulley, Christ Our Substitute (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1982).
- 18. Idem, pág. 33.
- 19. _____, em Adventist Review, 29 de dezembro de 1983.
- 20. Donald K. Short para William G. Johnsson (editor da *Adventist Review*), 4 de julho de 1983. Citado por Bruno W. Steinweg, *The Doctrine of the Human Nature of Christ*, pág. 21.
- 21. Herbert E. Douglass, na Adventist Review, 22 e 29 de dezembro de 1983.

- 22. _____, na Adventist Review, 29 de dezembro de 1983.
- 23. *The Voice of Present Truth* (A Voz da Verdade Presente) (Platina, Calif.: revista publicado por Unwalled Village Publishers, 1983), pág. 13.
- 24. Ibidem.
- 25. Idem, págs. 18 e 19.
- 26. *Idem*, pág. 1.
- 27. Herbert E. Douglass, em The Voice of Present Truth, pág. 1.
- 28. Idem, págs. 1 e 2.
- 29. Idem, pág. 2 (itálicos supridos).
- 30. Dennis E. Priebe, em The Voice of Present Truth, pág. 12.
- 31. Idem, pág. 13.
- 32. Ibidem.
- 33. Ibidem.
- 34. Idem, pág. 14.
- 35. Idem, págs. 14 e 15.
- 36. Ibidem.
- 37. Idem, pág.15.
- 38. Ibidem.
- 39. Ibidem.
- 40. ______, Face to Face With The Real Gospel (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1985).
- 41. Idem, pág. 9.
- 42. Eric Claude Webster, Crosscurrents in Adventist Christology.
- 43. Webster nasceu em 26 de agosto de 1927 na África do Sul. Após a conclusão de seus estudos teológicos no Heldelberg College, próximo à Cidade do Cabo, ele obteve o mestrado em divindade na Andrews University. Desde 1948 ele trabalhou na igreja adventista em vários setores.
- 44. ______, Crosscurrents in Adventist Christology, pág. 156. A expressão "simples enfermidades" deve ser atribuída a Henry Melvill. Ver nosso capítulo 14.
- 45. Idem, págs. 450-452. Ver proposições apresentadas por Webster em sua conclusão às págs. 450-452.
- 46. Idem, pág. 451, proposições 8 e 9.
- 47. Idem, proposição 10.
- 48. Idem, proposição 11.
- 49. Robert J. Spangler, no Ministry, junho de 1985, pág. 24.
- 50. Ibidem
- 51. Ibidem.
- 52. Ibidem.
- 53. Norman R. Gulley fez um estudo dos textos de Ellen G. White na Adventist Review de 30 de junho de 1983.
- 54. _____, no *Ministry*, junho de 1985.
- 55. Ibidem.
- 56. Ibidem.
- 57. Ibidem.
- 58. Ibidem.
- 59. Ibidem.
- 60. Ibidem.
- 61. Ibidem.
- 62. Ibidem.
- 63. Ibidem.
- 64. Ver Ministry, abril de 1957; Questions on Doctrine, apêndice B, págs. 647-660.
- 65. Herbert E. Douglass, no Ministry, junho de 1985.
- 66. Ibidem.
- 67. Ibidem.
- 68. Ibidem.
- 69. Ibidem.
- 70. *Ibidem* 71. *Ibidem*.
- 72. Ibidem.
- 73. Ibidem.
- 74. *Idem.* As citações são de C. E. B. Cranfield, *The Epistle to the Romans*, International Critical Commentary (Edinburgo: T. T. Clark, Ltd., 1980), vol. 1, pág. 379.
- 75. Ibidem.
- 76. Ibidem.

- 77. Ibidem.
- 78. Ibidem.
- 79. Ibidem.
- 80. Ibidem.
- 81. Ibidem.
- 82. Ibidem.
- 83. Ministry, agosto de 1985.
- 84. Ibidem.
- 85. Ibidem.
- 86. Ibidem.
- 87. Ibidem.
- 88. Ibidem.
- 89. Ibidem.
- 90. Ibidem.
- 91. Ibidem.
- 92. Ibidem.
- 93. Ibidem.
- 94. Ibidem.
- 95. Ibidem.
- 96. Ibidem.
- 97. Joe E. Crews, no Ministry, dezembro de 1985.
- 98. Ibidem.
- 99. Ibidem.
- 100. Ibidem.
- 101. Anibal Rivera, no Ministry, junho de 1986.
- 102. Ibidem.
- 103. Ibidem.
- 104. R. R. D. Marks, no Ministry, junho de 1986.
- 105. Ethel Wildes, no Ministry, junho de 1986.
- 106. Ver nosso capítulo 12.
- 107. Thomas A. Davis, no Ministry, junho de 1986.
- 108. Ibidem.

Capítulo 14

EM BUSCA DA VERDADE HISTÓRICA

É bastante óbvio que não pode haver duas verdades incongruentes sobre a natureza humana de Cristo. Todavia, alguns tentam harmonizar ambas as posições como se as diferenças fossem de pouca monta. Outros ainda sugerem que os dois pontos de vista realmente se realçam um ao outro.

Independentemente do mérito, isso parece uma tentativa de reconciliação com pouca chance de sucesso. Pelo contrário, a vigorosa reação dos membros da igreja e as críticas já destacadas de alguns teólogos, mostram que a controvérsia está mui longe de ser resolvida. Contudo, o período compreendido entre 1986 e 1994 marcou um certo reavivamento da Cristologia tradicional.

Se é verdade que um grande número de adventistas hoje desconhecem a posição histórica da igreja sobre o assunto, também é verdade que estudos recentes feitos por pesquisadores contemporâneos acham-se agora disponíveis para recordá-la.

Um Século de Cristologia Adventista

O primeiro estudo, publicado em 1986, foi o de Ralph Larson e teve por título *The Word Was Made Flesh: One Hundred Years of Adventist Christology* (O Verbo Se Fez Carne: Cem Anos de Cristologia Adventista).¹ Esse livro é a mais completa obra sobre o assunto, do ponto de vista essencialmente histórico.

Ralph Larson estudou teologia na Andrews University e obteve seu doutorado na Andover-Newton Seminary, na cidade de Boston. Por 40 anos ele serviu à Igreja Adventista como pastor, evangelista, secretário departamental, missionário e professor de teologia. Seu último cargo antes da aposentadoria foi a presidência do seminário teológico das Filipinas.

Por muitos anos Larson analisou sistematicamente a literatura oficial da igreja publicada entre 1852 e 1952, colecionando cuidadosamente as declarações sobre Cristologia nela havidas. Assim ele foi capaz de indexar cerca de 1.200 citações, das quais mais de 400 procedentes da pena de Ellen White e arranjadas em seqüência cronológica. Com isso Larson esperava prover comprovação para o que havia sido a crença adventista sobre a natureza humana de Cristo entre 1852 e 1952.

O objetivo de Larson não era fazer um estudo escriturístico ou teológico, mas simplesmente "estabelecer o que os adventistas haviam crido e não por que haviam crido".² O mais importante era que ele desejava que todos estivessem cientes da principal questão e assunto da controvérsia: "O Cristo encarnado veio à Terra com a natureza humana de Adão em estado de santidade, ou com a natureza humana do homem caído?"³

Primeiramente Larson tentou clarificar as expressões-chave usadas pelos pioneiros, particularmente aquelas utilizadas por Ellen White, tais como "natureza pecaminosa", "natureza decaída", "natureza pecaminosa herdada", etc.,4 e elucidar os sentidos das palavras "paixão" e "propensão, dependendo de serem ou não atribuídas a Cristo ou à parte de Sua natureza." Finalmente ele tentou colocar certas declarações contidas na carta de Ellen White a W. H. L. Baker em seu contextos histórico-literário.6

Baseado em sua coleção de citações, Larson vê uma "era de lucidez" durante a qual "a igreja fala em uníssono" (1852-1952), e após a qual segue a "era de confusão" (seção 4), de 1952 em diante. As últimas três seções são dedicadas a enfatizar a estreita conexão entre Cristologia e Soteriologia.⁷

E prossegue dando a entender que Larson gentilmente discordou da nova teologia. Ele considerava que seu lançamento no *Ministry*, em *Questions on Doctrine* e em *Movement of Destiny* tinha exercido um incalculável grau de influência, promovendo confusão entre os adventistas pelo mundo afora. Ela fez parecer que Ellen White falara em termos contraditórios e que o adventismo histórico havia estado enganado acerca da doutrina da salvação. Larson expressou sua crença de que a "Cristologia, a natureza de Cristo, a Soteriologia e a obra salvífica de Cristo estão inseparável e intimamente ligadas. Quando falamos de uma, inevitavelmente falamos de outra. Quando mudamos uma, inevitavelmente mudamos outra". 9

A obra de Larson provê uma fonte de informações sem precedente. Sua análise crítico-histórica ilumina a quem deseja estar informado com respeito ao ensino unânime da igreja desde 1852 a 1952, e sobre a mudança que teve lugar nos anos cinqüenta.

Em conclusão, Larson convidou seus leitores a comprovarem os resultados de sua pesquisa, e não meramente aceitá-la ou rejeitá-la sem estudo pessoal. Em caso de erros de interpretação, ele achava que a igreja deveria ter a coragem de admiti-los e corrigi-los.¹⁰

O Patrimônio White é Solicitado a Posicionar-se

Como membro da mesa diretiva dos Depositários de Ellen G. White, ¹¹ eu não poderia permanecer indiferente à crescente controvérsia, particularmente porque suas origens foram fundamentadas em muitas declarações de Ellen G. White com respeito à natureza humana de Cristo. Eu cria que o Patrimônio Ellen G. White, comissionado para cuidar dos escritos de Ellen White, deveria falar claramente como houvera feito em muitas ocasiões. ¹²

Em setembro de 1985, aceitei um convite para dar um curso de Cristologia na faculdade adventista de teologia, na França. Pareceu-me imperativo cientificar meus alunos sobre a controvérsia no setor de fala inglesa do mundo adventista. Para seu benefício, preparei um manual que foi a primeira seleção histórica da Cristologia adventista em francês.¹³

Essa era uma oportunidade sem igual para eu avaliar a magnitude do problema e alimentar a esperança de sua solução. Achei que o Patrimônio White deveria discutir o assunto e declarar-se a respeito da Cristologia de Ellen G. White. Sugeri a

seu presidente, Kenneth H. Wood, que o item fosse posto na agenda da reunião anual.¹⁴

Minha carta de 9 de julho de 1986 não foi uma sugestão para a tentativa de uma nova exegese das declarações de Ellen White, ou para formular uma crítica de uma ou outra das teses em voga. Propus, antes, que se verificasse mais detidamente a posição de Ellen White, bem como sua avaliação do ensino de seus contemporâneos Waggoner, Jones, Prescott e Haskell sobre o assunto, cujas posições ela aprovava.

Em carta de retorno, Kenneth Wood avisou-me que ele concordava com minha sugestão, e que o item estaria na agenda da IV Reunião. Ao mesmo tempo, todavia, Robert W. Olson, secretário do Patrimônio de Ellen G. White, informou-me que essa não era uma questão que o Patrimônio White deveria resolver.

"O Patrimônio White nunca emitiu um documento sobre Cristologia. Tenho para mim que a única razão pra isso é que não concordamos entre nós mesmos sobre uma conclusão definitiva... Considerando o fato de que há, pelo menos, duas diferentes escolas de pensamento entre nós, senti que não seria prudente para o Patrimônio White tentar decidir quem está certo e quem está errado. Uma vez feito isso e nos colocaríamos numa posição confrontativa contra todos aqueles que discordam de nós." 15

No entanto, conquanto favorável à idéia de uma discussão na IV Reunião, Robert Olson desejava ter os dois pontos de vista representados. Olson sugeriu a apresentação de um documento no qual ele próprio expressaria sua opinião. Sem esperar por uma resposta, ele me enviou um sumário de suas idéias em duas cartas datadas de abril e setembro de 1986.

O Ponto de Vista de Robert Olson

Em sua carta de 21 de abril de 1986, Robert Olson sumariou para meu benefício sua compreensão do problema. "Minha opinião pessoal sobre o aspecto-chave da questão é que Cristo não possuía tendências hereditárias para pecar, mas como meu substituto Ele foi capaz de experimentar todos os meus sentimentos, para que pudesse entender plenamente a natureza de minhas tentações." ¹⁶

"Pessoalmente acho que Cristo foi diferente de nós em Seu nascimento. Lucas 1:35 diz-me isso. Ele era santo quando nasceu; por outro lado, eu, ao nascer, não o era. Cristo nunca precisou de conversão, mas nós sim. Sei que o tema é pleno de muitos mistérios que nos são realmente incompreensíveis. Creio, todavia, que Ele foi capaz de tomar meus pecados sobre Si e experimentar as sensações da alma perdida sobre a cruz; que Lhe foi possível experimentar minha natural inclinação para o mal, sem assumir esse pendor." 17

Em sua segunda carta, datada do dia 3 de setembro de 1986, Olson mais uma vez foi ao cerne do problema: "Penso, particularmente, se Jesus herdou tendências pecaminosas de Sua mãe. O Pr. Wood acha que Ele as teve; minha opinião é que não, mas que em certas ocasiões de Sua existência terrena Ele experimentou vicariamente o que é possuir tendências pecaminosas. Em outras palavras, creio que Jesus aceitou, às vezes, minhas tendências pecaminosas de maneira vicária, do mesmo modo que tomou minhas culpas. Se eu puder explicar uma, posso explicar outra. Pode ser que estejamos aqui falando sobre algo que seja inexplicável." 18

Olson publicou seus pontos de vista durante um seminário havido na Andrews University, de 14 a 24 de julho de 1986. Depois de dois contraditórios artigos publicados no *Ministry*, em junho de 1985, e da crítica que eles provocaram, o assunto da natureza humana de Cristo turnou-se uma questão candente. Em resposta, Olson preparou um resumo de três páginas contendo questões respondidas diretamente com o uso de textos extraídos do Novo Testamento e dos escritos de Ellen White.

Em 1989, Olson deu a público um panfleto muito elaborado sob o título *The Humanity of Christ* (A Humanidade de Cristo), ¹⁹ no formato de um programa de estudos. Escreveu que, "o

propósito deste pequeno livro é apresentar um acurado retrato de nosso Senhor em Sua humanidade. Visto que Ellen G. White conheceu Jesus tão bem e que ela própria conversou com Ele em visão... temos citado abundantemente, mas ainda mui longe de fazê-lo exaustivamente, seus escritos bem como as Santas Escrituras."²⁰

Porque essa compilação foi feita em nome do Patrimônio de Ellen G. White, seu secretário procurou manter-se o mais possível no terreno da neutralidade. Essa brochura constitui-se numa excelente fonte para quem deseja saber as respostas de Ellen White às perguntas de Robert Olson. Entretanto, uma vez que alguém queira interpretar à vontade as citações providas como respostas, o problema permanece.

Discussão Sobre Cristologia no Patrimônio White

A IV Reunião teve lugar em Williamsburg, Virgínia, de 23 a 25 de janeiro de 1987. Por causa de uma tremenda tempestade de neve que paralisou todo o tráfego da costa oeste dos Estados Unidos, o encontro foi transferido para Columbia, Maryland. Posteriormente, foi ela condensada num só dia. Toda a sessão foi dedicada ao problema da natureza humana de Cristo baseada em minha apresentação.

Seu conteúdo foi essencialmente aquele exposto na segunda parte deste estudo, a qual foi dedicada à Cristologia dos pioneiros. Ela também continha uma crítica à nova teologia, que seria discutida com mais detalhes na quinta parte do livro.²²

Outros documentos foram preparados mas não puderam ser apresentados por falta de tempo. De qualquer modo, os textos foram incluídos no volumoso registro da IV Reunião. Dois deles, em especial, têm relação direta com nosso tema e merecem consideração.²³

Tim Poirier e as Fontes da Cristologia de Ellen White

Tim Poirier, secretário-associado e arquivista do Patrimônio de Ellen G. White, preparou um estudo comparativo entre a Cristologia de Ellen White e a dos autores de cuja linguagem ela aparentemente se utilizou. De acordo com Poirier, essas fontes são úteis no esclarecimento da Cristologia de Ellen White.²⁴

Um pregador anglicano, Henry Melvill (1798-1871), foi uma das fontes de que Ellen White se serviu para escrever seu artigo *Christ, Man's Example* (Cristo, o Exemplo do Homem), publicado na *Review and Herald* de 5 de julho de 1887. O Patrimônio White conserva um exemplar dos Sermões de Melvill.²⁵ Poirier encontrou o sermão de Melvill denominado *The Humiliation of the Man Christ Jesus* (A Humilhação do Homem Cristo Jesus), de especial valor para esclarecer o significado de algumas expressões de Ellen White com respeito à humanidade de Cristo.

De acordo com Melvill, a queda de Adão teve duas conseqüências fundamentais: (1°) "simples debilidades" e (2°) "propensões pecaminosas". Em "simples debilidades", Melvill incluiu fome, sofrimento, fraqueza e tristeza. Por "propensão pecaminosa" ele entendia "tendência para pecar". No fecho de seu argumento Melvill concluiu: "Antes da queda, Adão não possuía 'simples debilidades' nem 'propensões pecaminosas'; nós nascemos com ambas; Cristo assumiu as primeiras mas não as segundas." 27

Conseqüentemente, "a humanidade de Cristo não foi a adâmica, isto é, a humanidade de Adão antes da queda; nem a humanidade decaída em cada aspecto da humanidade de Adão após a queda. Não foi a adâmica porque ela possuía as simples debilidades da decaída. Não foi a decaída porque a humanidade de Jesus nunca baixou à impureza moral. Foi, portanto, mais literalmente a nossa humanidade, mas sem pecado." 12

Poirier também comparou a linguagem de Ellen White com a de Octavius Winslow²⁹, para mostrar que ambos usaram o termo *propensão*, *limitação*, e *tendência* no mesmo sentido e em harmonia com Melvill. Poirier colocou as passagens de Ellen White ao lado dos textos cristológicos de Winslow³⁰, dos quais ela havia tomado emprestados termos, expressões e mesmo conceitos.

Mas isso significa que Ellen White tinha idêntico ponto de vista? Um exame cuidadoso das evidências permite-nos chegar a outra conclusão. Em seu argumento, Winslow chegou à conclusão

de que em a natureza humana de Cristo "não havia qualquer sinal de princípios corruptos ou propensões; nem operavam quaisquer desejos e tendências; pois até o momento de Sua vinda à Terra, nenhum anjo do Céu permaneceu diante do trono mais puro e mais imaculado do que Ele (The Glory of the Redeemer - A Glória do Redentor, pág. 129, 132-134)."³¹

No excerto comparativo apresentado por Poirier, Ellen White empregou essencialmente a mesma linguagem, mas aplicou-a a Adão antes da queda e não a Cristo. "Não havia princípios corruptos no primeiro Adão, nem corrompidas propensões e tendências para o mal. Adão era irrepreensível como os anjos diante do trono de Deus."³² E na citação precedente, também posta em paralelo com o texto de Winslow, Ellen White escreveu sobre Cristo: "Aqui a provação de Cristo foi muito maior do que a de Adão e Eva, pois Ele assumiu nossa natureza, decaída mas não corrompida, e que não se perverteria a menos que Ele aceitasse as palavras de Satanás em lugar das palavras de Deus."³³

É verdade que Ellen White usou palavras e expressões de outros teólogos. Mas isso necessariamente não implica que ela as utilizou para dizer as mesmas coisas. Assim, por exemplo, Winslow afirmou que "a exposição de nosso Senhor à tentação e Sua conseqüente capacidade de resistir às suas solicitações, tem o fundamento em Sua perfeita humanidade."³⁴ Ellen White empregou a mesma expressão desta maneira: "A perfeita humanidade de Cristo é a mesma que o homem pode possuir através da ligação com Ele."³⁵ Em outras palavras, enquanto Winslow aplica a expressão à natureza humana de Cristo, herdada desde o nascimento, Ellen White diz que podemos ter a mesma "perfeita humanidade" que Ele possuía.

Com relação ao argumento de Melville de que Cristo tinha apenas "simples fraquezas", é importante destacar que uma pesquisa do CD-ROM de Ellen G. White indica que ela nunca empregou tal expressão. Certamente EGW fez múltiplas menções das "fraquezas" que Cristo suportou, mas nunca as qualificou como "simples". Contrariamente, ela repetidamente fala que "Cristo tomou sobre si as fraquezas da humanidade degenerada". ³⁶ Ou que "Cristo suportou os pecados e fraquezas da raça como eles existiam quando Ele veio à Terra para socorrer o homem." Assim, não é suficiente comparar palavras e expressões; seu uso também precisa ser verificado.

D. A. Delafield Confirma a Cristologia de Ellen White

O terceiro documento contido nos registros da IV Reunião procedeu da pena de D. A. Delafield, um dos decanos do Patrimônio White. Como secretário-associado, ele era mundialmente conhecido por seus seminários sobre o Espírito de Profecia e pelos numerosos artigos abordando vários aspectos dos escritos de Ellen White. Na Europa, ele e sua esposa são especialmente lembrados em razão do ano em que passaram ensinando sobre o Espírito de Profecia nas igrejas, e por causa de seu livro tratando das visitas de Ellen White a diferentes países europeus.³⁸

O estudo preparado para Williamsburg trouxe o seguinte título: *The Credentials of the True Prophet* (As Credenciais do Verdadeiro Profeta). Entre essas credenciais Delafield citou I João 4:1-3, que ele considerava o selo do testemunho cristão. De acordo com ele, Ellen White fez da Cristologia seu tema permanente, conforme é indicado no *Index to the Writings of Ellen G. White* (Índice dos Escritos de Ellen G. White). Sob o verbete *Cristo* estão 87 páginas de referências, todas dedicadas a Cristo como encarnado e impecável, o qual morreu pelos pecados dos homens.³⁹

Delafield escreveu: "Sempre que estudarmos o assunto da Encarnação, deveríamos ter em mente o fato central: Jesus viveu vitoriosamente em carne humana real – carne decaída, mas não corrompida." Então, apoiando-se numa declaração de Ellen White, ele especificou: "Nosso Senhor foi tentado como o homem é tentado. Ele era capaz de ceder à tentação, como o são os seres humanos... Aqui, a provação de Cristo foi muito maior do que a de Adão e Eva, pois Ele tomou nossa natureza, decaída mas não corrompida, e que não seria corrompida a menos que Ele aceitasse as palavras de Satanás em lugar das palavras de Deus." 41

Delafield sublinhou o fato de que Cristo era "caído mas não corrompido", citando a carta a

Baker: "Nunca, de modo algum, deixai a mais leve impressão sobre mentes humanas de que uma mancha ou inclinação para a corrupção existiam em Cristo, ou que Ele de alguma maneira cedeu à corrupção... Que cada ser humano seja advertido sobre fazer Cristo totalmente humano, tal como qualquer um de nós; pois isso não pode ser." (The SDA Bible Commentary, vol. 5, págs. 1128, 1129)."⁴²

Para Delafield, "Jesus realizou o que nenhum outro ser humano fez antes dEle: viver uma vida sem pecado, sem mancha e incorruptível em Sua carne humana... Mesmo Seus inimigos reconheciam-Lhe a inocência. Pilatos (Lucas 23:14); sua esposa (Mat. 27:19) e também os próprios demônios (Marcos 1:24) O declararam 'o Santo de Deus'".⁴³

Delafield concluiu com uma citação de Ellen White: "Ele enfrentou todas as tentações com que Adão foi assaltado, e as venceu porque, em Sua humanidade, Se apoiava no poder divino... A vida de Cristo é uma revelação do que os decaídos seres humanos podem tornar-se através da união e companheirismo com a natureza divina' (The Faith I Live By, Fé Pela Qual Eu Vivo, pág. 219)."⁴⁴ Delafield expressou sua convicção de que essa era a Cristologia dos pioneiros da Igreja Adventista.

George R. Knight Confirma a Cristologia dos Pioneiros

Dentre as declarações sobre a história da Cristologia Adventista, as de George R. Knight são especialmente valiosas. Professor de História da Igreja na Andrews University, Michigan, Knight é claro em sua opinião objetiva sobre a crença adventista acerca da natureza humana de Cristo, desde o início do movimento. A maioria de suas obras é dedicada aos vários aspectos da história da Igreja Adventista. 45

O que o levou a escrever sobre a natureza humana de Cristo originou-se do caso de A. T. Jones. Um capítulo completo é dedicado a detalhada análise do ensino de Jones quanto à natureza de Cristo. São de interesse especial, porém, as observações de Knight sobre a história da Cristologia Adventista em geral. Ele acentuou que "Waggoner, Jones e Prescott... desenvolveram o conceito de que Cristo era exatamente como qualquer outro filho de Adão – incluindo a tendência para pecar –, na característica central de sua doutrina da justiça pela fé." 47

Mas, observou ele que "seu ponto de vista sobre a natureza de Cristo não criou controvérsias no adventismo da década de 1890. A opinião era geralmente aceita como um ponto teológico não litigioso. Isso tudo mudaria na década de 1950, quando se tornaria o tema teológico para muitos adventistas sobre ambos os lados da questão."⁴⁸

"M. L. Andreasen, um dos principais teólogos denominacionais dos anos 50, sustentava que a doutrina da natureza pecaminosa de Cristo é um dos 'pilares fundamentais' do adventismo. Mudar essa posição, atestou ele, não foi apenas abandonar o adventismo histórico, mas também abjurar a crença nos testemunhos de Ellen White. Muitos têm seguido esse caminho. Outros, na igreja, crêem que uma fé adequada em Cristo precisa reconhecer que Ele foi diferente dos outros seres humanos em suas tendências para o pecado. Por 30 anos o adventismo tem vivido uma guerra de palavras sobre o tópico."⁴⁹

"A natureza de Cristo não era um ponto divisivo nos círculos adventistas até os anos 50. Até esse tempo os escritores denominacionais haviam estado em harmonia com Jones, Waggoner e Prescott, acerca de ter Cristo vindo em carne humana a qual detinha, como a do decaído Adão, todas as tendências da humanidade para pecar." ⁵⁰

De acordo com Knight, dois fatores motivaram a mudança teológica no anos 50. Um deles foi a descoberta, em 1955, da carta de Ellen White a W. L. H. Baker. Outro foi a sensibilidade de alguns líderes da igreja "à crítica de certos evangélicos de que a Cristologia de 'tendências pecaminosas' dos adventistas era inadequada." ⁵¹

Porém, afirmou Knight, havia uma profusão de declarações de Ellen White afirmando que Cristo "tomou sobre Si nossa pecaminosa natureza", ou "que Ele tomou sobre Si próprio a decaída e sofredora natureza humana, degradada e poluída pelo pecado". E acrescenta o autor: "Essas não

foram afirmações isoladas." No mesmo ano da carta a Baker, ela escreveu que "Cristo assumiu a natureza humana decaída." ⁵²

Por fim, Knight asseverou: "Não há a mais leve dúvida de que Ellen White cria que Cristo assumiu a natureza humana decaída e pecaminosa na Encarnação. O que quer que ela consistisse, todavia, fica claro que não estavam incluíadas as más propensões para o pecado — 'os cardos e as roseiras bravas' do egoísmo, do amor próprio e assim por diante."⁵³

Não é fácil averiguar o ponto de vista de Knight sobre o assunto. Sua análise objetiva como historiador confirma, todavia, o que os defensores da Cristologia histórica sempre afirmaram. O objetivo de seu livro não foi dizer o que ele próprio cria, mas atestar o que os adventistas crêem e explicar como ocorreu a mudança radical em sua Cristologia nos anos 50.

Uma Exposição Bíblica no Nisto Cremos

Durante a sessão da Conferência Geral de 1980 foi preparada uma nova declaração de crenças. Muitas vezes, desde a primeira declaração de fé em 1872, os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia compreenderam a necessidade de reafirmar suas crenças fundamentais, de forma a torná-las cada vez mais claras. Para esse fim, a Associação Ministerial da Conferência Geral tomou a iniciativa de preparar "uma exposição bíblica das 27 doutrinas fundamentais dos adventistas do sétimo dia"⁵⁴, e pô-las num livro que veio à luz em 1988, e foi traduzido e distribuído em muitas das principais línguas do mundo.

Vários autores foram escolhidos para redigir os artigos, enquanto uma comissão de 194 membros escolhidos dentre as 10 divisões mundiais, foram comissionados a criticar cada capítulo. Uma comissão menor, composta de 27 líderes da igreja, teólogos e pastores, reuniram-se regularmente para supervisionar a preparação da obra.⁵⁵

Embora o livro parecesse ser uma declaração oficial, os editores tomaram o cuidado de enfatizar: "Enquanto esse volume não for oficialmente votado – e somente a Conferência Geral em sessão mundial pode realizar isso – ele pode ser visto como representante da 'verdade ... em Jesus' (Efés. 4:21), que os adventistas do sétimo dia ao redor do mundo estimam e proclamam." ⁵⁶

Por causa das diferenças de opinião, a declaração votada na sessão da Conferência Geral de 1980 evitou definir a natureza humana de Cristo de maneira precisa. Ela meramente afirmou que Jesus era "Deus verdadeira e eternamente" e "verdadeiramente homem". "Ele foi concebido do Espírito Santo e nascido da virgem Maria. Viveu e sofreu tentações como um ser humano, mas exemplificou perfeitamente a justiça e o amor de Deus." ⁵⁷

A referida sessão apurou, todavia, que no capítulo 4 do *Nisto Cremos* não faltaram detalhes precisos com referência aos vários aspectos da Cristologia. Em particular, a natureza humana de Cristo foi ali desenvolvida de maneira sistemática a partir de textos bíblicos. Jesus foi apresentado como "verdadeiramente homem". Ele podia reivindicar verdadeira humanidade através de Sua mãe"; "durante Sua juventude Ele esteve sujeito a Seus pais (Lucas 2:51)"; "o nome Filho do homem enfatiza Sua solidariedade com a raça humana mediante a Encarnação." ⁵⁹

A questão controversa foi claramente colocada: "Em que extensão Ele [Cristo] Se identificou com ou tornou-Se idêntico à decaída humanidade? Um correto ponto de vista sobre a expressão 'à semelhança de carne pecaminosa', ou homem pecaminoso, é crucial. Opiniões inexatas têm promovido discussão e contenda através da história da igreja cristã."⁶⁰

O capítulo usa expressões típicas do ensino tradicional da Igreja Adventista: "Ele revestiu Sua divindade da humanidade; tornou-Se em 'semelhança de carne pecaminosa', 'natureza humana pecaminosa' ou 'natureza humana decaída' (cf. Rom. 8:3) Isso de nenhum modo indica que Jesus foi pecaminoso ou participou de atos ou pensamentos pecaminosos. Embora em forma ou semelhança de carne pecaminosa, Ele foi sem pecado e Sua inocência está fora de questão." ⁶¹

A natureza humana de Jesus não foi identificada com a de Adão antes da queda. "Cristo tomou a natureza humana que, comparada com a natureza não decaída de Adão, decresceu em força física e mental, embora Ele nunca houvesse pecado. Quando Cristo assumiu a natureza

humana que portava as conseqüências do pecado, tornou-Se objeto de fraquezas e inclinações que todos experimentam. Sua natureza humana estava 'assolada por fraquezas'ou 'cercada de debilidades' (Heb. 5:2; Mat. 8:17; Isa. 53:4)."⁶²

Com referência às declarações do bispo anglicano Henry Melvill, afirmou-se: "A humanidade de Cristo não era a adâmica, isto é, a humanidade de Adão antes da queda; nem a humanidade decaída, ou seja, em cada aspecto da humanidade de Adão pós-queda. Não era a adâmica porque ela possuía as simples fraquezas da decaída. Não era a decaída porque ela nunca havia descido à impureza moral. Ela era, portanto, mais literalmente a nossa humanidade, mas sem pecado." 65

Finalmente, com referência ao problema da tentação, "o modo como enfrentou a tentação prova que Ele era verdadeiramente humano. Que Cristo fosse 'tentado em todos os pontos como nós' (Heb. 4:15), mostra que Ele era participante da natureza humana. Tentação e a possibilidade de pecar eram reais para Cristo. Se Ele não pudesse pecar, não teria sido humano e nem poderia ser nosso exemplo. Cristo assumiu a natureza humana com todos os seus riscos, incluindo a possibilidade de ceder à tentação."⁶⁴

Para realçar a realidade das tentações a que Cristo estava sujeito, dois teólogos bem conhecidos foram citados. "Concordamos com Philip Schaff, que disse: 'Houvesse Ele sido dotado desde o início de absoluta impecabilidade, ou com a impossibilidade de pecar, e não poderia ter sido um homem real, nem nosso modelo para imitação; Sua santidade, em lugar de ser um feito auto-adquirido ou de mérito próprio, teria sido acidental ou dom exterior, e Suas tentações um show fantasioso.' Karl Ullmann acrescenta: 'A história da tentação, conquanto possa ser explicada, não teria significado; e a expressão na epístola aos Hebreus: 'foi tentado em todas os pontos como nós', seria sem sentido.'" 65

Segundo essas declarações, alguém só pode ficar espantado ao ler que "a natureza humana de Cristo tenha sido retratada como impecável"; que "Jesus Cristo tomou sobre Si nossa natureza com todos os seus riscos, mas que Ele estava livre da corrupção hereditária ou degradação e do pecado." Ou que "Jesus não possuía más propensões ou inclinações, ou mesmo paixões pecaminosas."

Certamente Cristo nada teve desse tipo. Ele nos deu "o exemplo de uma vida sem pecado". 67 Mas isso foi realizado em a "natureza humana decaída" 68 sujeita à "operação da grande lei da hereditariedade." 69 Mesmo que não tivesse más inclinações, "Ele sabia quão fortes eram as inclinações do coração natural." 70 E por que falar, como Melvill, de "simples fraquezas", quando Ellen White declara que "Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada"? 71

De qualquer modo, em outros aspectos a Cristologia apresentada no *Nisto Cremos* confirma a posição pós-queda. Portanto, limitando a hereditariedade de Cristo apenas às conseqüências físicas – a "simples fraquezas"⁷² – os autores se afastaram da posição tradicional num ponto muito importante. Assim fazendo, o *Nisto Cremos* estabeleceu uma interpretação intermediária sobre a natureza humana de Cristo, a qual Roy Adams tentou divulgar por meio de seus artigos na *Adventist Review* e no livro *The Nature of Christ: Help for a Church Divided Over Perfection* (A Natureza de Cristo: Auxílio a uma Igreja Dividida Sobre a Perfeição).

Roy Adams Busca Reacender o Debate

Depois dos debates dos anos oitenta, a Adventist Review publicou uma série de seis artigos de autoria de Norman R. Gulley sob títulos como "Model or Substitute, Does it Matter How We See Jesus?" (Modelo ou Substituto: Importa Como Nós Vemos a Jesus)?" e "Pressing Together". Esses artigos incluíam alguns conceitos próprios de Gulley, tais como "Jesus tornou-se pecado por nós vicariamente"; "Jesus não experimentou tentações como as nossas, porque Sua natureza era diferente da nossa"; e Ellen White "via a missão de Cristo em duas dimensões. Ela fala de uma dimensão pré e de uma dimensão pós-queda."⁷³

Na primavera de 1990, Roy Adams, editor-associado da *Review*, reacendeu o debate ao publicar três editoriais sobre se Cristo era como Adão (antes da queda) ou como os pecadores. Esses

artigos tiveram como título: "Como Adão ou Como Nós?"⁷⁴ Adams cita Ellen White: "Quando quisermos um profundo problema para estudar, fixemos nossas mentes sobre o mais maravilhoso fato que teve lugar na Terra ou no Céu – a encarnação do Filho de Deus."⁷⁵ "Essa é a doutrina central da fé cristã." E acrescenta: "Sem ela todo o cânon das Escrituras se torna um documento sem significado, um **absurdo**."⁷⁶

"O problema que enfrentamos aqui é semelhante àquele encarado por nossos pioneiros cristãos nos primeiros séculos – a falta de uma definida declaração na Escritura. Essa é a razão por que os adventistas se têm apoiado tão maciçamente nos escritos de Ellen White sobre essa questão."⁷⁷

Adams mostrou que Ellen White afirma peremptoriamente, por um lado, que Cristo era semelhante a nós em todas as coisas, e por outro, que Ele era, ao mesmo tempo, "diferente de nós". A dificuldade jaz na aparente contradição: "Se Cristo, de fato, tornou-Se humano, como foi Ele capaz de contornar a infecção universal do pecado?"⁷⁸

Para explicar esse paradoxo, Adams apelou para Henry Melvill, o ministro anglicano que afirmava que os dois resultados essenciais da queda foram (1) "simples fraquezas" e (2) "propensões pecaminosas" Agora, concordando com Melvill, "antes da queda, Adão não possuía 'simples fraquezas', nem 'propensões pecaminosas'. Somos nascidos com ambas, e ... Cristo tomou as primeiras, mas não as segundas". ⁷⁹ Adams concluiu, como Melvill, que "o encarnado Cristo não era nem como Adão antes da queda, nem como nós. Ele era sem igual." ⁸⁰

Essa é a solução proposta por Adams em seu livro (publicado em 1994) sobre a natureza de Cristo.⁸¹ Tendo criticado a Cristologia de alguns "*irmãos rebelados*" da herança de Jones e Waggoner, bem como a enérgica reação de Andreasen contra a nova teologia, ele desenvolveu as idéias contidas em seus editoriais.⁸³ Em particular, Adams recunhou em detalhes a explanação de Melvill. E, como Tim Poirier, considerou que Ellen White, por ter usado as mesmas expressões, deve-lhes ter dado o mesmo significado.⁸⁴

Como outros antes dele, Adams justificou seu ponto de vista citando extensivamente a carta de Ellen White a Baker. Posteriormente, revelou que sua interpretação corresponde àquela de seus professores de teologia.⁸⁵

Reconhecemos que a interpretação de Roy Adams representa positivamente a postura mantida por grande parte dos adventistas hoje. Todavia, seria errôneo concluir que esse ponto de vista é partilhado pela maioria na Igreja Adventista espalhada pelo mundo.

A Situação Européia

Como já referimos⁸⁶, até o início da década de 50 a Cristologia adventista nos países da Divisão Sul-européia estava em linha com os ensinos da igreja em geral. Desde então, a despeito da importância dada ao problema da natureza humana de Cristo na literatura dos adventistas de fala inglesa, nenhuma controvérsia havia ainda emergido desse lado do Atlântico. Afora alguns poucos especialistas, não muitos adventistas se entregaram à leitura de livros de teologia em inglês. Além disso, os especialistas que tomaram interesse nas sutilezas do problema em questão foram mesmo escassos. Em 1969, o editor da *Revue Adventiste*, Jean Caseaux, foi o primeiro a publicar os princípios da nova teologia.⁸⁷

Alfred Valcher, o pai dos teólogos adventistas de fala francesa,⁸⁸ também dedicou um artigo sobre "A Dupla Natureza Divino-Humana de Cristo", no qual analisou as várias tendências do pensamento na Igreja Adventista.⁸⁹ A única observação pessoal expressa neste artigo concernia à palavra "semelhança", que para ele não era "sinônima de identidade". "E se alguém sustenta que Jesus assumiu uma natureza pecaminosa, isso significa unicamente que Ele aceitou a realidade da tentação e a possibilidade de pecar." A questão de saber se Cristo tinha a natureza de Adão antes ou depois da queda não parece preocupar Vaucher. Em sua magistral obra, Histoire du Salud (História da Salvação), ele se satisfez em afirmar a simples realidade de Sua humanidade e Suas tentações. ⁹¹

É difícil determinar exatamente quando a nova teologia se tornou conhecida dos pastores e membros da igreja na Europa. No ensino ministrado no Seminário Adventista de Collonges, onde pastores de muitos países são treinados, são duas linhas de pensamento foram apresentadas por professores como: Raoul Dederen, até ele se transferir para a Andrews University, em 1963; Georges Stéveny, de 1967 a 1980; e eu, de 1960 a 1970, e de 1985 a 1998.

Quando contatado recentemente, Raoul Dederen assegurou-me que seu pontos de vista sobre a natureza humana de Cristo eram, em substância, exatamente os mesmos defendidos por Edward Heppenstall. Em outras palavras, Cristo tomou a natureza de Adão após a queda, mas sem participação nas tendências naturais para o mal – uma carne semelhante a do pecado, mas não idêntica. Quanto às opiniões de Georges Stéveny, temo-las por escrito e bem detalhadas, graças a seu recente livro *A La Découverte du Christ* (A Descoberta de Cristo). Se seu recente livro *A La Découverte du Christ* (A Descoberta de Cristo).

Georges Stéveny, "Na Esteira dos Pioneiros"

Georges Stéveny estudou teologia no Seminário Adventista de Collonges-sous-Salève e recebeu seu diploma de pós-graduação em filosofia na Universidade de Genebra. Depois de muitos anos lecionando, ele serviu a Igreja Adventista por 18 anos como pastor-evangelista na França e na Bélgica. Brilhante orador, Stéveny fascinou muitas vezes grandes auditórios com seus argumentos filosóficos e bíblicos. Chamado para ser professor de teologia no Seminário Adventista de Collonges-sous-Salève em 1967, foi ele posteriormente guindado à liderança da instituição, de 1970 a 1980. Deu continuidade a seu ministério como presidente da Associação Franco-Suíça e secretário geral da Divisão Euro-Africana dos Adventistas do Sétimo Dia, de 1985 a 1990.

Embora houvesse escrito muitos artigos e auxiliado na edição de muitas obras publicadas, teve ele de esperar até sua aposentadoria para escrever *A La Découverte du Christ*, que representou a colheita do conhecimento e das meditações espirituais de toda a sua vida. Esses foram apresentados em forma de uma Cristologia de dois níveis. Primeiramente como a "*Baixa Cristologia*", arraigada na história que nos capacita a descobrir Cristo em Sua vida terrena. Então, num segundo nível, a "*Alta Cristologia*", que era a revelação do Cristo de nossa fé. Essa parte de sua obra é de particular interesse porque trata diretamente da Encarnação, suas implicações e conseqüências.⁹⁶

O método seguido é a apresentação da exegese sistemática para cada texto cristológico, começando com o *Prólogo* do evangelho de João, seguido por passagens-chaves das epístolas de Paulo. Essa é uma Cristologia inteiramente baseada no estudo da revelação bíblica. O estudo leva o leitor através da demonstração de que "*Jesus era Deus antes de Sua encarnação*", e "permaneceu inevitavelmente Deus acima de Sua humilhação." "Mas em Cristo, o próprio Deus habitou conosco. Ele Se fez homem, o segundo e último Adão. Surge, porém, uma questão, indubitavelmente delicada, mas legítima: Quão identificado conosco realmente estava Jesus? Tomou Ele a natureza de Adão antes ou após da queda?" ⁹⁸

Georges Stéveny rejeitou categoricamente a noção de que Cristo possuía a natureza de Adão antes da queda. A expressão paulina "em semelhança (similitude) de carne pecaminosa" não poderia ser atribuída a Adão antes da queda. Mas, "não é suficiente denunciar a diferença entre as duas situações experimentadas pelos dois Adões, o que é totalmente óbvio. O que precisamos reconhecer é que eles não viveram na mesma carne nem na mesma natureza." 99

"Dizer que Jesus viveu na carne semelhante à de Adão antes da queda é, portanto, discordar da divina revelação. Mas seria outro erro dizer que Ele era idêntico a Adão após a queda. Prendemo-nos a falsas opções ao querermos definir a natureza de Jesus simplesmente em relação a Adão, antes ou depois da queda. Uma enorme e essencial diferença que distingue Jesus do homem, o qual se tornou ontologicamente separado de Deus." Jesus não era apenas Deus; não era apenas homem. Cristo ocupou uma posição diferente, uma nova posição, no começo de uma nova era." 101

Mas, então, "qual é exatamente a carne de Cristo e quais as Suas inclinações interiores?

Até onde vai Sua identificação conosco?" Para renovar a condição humana, tinha Ele de assumi-la inteiramente. Uma mera semelhança externa não está em harmonia com a declaração de Paulo, de que Deus enviou Seu Filho em "semelhança de carne pecaminosa" (Rom. 8:3). "Foi na carne que Deus condenou o pecado por Jesus Cristo. A demonstração do apóstolo Paulo é válida apenas para uma condição formal, para dar a conhecer que Jesus resistiu sob as mesmas condições que as nossas. Não admitir isso é dizer que toda a argumentação é falha e a conclusão inaceitável: '... para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.' (Rom. 8:4)" (

"Se Jesus não houvesse enfrentado a tentação sob as mesmas condições que as nossas", assevera Stéveny, "a luta seria desigual e Seu exemplo impróprio." Mas o poder do Espírito, através de quem Cristo condenou o pecado na carne, é oferecido a todos os que O recebem pela fé. Conseqüentemente, "graças a Jesus Cristo o Espírito Santo desenvolve em nosso favor o mesmo ministério que Ele cumpriu em favor do Filho de Deus. Nisso repousa um aspecto essencial do evangelho... Quão confortador é saber que a humanidade, comprometida por Adão, seu líder, pode ser regenerada por Jesus Cristo, em Quem todas as coisas são feitas novas." 105

William G. Johnsson Tenta Harmonizar

Numa série de cinco editoriais publicados na Adventist Review, William G. Johnsson, editor-chefe, tentou amainar a discussão sobre a natureza de Cristo em seus artigos "Nosso Incomparável Salvador". 106 "Meu propósito nesses editoriais não é tentar provar que um lado está certo e o outro errado. Espero reconciliar-nos apresentando fielmente as preocupações de cada lado e mostrando quanto temos em comum, a despeito de tudo. Não espero mudar as mentes; desejo apelar para a sabedoria e o bom senso de nosso povo, em quem deposito grande confiança." 107

Tendo salientado que os adventistas confessam a completa e eterna divindade de Jesus Cristo, Johnsson enfatizou que Sua humanidade é igualmente vital. Mas é precisamente aí que jaz o pomo da discórdia entre os adventistas contemporâneos. Johnsson recapitulou objetivamente ambos os pontos de vista e então perguntou: "O que a Bíblia nos diz sobre a humanidade de Jesus?" A resposta foi exatamente aquela dada em seu livro sobre a epístola aos Hebreus. 109 "O silêncio do Novo Testamento sobre esse específico ponto de debate é ensurdecedor. A meu ver nós, como igreja, somos prudentes em não tentar definir em nossas crenças fundamentais a natureza humana de Cristo, mais detidamente do que o faz a Escritura." 110

"Mas o que Ellen White nos diz acerca de Jesus?"¹¹¹, Johnsson pergunta. Ela enfatizou Sua divindade tanto quanto Sua humanidade e a miraculosa unidade entre ambas. "Ele padeceu tristezas, sofrimento e tentação; Suas provações foram reais — Ele Se arriscou ao fracasso e à perda eterna. Porém, em meio a tudo isso, Ele Se manteve perfeitamente impecável; Ele é nosso incomparável Salvador."¹¹²

Se Ellen White nos estimulou a estudarmos a humanidade de Jesus, também se esforçou para nos relembrar que devemos fazer isso com extremo cuidado: "Sejam cuidadosos, extremamente cuidadosos quando tratando da natureza humana de Cristo." Mas o que ela disse sobre Sua natureza? Era a de Adão antes ou depois da queda? Para saber disso "precisamos atentar para o que ela escreveu e não escreveu a respeito". 113

Ellen White, que fez múltiplas referências aos "fundamentos" ou "pilares" da mensagem adventista, nunca mencionou a natureza humana de Cristo como sendo um deles. Ademais, é fácil descobrir declarações dela para apoiar cada ponto de vista. De fato, notou Johnsson, Ellen White afirmou que "conquanto Jesus Se tenha tornado verdadeiramente humano e passado por nossas experiências, Ele era diferente de nós em aspectos-chave. Cristo era Deus-Homem e não participou de nossas paixões, inclinação para o mal e propensões para pecar. Ele era semelhante a nós e todavia diferente de nós. Somente tendo esses dois fatos em mente podemos fazer justiça a ela." 114

Com frequência, observou Johnsson, os argumentos não tocam no problema real – a natureza do pecado. "A questão por trás da questão é o conceito de pecado. Aqueles que pretendem

compreender mais claramente a natureza humana de Cristo, conseguiriam mais se parassem de debater se Jesus veio em natureza humana pré ou pós-queda, e despendessem tempo buscando saber o que a Bíblia diz a respeito do pecado."115

Johnsson sustentava que a Bíblia não restringe a definição de pecado à transgressão da lei. "Em penetrante análise, Paulo descreve o pecado como uma força, um princípio inato, um estado – 'o pecado habita em mim' (Rom. 7:14-20). Assim não somente nossos atos são pecaminosos; nossa própria natureza está em guerra contra Deus." 116

"Possuía Jesus tal natureza? Não. Se assim fosse, Ele teria necessidade de um Salvador. Ele não possuía propensão para o mal; nenhuma deformação em Sua natureza moral que O predispusesse à tentação. Ele é o único totalmente sem pecado – em ações e também em Seu ser interior. Ele é 'santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores' (Heb. 7:26)."¹¹⁷ "Mas eu necessito de um Salvador que é diferente, alguém que não participa do problema do pecado, que não necessita Ele próprio de um salvador. E meu Salvador deve não apenas estar livre da mancha do pecado, mas também ser o próprio Deus! Somente Deus pode remover meus pecados."¹¹⁸

O esforço de Johnsson para resolver o problema é, sem dúvida, digno de louvor. Inquestionavelmente, o primeiro passo para a solução jaz na definição bíblica do conceito de pecado. As aparentes contradições entre a decaída, sofredora e degradada natureza humana que Cristo assumiu, e a pura, santa e impecável natureza que todos Lhe atribuem, não encontrarão de outro modo uma explicação capaz de reconciliar dois pontos de vista radicalmente opostos.

Entretanto, para alcançar esse propósito, não é suficiente declarar o que Cristo é ou não é.¹¹⁹ Cada adventista crê que Jesus era impecável, que Ele não tem em Si más propensões, e que somente poderia ser nosso salvador nesse estado. Precisa ser explicado como Ele pôde ser tentado em todas as coisas como nós, em carne semelhante à carne pecaminosa, sem cometer pecado. Essa é a verdadeira essência do problema. Mas quando o impasse é resolvido, Cristo surge mais efetivamente como nosso incomparável Salvador.

Jack Sequeira e o Problema do Pecado

Em seu livro *Beyond Belief*, ¹²⁰ Jack Sequeira busca a solução para o problema da natureza humana de Cristo na definição bíblica de pecado. Como sugerido no título, o autor pretende conduzir seus leitores "além da crença", para "a promessa, o poder e a realidade do evangelho eterno".

Sequeira está mais interessado em Soteriologia do que em Cristologia; ele busca colocar "o plano da salvação sob uma nova luz". ¹²¹ Mas, uma vez que não se pode falar da obra de Cristo sem falar de Sua pessoa, Sequeira é compelido a tomar posição sobre a natureza humana de Cristo e a natureza do pecado. Para ele, "o evangelho é a solução de Deus para o problema do pecado. Assim, é importante principiar nosso estudo do evangelho compreendendo o pecado. Amiudadamente tentamos compreender a solução que Deus nos preparou em Cristo (o evangelho), sem primeiro reconhecer a plena extensão do problema... Unicamente quando compreendermos nossa completa pecaminosidade em natureza e ação, entenderemos a solução de Deus. Até percebermos a depravada natureza do pecado, não perderemos nossa confiança própria nem tornaremos para Cristo como nossa única justiça. O evangelho torna-se significativo, então, unicamente contra o pano de fundo de uma plena compreensão do pecado." ¹²²

Sequeira então traça a origem e o desenvolvimento do pecado. "Como descendentes de Adão e Eva, somos todos escravos do pecado. Nascemos egoístas e nossa inclinação natural é viver independentemente de Deus (ver João 8:34; Rom. 1:20-23; 6:17)."¹²³ O Velho Testamento se vale de uma dúzia de diferentes termos para pecado. Mas no Salmo 51:2 e 3, descobrimos conceitos básicos expressos em três palavras-chave: iniqüidade, pecado e transgressão. "a.) Iniqüidade. Ela não se refere primariamente ao ato do pecado, mas à condição de pecaminosidade; por natureza, somos espiritualmente 'inclinados' (ver Sal.51:5; Isa.53:6; 64:6). b.) Pecado. Literalmente 'perder a marca'. Isso se refere ao nosso fracasso em alcançar o ideal de Deus (ver Rom. 3:23; 7:15-24; Isa. 1:4-6). c.) Transgressão. Ela é uma deliberada violação da Lei de Deus, um ato espontâneo de

desobediência (ver I João 3:4; Rom. 7:7-13)."124

Comentando Isaías 53:6, Sequeira escreve: "Primeiro, cada um de nós se desviou porque todos seguimos a inclinação natural para o 'próprio caminho'. Segundo, esse pendor de seguir nosso próprio caminho, essa auto-centralização, é a iniquidade que foi posta sobre Cristo, nosso Portador de pecados. Quando Ele 'condenou o pecado na carne' sobre a cruz (Rom. 8:3), foi a inclinação para o pecado que Ele sentenciou." Deus enviou Seu Filho em carne pecaminosa, não para provar a Seus filhos que eles poderiam igualmente obedecer a lei de Deus ou para servir como um exemplo para eles, mas para libertá-los do pecado. "No próprio centro da doutrina da Cristologia está a gloriosa verdade de que Cristo assumiu a humanidade para poder ser o Salvador do mundo. Unicamente àqueles que primeiramente o receberam como Salvador, tornou-Se Ele um Exemplo." 126

Tendo explicado o porquê da Encarnação, Sequeira também considerou o como. "Como Cristo salvou o gênero humano em Sua humanidade? "Isso se deu vicariamente com Cristo agindo no lugar da raça humana, ou realmente, isto é, com Cristo assumindo a decaída natureza da humanidade?" Sequeira opta pela última, rejeitando a idéia da substituição vicária, a qual diz ele "tornar o evangelho antiético". Que um homem inocente pudesse morrer em lugar de um culpado é inaceitável. Ademais, isso reduz mui facilmente o evangelho a "graça barata". ¹²⁷

De acordo com Sequeira, "Cristo, em Sua humanidade, salvou os homens e as mulheres em realidade e não vicariamente. Os defensores dessa posição ensinam que Cristo tomou a natureza que Adão possuía após a queda. Argumentam eles que uma vez que Cristo veio para salvar a decaída humanidade, Ele tinha de assumir a natureza humana pecaminosa que necessitava de redenção. Identificando-Se assim com nossa coletiva humanidade degenerada, Cristo qualificou-Se a ser o segundo Adão e legalmente obteve o direito de ser nosso Substituto." 128

Para Sequeira isso não significa que Cristo em Sua humanidade teria sido exatamente como nós em nossa caída humanidade. Certamente, "a Escritura ensina que Cristo realmente assumiu nossa condenada natureza humana pecaminosa como nós a conhecemos. Mas Ele derrotou completamente "a lei do pecado e da morte"(Rom. 8:2) que habitava nessa natureza humana pecaminosa, e então a executou na cruz. Houvesse Cristo consentido, mesmo por um pensamento, com os pecaminosos desejos da natureza que Ele assumiu, então Se teria tornado um pecador com necessidade, Ele próprio, de um salvador. Eis por que, lidando com a natureza humana de Cristo, devemos ser extremamente cautelosos para não induzir Sua mente ou escolha ao pecado ou dizer que Ele 'teve' uma natureza pecadora."129

Com respeito ao problema do pecado, Sequeira enfatiza que não deveríamos ir além do que a Escritura diz. "Não devemos ensinar que em Adão toda a humanidade herdou a culpa. Esta é a heresia do 'pecado original' introduzida por Agostinho e adotada pela Igreja Católica Romana. Culpa, em sentido legal, sempre inclui volição pessoal ou responsabilidade e Deus não nos torna pessoalmente responsáveis por algo pelo qual não tivemos escolha. Somente quando pessoal, conscienciosa, deliberada, persistente e definitivamente rejeitamos o dom da vida eterna em Cristo, a culpa, a responsabilidade e a segunda morte tornam-se nossas (ver João 3:18, 36; Marcos 16:1; Hebreus 2:1-4; 10:14, 26-29)."¹³⁰

A Cristologia de Sequeira é apenas um fundamento de sua teologia com respeito a como os pecadores são salvos "*em Cristo*". Sua posição intransigente contra a expiação substitutiva tem-se provado controversa, mas ele claramente assume postura favorável à Cristologia tradicional, baseando seus argumentos na Escritura e não em Ellen White.

A Derradeira Declaração de Ellen White Sobre a Natureza Humana de Cristo

Começamos este estudo histórico focalizando 150 anos de Cristologia, com a primeira declaração de Ellen White. Daremos o toque final a essa história com uma de suas últimas afirmações. Essa intrigante manifestação foi descoberta apenas recentemente e trata com a parte

mais controversa do assunto: se Cristo estava sujeito a todas as "más tendências" da humanidade ou se Ele era isento delas.

Nossa pesquisa confirma a de George Knight, que afirma que Ellen White nunca usou a expressão "tendências pecaminosas" em relação à natureza humana de Cristo. De acordo com Knight, isso fazia parte dos "ensinos de Prescott, Waggoner e Jones sobre as tendências da natureza humana de Cristo", que "permeavam o clima adventista em meados da década de 1890". Mas a recém descoberta carta levanta a questão sobre se ela realmente usou uma expressão tão forte.

A *Adventist Review* de 17 de fevereiro de 1994 anunciou que uma carta inédita de Ellen White havia sido descoberta recentemente.¹³² Escrita em 29 de agosto de 1903, em Elmshaven, Sta. Helena, Califórnia, essa carta foi dirigida ao Dr. J. H. Kellogg.¹³³ Parece que ela nunca foi enviada, como foi o caso com muitas outras retidas por Ellen White, enquanto aguardava para ver como a controvérsia com Kellogg se desenvolveria entre 1902 e 1908. Qualquer que seja a razão, essa carta, ou sua cópia, estava fora dos arquivos. O arquivista Tim Poirier descobriu-a totalmente por acaso em dezembro de 1993. Quando o anúncio da descoberta foi feito, o Patrimônio White ofereceu uma cópia a todos aqueles que desejassem tê-la.

Como a maioria das cartas de Ellen White, ela trata de vários assuntos de natureza prática. Mas um dos parágrafos tocou no assunto da humanidade de Cristo em termos particularmente significativos. Ao revisar a passagem na qual ela fala da natureza humana decaída assumida por Cristo, Ellen White fez várias alterações manuscritas no texto. Essas mudanças são apresentadas abaixo em negrito. Essa amostra de seu trabalho testifica de sua preocupação com a clareza sobre um ponto particularmente sensível e passível de mal-entendidos. Eis o parágrafo em questão:

"Quando Cristo, no início, anunciou à hoste celestial Sua missão e obra no mundo, declarou que estava para deixar Sua posição de dignidade e ocultar Sua santa missão assumindo a semelhança do homem, quando em realidade Ele era o Filho do infinito Deus. E quando chegasse a plenitude dos tempos, Ele desceria de Seu trono do alto comando, poria de lado Seu manto régio e coroa real, revestindo Sua divindade com a humanidade, vindo à Terra para exemplificar o que a humanidade deve fazer e ser para vencer o inimigo e assentar-se com o Pai em Seu trono. Vindo como o fez, como um homem, para enfrentar e estar sujeito a todas as más tendências das quais o homem é herdeiro, operando de toda maneira concebível para destruir Sua fé, consentiu em ser ferido pelas agências humasingiadesporsatrás, orebelequehasisido expleso do Cáu"

Esse texto tem paralelo com algo que Ellen White publicara no *Early Writings*. Ali ela usou, pela primeira vez, a expressão "natureza humana decaída" para descrever a natureza assumida por Cristo. Na declaração de 1903, desejou ser ainda mais precisa. De início ela escrevera: "Vindo como O fez, como um homem, com todas as más tendências das quais o homem é herdeiro, a Si mesmo tornou possível ser ferido pelas agências humanas inspiradas por Satanás." Isso pareceria ser um claro apoio a uma natureza humana sujeita a "todas as tendências más", às quais Cristo nunca cedeu.

Mas, evidentemente, Ellen White, ao reler o texto datilografado, sentiu que esse não era exatamente o pensamento que pretendia comunicar. Assim, adicionou duas frases manuscritas as quais foram negritadas no texto acima. Com o texto interlinear acrescentado, a passagem ficaria assim: "Vindo como fez, como um homem, para enfrentar e estar sujeito a todas as más tendências das quais o homem é herdeiro, operando de toda maneira concebível para destruir Sua fé, consentiu em ser ferido pelas agências humanas inspiradas por Satanás." Alguns diriam que essa revisão apresenta significativa mudança de sentido, fazendo parecer que as más tendências estavam em outras que foram formadas contra Cristo, embora isso seja discutível.

Ao publicar essa importante passagem, o editor da Adventist Review escreveu com propriedade: "Os estudantes dos escritos de Ellen White estarão interessados na sentença final desse parágrafo. Eles irão observar como ela estava preocupada em não ser mal compreendida e, ao ler o rascunho datilografado, fez mudanças de próprio punho para tornar mais claro o significado. Essa asserção tomará seu lugar entre muitas outras que ela escreveu sobre a natureza

humana de Cristo."136

Segundo Paul Gordon, então diretor do Patrimônio de Ellen G. White, "não é provável que qualquer nova carta mude significativamente a compreensão adventista de seus [Ellen White] ensinos. Temos já uma imensa coleção dos seus escritos em livros, cartas, diários e manuscritos, pela qual podemos estar confiantes em saber o que ela cria."¹³⁷

Nos parágrafos seguintes, Ellen White explicou o segredo da vitória de Cristo sobre as "más tendências". "Como Cabeça da humanidade, Cristo viveu na Terra uma vida consistente e perfeita, em conformidade com a vontade de Seu Pai celestial. Quando Ele deixou as cortes celestiais, anunciou a missão que Se propusera cumprir: 'Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito a Meu respeito: Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu.' Sempre supremo em Sua mente e coração estava o pensamento: 'Não a Minha humana vontade, mas a Tua vontade seja feita.' Esse era o infalível princípio que O movia em todas as Suas palavras e atos, e que moldou Seu caráter."¹³⁸

Desse modo, tendo vencido "todas as más tendências das quais o homem é herdeiro", Jesus Cristo, nosso Senhor, "deu-nos um exemplo do que homens e mulheres precisam ser, se escolherem ser Seus discípulos e mantiverem o princípio de sua confiança até o fim." Pois, "através de Sua experiência, durante os 33 anos que Ele viveu na Terra, Cristo foi assediado por todas as tentações com as quais a família humana é tentada; contudo, Ele Se manteve sem sequer uma mancha de pecado." 136

Tendo chegado ao fim de um estudo abrangendo 150 anos de Cristologia Adventista, nosso propósito é proceder a uma síntese do conhecimento obtido até aqui e lançar a base para avaliação das diferentes posições.

Em última análise, esperamos sugerir uma Cristologia que se harmonize com o ensino bíblico e reconciliar os diferentes pontos de vista.

Notas e Referências

- 1. Ralph Larson, The Word Was Made Flesh.
- 2. *Idem*, pág. 7.
- 3. Ibidem.
- 4. Idem, págs. 15-21.
- 5. Idem, págs. 22-28.
- 6. Idem, págs. 29-31.
- 7. Ver *O Ministério*, junho de 1989, para as duas revisões dos livros de Ralph Larson feitas por Herbert E. Douglas e Eric C. Webster.
- 8. Larson, págs. 224-264.
- 9. *Idem*, pág. 281.
- 10. Idem, págs. 297-300.
- 11. O Patrimônio ou Depositários de Ellen White foi criado pela própria escritora em 1912. Ele designou quatro depositários ou fideicomissários. Em 1950, o número cresceu para sete e, em 1958, para nove, um dos quais representava a América do Sul e outro a Europa. Fui honrado e designado para a Europa durante 20 anos, de 1970 a 1990.
- 12. Ver *Documents Available* (Documentos Disponíveis) do Patrimônio de Ellen G. White, Washington, D.C., maio de 1982. Essa brochura sugere que diversas publicações sejam preparadas para corrigir certas interpretações errôneas dos escritos de Ellen White: sobre o santuário, sobre o juízo investigativo, sobre a reforma da saúde, ou contra a acusação de plágio.
- 13. Esse resumo, *A História da Cristologia Adventista*, composto de 120 páginas poligrafadas, foi preparado para benefício dos estudantes matriculados em cursos de Cristologia.
- 14. As reuniões do Patrimônio de Ellen G. White são encontros anuais dos fideicomissários com os membros do *staff* do White Estate, para o estudo de problemas referentes aos escritos de Ellen White, e a feitura de planos para expandir sua influência.
- 15. Robert W. Olson, carta de 21 de abril de 1986.
- 16. Ibidem.
- 17. Ibidem.
- 18. Bruno W. Steinweg, suplemento de seu estudo datilografado *The Doctrine of the Human Nature of Christ Among Adventists Since 1950* (A Doutrina do Natureza Humana de Cristo Entre os Adventistas Desde 1950).

- 19. Robert W. Olson, The Humanity of Christ (Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1986)
- 20. *Idem*, pág. 3.
- 21. Document of Consultation IV of Ellen G. White Estate. Esse estudo foi publicado na revista francesa Servir, segundo trimestre de 1989, sob o título A Natureza Humana de Cristo, págs. 13-30.
- 22. Ver nossos capítulos 15 e 16.
- 23. Ver Document of Consultation IV, sob o título A Humanidade de Cristo.
- 24. *Idem*. Tim Poirier *Uma Comparação da Cristologia de Ellen G. White e Suas Fontes Literárias*, págs. 99-104. Ver também *Ministry*, dezembro de 1989.
- 25. Henry Melvill, Sermões (New York: Stanford and Swords, 1844). Ver White Estate Consultation IV, págs. 105-115.
- 26. Poirier, pág. 100.
- 27. Idem, pág. 101.
- 28. Ibidem.
- 29. Octavius Winslow, *A Glória do Redentor* (Londres: John Farquhar Shaw, 1855). Ellen White tinha esse livro em sua biblioteca particular.
- 30. *Idem*, págs. 129, 132-134. Citado por Poirier, págs. 101, 102.
- 31. Poirier, pág. 102.
- 32. Carta 181 de Ellen G. White, 1899, no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 1, pág. 1083. Citada por Poirier, pág. 103.
- 33. Manuscrito 57 de Ellen G. White, 1890. Citado por Poirier, pág. 103. Em muitos outros contextos, Ellen White estabeleceu o mesmo contraste entre os dois Adões. Ver nosso capítulo 3.
- 34. Winslow. Citado por Poirier, pág. 102 (itálicos supridos).
- 35. Manuscrito 57 de Ellen G. White, 1890. Citado por Poirier, pág. 103.
- 36. Ellen G. White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 117.
- 37. _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 267, 268.
- 38. D. A. Delafield, Ellen G. White na Europa (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1975).
- 39. ______, em Document of Consultation IV of Ellen G. White Estate (datilografado).
- 40. Idem, pág. 130 (Ellen G. White, manuscrito 57 de 1890).
- 41. _____, em Document of Consultation IV.
- 42. Idem, pág. 131.
- 43. Ibidem.
- 44. Idem, pág. 131, 132.
- 45. As principais obras de George R. Knight são: *Mitos no Adventismo* (1985); *De 1888 Para a Apostasia O Caso de A. T. Jones* (1987); *Santos Irados* (1989); *Meu Apego Com Deus* (1990); todos publicados pela Review and Herald Publishing Association.
- 46. Knight, De 1888 Para a Apostasia, págs. 132-150.
- 47. *Idem*, pág. 133.
- 48. Ibidem.
- 49. Ibidem.
- 50. Idem, pág. 140.
- 51. Ibidem.
- 52. *Idem*, pág. 141.
- $53.\ Ibidem.$
- 54. Nisto Cremos.
- 55. Idem, pág. V.
- 56. Idem, pág. IV.
- 57. Idem, pág. 36.
- 58. *Idem*, págs. 45-50.
- 59. Idem, pág. 46.
- 60. Ibidem.
- 61. Idem, págs. 46 e 47.
- 62. *Idem*, pág. 47.
- $63.\ Ibidem.$
- 64. Ibidem.
- 65. Idem, págs. 48 e 49.
- 66. Idem, pág. 49.
- 67. E. G. White, O Desejado de Todas as Nações, pág. 49.
- 68. _____, Primeiros Escritos, págs. 150, 152.
- 69. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 49.
- 70. _____, Testimonies for the Church, vol. 5, pág. 177.
- 71. _____, O Desejado de Todas as Nações, pág. 117.
- 72. Nisto Cremos, pág. 47.

- 73. Norman R. Gulley, na *Adventist Review*, 18 e 25 de janeiro, e 1, 8, 15 e 22 de fevereiro de 1990. Ver Donald Karr Short, *Feito Como... Seus Irmãos* (publicado pelo autor em 1991). Ele criticou severamente esses artigos, destacando a confusão por eles causada no seio da igreja; então defendeu as idéias fundamentais da Cristologia tradicional.
- 74. Roy Adams, na *Adventist Review*, 29 de março de 1990; 19 e 26 de abril de 1990. Esses três editoriais foram inicialmente publicados no *Canadian Adventist Messenger*, abril e maio de 1988.
- 75. ______, na *Adventist Review*, 29 de março de 1990. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 7, pág. 904.
- 76. _____, na Adventist Review, 29 de março de 1990.
- 77. ______, na *Adventist Review*, 19 de abril de 1990.
- 78. _____, na Adventist Review, 26 de abril de 1990.
- 79. Ibidem.
- 80. Ibidem.
- 81. ______, A Natureza de Cristo (Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Assn., 1994) Ele considerou a noção de uma igreja dividida sobre a questão da perfeição.
- 82. Idem, págs. 19-36.
- 83. Idem, págs. 37-54.
- 84. Idem, págs. 68 e 69.
- 85. *Idem*, pág. 58. Adams diz seguir a interpretação "como todos os seminaristas universitários dos últimos 25 anos, ou recebida dos lábios do professor de teologia, Dr. Raoul Dederen, que por muitos anos lecionou em nossas universidades.
- 86. Ver nosso capítulo 9.
- 87. Jean Cazeaux, na Revue Adventiste, julho de 1969.
- 88. Alfred Felix Vaucher (1887-1993) esteve diretamente ligado com o início da Igreja Adventista na Europa. Como pastor e professor, ele também se tornou um pesquisador especializado no campo da profecia bíblica. Ele foi distinguido pela Andrews University, que o premiou com o grau de doutor *honoris causa*, em 1963, pelos méritos de suas contribuições.
- 89. Vaucher, na *Revue Adventiste*, fevereiro de 1978. Ver também a revista *Servir*, primeiro trimestre de 1957, págs. 17 e 18.
- 90. Ibidem, pág. 5.
- 91. Vaucher, A História da Salvação, quarta edição (Dammarie-les-Lys, França: Edições Vie et Santé, 1987), págs. 193-
- 92. Paul Nouan, na *Revue Adventiste*, dezembro de 1994, apresenta o problema da natureza de Cristo de modo semelhante ao da Cristologia de Heppenstall.
- 93. Os pastores da Bélgica, Espanha, França, Itália, Portugal e Suíça, bem como os de muitos outros países da Europa, África e Américas, são preparados na Faculdade Adventista de Teologia de Collonges-sous-Salève, França.
- 94. Ver nosso capítulo 12.
- 95. Georges Stéveny, A Descoberta de Cristo (Dammarie-les-Lys, França: Editions Vie et Santé, 1991).
- 96. Idem, págs. 229-299.
- 97. Idem, pág. 259.
- 98. Idem, pág. 284.
- 99. *Idem*, pág. 287.
- 100. Idem, pág. 288, 289.
- 101. Idem, pág. 292.
- 102. Ibidem.
- 103. Idem, pág. 293.
- 104 Idem, pág. 296.
- 105. Idem, pág. 298.
- 106. William G. Johnsson, na Adventist Review, 8 e 22 de julho de 1993; 12, 19 e 26 de agosto de 1993.
- 107. Idem, 8 de julho de 1993.
- 108. Idem, 12 de agosto de 1993.
- 109. Ver nosso capítulo 12.
- 110. Johnsson, na Adventist Review, 12 de agosto de 1993.
- 111. Idem, 19 de agosto de 1993.
- 112. Ibidem.
- 113. Idem. Ver The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1128.
- 114. Johnsson, na *Adventist Review*, 19 de agosto de 1993. Mas compare o que Ellen White escreveu em sua carta ao Dr. J. H. Kellogg datada de 29 de agosto de 1903 (publicada na *Adventist Review*, 7 de fevereiro de 1994) e disicutida em nosso capítulo 14.
- 115. _____, na *Adventist Review*, 26 de agosto de 1993.

- 116. Ibidem.
- 117. Ibidem.
- 118. Ibidem.
- 119. Ver observações de Jack Sequeira na Adventist Review de 23 de setembro de 1993.
- 120. Jack Sequeira, *Beyond Belief: The Promise, The Power and the Reality of the Everlasting Gospel* (Além da Crença: a Promessa, o Poder e a Realidade do Evangelho Eterno) (Boise, Idaho: Pacific Press Pub. Assn., 1993). Sequeira nasceu no Quênia. Estudou teologia no Newbold College, Inglaterra. Por 12 anos foi missionário na África, tendo pastoreado em seguida diversas igrejas nos Estados Unidos. No tempo desse livro, ele era o pastor-chefe da *Capital Memorial Seventh-day Adventist Church* em Washington, D.C.
- 121. *Idem*, pág. 7.
- 122. Idem, pág. 11 (itálicos supridos).
- 123.0Idem, pág. 17.
- 124. *Idem*, ver págs. 13-16.
- 125. *Idem*, pág. 14.
- 126. Idem, pág. 41.
- 127. Idem, págs. 41 e 42.
- 128. Idem, pág. 43.
- 129. Idem, pág. 44.
- 130. Idem, pág. 54.
- 131. Knight, From 1888 to Apostasy, pág. 144.
- 132. Idem, Ver Adventist Review, 17 de fevereiro de 1994.
- 133. Ellen G. White, carta 303, 1903.
- 134. Ibidem.
- 135. E. G. White, Early Writings, pág. 150. Ver nosso capítulo 2.
- 136. Johnsson, na Adventist Review, 17 de fevereiro de 1994.
- 137. Adventist Review, 18 de fevereiro de 1994.
- 138. Ellen G. White, carta 303, 1903.
- 139. Ibidem.
- 140. Ibidem.

Parte 5

UM RETORNO ÀS FONTES DA CRISTOLOGIA BÍBLICA E ADVENTISTA

Capítulo 15

AVALIAÇÃO E CRÍTICA

Seria errado pensar que a questão da natureza humana de Cristo seja apenas de interesse e preocupação dos teólogos. Presentemente, ela tem perturbado muitos membros da igreja, ameaçando dividi-los. A seguinte carta, enviada por um leitor aos editores da *Adventist Review*, é um bom indicador dessa realidade.

"A igreja de que sou membro está dividida na questão da natureza de Cristo. Surgem argumentos nas classes da Escola Sabatina, depois das reuniões da igreja, nas refeições sabáticas, nos encontros de oração, ao telefone, em todo lugar. As pessoas estão realmente perdendo a amizade ao debaterem sobre a natureza de Cristo. É, de fato, necessário decidir sobre esse ponto

para ser um bom adventista? Isso me aborrece, mas o que posso fazer?"1

Para responder a essas angustiosas perguntas, não basta dizer, como foi feito nesse caso, que esse é um assunto do "grande mistério", que precisamos "estudar a Bíblia e o Espírito de Profecia diligentemente e pensar que as tendências da igreja sobre essa questão são dignas de toda aceitação, e que devem ser evitadas todas as discussões acrimoni-osas." A igreja precisa ter também uma resposta adequada e suficiente para trazer conforto à consciência turbada, e satisfazer a mente sequiosa de compreender essa verdade vital, acerca da qual Ellen White declara: "A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. Ela é o elo dourado que liga nossa alma a Cristo, e através de Cristo a Deus. Ela deve ser nosso estudo."

Tendo compreendido a importância da natureza humana de Cristo no plano da salvação, os pioneiros adventistas fizeram dela a pedra de toque de sua Cristologia, em harmonia com o conselho dado pelo apóstolo João: "Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus. Mas é o espírito do anticristo..." (I João 4:2 e 3)

Isso é Realmente Essencial?

Uma vez que a controvérsia acerca da natureza humana de Cristo atingiu grandes proporções, muitos adventistas têm-se seriamente perguntado: É realmente imperioso decidir sobre isso?

Já em 1978, o presidente da Associação Geral, Robert Pierson, estava desejoso de pôr um fim à divisão sobre a questão que, em sua mente, não era essencial à salvação. Pela mesma razão, o artigo 4 das crenças fundamentais, votado na reunião da Associação Geral de 1980, o qual diz respeito ao "Filho", silencia sobre o assunto.

É verdade que ninguém consideraria como essencial para a salvação a correta compreensão intelectual de uma doutrina específica. Como George Knight apropriadamente afirmou: "Não é nossa teologia que nos salva, mas o Senhor de nossa teologia." Aceitar a Jesus como nosso Salvador e participar de Sua vida divina torna-nos autênticos discípulos de Cristo. Poucos dos discípulos de Jesus, através dos séculos, se preocuparam com detalhes da Cristologia que discutimos hoje. Mas, semelhantemente ao ladrão na cruz, possuíam a certeza da salvação pela fé em Jesus Cristo. "Não louvamos o evangelho, mas ao Senhor do evangelho" exclama Ellen White.

Todavia, isso não significa que o conteúdo do evangelho ou as doutrinas não sejam importantes. Longe disso! O viver cristão e o crescimento espiritual são possíveis apenas através do conhecimento da verdade conforme ela é em Jesus. (Efés. 4:21). Todo cristão é chamado a crescer no "pleno conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou". (Col. 3:10). Ninguém poderia se apegar apenas aos "princípios elementares dos oráculos de Deus" (Heb. 5:12). Todos deveriam se esforçar para compreender sempre mais "os mistérios de Deus" (I Cor. 4:1), em particular "o mistério da piedade", isto é, conhecer a Cristo "manifesto em carne... e justificado no Espírito" (I Tim. 3:16).

A experiência cristã tem mostrado uma direta relação entre nossa compreensão da natureza humana de Cristo e Sua obra de salvação. Em outras palavras, entre Cristologia e Soteriologia. Enganar-se sobre o significado da Encarnação e a realidade da humilhação de Cristo, conduz inevitavelmente ao engano sobre a realidade de Sua obra de justificação.

A história da Cristologia adventista revela que erros de interpretação têm sido cometidos, especialmente à luz do fato de que hoje temos, pelo menos, três explicações acerca da natureza humana de Cristo. Obviamente, elas não podem estar todas de acordo com as Escrituras e os escritos de Ellen White.

Em nossa busca pela verdade, é necessário analisar e avaliar as teses conflitantes. Os argumentos básicos de cada posição cristológica serão sumariados a seguir.

Sumário das Três Interpretações Atuais

Para que ninguém conclua que a Igreja Adventista não é clara com relação à sua crença a respeito à Pessoa que é central em sua fé, vamos revisar as linhas comuns que ligam essas interpretações antes de examinarmos suas diferenças. O artigo 4 das Crenças Fundamentais afirma com muita clareza o que os adventistas sempre creram acerca de Jesus, Filho de Deus e Filho do Homem. A seguir, apresentamos sua íntegra, conforme votada na sessão da Conferência Geral, em 1980:

"O Eterno Deus-Filho encarnou-Se em Jesus Cristo. Através dEle todas as coisas foram criadas, o caráter de Deus revelado, a salvação da humanidade realizada, e o mundo julgado. Para sempre verdadeiramente Deus, Ele também Se tornou verdadeiramente homem, Jesus, o Cristo. Foi concebido do Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Viveu e sofreu tentação como um ser humano. Por Seus milagres manifestou o poder de Deus e foi confirmado como o prometido Messias divino. Ele sofreu e morreu voluntariamente na cruz por nossos pecados e em nosso lugar; ressurgiu dos mortos e ascendeu ao Céu para ministrar no santuário celestial em nosso favor. Ele virá novamente em glória para o livramento final de Seu povo e a restauração de todas as coisas."

Obviamente, essa declaração não expressa o ponto controverso sobre a natureza humana de Cristo. Entretanto, a declaração de fé de 1872, que permaneceu intocada até 1931, especificava que Cristo "tomou sobre Si a natureza da semente de Abraão, para a redenção de nossa raça caída".8 Por causa das diferenças que surgiram nesse particular desde a década de 50, os delegados na sessão da Conferência Geral de 1980 julgaram mais sábio abandonar essa fraseologia, e substituir a fórmula que expressava a crença comum.

Isso, porém, não extinguiu a controvérsia, a qual se intensificou até que os diferentes pontos de vista fossem mais claramente definidos e uma interpretação alternativa surgisse. Escolhemos classificá-la como *alternativa* porque ela toma emprestados argumentos básicos de cada uma das outras duas Cristologias, conhecidas pelos teólogos como posições *pós-lapsariana* e *pré-lapsariana*. O que segue é um sumário das três Cristologias:

1. A Cristologia Tradicional ou Histórica

Essa posição possui prioridade histórica na Igreja Adventista. Ela é chamada *pós-lapsariana* porque ensina que Jesus veio em natureza humana decaída, a natureza de Adão *após* a queda. Conseqüentemente, a carne de Cristo é considerada semelhante a de todos os seres humanos. Não uma carne corrompida, mas uma carne que, de acordo com a lei da hereditariedade, porta consigo inerentes tendências para pecar, tendências às quais Jesus nunca sucumbiu. Embora "tentado em todos os pontos, como nós" (Heb. 4:15), Ele não cometeu pecado. Daí, Ele não apenas "condenou o pecado na carne", mas tornou possível que "a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rom. 8:3 e 4).

Esse ensino, conquanto baseado em o Novo Testamento, era contrário às crenças básicas da Cristandade. Isso porque os adventistas eram considerados como hereges, visto que alguns pensavam que eles ensinavam que Jesus era pecador por nascimento, como o restante da humanidade.

Muitos adventistas hoje não sabem que sua igreja ensinou durante um século – desde a origem do movimento até 1950 –, a posição pós-lapsariana. No entanto, alguns teólogos adventistas, não compreendendo como pôde ser possível para Jesus viver sem pecar numa natureza humana decaída, criam ser necessário formular uma nova Cristologia.

2. A Nova Cristologia ou a Posição Pré-Lapsariana

O argumento básico da nova Cristologia é bem conhecido: Jesus "assumiu a natureza humana de Adão sem pecado", isto é, a natureza de Adão antes da queda. Na verdade, "nEle não havia pecado, quer herdado quer cultivado, como é natural em todos os descendentes de Adão." Do mesmo modo, "se Cristo foi tentado em todos os pontos como nós", isso nunca ocorreu como proveniente de Seu íntimo, uma vez que Ele não herdou de Adão nenhuma de nossas propensões para o mal.

Em suma, "o que quer que Jesus tenha assumido, não o foi intrínseca ou inatamente... Tudo o que Jesus adotou, tudo o que Ele **suportou**, quer o fardo e a penalidade de nossas iniqüidades, ou as doenças e fragilidades da natureza humana — tudo foi experimentado **vicariamente**" "Vicariamente Ele tomou nossa pecaminosa e decaída natureza... Suportou nossas fraquezas, tentações, **vicariamente**, do mesmo modo que suportou nossas iniqüidades." ¹¹

É difícil compreender por que o ensino tradicional foi subitamente posto de lado. Aparentemente, não foi tanto por falta de conhecimento da posição histórica, como pelo desejo da parte de alguns de serem reconhecidos como cristãos "autênticos".

Mais surpreendente é que os promotores da nova Cristologia apoiaram sua causa nos escritos de Ellen White. Assim a disputa resumiu-se a diferenças de interpretação com respeito a certas declarações cruciais da Sra.White.

3. A Cristologia Alternativa

A Cristologia alternativa é mais recente e provavelmente a mais difundida hoje. Ela é agora promovida pelo livro *Nisto Cremos*¹², que foi preparado por mais de 200 representativos líderes e eruditos selecionados dos mais altos níveis da denominação.

Em harmonia com a Cristologia tradicional dos pioneiros, a postura alternativa ensina que Jesus tomou a natureza de Adão *após* a queda. Obviamente, consoante seus defensores, Cristo não veio em "*poder e esplendor*" ou mesmo com a natureza impecável de Adão. Pelo contrário, Ele tomou a forma de servo, com a natureza enfraquecida por 4.000 anos de degeneração racial.

Isso não implica, todavia, que Jesus tenha herdado "más tendências" de Adão. Embora o corpo de Cristo estivesse sujeito à deterioração física e tenha herdado as fraquezas da constituição corporal do homem, Ele não recebeu nenhuma das inclinações para o mal associadas à decaída natureza humana.

Baseados na fórmula emprestada de uma das fontes de Ellen White, o ministro anglicano Henry Melvill, eles sustentam que Jesus herdou de Adão apenas "simples fraquezas" e "características tais como fome, dor, fraqueza, tristeza e morte. Apesar de serem conseqüências do pecado, elas não são pecaminosas." Assim, Cristo não era exatamente como Adão antes da queda e nem após ela. Diferentemente de outros seres humanos decaídos, Ele nasceu sem tendências para o mal. Nesse ponto eles concordam com a nova Cristologia.

Cada uma dessas Cristologias é definida na base da hereditariedade humana. Obviamente, as diferenças de interpretação sugerem que podem ter sido cometidos erros. Ellen White aponta a causa principal: "Cometemos muitos erros por causa de nossos errôneos pontos de vista acerca da natureza humana de nosso Senhor. Quando conferimos à Sua natureza humana um poder que não é possível para o homem obter em seus conflitos com Satanás, destruímos a integralidade de Sua humanidade." ¹⁴

Essa declaração sugere claramente o critério pelo qual uma interpretação deve ser avaliada. Precisamos reconsiderar toda interpretação que apouca ou obscurece a participação de Cristo em a natureza humana pecaminosa, se desejarmos retornar à Cristologia bíblica.

Erros de Avaliação

Nas várias reuniões anuais do Patrimônio de Ellen G. White, tivemos a oportunidade não apenas de estudar a Cristologia dos pioneiros, como também de criticar certos aspectos da nova Cristologia.

O primeiro dos erros foi passar por alto o ensino tradicional da igreja. É difícil compreender por que as unânimes declarações feitas por líderes adventistas por mais de um século devessem ser condenadas sem uma verificação mais séria. Se os defensores da nova Cristologia houvessem examinado a literatura oficial da igreja à luz da história, mesmo que de leve, provavelmente não teriam declarado que apenas uma minoria dos adventistas escreveu que Cristo tomou a natureza humana decaída de Adão *após* a queda. Além disso, eles nunca teriam ousado dizer que "essa"

equivocada posição da minoria" procedia de uns poucos "lunáticos irresponsáveis".

O mais grave erro de análise foi cometido na interpretação do ensino de Ellen White, sobre o qual os advogados da nova teologia se basearam para mostrar que Cristo tomara a natureza impecável de Adão *antes* da queda. Essa afirmação não é encontrada em nenhum lugar dos escritos de Ellen White; mas o contrário dela é afirmado centenas de vezes. Como, então, poderia alguém escrever que "*em apenas três ou quatro lugares em todos esses inspirados conselhos*" de Ellen White existem alusões feitas à natureza humana decaída assumida por Cristo? ¹⁶

Os estudiosos evangélicos, com quem o problema da Encarnação foi discutido nos anos cinqüenta, não estavam errados quando dirigiram a mira de sua crítica contra o livro *Estudos Bíblicos Para o Lar*. Esse volume declarava que Cristo veio "*em carne pecaminosa*". Por que eles foram levados a acreditar que "*essa expressão passou despercebida no livro por algum erro desconhecido?*" ¹⁷ Esse livro, de fato, até quando a Cristologia foi mudada por volta de 1950, era o mais representativo das crenças gerais dos adventistas.

Finalmente, a maneira como a nova Cristologia foi apresentada constitui-se em erro complementar. Publicando-a sem os nomes dos autores e sob o título *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine* (Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a Questões Sobre Doutrina), somente poderia provocar uma justificada reação. Por que deveria a nova Cristologia do *Questions on Doctrine* ser considerada mais em harmonia com a verdade bíblica do que aquela inicialmente contida no *Estudos Bíblicos*? Somente um exame crítico dos diferentes pontos de vista pode prover uma resposta.

Uma Doutrina Condenada Pela Igreja

A nova Cristologia foi apresentada por seus patrocinadores como "o novo marco histórico" do adventismo. Obviamente, para os crentes adventistas esse ensino era novo, mas não para os demais cristãos. De fato, ele foi antes um lamentável retrocesso ao antigo ensino das principais igrejas cristãs.

A fim de considerar Cristo como tendo uma impecável natureza humana, como a de Adão *antes* da queda, os concílios da Igreja Católica creram ser necessário criar o dogma da imaculada conceição de Maria. As igrejas protestantes, em contraste, baseavam sua Cristologia na doutrina agostiniana do pecado original, de acordo com a qual todos os homens são pecadores e culpados por nascimento. Cristo, portanto, não poderia assemelhar-Se a eles, uma vez que Ele não foi nem pecador nem culpado. Daí a crença geral de que Jesus, desde Sua encarnação, assumira a natureza humana de Adão *antes* da queda.

Os pioneiros adventistas opuseram-se às doutrinas da imaculada conceição e do pecado original. Alguns novos conversos ao adventismo algumas vezes tinham dificuldades de compreender como Cristo, com uma decaída natureza humana, poderia viver sem pecado, como os pioneiros ensinavam. Cartas foram escritas a Ellen White "afirmando que Cristo não poderia ter tido a mesma natureza que o homem, pois se assim fosse, Ele teria sucumbido sob tentações similares". Eis sua resposta: "Se Ele não tivesse a natureza do homem, não poderia ser nosso exemplo. Se Ele não fosse participante de nossa natureza, não poderia ter sido tentado como o homem é. Se não Lhe fosse possível ceder à tentação, Ele não poderia ser nosso ajudador." 18

A nova Cristologia não é apenas um retrocesso às velhas crenças cristãs; ela é também um retorno à uma crença amplamente rejeitada pela Igreja Adventista. Lembremo-nos da infeliz experiência do movimento da carne santa. Esse movimento também ensinava que "Cristo tomou a natureza humana de Adão antes da queda; assim Ele assumiu a humanidade como ela se encontrava no Jardim do Éden". 19

Tal ensino foi discutido e rechaçado na sessão da Conferência Geral de 1901. Quando Ellen White foi informada a respeito, retornou da Austrália e pessoalmente se opôs à doutrina da carne santa. Ela não hesitou por um só momento para descrevê-la como "errôneas teorias e métodos" e uma "invenção barata e miserável de teorias humanas, engendrada pelo pai das mentiras". ²⁰

Os propugnadores da nova teologia nunca mencionam esse incidente em sua história das doutrinas adventistas. Considerando que o autor do *Movement of Destiny* rememora pormenorizadamente como os pioneiros sobrepujaram suas diferenças a respeito da natureza humana de Cristo, ele não diz uma simples palavra sobre o que eles ensinavam uniformemente sobre Sua natureza humana. Outrossim, ele dedica vários capítulos à mensagem de 1888 e ao papel desempenhado por Waggoner e Jones, mas conserva significativo silêncio quanto à sua Cristologia. Contudo isso se constituiu a base de sua mensagem da justificação pela fé.

Métodos Tendenciosos

A declaração original da nova Cristologia foi feita no *Ministry*, em setembro de 1956, seção 11, apoiada em nove citações de Ellen White, sem comentários ou referências bíblicas. O título geral anuncia o conceito básico da nova teologia: "*Tomou a Impecável Natureza de Adão Antes da Queda*." Então, para introduzir cada uma das citações, há subtítulos pretendendo reforçar a idéia principal envolvida, tais como: "*Cristo Assumiu a Humanidade Como Deus a Criou*", "*Tomou a Forma Humana, Mas não a Corrompida e Pecaminosa Natureza*", "*Assumiu a Natureza Humana Impecável de Adão*", "*Perfeita Impecabilidade da Natureza Humana*", etc.

Ninguém precisa ser um especialista para notar que nenhuma das citações de Ellen White apresentadas nesse documento realmente se harmoniza com esses subtítulos. Ellen White nunca escreveu o que essas titulações insinuam. Na verdade, ela afirma exatamente o oposto. Mas nenhuma dessas declarações é mencionada. Tendo aceito a posição comum do cristianismo com respeito à natureza humana de Cristo, e aparentemente convencidos de que essa era a posição de Ellen White, os editores publicaram uma seleção tendenciosa de citações para justificar seu pontos de vista, sem fundamento textual objetivo.

Uma declaração sucinta, registrada no *Movement of Destiny*, constitui-se noutro exemplo típico. Cada afirmação citada sem referência merece ser cuidadosamente examinada, colocada em seu contexto imediato e explicada à luz do ensino geral de Ellen White.²² Restringiremos nossa demonstração à seguinte sentença: "Cristo era como Adão antes da queda – 'um ser puro, impecável, sem mancha de pecado sobre Si.'"²³

Mas isso faz violência ao texto original. A primeira parte, "Cristo era como Adão antes da queda", é apresentada como procedente da pena de Ellen White, ao passo que, em realidade, é da lavra do autor do texto. A segunda parte; '- 'um ser puro, impecável, sem mancha de pecado sobre Si', é na verdade uma descrição que Ellen White faz de Adão e não de Cristo. Eis a declaração como apresentada em seu contexto original: "O primeiro Adão foi criado um ser puro, impecável, sem mancha de pecado sobre si; ele era a imagem de Deus... Mas Jesus Cristo era o unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos como o ser humano." [Ênfase suprida]

Se essa declaração registrada na carta de Ellen White a W. H. L. Baker não foi suficientemente explícita, a seguinte, encontrada no O Desejado de Todas as Nações, não deixa dúvida sobre que ela ensinava sobre o assunto: "Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. Quando este fora vencido pelo tentador, entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado. Encontrava-se na pujança da perfeita varonilidade, possuindo o pleno vigor da mente e do corpo. Achava-se circundado das glórias do Éden... Não assim quanto a Jesus, quando penetrou no deserto para medir-Se com Satanás. Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação." 25

Outro exemplo de "métodos errôneos" está em ignorar declarações evidentes de O Desejado de Todas as Nações, em favor de outras contidas na carta a Baker. Apenas alguém que perdeu todo senso de proporção poderia escrever que as declarações contidas na carta a Baker – "fortemente contrabalançadas", "três ou quatro lugares" – na qual Ellen White usa os termos "natureza decaída" e "natureza pecaminosa", para descrever a natureza humana assumida por Cristo.

Em face a esses "errôneos métodos e teorias", apenas uma exegese saudável, que tome em conta todas as fontes disponíveis e o significado dos termos empregados, tornará possível restabelecer a unidade interpretativa com respeito à natureza humana de Cristo. É verdade que muito poucos defensores atuais da nova Cristologia ainda seguem os métodos equivocados de seus fundadores. Hoje um simples argumento – de fato, uma simples palavra – é usado por muitos deles para justificar seu ponto de vista. Mas resistirá esse argumento a um cuidadoso escrutínio?

Um Argumento Fictício, uma Expressão Desencaminhadora

O método e o sistema de interpretação empregados no livro *Question on Doctrine* diferem um tanto daqueles usados no argumento básico da nova Cristologia. Aqui, os proponentes não mais afirmam explicitamente que "*Cristo tomou a impecável natureza de Adão antes da queda*", embora mantenham firmemente que "*em Sua natureza humana, Cristo era perfeito e impecável*". ²⁶ Eles não mais negam que "*Ele era o segundo Adão, vindo em 'semelhança' de carne humana pecaminosa* (Rom. 8:3)."²⁷ Reconhecem que Ellen White "*ocasionalmente*" usava expressões tais como "*natureza pecaminosa*" ou "*natureza decaída*" de Cristo. ²⁸

Todavia, estão ansiosos para especificar que "o que quer que Jesus tenha tomado, não era Seu inata ou intrinsecamente... Tudo o que Jesus assumiu, tudo o que Ele **suportou** – quer a carga e a penalidade de nossas iniquidades, ou as enfermidades e fraquezas de nossa natureza humana – foi adotado **vicariamente**." De acordo com os autores do Question on Doctrine, "é nesse sentido que todos deveriam compreender os escritos de Ellen G. White, quando ela se refere ocasionalmente à pecaminosa, decaída e deteriorada natureza humana." O

Se Ellen White houvesse realmente escrito que Cristo tomou nossa natureza humana apenas *vicariamente*, bem como os pecados de todo o mundo, esse seria um forte argumento. Em realidade, ela nunca usou o advérbio "*vicariamente*", ³¹ nem jamais escreveu que Cristo "*tomou a natureza humana impecável.*" ³²

Por outro lado, a Sra. White usou apenas uma vez a palavra *vicário* com relação ao sacrifício redentor de Cristo.³³ Certamente Jesus não poderia perdoar pecados e imputar Sua justiça aos pecadores penitentes de outro modo senão pela substituição. Mas afirmar que Ele tomou vicariamente a decaída natureza humana, significa dizer que Ele a assumiu apenas aparentemente e não em realidade. Isso também significaria que a morte de Cristo deveria ser entendida vicariamente, uma vez que o salário do pecado é a morte e a natureza humana de Jesus era impecável. Em suma, essa espécie de arrazoamento leva, no final das contas, ao docetismo, isto é, uma Cristologia na qual Jesus é um ser humano apenas aparente.

É-nos inconcebível que Ellen White tenha insistido sobre a realidade da participação de Cristo "na carne e no sangue" da humanidade, "em semelhança de carne pecaminosa", querendo dizer que essa relação foi apenas vicária. Essa expressão não é encontrada em parte alguma de seus escritos, assim, não há suporte para tal interpretação. Ao invés, Ellen White não cessou de enfatizar a realidade da natureza humana decaída adotada por Cristo.

Como poderia ela haver dito isso mais claramente? "Cristo não deu a entender que tomou a natureza humana; Ele, de fato, a tomou. Em realidade, Cristo tinha a natureza humana." E para não deixar qualquer dúvida sobre esse tipo de natureza, ela acrescenta: "Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também Ele semelhantemente participou das mesmas coisas..." (Heb. 2:14) Ele era o filho de Maria; a semente de Davi de acordo com a descendência humana. Cristo declarou ser um homem, o homem Cristo Jesus."³⁴ "Ele não possuía a mera semelhança de um corpo, mas tomou a natureza humana participando da vida da humanidade."³⁵ "Ele não apenas Se tornou carne, mas foi feito em semelhança de carne pecaminosa."³⁶

Ellen White não usava, como regra, linguagem simbólica e metafórica com duplo significado. O princípio por ela expresso com relação à interpretação da linguagem bíblica, aplicase igualmente à sua própria: "A linguagem da Bíblia deveria ser explicada de acordo com seu

significado óbvio, a menos que um símbolo ou figura seja empregado."³⁷ Ela escreveu em linguagem clara que significa exatamente o que pretendia dizer. Isso é ainda mais necessário com respeito ao delicado e difícil tópico da natureza humana de Cristo.

Pontos Fortes e Fracos da Cristologia Alternativa

Nossa apreciação seria incompleta se os conceitos básicos da Cristologia alternativa não fossem submetidos a um exame crítico. Por um lado, essa posição intermediária tem o mérito de reforçar a posição pós-lapsariana; mas por outro, ela perpetua o erro principal da posição pré-lapsariana ao declarar impecável a natureza humana de Cristo.

De fato, os patronos da Cristologia alternativa afirmam, como os pioneiros, que a humanidade de Cristo não era a inocente humanidade de Adão antes da queda. A fim de poder realizar a obra de salvação para a qual o Pai enviou Jesus em carne "semelhante ao pecado", foi necessário que Ele viesse "em Sua encarnação na humilde forma de servo, retratando servitude, sujeição, subordinação. Ele tomou uma enfraquecida natureza humana e não a perfeita natureza de Adão antes desse haver pecado." 38

Essa posição faz grande progresso na direção de um retorno à verdade central do evangelho. Mas ela ainda se prende à idéia equivocada do pecado original, de acordo com a qual os seres humanos nascem pecadores. Visto que a Jesus não seria permitido herdar pecado, Ele precisava nascer com uma natureza impecável. Conseqüentemente, dizem eles que Cristo herdou apenas as fraquezas da constituição física do homem, "simples fraquezas": fome, dor, debilidade, tristeza e morte", mas não "tendência para pecar" ou "propensões pecaminosas".

Essas conclusões encobrem muitos lamentáveis enganos. O primeiro envolve a missão de Jesus. O propósito da Encarnação não era livrar a humanidade de todas as "simples fraquezas", mas libertá-la do pecado interior que "me leva cativo à lei do pecado que está em meus membros" (Rom. 7:23). Para livrar-nos da escravidão do pecado é que Jesus foi enviado em "semelhança da carne pecaminosa" e teve de ser feito "semelhante a Seus irmãos" (Heb. 2:17).

Há também equívocos em certas expressões tais como "propensões herdadas" e "más propensões". Elas não são semelhantes nas obras de Ellen White. Propensão é uma tendência, uma inclinação, um atração à tentação. Se resistida ela não se torna pecado. "Propensões herdadas" tornam-se "más propensões" apenas após cessão à tentação. Ellen White diz: "Não O exponham [Cristo] diante do povo como um homem com propensões para pecar. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro, impecável, sem uma mancha de pecado sobre si... Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com inerentes propensões para a desobediência. Mas Jesus Cristo era o Filho Unigênito de Deus. Ele tomou sobre Si mesmo a natureza humana... Nem por um momento houve nEle uma má propensão." Evidentemente, "Ele sabe por experiência quais as fraquezas da humanidade, quais as nossas necessidades, e onde jaz a força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15)." A força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todas as coisas, como nós pecado" (Heb. 4:15).

Igualmente, há um mal-entendido entre as expressões "más tendências" e "más propensões". Ellen White faz uma clara distinção entre as duas locuções. Enquanto declara solenemente que Jesus nunca teve "más propensões", ² também afirma que Ele tinha de enfrentar e estar sujeito a todas as más tendências das quais o homem é herdeiro, operando de toda maneira concebível para destruir Sua fé". ⁴

Como William Hyde observou: "embora oprimido pelas fraquezas da humanidade decaída, Jesus nunca permitiu que as tendências e propensões da raça humana se tornassem más. Ele nunca permitiu que uma fraqueza humana se tornasse um pecado pessoal. Embora tentado a pecar, nunca participou do pecado, nunca desenvolveu propensões más ou pecaminosas."44

Para justificar o ponto de vista de que Jesus possuía uma natureza humana sem pecado, Heppenstall afirmou que o pecado nunca foi transmitido por "propagação natural". Sendo "uma coisa espiritual", o próprio pecado não pode "ser transmitido geneticamente". ⁴⁵ Se isso fosse verdade, deveria ser válido para toda a humanidade, o que claramente não é o caso. Ao declarar que Jesus nasceu "de mulher, nasceu sob a lei" (Gál. 4:4), Paulo confirma que Jesus herdou, como todos os homens, "os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que foram esses resultados é mostrado na história de Seus antepassados terrestres. Ele veio com tal hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos exemplo de uma vida impecável". ⁴⁶ A diferença entre Jesus e o restante de humanidade não procede do fato de que todos os humanos são pecadores por hereditariedade. Eles são pecadores "porque todos pecaram" (Rom. 5:12). Somente Jesus nunca pecou, embora houvesse vindo "em semelhança de came pecaminosa".

Obviamente, os ancestrais de Cristo possuíam mais que "simples fraquezas". Ellen White afirma que "Cristo

tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada. Somente assim poderia Ele resgatar o homem das profundezas de sua degradação"⁴⁷ "Ao tomar sobre Si a natureza do homem em sua condição decaída, Cristo não participou, no mínimo que fosse, de seu pecado."⁴⁸

Para explicar esse paradoxo, é imperativo que nos abstenhamos dos erros da imaculada conceição e do pecado original. Isso é o que tentaremos fazer no capítulo final, com base na Escritura.

Notas e Referências

- 1. Adventist Review, 31 de março de 1994.
- 2. Ibidem.
- 3. Ellen G. White, Selected Messages, livro 1, pág. 244.
- 4. Robert H. Pierson, na *Review and Herald*, 7 de dezembro de 1978. Ver *Adventist Review*, 1 de novembro de 1990: "An Appeal for church Unity" (Um Apelo à Unidade da Igreja), do Instituto de Pesquisa Bíblica.
- 5. George R. Knight, From 1888 to Apostasy, pág. 135.
- 6. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 7, pág. 907.
- 7. Nisto Cremos, pág. 36.
- 8. Vernosso capítulo 2.
- 9. R. Allan Anderson, no Ministry, setembro de 1956. Ver nosso cap. 14.
- 10. Questions on Doctrine, págs. 61 e 62.
- 11. W. E. Read, no Ministry, abril de 1957. Ver nosso cap. 10.
- 12. Ver Nisto Cremos, págs. 45-52.
- 13. *Idem*, pág. 68.
- 14. Ellen G. White, manuscrito 1, 1892. No The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 7, pág. 929.
- 15. LeRoy Edwin Froom, Movement of Destiny, pág. 428. Ver nosso cap. 10.
- 16 Anderson
- 17. Ibidem.
- 18. E. G. White, Selected Messages, livro 1, pág. 408 (Review and Herald, 18 de fevereiro de 1890).
- 19. S. N. Haskell para Ellen G. White, 25 de setembro de 1900. (Itálicos supridos) Ver nosso cap. 7.
- 20. Ellen G. White, carta 132, 1900 (Selected Messages, vol. 2, pág. 37). Ver nosso cap. 7.
- 21. Anderson. Ver nosso cap. 10.
- 22. Ralph Larson faz uma análise crítica dessa declaração em The Word Was Made Flesh, págs. 249-261.
- 23. Froom, pág. 497.
- 24. Ellen G. White, carta 8, 1895, no Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1128.
- 25. Ellen G. White, The Desire of Ages, pág. 117.
- 26. Anderson. Ver nosso cap. 10.
- 27. Questions on Doctrine, pág. 55.
- 28. Idem, pág. 52.
- 29. *Idem*, págs. 60.
- 30. Idem, págs. 61 e 62.
- 31. Ver o CD-ROM de Ellen G. White. É verdade que a palavra *vicariamente* aparece num subtítulo do *Selected Messages*, vol. 3, pág. 133. Obviamente, esse subtítulo deve ser creditado aos autores da compilação do livro e não à pena de Ellen White.
- 32. Questions on Doctrine, pág. 650.
- 33. E. G. White, na Review and Herald, 1 de novembro de 1892.
- 34. E. G. White, na Review and Herald, 5 de abril de 1906 (Selected Messages, vol. 1, pág. 247).
- 35. Ellen G. White, carta 97, 1898.
- 36. Ellen G. White, carta 106, 26 de junho de 1896. Citado no *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1126
- 37. E. G. White, The Great Controversy, pág. 599.
- 38. Edward Heppenstall, The Man Who is God, pág. 74. Ver nosso cap. 12.
- 39. Roy Adams, na Review and Herald, 26 de abril de 1990, e The Nature of Christ, págs. 68, 69.
- 40. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1128.
- 41 E. G. White, The Ministry of Healing (A Ciência do Born Viver), pág. 71.
- 42. The Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1128.
- 43. Ellen G. White, manuscrito 303, 1903, publicado na *Review and Herald*, 17 de fevereiro de 1994. Todavia, esse manuscrito não apenas não foi publicado em toda a vida de Ellen White; ele nunca foi enviado e assim deve ser usado com extrema cautela.
- 44. William T. Hyde, no Ministry, fevereiro de 1972. Ver nosso cap. 12.
- 45. Heppenstall, pág. 126. Ver nosso cap. 12.
- 46. E. G. White, The Desire of Ages, pág. 49.
- 47. *Idem*, pág. 117.
- 48. E. G. White, Selected Messages, vol. 1, pág. 256.

Capítulo 16

DADOS BÍBLICOS SOBRE CRISTOLOGIA

A posição de que Cristo tomou a decaída natureza humana têm tido apenas uns poucos defensores através da história do Cristianismo, e aqueles que a ensinavam foram freqüentemente considerados hereges. Isso precisa ser prontamente reconhecido. Mas a verdade não depende do número de seus seguidores. Muitas verdades bíblicas essenciais têm sido distorcidas através dos séculos, em razão de idéias preconcebidas ou conceitos errôneos, resultando num ensino completamente estranho às Escrituras.

O problema da natureza e destino da humanidade é o primeiro exemplo.¹ Ao aceitarem a idéia platônica da imortalidade da alma, os pais da Igreja perpetuaram erros graves com respeito à morte, ressurreição e vida eterna. Do mesmo modo, por desconsideração às informações do Novo Testamento sobre o assunto da natureza humana de Cristo, foram formuladas teorias arbitrárias que resultaram em doutrinas defeituosas.

Evidências Neotestamentárias

Para resolver o problema, é preciso iniciar com uma cuidadosa análise das informações. Um problema bem entendido está meio resolvido. Os dados escriturísticos claramente definidos sobre os quais a Cristologia se apóia, podem ser sintetizados como um paradoxo: Cristo participou da "semelhança de carne pecaminosa", sem compartilhar de nenhum pecado da humanidade.

Essa afirmação dupla está colocada no coração do prólogo do evangelho de João. Por um lado, o apóstolo declara: "O Verbo Se fez carne", e por outro afirma que o Verbo "habitou entre nós"... cheio de graça e verdade" (João 1:14). O paradoxo surge do fato de que, conquanto Se tenha tornado humano em estado de decaimento, Cristo, não obstante, viveu entre nós sem pecado, em perfeita obediência à lei de Deus.

João torna essa verdade a pedra de toque de sua Cristologia: "Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; mas é o espírito do anticristo..." (I João 4:2 e3)

A palavra *carne*, em João, tem geralmente conotação pejorativa. Seres humanos nascem de acordo com "a vontade da carne" (João 1:13), e julgam "segundo a carne" (João 8:15). E João conclui: "Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não vem do Pai, mas sim do mundo." O próprio Jesus sempre opôs sistematicamente "carne" e "Espírito". "O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito." (João 3:6) "O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita." (João 6:63)

Paulo também enfatiza em suas epístolas a oposição entre a carne e o Espírito na pessoa de Cristo. Na introdução de sua epístola aos Romanos, ele define a dupla natureza de Cristo nestes termos: "... nasceu da semente de Davi segundo a carne; e que com poder foi declarado Filho de Deus, segundo o espírito de santidade (Rom. 1:3 e 4). Então, apelando à grandeza do "mistério da piedade", Paulo declara uma vez mais os fundamentos da Cristologia: "Aquele que Se manifestou em carne, foi justificado em espírito..." (I Tim. 3:16)

Não satisfeito em afirmar que Cristo é, ao mesmo tempo, *carne* e *Espírito* – isto é, *verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus* – Paulo diz que Deus enviou "... *Seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado*", assim "*na carne condenou o pecado*" (Rom. 8:3). Qualquer que seja o significado dado à palavra "*semelhança*", isso não significa que a carne de Cristo seria diferente daquela da humanidade em Seu nascimento. Jesus, todavia, não era como Adão antes da queda, pois Deus não criou Adão "*em semelhanca da carne pecaminosa*".

Em sua epístola aos Filipenses, Paulo destaca o paradoxo existente entre a realidade da condição humana e a perfeição da obediência de Jesus até o fim de Sua vida. De um lado, o apóstolo acentua a plena e total participação de

Cristo na natureza humana: "Ele tomou 'a forma de servo'" (literalmente escravo); Ele Se tomou "semelhante aos homens" e foi "obediente até à morte, e morte de cruz" (Fil. 2:7 e 8). Em outras palavras, embora "nascido de mulher, nascido sob a lei" como todos os seres humanos, por Sua perfeita obediência à Lei de Deus Cristo não apenas "condenou o pecado na carne" (Rom. 8:3), mas tomou-Se o Redentor daqueles que estão "sob a lei" (Gál. 4:5). Com efeito, escreveu Paulo: "Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte." (Rom. 8:2)

A epístola aos Hebreus realça esse duplo aspecto da pessoa e obra de Cristo. "Pois, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos..." (Heb. 2:16 e 17). Uma vez que os irmãos "são participantes comuns de carne e sangue, também Ele, semelhantemente, participou das mesmas coisas" (verso 14). Portanto, Ele "em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Heb. 4:15). Essa foi a condição necessária para o cumprimento de Sua missão de servir como "um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados". (Heb. 2:17 e 18).

Esses são os dados bíblicos fundamentais da Cristologia. **Ninguém tem o direito de debilitar ou alterar essas informações com argumentos faltos de idoneidade bíblica.**

O Conceito Bíblico de Pecado

Um dos principais problemas da Cristologia envolve mal-entendidos sobre a natureza do pecado. De forma a resolver o problema da natureza humana de Cristo, precisamos determinar primeiramente o conceito bíblico de pecado. Através dos séculos ele foi entendido de várias maneiras, mas raramente em harmonia com o ensino das Escrituras.

Os católicos e muitos protestantes ensinam a doutrina do pecado original. Há muitos modos de entender essa doutrina, mas o conceito básico é que somos pecadores por nascimento, culpados simplesmente porque pertencemos à família humana como descendentes de Adão. Desse ponto de vista, se Jesus houvesse nascido com a mesma natureza pecaminosa como todos os outros homens, Ele seria um pecador, culpado por nascimento. Conseqüentemente, não poderia ser nosso Salvador.

Tendo adotado essa premissa, em harmonia com os teólogos evangélicos, os promotores da nova Cristologia adventista puderam apenas concluir que "Cristo tomou a natureza de Adão antes da queda". A fim de ser o Salvador do mundo, Cristo tinha de possuir uma natureza sem pecado, a qual não teria se houvesse nascido com a natureza de Adão após a queda.

Em razão de não haver base bíblica para a doutrina do pecado original, o adventismo tradicional a condenou ou simplesmente a ignorou. Ellen White, em todos os seus escritos, nunca a mencionou. Uma vez apenas ela usou a expressão "o pecado original" em relação ao pecado cometido por Adão no princípio. "Cada pecado cometido", escreveu ela, "reaviva o eco do pecado original." Hoje, alguns teólogos de outras confissões, do mesmo modo, consideram a doutrina do pecado original como estranha ao ensino bíblico.³

A fim de compreender o ensino bíblico sobre a questão do pecado, não é suficiente saber que o "pecado é ilegalidade" (I João 3:4), e que todos os homens são pecadores "porque todos pecaram" (Rom. 5:12). Os redatores das Escrituras, e Paulo em particular, estabelecem certas distinções sem as quais a natureza humana de Cristo permaneceria incompreensível. Primeiramente, é importante não confundir pecado como um princípio de ação e pecados como ação.

1. Pecado Como um Poder e Pecados Como Ações

A Bíblia estabelece importante distinção entre pecado, no singular, como o poder da tentação, e pecados, no plural, como atos transgressores da lei. Paulo, em especial, faz a diferença entre o que ele chama de "lei do pecado", que o mantém "prisioneiro" (Rom. 7:23), e "as obras da carne", as quais ele classifica (Gál. 5:19-21; Tito 3:3).

Em sua análise do homem "vendido sob pecado", Paulo especifica que o princípio do pecado vive nele, isto é, em sua carne. Esse princípio atua em seus membros, "guerreando contra a lei ..." Assim, "mesmo querendo eu fazer o bem, o mal está comigo". "Com efeito, o querer está

em mim, mas o efetuá-lo não". Consequentemente, "não sou mais eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim". (Rom. 7:14-23).

Paulo define o princípio que torna a humanidade "prisioneira da lei do pecado", usando várias expressões. Primeiro o chama de "inclinação da carne" (phronema tes sarkos), opondo-se à "inclinação do Espírito" (phronema tou pneumatos) (Rom. 8:6). A palavra phronema inclui as afeições, a vontade, bem como a razão de alguém que vive de acordo com sua natureza pecaminosa ou de acordo com o Espírito (Rom. 8:4 e 7). Paulo utiliza a expressão "a cobiça da carne" (ephithumian sarkos)? (Gál. 5:16 e 17) traduzida freqüentemente pela palavra carne (Rom. 1:24; 6:12; 7:7). Finalmente, a expressão "poder do pecado" (dunamis tes hamartia) (I Cor. 15:56) traduz bem o aspecto dinâmico do princípio que opera no homem e o torna escravo do pecado.

Através dessas expressões Paulo não quer referir-se ações do pecado, mas simplesmente às tendências da carne que impelem ao pecado. Essas são apenas inclinações, não pecados ainda. Mas tais tendências naturais para a desobediência, herdadas de Adão, inevitavelmente se tornam pecados quando cedemos aos seus apelos.

Em sua análise do processo de tentação, Tiago estabelece precisamente a diferença que existe entre "cobiça" (ephitumia) e o ato pecaminoso. De acordo com ele, "cada um, porém, é tentado quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência; então a concupiscência, havendo concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte." (Tiago 1:14 e 15). Em outras palavras "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (I João 2:16), são as origens de todas as tentações, como as de Cristo no deserto, tornando-se pecado somente com o consentimento do tentado.

Ellen White confirma esse ponto de vista quando escreve: "Há pensamentos e sentimentos sugeridos e despertados por Satanás, que afetam mesmo o melhor dos homens; mas se esses não são nutridos, se eles são repelidos como odiosos, a alma não é contaminada com a culpa, e ninguém é poluído por sua influência." Qualquer que possa ser a intensidade da tentação, ela nunca é, em si mesma, um pecado. "Nenhum homem pode ser forçado a transgredir. Seu próprio consentimento deve ser primeiramente obtido; a alma tem de querer praticar o ato pecaminoso antes que a paixão domine a razão ou a iniquidade triunfe sobre a consciência. Tentação, embora forte, nunca é desculpa para pecar." 5

Ellen White escreveu: "O Filho de Deus, em Sua humanidade, lutou contra as mesmas impetuosas e aparentemente esmagadoras tentações que assaltam o homem — tentação à indulgência com o apetite, à presunçosa ousadia de aventurar-se onde Deus não O conduzira, e à adoração do deus deste mundo, sacrificando assim uma feliz eternidade pelos fascinantes prazeres desta vida." "Ele sabe por experiência quais são as fraquezas da humanidade, quais são nossas necessidades, e onde jaz a força de nossas tentações; pois Ele foi "tentado em todos os pontos, como nós, mas sem pecado"."

A diferença entre Jesus e os seres humanos não está no plano da carne ou da tentação, uma vez que Ele "foi tentado em todos os pontos, como nós". A diferença está no fato de Jesus nunca ter cedido às seduções da carne, enquanto todos nós, sem exceção, sucumbimos a elas e ficamos sob o poder do pecado (Rom. 3:9). Mesmo quando alguém sente o desejo de fazer o bem, não tem em si mesmo o poder para resistir à força do pecado que habita nele (Rom. 7:18). Só Cristo, pelo poder do Espírito de Deus que nEle habitava, foi capaz de resistir "até o sangue, combatendo contra o pecado" (Heb. 12:4). Ellen White confirma: "Embora Ele sofresse toda a força da paixão da humanidade, nunca cedeu à tentação de praticar um simples ato que não fosse puro, elevado e enobrecedor."

Para compreender como Jesus pôde viver sem pecar "em semelhança da carne pecaminosa", outra importante distinção deveria ser feita: a diferença entre as conseqüências do pecado de Adão, transmitidas a todos os seus descendentes, de acordo com a "grande lei da hereditariedade", e a culpa, que não é transmissível de pai para filho.

2. Somente Aqueles Que Pecam São Culpados

Consoante a doutrina do pecado original, não apenas são culposos os desejos da carne, mas também todos os seres humanos em virtude do nascimento, por causa do pecado de Adão. Isso explica a prática do batismo infantil para livrar da maldição do pecado. Essa crença e prática são totalmente estranhas às Escrituras. Nem mesmo Rom. 5:12, o *locus classicus* (posição clássica) da doutrina do pecado original, afirma que todos os seres humanos são nascidos pecadores. Além disso, Paulo acrescenta que antes de Moisés, a humanidade não pecara "à semelhança da transgressão de Adão" (verso 14).

A Escritura ensina que a culpa não é transmissível por hereditariedade. Apenas aquele que peca é culpado. "Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu próprio pecado." (Deut. 24:16; II Reis 14:6). O profeta Ezequiel repete essa mesma lei nestes termos: "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele." (Eze. 18:20)

Cada um, portanto, é culpado de suas próprias faltas. Conseqüentemente, mesmo que eu seja "pecador desde o tempo em que minha mãe me concebeu" e "pecador desde o nascimento", de acordo com as palavras do salmista (Sal. 51:5), de maneira alguma sou, culpado do pecado de meus ancestrais. Paulo escreve que antes de seu nascimento, os filhos de Isaque e Rebeca não haviam "praticado bem ou mal" (Rom. 9:11). Certamente eles levavam em si mesmos, por hereditariedade, as conseqüências do pecado de Adão, que inevitavelmente os tornariam pecadores e responsáveis por suas próprias transgressões da lei de Deus, mas não eram culpados quer por natureza quer por hereditariedade. Assim ocorre com todos os que são "nascidos de mulher, nascidos sob a lei" (Gál. 4:4), e aconteceu com o próprio Jesus.

Sobre esse ponto, Ellen White escreve; "É inevitável que os filhos sofram as conseqüências dos maus feitos de seus pais, mas eles não são punidos pela culpa de seus pais, exceto se participarem de seus pecados. Se os filhos andarem nos pecados dos pais, esse será o caso. Por herança e exemplo os filhos tornam-se participantes do pecado de seus pais. Tendências ao erro, apetites pervertidos e corrupção moral, bem como enfermidades físicas e degeneração, são transmitidos como legado de pai para filho, até a terceira e quarta geração." 10

O que a posteridade de Adão e Eva herdou foi a tendência para pecar e as consequência do pecado: morte. Por suas transgressões o veneno da serpente foi inoculado em a natureza humana como um vírus mortal. Mas em Cristo, Deus proveu a vacina salvadora.

"Em Semelhança de Carne Pecaminosa"

À luz do que temos dito sobre a natureza do pecado, deveria ser compreendido que era possível para Jesus viver sem pecar, livre de toda corrupção, em pensamento e atos, "em semelhança da carne pecaminosa".

Já houve muita discussão sobre o significado da palavra "semelhança" (homoiomati). Naturalmente, ela enfatiza semelhança, similitude, identidade, mas não diferença. Nas três passagens onde a expressão é usada, sempre indica identidade de uma natureza que tem a ver com parecença ou semelhança da carne (Rom. 8:3), com o homem (Fil. 2:7), ou com a tentação (Heb. 2:17). Para estar em posição de poder ajudar os "descendentes de Abraão"... Ele devia ser semelhante a Seus irmãos" (Heb. 2:16 e 17).

Entretanto, é importante entender que Paulo não está dizendo que Cristo Se "assemelhava" ao homem carnal, nem que Sua carne Se parecia com aquela do homem pecaminoso, corrompido por uma vida de pecado e escravo das más propensões. O apóstolo limitou a semelhança à carne na qual habitava "a lei do pecado", e onde "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (I João 2:16) dominavam.

De acordo com Tiago 1:15, a concupiscência é a mãe do pecado, e não pecado em si mesma, assim como o pecado é pai da morte e não a própria morte. As concupiscências são

tentações às quais todos os seres humanos estão sujeitos, e que o próprio Jesus teve de enfrentar, uma vez que Ele foi "tentado em todos os pontos, como nós" (Heb. 4:15). Mas, diferentemente do que acontece conosco, Cristo nunca permitiu que as más tendências, embora hereditárias e potencialmente pecaminosas, se tornassem pecado. Ele sempre soube "rejeitar o mal e escolher o bem" (Isa. 7:15), desde o dia de Seu nascimento até a morte na cruz.

Ellen White e os defensores da Cristologia tradicional fazem distinção entre "tendências hereditárias" e "tendências cultivadas para o mal" Agora, se Jesus herdou tendências para o mal, por outro lado, Ele nunca as "cultivou". Eis porque ela pôde escrever que Cristo conhecia "por experiência... o poder de nossas tentações" bem como "o poder da paixão da humanidade" mas sem nunca ceder à sua força de atração.

A melhor explanação referente às diferenças entre tendências *herdadas* e *cultivadas*, é encontrada na carta de Ellen White a Baker. Essa explicação é muito significativa, porque a carta é o principal documento sobre o qual os propugnadores da nova Cristologia se fiam para afirmar que Cristo tomou a impecável natureza de Adão antes da queda.

"Não O apresentem diante do povo como um homem com 'propensões para pecar'. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado puro e sem pecado, sem mancha de pecado sobre si; ele era a imagem de Deus. Poderia cair e caiu pela transgressão. Por causa do pecado, sua posteridade nasceu com inerentes propensões para a desobediência. Mas Jesus Cristo era o Unigênito Filho de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como ser humano. Ele poderia ter pecado; poderia ter caído, mas nem por um momento havia nEle uma má propensão." [Ênfase acrescida]

Comparando "inerentes propensões para a desobediência", herdadas por toda a posteridade de Adão, com "más propensões", que Jesus não possuía, os teólogos da nova Cristologia, bem como aqueles da Cristologia alternativa, interpretaram mal a carta de Ellen White a Baker, em contradição com seus próprios ensinos noutras partes. [Ênfase acrescida]

Escrevendo a Baker, ela disse: "Ao tratar da humanidade de Cristo, você precisa estar atento a cada asserção, com receio de que suas palavras sejam interpretadas como significando mais do que querem dizer, e assim percam ou ofusquem as claras percepções sobre Sua humanidade combinada com a divindade." E acrescentou: "Percebo que há perigo em abordar assuntos que tratem da humanidade do Filho do infinito Deus."

Daí essas advertências: "Sejam cuidadosos, extremamente cuidadosos ao tratarem da natureza humana de Cristo. Não O apresentem ao povo como um homem com propensões para o pecado." "Nunca, de modo algum, deixem a mais leve impressão sobre mentes humanas, de que uma mancha de pecado ou inclinação para a corrupção habitava em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, cedeu a ela... Que cada ser humano se abstenha de fazer Cristo totalmente humano, como um de nós, pois isso não pode ser." 18

Porém, se Ellen G. White insiste, por um lado, sobre a perfeição imaculada de Cristo, ela também declara que Sua natureza impecável foi adquirida "sob as mais probantes circunstâncias"¹⁹, "para que pudesse compreender a força de todas as tentações com as quais o homem é atacado". ²⁰ Mas "em nenhuma ocasião houve qualquer resposta às suas [Satanás] múltiplas tentações. Nem por uma única vez Cristo entrou no terreno de Satanás, para conceder-lhe qualquer vantagem. Satanás nada encontrou nEle para encorajar seus avanços." "Está escrito', era Sua arma de resistência, e é essa a espada do Espírito Santo que todo ser humano deve usar."²¹

Certamente, nunca compreenderemos plenamente como Cristo pôde ser "tentado em todos os pontos, como nós, mas sem pecado". Ellen White afirma: "A encarnação de Cristo foi e será para sempre um mistério." Paulo declarou que "grande é o mistério da piedade: Aquele que Se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória" (I Tim. 3:16).

Dado que a nova Cristologia reivindica estar apoiada em algumas declarações de Ellen

White – particularmente aquelas feitas na carta a Baker – é pertinente demonstrar que essa carta está em perfeito acordo com o ensino dos pioneiros, e em harmonia com a doutrina dos apóstolos.

Razões Para a Encarnação

Sem dúvida, a encarnação do Filho de Deus sempre estará envolta em certo mistério para a compreensão humana. Todavia, o mistério diz mais respeito ao *como* da encarnação do que ao *porquê*. Nenhuma passagem bíblica explica *como* "o *Verbo Se fez carne*", ou *como* as naturezas divina e humana *foram* combinadas na pessoa de Cristo. Por outro lado, Jesus e os apóstolos manifestaram-se claramente sobre o *porquê* de Sua vinda. Vale dizer, a solução para o problema da encarnação deveria primeiro ser buscada à luz do que Deus revelou.

Através dos séculos, os teólogos se perderam em suas respostas ao *porquê*. Com muita freqüência, explicam o sacrifício de Cristo em relação a Deus antes que ao homem. As teorias da substituição penal têm feito parecer que Deus precisava dos sofrimentos de Cristo, ou do sangue de uma vítima inocente, para perdoar pecados. Mas Deus Se define como sendo, por natureza, "*misericordioso, compassivo, tardio em irar-Se... que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado.*" (Êxo. 34:6 e 7)

Isaías 53 mostra até que ponto a compreensão humana acerca do dom de Deus pode estar equivocada: "... nós O reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido", ao passo que "Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniqüidades" (Isa. 53:4 e 5). Obviamente, Jesus não Se ofereceu em sacrifício para apaziguar a ira de um Deus ofendido. Deus não Se vingou em Cristo para satisfazer Sua justiça. Todos os textos que explanam a razão da vinda de Cristo afirmam o contrário, isto é, que Deus enviou Seu Filho unigênito por nossa causa. Deus sempre é apresentado como o Iniciador do plano da salvação e Jesus como o Mediador entre Deus e os homens. "Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho, antes O entregou por (hyper) todos nós..." (Rom. 8:32). Jesus confirmou isso através dos símbolos da Ceia do Senhor: "Isto é o Meu corpo , que é dado (hyper) por vós... Este cálice é o novo pacto em Meu sangue, que é derramado por [hyper] vós." (Lucas. 22:19 e 20).

Paulo se esforçou para ajudar-nos a compreender as razões da vinda de Cristo. Mas devemos concordar com Pedro, que em suas epístolas há "pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem..." (II Pedro 3:16). A Cristologia de Paulo realmente constitui-se numa das mais difíceis. Todavia, nenhuma passagem é mais reveladora do que aquela na qual ele mostra, por um lado, a miserável situação do homem "vendido sob pecado" (Rom. 7:14-24); e por outro, as razões pelas quais Deus enviou "Seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa" (Rom. 8:2-4).

A pergunta que faz a si mesmo: "Quem me livrará do corpo desta morte?", ele próprio responde: "Graças a Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor." (Rom. 7:24 e 25). Então, Paulo sumariza quatro razões específicas para explicar o **porquê** da ação salvífica de Deus:

1. "Para Ser Uma Oferta Pelo Pecado"

Essa razão é fundamental e justifica todas as outras. Obviamente, se não tivesse havido pecado no início, a encarnação de Cristo não seria necessária. Mas, por causa do pecado e do amor divino pela humanidade, "Deus ... deu o Seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nEle crê, não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16). Toda a Bíblia é a resposta de Deus ao problema do pecado.

Tão logo o pecado entrou no mundo como resultado da desobediência de Adão e Eva às leis do Criador, Deus revelou Seu plano de salvação. Antes de mostrar a nossos primeiros pais as conseqüências do pecado, Ele lhes prometeu um Salvador nascido da semente da mulher. Conquanto a serpente ferisse Seu calcanhar, Ele pisaria sua cabeça (Gên. 3:15).

Assim, através dos séculos, a promessa de um Salvador foi renovada. Por meio do anjo Gabriel, Deus anunciou a Daniel, o profeta, que o Messias viria num tempo específico para realizar Sua obra redentiva, "para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a

iniquidade e trazer a justiça eterna..." (Dan. 9:24) Quando Jesus Se apresentou a João Batista, às margens do Jordão, esse O proclamou como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". (João 1:29).

A missão de Cristo, uma vez completada, é explicada por Paulo em termos similares à razão por que Deus "enviou Seu Filho em semelhança da carne pecaminosa", para condenar "o pecado na carne" (Rom. 8:3).

2. Para Condenar "o Pecado na Carne"

Evidentemente, essa condenação do pecado não foi realizada "vicariamente" ou na base de uma mera transação legal da parte de Deus. Por causa do pecado, foi necessário que o Verbo Se tornasse carne (João 1:14), que Cristo "fosse feito semelhante a Seus irmãos" (Heb. 2:17) e que fosse "tentado como nós, mas sem pecado" (Heb. 4:15).

Para condenar 'o pecado na carne", Paulo especifica que foi "no corpo de Sua carne" (Col. 1:22) que Cristo triunfou sobre o pecado, lutando contra o pecado ao ponto de derramar sangue (Heb. 12:4). Através de "Sua carne" Cristo "abriu um novo e vivo caminho" (Heb. 10:20), que nos levou à reconciliação com Deus. Pedro declarou que Cristo levou "Ele mesmo os nossos pecados em Seu corpo sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça..." (I Ped. 2:24)

Além disso, para abolir a morte (II Tim. 1:10) bem como todas "as obras do diabo" (I João 3:8), Cristo teve de participar da "carne e do sangue" do homem, "para que pela morte derrotasse aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo" (Heb. 2:14). Esse foi o pré-requisito para Cristo tornar-Se "um Sumo Sacerdote santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores..." (Heb. 7:26), e estar em posição de livrar "todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão" (Heb. 2:15). Esta é a segunda razão dada por Paulo para justificar a encarnação de Cristo.

3. Para Libertar os Seres Humanos "da Lei do Pecado e da Morte"

Tendo condenado o pecado na carne, Cristo podia agora agir para livrar o homem da escravidão do pecado. "Porque naquilo que Ele mesmo, sendo tentado [mas sem pecado] sofreu, pode socorrer aos que são tentados" (Heb. 2;18;4:15). Livrar o homem do pecado constitui, portanto, o primeiro objetivo da encarnação de Cristo.

A fim de nos ajudar, os escritores sacros usaram a linguagem de uma sociedade praticante do escravismo, onde era necessário pagar *resgate* para *libertar* um escravo. O próprio Jesus usou essas palavras para ilustrar a razão de Sua missão. Ele afirmou: "*Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado*." E acrescentou para o benefício de Seu público: "*Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres*." (João 8:34 e 36) Pois "*o Filho do homem veio... para dar a Sua vida em resgate de muitos*." (Marcos 10:45; Mateus 20:28)

Paulo, semelhantemente, usa essas expressões. Ele escreveu aos gálatas: "Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da lei, para resgatar [literalmente, comprar] os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos." (Gál. 4:4 e 5). Em sua carta a Timóteo, ele lembra que Cristo "... Se deu a Si mesmo em resgate por todos". (I Tim. 2:6) Então, em Tito, ele escreve que Jesus "... Se deu a Si mesmo por nós, para nos remir [literalmente, nos libertar] de toda iniqüidade, e purificar para Si um povo todo Seu, zeloso de boas obras" (Tito 2:14). Em suma, Jesus não somente veio para tirar nossos pecados (I João 3:5), mas também para libertar-nos deles (Apoc. 1:5; I João 1:7-9).

4. "Para Que a Justiça da Lei se Cumprisse em Nós"

Esse é o principal objetivo pelo qual Deus enviou Seu Filho "em semelhança da carne pecaminosa". A conjunção "para que" (ina), que introduz a última declaração de Paulo, assinala o propósito da ação de Cristo em nosso favor. Note que não é sobre a justificação (dikaiosune) que se está tratando aqui, mas dos justos (dikaioma) reclamos da lei.

Em nossa situação como seres humanos, prisioneiros da lei do pecado, somos incapazes de obedecer aos mandamentos de Deus. Mesmo quando desejamos fazê-lo, falta-nos poder. Ademais, por si mesma, a lei é impotente para livrar-nos do poder do pecado. "... Se a justiça vem mediante a lei, logo Cristo morreu em vão." (Gál. 2:21) Entretanto, isso não significa que a lei foi abolida e que não mais devemos observá-la. Pelo contrário, Paulo afirma que "a observância dos mandamentos de Deus" é que conta. (I Cor. 7:19) Jesus foi enviado para nos capacitar a viver de acordo com a vontade de Deus, expressa em Sua Lei, como nos ensinou por Seu exemplo.

Por Sua participação no sangue e carne da humanidade, e em razão de Sua vitória sobre o "pecado na carne", Jesus tornou-Se para nós um princípio vital, uma licença para a transformação, capaz de fortalecer cada pecador na "obediência que provém da fé" (Rom. 1:5; 16:26). Pois se, através da solidariedade humana, "pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores", Paulo nos dá a certeza de que "pela obediência de um, muitos serão constituídos justos". (Rom. 5:19)

Em harmonia com o novo concerto prometido, do qual Cristo é o Mediador, a lei não está mais simplesmente escrita em tábuas de pedra. "Este é o pacto que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei as Minhas leis em seus corações, e as escreverei em seu entendimento." (Heb. 10:16). Desse modo, a justiça da lei pode ser realizada em nós, para que, depois disso, não mais andemos segundo a carne, mas segundo o Espírito, seguindo o exemplo de Cristo.

Vitória Através "do Espírito de Vida em Cristo Jesus"

Na mesma passagem da epístola aos Romanos, Paulo não explica meramente o *porquê* da missão de Cristo. Ele também nos revela o segredo de Sua vitória sobre o pecado, e *como* o impossível se torna possível para aqueles que estão em Cristo. Por duas vezes o apóstolo faz referência ao Espírito: primeiro, ao dizer que em Cristo estava "o Espírito de vida", e então, ao mostrar *como*, pelo Espírito de Cristo, somos capacitados a "andar como Jesus andou" (I João 2:6).

1. Cristo, "Justificado no Espírito"

Uma das revelações essenciais da Cristologia reside no fato de que o próprio Cristo, durante Sua manifestação na carne, teve de ser "justificado no Espírito" (I Tim. 3:16). Em razão de Sua vitória sobre o pecado e a morte, Jesus "... com poder foi declarado Filho de Deus." (Rom. 1:4). Embora Jesus tenha nascido "da semente de Davi segundo a carne" (Rom. 1:3), Mateus especifica que Ele foi concebido pelo Espírito Santo (Mat. 1:18 e 20). De acordo com o salmista, Ele foi posto sob o cuidado de Deus desde Seu nascimento (Sal. 22:10).

Então, em Seu batismo, Jesus "viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele" (Mateus 3:16). O Espírito também O conduziu ao deserto "para ser tentado pelo diabo" (Mat. 4:1). Porque Deus não concedeu a Jesus "o Espírito por medida", Paulo escreveu que "nEle habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Col. 2:9). Realmente, "Deus estava em Cristo reconciliando Consigo mesmo o mundo". (II Cor. 5:19).

Toda a vida de Cristo neste mundo, assim como toda a Sua obra em favor da salvação do homem, porta o selo do "Espírito de vida" que nEle estava. "Deus O ungiu com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele." (Atos 10:38) Sem o Espírito, Jesus nunca teria sido capaz de realizar as obras que efetuou. "O Filho, de Si mesmo, nada pode fazer..." (João 5:19, 30). Além disso, sem o Espírito de Deus, Ele nunca teria sido capaz de derrotar o poder do pecado em Sua própria carne. Mas pelo Espírito, Ele Se santificou (João 17:19), para tornar-Se "tal Sumo Sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus" (Heb. 7:26).

Para ajudar-nos a compreender como Deus deseja beneficiar-nos com a vitória de Cristo, Paulo aplica a tipologia dos dois Adões. Ele apresenta Jesus como o novo Adão, destinado a substituir o Adão transgressor. Enquanto que "o primeiro Adão tomou-se alma vivente; o último Adão, espírito vivificante" (I Cor. 15:45); em outras palavras, um espírito que cria vida. Daí, de acordo com o princípio da solidariedade humana, pela desobediência do primeiro Adão, "entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens..." (Rom.

5:12). Mas, por Sua obediência, o segundo Adão trouxe a "todos os homens ... justificação e vida". (Rom. 5:18). "E, assim como trouxemos a imagem do terreno, traremos também a imagem do celestial." (I Cor. 15:49). Há uma condição, todavia: o Espírito de vida que estava em Cristo deve, igualmente, habitar em nós. Pois, "se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle". (Rom. 8:9).

2. Transformado Pelo "Espírito de Cristo"

O mesmo Espírito que permitiu a Jesus obter a vitória sobre o pecado, deveria, semelhantemente, atuar em nós com poder para tornar-nos filhos de Deus. Jesus foi o primeiro a explicar isso a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus... Necessário vos é nascer de novo." Como a ação do vento, "assim é todo aquele que é nascido do Espírito". (João 3:5-8).

Jesus falou a Seus discípulos sobre "o Espírito que haviam de receber o que nEle cressem". Mas João explica: "... o Espírito ainda não fora dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado." (João 7:39) Eis por que, após ter anunciado Sua partida, Jesus reassegurou-lhes: "Todavia, digo-vos a verdade, convém-vos que Eu vá; pois se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, vo-Lo enviarei. E quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo." (João 16:7 e 8) E mais: "Quando vier, porém, Aquele, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade." (João 16:13).

Imediatamente após Sua ressurreição, Jesus renovou a promessa: "... Mas vós sereis batizados no Espírito Santo dentro de poucos dias." (Atos 1:5) E repetiu: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra." (Atos 1:8) Aquilo que Jesus prometeu aos doze e se cumpriu no Pentecostes, semelhantemente promete a todos os que respondem aos apelos do Espírito. Pois "toda a autoridade no Céu e na Terra" foi dada a Ele (Mat. 28:18) Cristo está trabalhando para atrair todos os seres humanos a Si mesmo (João 12: 32), para lhes tornar clara a verdade e capacitá-los a viver pelo Espírito, como Ele mesmo fez quando esteve na Terra.

Desde o Pentecostes, Deus concede Seu Espírito a todo aquele que pede (Lucas 11:13). E o Espírito habita - e também Cristo através de Seu Espírito, naqueles que O recebem. Assim como Jesus venceu "o pecado na carne" pelo Espírito Santo, igualmente Ele habilita Seus filhos a vencerem pelo poder do Espírito. De fato, II Pedro 1:4 declara que eles se tornam "participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo".

Por Seu ministério, Jesus tem aberto o caminho para o Espírito e proporcionado novo nascimento à geração de seres humanos regenerados pelo Espírito. E a todos os que são nascidos do Espírito, Deus não somente dá o poder para dizer "não" à "impiedade e às paixões mundanas" mas também para viver "no presente mundo sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus". (Tito 2:12 e 13).

Ellen White sumariou perfeitamente o que os adventistas crêem com respeito ao papel do Espírito na vida do crente. "É o Espírito que torna efetivo o que foi realizado pelo Redentor do mundo. É pelo Espírito que o coração é purificado. Através dEle o crente se torna participante da natureza divina. Cristo concedeu Seu Espírito como um divino poder para vencer todas as tendências herdadas e cultivadas para o mal, e para imprimir Seu próprio caráter na igreja." "Cristo morreu no Calvário para que o homem pudesse ter o poder de vencer suas tendências naturais para o pecado." ²⁴

A vida dos professos cristãos não está, portanto, limitada ao perdão dos pecados, ou a "uma religião fácil que não exija luta, abnegação e separação dos desatinos do mundo"²⁵. Contrariamente, o Espírito de vida que está em Cristo tem realmente libertado o cristão da escravidão do pecado, de forma que ele possa viver vitoriosamente, segundo o exemplo do Salvador. "A vida que Cristo viveu neste mundo, homens e mulheres podem viver através do Seu poder e sob Sua instrução. Em seu conflito com Satanás, eles podem ter toda ajuda que Ele teve.

Podem ser mais do que vencedores por Aquele que os amou e a Si mesmo Se deu por eles."26

Conclusão

Para encerrar este capítulo, citamos uma passagem extraída de um manuscrito de Ellen White, sobre o assunto da humilhação de Cristo. Nele, Ellen White explica a natureza humana de Cristo de um modo que não poderia ser mais claro.

Primeiramente ela evoca o dado fundamental da Cristologia bíblica: "Ele [Cristo] não tomou para Si a natureza dos anjos, mas a humanidade, perfeitamente idêntica à nossa própria natureza, excetuando-se a mancha do pecado."

Então, reconhecendo as dificuldades de alguns em compreender uma verdade totalmente oposta ao credo das principais igrejas, Ellen White prossegue: "Mas não devemos nos apegar às nossas idéias comuns e terrenas, e em nossos deturpados pensamentos cogitar que o risco de Cristo ceder às tentações de Satanás tenha degradado Sua humanidade, e que Ele possuía as mesmas tendências pecaminosas e corruptas propensões como o homem."

"A natureza divina, combinada com a humana, tornou-O suscetível de ceder às tentações de Satanás. A prova de Cristo foi muito maior do que a de Adão e Eva, pois o Salvador tomou nossa natureza decaída mas não corrompida, a qual não se perverteria a menos que Ele atendesse às palavras de Satanás em lugar das palavras de Deus. Supor que Cristo não pudesse ceder à tentação, coloca-O onde Ele não pode ser um perfeito exemplo para o homem." 27

O trecho seguinte mostra claramente que se Jesus viveu uma vida impecável numa natureza humana diferente da nossa, e se Ele não houvesse sido "em tudo semelhante a Seus irmãos" (Heb. 2:17), não poderia "socorrer aos que são tentados" (Heb. 2:18). Essa é a mesma verdade que João sintetiza no prólogo de seu evangelho, e que é o coração da Cristologia bíblica: "O Verbo", que "estava com Deus no princípio" – "Se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e verdade... pois todos nós recebemos da Sua plenitude, e graça sobre graça". "A todos quantos O receberam, aos que crêem no Seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus." (João 1:2, 14, 16, 12)

Notas e Referências

- 1. Ver Jean R. Zurcher, The Nature and Destiny of Man (New York: Philosophical Library, 1969).
- 2. Ellen G. White, em Review and Herald, 16 de Abril de 1901.
- 3. Ver nosso capítulo 7 e Emil Brunner, Dogmatics, vol. 2, pág. 103.
- 4. Ellen G. White, em Review and Herald, 27 de março de 1888.
- 5. _____, Testimonies for the Church, vol. 5, pág. 177.
- 6. _____, Selected Messages, livro 1, pág. 95.
- 7. _____, The Ministry of Healing, pág. 71.
- 8. _____, In Heavenly Places, pág. 155.
- 9. _____, *The Desire of Ages*, pág. 49.
- 10 _____, Patriarchs and Prophets (Mountain View, Calif.: Pacific Press Pub. Assn., 1913), pág. 306 (itálicos supridos).
- 11. ______, Counsels to Parents, Teachers and Students (Mountain View, Calif.: Pacific Press. Pub. Assn., 1913), pág. 20; Christ's Object Lessons (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1941), pág. 330.
- 12. _____, *The Ministry of Healing*, pág. 71. Carta 8 de Ellen G. White, 1895, em *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Ellen G. White Comments, vol. 5, pág. 1129 (itálicos supridos).
- 13. ______, In Heavenly Places, pág. 155 (itálicos supridos).
- Carta 8 de Ellen G. White, 1895, em Seventh-day Adventist Bible Commentary, Ellen G. White Comments, vol. 5, págs. 1128, 1129 (itálicos supridos).
- 15. Ibidem.
- 16. Ibidem.
- 17. *bidem*.
- 18. Ibidem.
- 19. Ibidem.
- 20. bidem.
- 21. Ibidem.

```
Ibidem.
23. E. G. White, The Desire of Ages, pág. 671.
24. ______, Review and Herald, 2 de fevereiro de 1992.
25. _____, The Great Controversy, pág. 472.
26. _____, Testimonies for the Church, vol. 9, pág. 22.
27. Ellen G. White, manuscrito 111, 1890. Extraído do Journal 14, págs. 272-285.
```

EPÍLOGO

Não é a primeira vez que a Igreja Adventista tem confrontado sérios problemas teológicos. Nenhuma das doutrinas da igreja foi aceita sem cuidadoso e diligente estudo, algumas vezes seguido por longos períodos de discussão, pesquisa e oração. Comparando suas divergentes convicções, os pioneiros foram capazes de excluir errôneos conceitos teológicos herdados de várias tradições cristãs, e esclarecer verdades bíblicas tais como reveladas pelas Escrituras.

Para cumprir sua tarefa, o princípio aplicado era consistente com o praticado pelos reformadores: sola scriptura (Só a Escritura). "A Bíblia, e a Bíblia só, é nosso credo... O homem é falível, mas a Palavra de Deus é infalível... Ergamos a bandeira na qual está escrito: 'A Bíblia é nossa regra de fé e disciplina'". Esse foi o fundamento sobre o qual as crenças essenciais da Igreja Adventista foram estabelecidas – e nenhum outro mais.

Quando o problema da justificação pela fé foi discutido em Minneapolis, no ano de 1888, Ellen White achava ser necessário lembrar aos delegados o único método válido para resolver problemas doutrinários. "Tomemos a Bíblia e com humilde oração e espírito de aprendiz, vamos ao grande Mestre do mundo... Devemos examinar as Escrituras procurando as evidências da verdade... Todos os que reverenciam a Palavra de Deus, tal como ela ensina; todos os que cumprem Sua vontade segundo o melhor que podem, conhecerão se a doutrina é de Deus... Qualquer outro meio não é o modo de Deus e criará confusão."²

Por causa de a igreja nem sempre seguir estritamente esse método em sua busca pela verdade, ela sofre hoje de um lamentável estado de confusão com respeito à Cristologia. O inevitável resultado é que a mesma confusão agora reaparece com relação à doutrina da justificação pela fé.³ É alto o tempo de reconhecer a seriedade da situação e promover um fórum especial com o propósito expresso de aprofundar a pesquisa sobre os vários aspectos históricos e teológicos da Cristologia.

Este estudo não foi empreendido para recrudescer a controvérsia que infelizmente já pagou alto preço. Nosso propósito é simplesmente tornar conhecido o ensino unânime dos pioneiros da igreja, desde seu início até os anos cinqüenta, bem com as várias interpretações apresentadas pelos autores em décadas recentes. A objetividade nessa questão requer compreensão de toda a história. O conselho de Ellen White – cujos escritos são, em si mesmo, o âmago da controvérsia – deveria ser cuidadosamente seguido se esperamos alcançar a unidade: "Que todos provem suas posições pelas Escrituras e substanciem cada ponto reivindicado como verdade pela revelada Palavra de Deus."⁴

Desde que comecei a escrever a história da Cristologia Adventista – intencionalmente restrita aos primeiros 150 anos da igreja (1844-1994) – muitas obras foram publicadas para ajudar a resolver a controvérsia que nos divide. Cada um desses livros faz significativa contribuição ao debate, mas por causa de seus pontos de vista antagônicos, eles ainda sustentam a confusão.

É importante lembrar a declaração de Kenneth Wood: "Antes de a igreja proclamar com poder divino a última mensagem de advertência ao mundo, ela deve unir-se em torno da verdade sobre a natureza humana de Cristo." [Ênfase acrescida] Nunca é demais repetir: "A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo a Deus. Esse deve ser nosso estudo." 7

Notas e Referências

- 1. Ellen G. White, Selected Messages, livro 1, pág. 416.
- 2. Ellen G. White, Manuscrito 15, 1888. Citado em A. V. Olson, Through Crisis to Victory, 1801-1901, págs. 293-302 (itálicos supridos).
- 3. Martin Weber, Who's Got the Truth? (Quem Tem a Verdade?) (Silver Spring, Md.: Home Study International, 1994).
- 4. Ellen G. White, Evangelism (Washington D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1946), pág. 256.
- 5. A. Leroy Moore, Adventism in Conflict: Resolving the Issues That Divide Us (O Adventismo em Conflito: Solucionando as Questões Que Nos Dividem) (Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Assn., 1995); ver especialmente as págs. 145-157; Woodrow W. Whidden II, Ellen White on Salvation: A Chronological Study (Ellen G. White e a Salvação – Um Estudo Cronológico) (Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Assn., 1995) ver especialmente as págs. 57-65); Jack Sequeira, Saviour of the World: The Humanity of Christ in the Light of the Everlasting Gospel (O Salvador do Mundo: a Humanidade de Cristo à Luz do Evangelho Etemo) (Boise, Idaho: Pacific 6. Press Pub. Assn., 1996); Woodrow W. Whidden II, Ellen White on The Humanity of Christ (Ellen White e a Humanidade de Cristo) (Hagerstown, Md.: Review and Herald Pub. Assn.,
- 6. Kenneth H. Wood, em nosso prefácio, pág. 9
- 7. E.G. White, Selected Messages (Mensagens Escolhidas), vol. 1, pág. -

ÍNDICE REMISSIVO

Α Adams, Roy, 191, 192, 193 Anderson, Roy Allan, 116, 117, 118, 132, 133, 151, 163 Andreasen, M. L., 124, 126, 127, 128, 129, 130, 188, 192 Andrews, J. N., 99

Baker, William, L. H., 41, 72, 120, 121, 122, 125, 152, 161, 182, 187, 189, 192, 213, 224, 225 Barnhouse, Donald Grey, 115, 119, 127 Barth, Karl, 13, 15, 145 Bates, Joseph, 18, 19 Beddoe, B. E., 18, 19, 102

Branson, W.H. 98, 106, 108

Breed, A. J., 79

Brunner, Emil, 12, 13, 14, 145 Bultmann, Rudolf, 13, 14

C Campbell, M. V., 99 Caseaux, Jean, 193

Cranfield, C. E. B., 173

Cullman, Oscar, 16 r

D

Daniells, Arthur G., 56 Davis, S. S., 79, 84, 85 Davis, Thomas A., 138, 152, 153, 154, 177, 178 Dederen, Raoul, 193 Delafield, D. A., 187, 188 Donnell, R. S., 79, 84, 85 Douglass, Herbert, 16, 138, 139, 141, 144-146, 162-164, 167, 168, 171-177 Durland, J. H., 87, 88

Edwardson, Christian, 105 English, Schuyler, 114, 115

```
Ford, Desmond, 142-144
Froom, LeRoy E., 23, 113-115, 118, 133-135
Gerber, Charles, 102
Gordon, Paul, 201
Grotheer, William, 16
Guenin, Jules-Cesar, 100-102
Gulley, Norman, 162, 163, 170, 171, 174-177, 192
Η
Hancock, Robert L, 130, 131
Hankins, I. J., 84
Haskell, S. N., 79-81, 85, 126, 183
Heppenstall, Edward, 147-152, 167, 168, 193, 216
Howard, James, 102
Hudson, A. L., 130
Huntington, S. G., 81
Hyde, Gordon, 140
Hyde, William, 216
Irving, Edward, 15, 58
J
Johnson, Harry, 15
Johnsson, William G., 154, 155, 195-197
Jones, Alonzo T. 21, 52, 55,-65, 67, 68, 71, 77, 85, 87, 88, 92, 134, 142, 161, 166, 183, 188, 192, 199, 212
K
Kellogg, J. H., 21, 56, 130, 199, 200
Kleuser, Louise C., 117
Knight, George R. 56, 64, 188, 189, 199, 207
Larson, Ralph, 32, 89, 181, 182
Lickey, A. B., 106
Lutero, Martinho, 51
M
MacGuire, Meade, 104
Marks, R. R. D., 177
Martin, Walter R., 108, 114, 115, 119, 127
Maxwell, A. G., 124
Melvill, Henry, 185, 186, 190-192, 210
Miller, Guilerme, 19, 23
Moore, Arthur Leroy, 143
Nichol, F. D., 7, 8, 106-108, 124, 138
Nussbaum, Tell, 100
0
Ochs, W. B., 106
Olson, A. V., 99
Olson, Robert W., 145, 183, 184
```

```
Owen, R. S., 96
Paxton, Geoffrey, 143
Poirier, Tim, 185, 186, 192, 200
Prescott, W. W., 25, 67-77, 85, 87, 92, 98, 104, 135, 153, 183, 188, 199
Presence, E. de, 101
Priebe, Dennis, 164-167
R
Read, W. E., 118
Rebok, Denton E., 112-114
Rippey, J. A., 96
Rivera, Anibal, 177
Robinson, J. A. T., 13, 14
S
Salom, Alwyn, 142
Schaff, Philip, 191
Sequeira, Jack, 197-199
Short, Donald K., 142, 160, 163
Smith, Uriah, 18-20, 92
Spangler, J. Robert, 121, 151, 152, 169
Steed, Joseph E., 96
Steinweg, Bruno, 16
Stephenson, J. M., 30
Stéveny, Georges, 193-195
Т
Tenney, G. C., 89
Torrance, Thomas F., 14, 15
Ullmann, Karl, 191
V
Van Dolson, Leo, 145
Vaucher, Alfred, 193
Venden, Morris, 116
Vick, Edward W. H., 155, 156
W
Waggoner, Ellet J., 21-25, 35, 47-58, 64, 68, 77, 81-85, 87, 92, 120, 135, 142, 161, 166-168, 183, 188, 199,
Waggoner Joseph, 18, 20, 21
Walsh, Mary E., 106
Webster, Eric Claude, 167-169
White, Arthur L, 57, 84
White, Ellen G., 6, 8, 9, 16, 19,
     23-25, 27, 28, 30-33, 35-44, 47, 52, 55-57, 61, 64, 65, 67, 68, 71, 72, 74, 79, 80, 81, 83-85, 92, 96, 97,
   100, 101, 107, 115-121, 123, 124, 126, 127, 129-132, 134, 135, 138, 139, 141-146, 148, 151-153, 156,
   161, 163, 164, 166-171, 174, 177, 181-189, 191, 192, 196, 199-201, 206, 207, 209-216, 220-225, 231,
   233, 234
White, James, 18-20, 24, 30-32
White, William, 32
Wieland, Robert J., 142, 160-162
Wilcox, Milton C., 92, 97, 98
```

Wildes, Ethel, 177 Winslow, Octavius, 186 Wood, Kenneth H., 108, 138, 146-148, 151, 153, 183, 184, 234

Z Zurcher, J. R., 10

uma Palavra dos Patrocinadores

Nesta seção, apresentaremos os seguintes assuntos:

Resenha crítica do Pr. Dennis Fortin 1

Comentário publicado no Seminário de Estudos da Universidade Andrews, volume. 38, Outono de 2000, Número 2, Andrews University Press

Zurcher, J. R. *Tocado por nossos Sentimentos: Uma pesquisa histórica do conceito adventista sobre a natureza humana de Cristo.* Hagerstown, MD: Review and Herald, 1999. 308 páginas. Livro Brochura. US\$15,99.

No Adventismo do Sétimo Dia poucos assuntos podem gerar tanto calor quanto uma discussão sobre a natureza humana de Cristo. Por décadas os Adventistas têm debatido se a natureza humana de Cristo era idêntica àquela do Adão antes da queda (pré-lapsarianismo), ou àquela do Adão depois da queda (pós-lapsarianismo), ou até mesmo uma posição intermediária. Embora muitos fatores teológicos entrem em jogo neste debate, ao centro está a questão se Cristo pode verdadeiramente ser um exemplo moral à humanidade. O último livro neste debate é a obra do veterano teólogo Jean R. Zurcher, traduzido do Francês, *Tocado por nossos sentimentos*. Em sua pesquisa histórica do conceito adventista sobre a natureza humana de Cristo, Zurcher busca resolver o problema demonstrando como, nos últimos 150 anos, o conceito adventista evoluiu de uma posição estritamente pós-lapsariana para as posições atuais.

Os dezesseis capítulos neste livro estão agrupados em cinco partes. A primeira brevemente pesquisa a discussão teológica sobre a natureza humana de Cristo e acertadamente averigua que muitos dos primeiros teólogos adventistas, com a exceção de Ellen G. White, tinham uma visão semi-ariana da divindade de Cristo. Na segunda parte, Zurcher examina a Cristologia dos pioneiros adventistas como Ellen G. White, Ellet J. Waggoner, Alonzo T. Jones, e William W. Prescott. A terceira estuda extratos de publicações oficiais da igreja sobre a natureza humana de Cristo de 1895 a 1952. A quarta é a mais extensa e trata da controvérsia provocada pelo livro *Questions on*

¹ Traduzido por Olvide Zanella. As ênfases foram acrescentadas.

Doctrine (1957), reações à sua publicação, e posições teológicas atuais. A parte final é o apelo de Zurcher a um retorno a uma autêntica Cristologia pós-lapsariana como ensinada antes de 1950.

À parte de algumas desajeitadas traduções de expressões francesas, o livro de Zurcher é uma boa obra de pesquisa histórica e se empenha em apresentar um acurado quadro do desenvolvimento do conceito adventista sobre a natureza humana de Cristo. Sua pesquisa de numerosas publicações apresenta um surpreendente quadro ao leitor contemporâneo, que pode não estar familiarizado com os primeiros escritos teológicos sobre a natureza de Cristo. Suas comparações entre diferentes edições de documentos oficiais e livros, como *Estudos Bíblicos* (155), ilustram as mudanças no conceito adventista a respeito da natureza de Cristo. As evidências históricas e teológicas que o autor apresenta são abundantes. Muito embora o autor pretenda apresentar uma solução autorizada ao debate por mostrar como os teólogos adventistas nos anos 1950 e 1960 'abandonaram' o entendimento tradicional da natureza humana de Cristo, sua obra está longe de ser neutra e imparcial. Seu tratamento de posições apoiadas por vários teólogos é claramente polêmica. Até mesmo o prefácio pelo anterior editor da Revista Adventista, Kenneth Wood, estabelece o tom: a obra destina-se a sustentar a posição pós-lapsariana.

Enquanto Zurcher é para ser altamente recomendado por sua completa pesquisa sobre este assunto, sua obra no entanto é débil em algumas áreas importantes. A maior debilidade está em seu tratamento de declarações de Ellen White sobre a natureza humana de Cristo, que são o foco desta controvérsia adventista. Em seu capítulo sobre a Cristologia de Ellen White (53-67) Zurcher provê uma síntese do pensamento dela, realçando as semelhanças entre a natureza humana de Cristo e as nossas. Mas ele evita qualquer menção de outras declarações que enfatizam as diferenças entre a natureza humana de Cristo e as nossas. Além disto, entre várias explícitas declarações apoiando a posição adventista pré-lapsariana desde os anos 1950, a carta de Ellen White de 1895 a W. H. L. Baker é completamente ignorada aqui. Zurcher discute o conteúdo e as implicações desta carta umas poucas vezes ao longo do livro em outros lugares, mas nunca numa maneira clara e sistemática. Isto, creio, é uma grande omissão.

Como muitos outros teólogos pós-lapsarianos, Zurcher falha em considerar como White apresenta uma tensão entre semelhanças e diferenças entre a natureza de Cristo e as nossas. Muitas de suas declarações que realçam as semelhanças com nossa natureza são feitas no contexto de discussões sobre como Cristo foi tentado a pecar como nós o somos. O autor dá um bom exemplo à pág. 302. Contudo, falha em reconhecer que na carta a Baker ela categoricamente contesta uma completa semelhança entre Cristo e os seres humanos pecaminosos, até mesmo na maneira de suas tentações. Enquanto os primeiros adventistas situaram suas discussões cristológicas no contexto das doutrinas da salvação e escatologia (como eles poderiam seguir o exemplo de Cristo em vencer as tentações e o pecado na preparação para o segundo advento de Cristo), as discussões depois de 1950 tem-se muitas vezes situado dentro do contexto da doutrina da humanidade e como o pecado nos afeta, e até que magnitude a natureza de Cristo foi e não foi afetada pelo pecado. Zurcher faz um comentário sobre esta significante mudança teológica, causada em grande parte pela 'redescoberta' da carta de Ellen White a Baker, mas não pode reconciliar esta mudança e julga-a antitética à inicial posição adventista.

Não apenas Zurcher está evitando uma clara exposição da carta a Baker; ele a está também interpretando mal e tomando declarações fora do contexto. Em sua 'Avaliação e Crítica' ele discute o atual híbrido teológico em que Cristo tinha uma natureza

física pós-lapsariana e uma natureza moral pré-lapsariana. Duas vezes Zurcher cita a carta a Baker para apoiar sua visão de que tal posição é historicamente inválida e que Ellen White não cria numa natureza moral pré-lapsariana. Ele argumenta que LeRoy Froom faz violência ao pensamento de Ellen White quando citou a carta a Baker (277-278). Porém, para provar seu ponto, Zurcher cita apenas parte da mesma carta e deixa fora duas importantes sentenças curtas nas quais Ellen White estabelece um agudo contraste entre a natureza de Cristo e as nossas. A mesma coisa acontece novamente à pág 281. Aqui o autor tenta distinguir entre as expressões de Ellen White 'propensões inerentes' e 'más propensões', argumentando que as 'propensões inerentes' se tornam 'más propensões' somente depois de se ceder à tentação. Então ele cita a carta a Baker, parando um pouco antes de incluir uma sentença na qual Ellen White compara as tentações de Cristo no deserto àquelas de Adão no Éden. A distinção entre 'propensões inerentes' e 'más propensões' não é apoiada por Ellen White em sua carta. Mais ela usa as duas expressões como sinônimos ao argumentar que Cristo não tinha tais propensões. Em ambas instâncias, Zurcher viola o contexto para sustentar seus pontos.

Este livro certamente se enfileirará entre as melhores apologias à posição póslapsariana. Mas, como muitos outros, falha em ser convincente, porque aborda o assunto com semelhante parcialidade. O livro está tão inclinado em fazer de nossa pecaminosa natureza humana o padrão para medir a natureza de Cristo que falha em mostrar como a humanidade de Cristo é o padrão puro e verdadeiro pelo qual seremos medidos.

Andrews University / DENIS FORTIN

Comentário do 1888 CEM:

Conforme se concluirá a seguir, é lastimável que o Pr Fortin teça os comentários que realçamos no texto. Se ele não se tivesse equivocado quanto ao *objetivo* da carta de Ellen White, nunca teria escrito da maneira que o fez.

A fim de avaliarmos com inteira segurança a crítica que acabamos de transcrever, vamos primeiramente recordar a:

Carta 8, 1895 de Ellen G. White ao Pr. Baker

"Seja cuidadoso, extremamente cuidadoso ao apresentar a natureza humana de Cristo. Não O apresente às pessoas como um homem com propensões ao pecado. Ele é o segundo Adão. O primeiro Adão foi criado como um ser puro, imaculado, sem mancha de pecado nele; foi feito à imagem de Deus. Podia cair, e caiu pela transgressão. Por causa de seu pecado, sua posteridade nasceu com propensão inerente para a desobediência. Mas Jesus Cristo era o Filho unigênito de Deus. Ele tomou sobre Si a natureza humana e foi tentado em todos os pontos em que a natureza humana é tentada. Podia ter pecado; podia ter caído, mas nem por um momento houve nEle qualquer propensão para o mal. Foi assediado pelas tentações no deserto, como Adão foi assediado pelas tentações no Éden.

Evite toda discussão a respeito da humanidade de Cristo que dê lugar a malentendidos. A verdade anda perto do caminho da presunção. Ao tratar sobre a natureza humana de Cristo, você precisa cuidar ao extremo toda afirmação, impedindo que suas palavras signifiquem mais do que devem e assim você perca ou obscureça a clara percepção de Sua humanidade combinada com a divindade. Seu nascimento foi um milagre, pois o anjo disse: 'E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus Lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o Seu reino não terá fim. E disse Maria ao anjo: Como se fará isto, visto que não conheço varão? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus' (Lucas 1-31-35).

Estas palavras não se referem a qualquer ser humano, exceto ao Filho do Deus Infinito. Nunca, de modo algum, deixe a mais leve impressão nas mentes humanas, de que uma mancha de corrupção, ou inclinação a ela havia em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, cedeu à corrupção. Foi tentado em todos os pontos como o homem é tentado, contudo foi chamado 'o Ser Santo'. É um mistério que foi deixado sem explicação para os mortais, que Cristo pôde ser tentado em todos os pontos como nós o somos, e, no entanto, ser sem pecado. A encarnação de Cristo foi e sempre será um mistério. O que foi revelado é para nós e nossos filhos, mas que todo o ser humano seja advertido contra a idéia de considerar Cristo totalmente humano, como qualquer um de nós, pois não pode ser. Não é necessário que saibamos o exato momento quando a humanidade se uniu à divindade. Devemos firmar nossos pés sobre a Rocha, Cristo Jesus, como Deus revelado na humanidade.

Percebo que há perigo na abordagem de assuntos que tratem da humanidade do Filho do Deus Infinito. Ele humilhou-Se a Si mesmo quando viu que tinha tomado a forma humana, e que poderia compreender a força de todas as tentações pelas quais o homem é assediado.

O primeiro Adão caiu; o segundo Adão apegou-Se firmemente à mão de Deus e à Sua Palavra nas mais probantes circunstâncias, e Sua fé na bondade, misericórdia e amor do Pai não oscilou em momento algum. 'Está escrito' foi Sua arma de resistência, e essa é a espada do Espírito que todo ser humano deve usar. 'Já não falarei muito convosco; por que se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em Mim' (João 14.30). — nada que seja suscetível à tentação. Em nenhuma ocasião houve reação favorável às suas múltiplas tentações. Nenhuma vez Cristo pisou no terreno de Satanás, para não lhe dar qualquer vantagem. Satanás nada encontrou nEle que encorajasse seus avanços."

uma Análise da Carta a Baker 2

Pelo Pr **Ralph Larson** – O que oferece US\$1.000,00 a quem apresentar uma única citação de Ellen G. White, afirmando que Jesus possuiu a natureza de Adão *antes* da queda! (Pr J. R. Zurcher, *Tocado por Nossos Sentimentos*, pág. 123).

Quais foram os problemas na experiência do Pr. W. L. H. Baker que deram origem à carta de conselhos escrita por Ellen White?

Quanto aos conselhos profissionais e práticos, que ocupam a maior parte da carta, não devemos especular, já que ela – a Sra. White – escreveu ao Pr. Baker: "Estáveis abatidos e vos sentíeis desanimados ... Considerais vosso trabalho como um fracasso." Porém os intérpretes de Ellen White aparentemente pensaram que duas páginas e meia

-

² Traduzido por Olvide Zanella.

de conselhos cristológicos, dirigidos ao Pr. Baker, não incluíram uma declaração adequada ao problema, e se aventuraram a escrever uma em seu lugar. Se resumíssemos a declaração escrita por eles diria assim: "Você, tem estado equivocado ao crer que Cristo veio à Terra na natureza humana do homem caído."

Proponho que este esforço, ainda que bem intencionado, foi totalmente desnecessário. Em meu parecer a declaração de Ellen White é suficientemente clara e satisfatória. Ela escreveu: "que todo o ser humano seja advertido contra a idéia de considerar Cristo completamente [totalmente] humano, como qualquer um de nós." A ênfase é minha.

Procuremos analisar cabalmente esta declaração, tendo cuidado de não misturar uma "eiségesis" – nossa própria interpretação – com a "exégesis" – o significado das palavras da autora. Os seguintes pontos pareceram inquestionáveis:

- a. O propósito da mensagem é admoestar.
- b. A advertência, ainda que dirigida ao Pr. Baker, se estende a "todo ser humano".
- c. O tema da advertência é cristologia, isto é, a doutrina de Cristo.
- d. Os termos empregados não limitam a advertência à natureza humana nem à natureza divina de Cristo. A autora fala de Cristo em Sua totalidade, Cristo em Sua plenitude, em Sua inteireza, o Salvador divino-humano que tanto é Deus como homem. Isto é evidente nas palavras da oração, e seu contexto, que nos levam a sermos prudentes não seja que "assim você perca ou obscureça a clara percepção de Sua humanidade combinada com Sua divindade." A ênfase é minha.
- e. O conteúdo específico da advertência é que tenhamos cuidado de não apresentar Cristo diante das pessoas como:
 - 1 Completamente humano,
 - 2 Como um de nós.

Esta advertência vem imediatamente depois de umas declarações que sustentam que o nascimento de Cristo foi um milagre de Deus, e que a descrição bíblica de Cristo como o Filho de Deus não pode aplicar-se a nenhum ser humano senão a Cristo.

É necessário que assinalemos que não tem cabimento para uma *natureza divina* em um Cristo que fosse *completamente humano*?

É necessário que assinalemos que não há cabimento para uma natureza divina em um Cristo que em Sua grandiosidade fosse *como um de nós*?

Por que temos dificuldade em nos dar-nos conta de que a advertência de Ellen White ao Pr. Baker era de que tivesse cuidado para que sua frisante ênfase na humanidade de Cristo não viesse a fazer com que seus ouvintes perdessem de vista a importante divindade de Cristo, e que chegassem à conclusão de que na vida de Cristo pudesse ter havido pecado? (Não esqueçamos que esta advertência contém não menos de dez declarações que afirmam que Cristo nunca pecou, nem seguer uma única vez).

Vacilamos em aceitar o significado óbvio da advertência escrita porque não podemos aceitar que exista um cristão que creia que, na vida de Cristo, pudesse ter havido pecado?

De fato, tem havido muitos cristãos que tem acreditado que, na vida de Cristo, pudesse ter havido pecado. Estes tem sido classificados geralmente em dois grupos:

- A. Os chamados modernistas este termo faz tempo que está em desuso e tem sido substituído pelo termo mais geral: liberais que surgiram em fins do século XIX e nos princípios do século XX. Eles ensinavam que os descobrimentos científicos tem comprovado que o registro bíblico do nascimento miraculoso de Cristo não tem fundamento, e viam a Cristo simplesmente como um grande e bom homem, não como o Filho de Deus. Eles não vacilaram em admitir a possibilidade de pecado na vida de Cristo a menos que também negassem a realidade do pecado, como outros tem feito. Estas pessoas enfrentaram a vigorosa oposição dos líderes adventistas de seu tempo, assim como de outros cristãos conservadores. Eram classificados entre os piores inimigos de Cristo e do Evangelho. É difícil acreditar que o Pr. Baker tivesse continuado no ministério adventista se tivesse adotado as doutrinas dos modernistas.
- B. Os Adocianistas [ou adocionistas] da igreja primitiva. Estes eram um número significativo de cristãos que criam que Cristo iniciou Sua vida terrestre como um *ser completamente humano, como um de nós,* mas que eventualmente foi adotado para converter-Se no Filho de Deus. Não pareciam preocupar-se muito pelo pecado que pudesse haver existido na vida de Cristo, anterior à Sua adoção. Suas opiniões encontram-se nos escritos dos Pais da igreja cristã, acerca dos quais Ellen White advertiu ao Pr. Baker.

Minha análise da carta a Baker, apresentada neste site, tem-me levado à concluir <u>que</u> <u>o adocianismo</u> [ou adocionismo] <u>é o erro contra o qual Ellen White advertiu ao Pr. Baker.</u> Parece-me que a explicação que os intérpretes de Ellen White tem dado a esta carta é totalmente artificial e estranha, uma explicação que só pode ser o fruto de haver ignorado a clara declaração de Ellen White quanto ao problema.

É de conhecimento geral que os pioneiros da Igreja Adventista vinham de uma grande variedade de antecedentes religiosos e teológicos, e que, depois da grande decepção do ano de 1844, eles dedicaram muito tempo, e estudo, ao desenvolvimento de uma plataforma de verdades bíblicas sobre a qual puderam unir-se. Em suas primeiras conferências bíblicas conseguiram chegar a um acordo comum acerca da natureza de Deus, a natureza do homem, o sábado, a justificação pela fé, etc. Sem dúvida, não puderam chegar a um acordo quanto à natureza de Cristo.

Arianismo

No início do século, todavia, ouviam-se algumas vozes entre nós que advogavam em diferentes maneiras por limitadas idéias acerca da divindade de Cristo. ³ Falando de forma geral, estes conceitos pertenciam ao que os teólogos tem denominado *arianismo*, em homenagem a um sacerdote de Alexandria, chamado Ário, que, com muito vigor, defendeu opiniões similares nas grandes controvérsias cristológicas do século IV. ⁴

Segundo Ário — e aqueles que crêem em suas idéias — Cristo não havia coexistido com o Pai através de toda a eternidade, senão que foi criado pelo Pai em algum ponto do tempo antes da história do mundo. Cristo era visto como o maior e mais elevado dos seres criados por Deus. Por essa razão Ele não podia ser "o verdadeiro Deus", senão uma forma de deidade inferior e menor.

Ellen White não usou o termo técnico *arianismo*, mas deixou a certeza da divindade eterna de Cristo em sua grande obra *'O Desejado de Todas as Nações'*, de tal forma que

-

170

³ Froom, LeRoy Edwin, *Moviment of Destiny*, págs. 148-166.

⁴ Schaff, Phillip, *History of the Christian Church*, 1953, vol. 3, págs. 618-621.

os erros cristológicos, específicos do arianismo, foram inequivocadamente refutados. ⁵ Por exemplo: "Desde os dias da eternidade o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai." (O Deseiado de Todas as Nacões, pág. 19).

"O nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a idéia da presença eterna, fora reclamado como Seu pelo Rabi da Galiléia. Declarara-Se Aquele que tem existência própria." (O Desejado de Todas as Nações, págs. 469-470). "Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada.." (O Desejado de Todas as Nações, pág. 530).

À luz deste claro testemunho, os erros cristológicos do *arianismo* desvaneceram-se gradualmente, e duvido que hoje exista algum Adventista do Sétimo Dia, estudante da Bíblia, que pense que Jesus era um ser criado.

Adocianismo [ou adocionismo]

De igual maneira, sem identificar o erro cristológico com seu termo específico, Ellen White achou ocasião para refutar os princípios do *adocianismo*, que diz que Cristo não era o Filho de Deus ao nascer nem durante a primeira parte de Sua vida terrena, senão que converteu-Se em Filho de Deus por *adoção*. Este conceito foi ensinado em Roma, entre os anos de 189-199 d. C., por um mercador de couro, chamado Teodoro, nascido em Bizâncio. Foi desenvolvido e ampliado por Paulo de Samosata, que serviu como bispo de Antioquia, durante os anos 260-269 d. C. Devido à forte influência de Paulo de Samosata, este conceito tornou-se muito popular entre as igrejas orientais e nas igrejas da Armênia, onde se manteve por muitos séculos. No século VIII foi defendido entre as igrejas ocidentais por Elipando de Espanha.

Ainda que tivesse diversos matizes nas opiniões dos adocianistas, três conceitos básicos predominavam. Os comentários e os argumentos de Ellen White a estas idéias encontram-se não só em 'O Desejado de Todas as Nações', senão também num testemunho pessoal dirigido a W. L. H. Baker, um pastor que trabalhava no distrito de Tasmânia, quando Ellen White vivia na Austrália e trabalhava no manuscrito de sua obra 'O Desejado de Todas as Nacões'. 9

Nesta interessante carta encontramos:

- (1) uma advertência ao Pr. Baker quanto a ocupar muito tempo com a leitura,
- (2) um aviso quanto a não aceitar as tradições dos Pais termo que, ao ser escrito com letra maiúscula, refere-se aos Pais da igreja e
- (3) uma admoestação quanto a ensinar teorias especulativas que não seriam de proveito para os membros da igreja. Ademais refuta especificamente, ponto por ponto, os erros do *adocianismo* descritos na següência:

I. Conceito Adocianista: Ao nascer, Jesus não era o Filho de Deus. Nasceu de uma mulher de maneira igual a todos os homens. Ainda que possa ter nascido de uma virgem, este feito não havia tido nenhum significado teológico. Nasceu como filho de homem, não

⁶ Carrington, Phillip, *The Early Christian Church*, vol. 2, pág. 415.

⁵ White, Ellen G., O Desejado de Todas as Nações.

⁷ Newman, Albert Henry, A Manual of Church History, vol. 2, págs. 379-380.

⁸ Mackintosh, H. R., The Person of Jesus Chist, 1962, pág. 223 ff.

⁹ White, Ellen G., Carta 8, 1895, não publicada. Parte desta carta aparece no SDABC, vol. 5, págs. 1102-1103.

como Filho de Deus.

Ellen White escreveu ao Pr. Baker: "Mas Jesus Cristo era o unigênito Filho de Deus ... Seu nascimento foi um milagre de Deus pois o anjo disse: 'Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus Lhe dará o trono de Davi Seu pai; e reinará eternamente sobre a casa de Jacó, e o Seu reino não terá fim. Então Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: Virá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; por isso O que há de nascer será chamado santo, Filho de Deus." (Lucas 1:31-35). Estas palavras não se referem a nenhum ser humano, exceto ao Filho do Deus Infinito." Carta 8, 1985. A ênfase é minha.

II. Conceito Adocianista: Jesus não era o Filho de Deus durante a primeira fase de Sua existência terrena. Era um ser humano normal com conceitos de pureza e santidade muito elevados, pelos quais lutou heroicamente, mas não foi divino em nenhum sentido. Durante esta fase de Sua existência, posto que era completa e exclusivamente humano, devia possuir as mesmas tendências ao pecado e manchas de corrupção que todos os humanos possuem. Pode ter sido vencido pela tentação e inclusive pode ter pecado. Mas nenhuma destas coisas, em vista de sua luta heróica e contínua por alcançar a santidade, O tinham desqualificado para converter-Se no Filho adotivo de Deus ao culminar Seu progresso espiritual. Paulo de Samosata o expressou desta maneira: "Maria não deu à luz a Palavra, porque Maria não existia desde a eternidade. Senão que ela deu à luz a um homem do mesmo nível que nós." 10 A ênfase é minha.

Ellen White escreveu ao Pr. Baker: "Que cada ser humano permaneça em guarda para que não façam a Cristo <u>completamente humano, como um de nós</u>, porque isto não pode ser." Ênfase minha.

"Nunca, de modo algum, deixe a mais leve impressão nas mentes humanas, de que uma mancha de corrupção, ou inclinação a ela havia em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, cedeu à corrupção".

"Não O apresente às pessoas como um homem com propensões ao pecado."

"Podia ter pecado; podia ter caído, mas nem por um momento houve nEle qualquer propensão para o mal." Carta 8, 1985.

Esta interessante expressão, "nem por um momento", parecia indicar que Ellen White se retraía de horror ao conhecer a posição dos adocianistas. Talvez eles pudessem contemplar serenamente a possibilidade de que houvera propensões perversas [cultivadas]¹¹, corrupção e algum pecado na vida de Cristo, mas ela não podia conceber semelhante conceito. Esta parecia ser sua maior preocupação na carta ao Pr. Baker. Na carta ela reitera um total de dez vezes que Cristo não pecou, excluindo cuidadosamente a possibilidade de sequer uma única ocasião em que Cristo houvesse cedido a tentação.

"Em nenhuma ocasião houve uma resposta as muitas tentações de Satanás." Ênfase minha.

<u>III. Conceito Adocianista</u>: Como resultado de Suas lutas heróicas para conseguir a santidade, Jesus foi finalmente *adotado* para ser o Filho de Deus. Há diversas opiniões

41

¹⁰ Newman, Albert Henry, op. Cit., tomo K, pág. 19?.

¹¹ Adendo do tradutor.

quanto a *quando* isto aconteceu. Alguns crêem que foi um processo gradual, outros pensam que aconteceu no batismo de Jesus, e outros crêem que foi em Sua ressurreição. Depois de Sua adoção, a humanidade uniu-se com a divindade.

Ellen White escreveu ao Pr. Baker: "Não é necessário que saibamos o <u>momento</u> exato quando a humanidade se combinou com a divindade." Ênfase minha.

Apesar desta precisa e clara refutação aos erros do adocianismo – em sua carta ao Pr. Baker –, Ellen White abundou, em sua obra *'O Desejado de Todas as Nações'*, sobre os temas da divindade e preexistência de Cristo, assim como em Sua total impecabilidade [ausência de pecado] através de toda Sua vida.

Alguns tem estudado a carta a Baker, e, talvez devido ao pouco conhecimento que têm dos específicos erros cristológicos adocianistas, que ela refutou tão energicamente. tiveram dificuldades com a expressão "em nenhum momento houve nEle uma propensão ao mal [perversa] 12. "Alguns tem visto nesta declaração uma evidência de que ela acreditava que Cristo tomou a natureza não-caída de Adão. Outros, ao comparar essa declaração com os comentários que ela faz sobre o tema no 'O desejado de Todas as Nações', tem chegado a desafortunada conclusão de que ela se contradiz a si mesma ao apoiar ambas as posições. Nenhuma destas conclusões tem fundamento. Uma vez que reconheçamos que o propósito da carta a Baker é rebater todos os pontos do adocianismo, com os quais o Pr. Baker, aparentemente, havia se envolvido mediante os escritos dos Pais da igreja, a linha de pensamento de Ellen White se torna clara como o cristal. E de nenhuma maneira podemos usar o fragmento de uma carta pessoal, dirigida a um pastor em Tasmânia, para contrariar todas as declarações a respeito da natureza humana de Cristo, que se encontram em 'O Desejado de Todas as Nações', que é claramente o legado consciente e deliberado de sua posição cristológica ao mundo inteiro. Fazer isto seria uma hermenêutica questionável, para não dizer outra coisa.

Quanto à natureza humana de Cristo, Ellen White, separando-se conscienciosamente da Cristologia da Reforma, adota a mesma posição que o teólogo suíço Karl Barth sustentou, e pela mesma razão. Façamos a comparação:

Karl Barth: "A carne – no que se converteu a Palavra – é a forma concreta da natureza humana marcada pela queda de Adão ...

"Mas não se deve debilitar-se ou obscurecer-se a verdade salvadora de que a natureza, que Deus assumiu em Cristo, é idêntica à nossa natureza, tal como o vemos à luz da queda. De outra maneira como poderia Cristo ser realmente como nós? Que relação teríamos com Ele?

"Jesus não recusou a condição e situação do homem caído, senão que a tomou sobre Si mesmo, a viveu e a elevou como o eterno Filho de Deus." 13

. .

¹² Sempre vemos, no Espírito de Profecia, que Jesus não teve tendências ao mal em Seu caráter; teve, entretanto, as tendências ao mal hereditárias, características da nossa natureza humana que assumiu conforme Rom 8.3-4: "Conquanto sentisse Ele toda a força da paixão humana, jamais cedeu à tentação." NUNCA teve nenhuma tendência ao mal CULTIVADA, pois sempre falou NÃO aos Seus impulsos naturais ao mal, os quais Ele odiou como nenhum outro ser humano jamais o fez: "Amas a justiça e odeias a iniqüidade; por isso Deus, o Teu Deus, Te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos Teus companheiros." (Salmo 45.7).

Se o crente '*chora*' (Mt 6.4) também devido a seus impulsos e tendências ao mal que permanecerão com ele até a morte [ou até o retorno de Cristo], quanto mais Jesus! Se nós pudéssemos extirpar, de nossa natureza humana pecaminosa, as tendências ou impulsos ao mal: (a) o Espírito já não teria necessidade de '*militar contra a carne*'; (b) Teríamos obtido '**carne santa**', que é o mesmo <u>fanatismo</u> de outrora. Nota do tradutor.

¹³ Barth, Karl, Church Dogmatics, págs. 151-158.

Ellen White: "Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado." 14

"A fim de elevar ao homem caído, Cristo tinha que chegar ao lugar deste, tomou a natureza humana, e levou as fraquezas e degenerações da raça." 15

"Ao tomar sobre Si a natureza humana **em sua condição caída**, Cristo não participou no mínimo em seu pecado." ¹⁶

Concluo dizendo que, se utilizarmos os princípios hermenêuticos corretos, seria impossível usar a carta de Baker para contradizer o escrito em *'O Desejado de Todas as Nações'*. Comparar a natureza humana de Cristo com a natureza *não-caída* de Adão, distinguindo-a da natureza do homem depois da queda, certamente não foi o propósito da autora desta carta. É evidente que ela estava respondendo às necessidades de um problema totalmente diferente — o desafortunado envolvimento do Pr. Baker com os erros cristológicos do *adocianismo*.

E a evidência, de nenhuma maneira, dá lugar a que se acuse a Ellen White de sustentar ambas posições na controvérsia sobre a natureza humana de Cristo. Quando os princípios hermenêuticos corretos são aplicados, seus escritos sobre o tema são muito claros, conscientes e inequívocos. Qualquer intento de traçar uma linha demarcatória entre a natureza humana de Cristo e a nossa, deve ser eliminado completamente por esta simples porém profundamente significativa declaração: "Ele foi, em Sua natureza humana, precisamente o que você pode chegar a ser." ¹⁷:

Comentário do 1888 CEM:

Como o Pr. Larson magistralmente apresenta, a carta ao Pr. Baker é *nada mais que uma admoestação contra o adocianismo!* A *'nova teologia'*, ao colocar a carta fora de contexto, equivoca-se redondamente. É, de fato, uma lástima que tanta controvérsia, ao longo da nossa história, tenha como fundamento **apenas** um *'texto fora do contexto'*, gerando incontáveis pretextos!

Eis outra excelente análise da carta:

É CLARA A CARTA A BAKER? 18

1. Por que Ellen White escreveu a Carta 8, 1895 ao Pr. Baker de Nova Zelândia? Pretendia ela desacreditar o conceito de Jones e de Waggoner sobre a humanidade de Cristo (5 SDABC 1128, 1129)?

(a) A carta não está endereçada a Jones ou a Waggoner, nem foi enviada a eles.

¹⁴ White, Ellen G., O Deseiado de Todas as Nações, págs, 32.

¹⁵ White, Ellen G., *Review And Herald*, 28 de Julho de 1874.

¹⁶ White, Ellen G., SDABC, vol. 5, pág. 1105.

¹⁷ White, Ellen G., *SDABC*, vol. 5, pág. 1124.

¹⁸ Transcrição das páginas 67 a 76, do livro 'O *Elo Rompido*', do Pr. Robert J. Wieland, referido à pág. 161 desta obra do Pr. Zurcher. Traduzido por Olvide Zanella.

- (b) Ela não menciona os conceitos de Jones e de Waggoner por nome nem faz qualquer menção a eles.
- (c) Ela não condena os conceitos deles mesmo remotamente, apenas condena as distorções que Baker faz dos conceitos deles.
- (d) Se ela pretendia se opor a Jones e a Waggoner nos seus ensinos a respeito da natureza de Cristo, ela sabia bem escrever cartas a **eles**. A idéia de que ela pretendesse advertilos indiretamente, via Baker na Tasmânia, como um tipo de ... repreensão, está fora de cogitação para qualquer um que conheça a franqueza direta de Ellen White.
- (e) Ninguém sabe (na época) ao certo o que Baker estava ensinando que motivou esta carta. Ele, não Jones ou Waggoner, foi quem estava ensinando ou em perigo de ensinar idéias erradas. Ele pode ter sido tentado a cair num extremo ao apresentar a verdade sobre a humanidade de Cristo. Já que Ellen White não condena Baker nem o incita a que deixe o ministério, mas, na realidade, o encoraja a clarificar seu ensino, é possível que ele estivesse reagindo à crítica à Mensagem de 1888 e, na sua juventude ou inexperiência, estivesse em perigo de turvar as águas mediante expressões imprecisas. É interessante que ela não fez nenhum movimento para publicar esta carta ou até mesmo de incorporá-la nos volumes dos *Testimonies* [Testemunhos] na ocasião. Se Ellen White tivesse sentido que a Cristologia de Jones e de Waggoner estava defeituosa ou perigosa, ela não teria hesitado em publicar a carta dela a Baker nas mensagens que incluem nossos volumes dos *Testimonies for the Church* [Testemunhos para a Igreja].

2. Se Cristo tomou a natureza pecaminosa do homem depois da queda, seria Ele "um homem com as propensões ao pecado" que a carta de Baker diz que nós não O devemos apresentar como tendo (5BC 1128)?

No próprio contexto de Ellen White, o seu uso do termo "propensões ao pecado" significa **caindo** na tentação, um **abrigar** um mau propósito que seria o compulsivo resultado de um prévio envolvimento num ato, palavra, ou pensamento pecaminosos. Ela não ensinou que nós geneticamente incorremos em culpa.

Jones e Waggoner nunca insinuaram que Cristo tivesse "más propensões". Ellen White define seus próprios termos. Nós não podemos injetar o nosso próprio conceito equivocado no uso que ela faz destas palavras. Ela disse que "nem por um momento Ele teve uma propensão para o mal". Esta frase não tem sem sentido a menos que "nem por um momento" seja compreendido como insinuando o exercício de escolha pessoal de momento a momento. Tal expressão não faz sentido se se referir à herança genética. Assim uma "propensão ao mal" é compreendida como caráter pecaminoso envolvendo escolha pessoal. Na mesma carta, seu contexto torna claro o significado: "Nunca, de maneira alguma, deixe a mais leve impressão nas mentes humanas de que uma mancha de, ou inclinação à corrupção esteve em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, Se rendeu à corrupção."

Em outro lugar ela declara que Ele foi tentado pela inclinação à desobediência à vontade de Seu Pai, mas nunca Se *rendeu* a ela (conforme 7 SDABC pág. 930). No seu próprio uso do termo, "uma propensão ao mal" teria sido uma "paixão", uma exibição de egoísmo, um rendimento ao ego, uma *indulgência* à desobediência.

Aqui está um sucinto exemplo do uso que Ellen White faz da palavra "propensões": "o indulgenciar a si próprio, o agradar a si mesmo, o orgulho, e a extravagância devem ser renunciados. Não podemos ser cristãos e, ao mesmo tempo, satisfazer a estas propensões" (Review & Herald, 16 de maio de 1893). Quando Paulo diz, "Cristo não Se agradou a Si mesmo" (Romanos 15:3), está claro que Ele não teve estas "propensões".

Qualquer pessoa pode facilmente descobrir a idéia de Ellen White sobre a expressão "propensões" consultando o **Index**, volume 2, páginas 2157 e 2158 no verbete "Propensity" [Propensão]". Toda declaração citada pode ser entendida razoavelmente como consistente com a idéia que uma "propensão pecaminosa" ou "má" é uma **Iuxúria** [cobiça] **tolerada** criada por um prévio envolvimento em atos de pecado, fortalecidos pela repetição. Um alcoólatra tem uma propensão para o álcool porque o usou previamente. "Nem por um momento havia dentro dEle [Cristo] uma propensão para mal"--- isto não significa que Ele não "tomou" a nossa natureza caída, pecaminosa, porque aqueles que têm a fé de Jesus (em carne pecaminosa e mortal,) "não

precisam reter nenhuma propensão pecaminosa". A graça de Deus "opera em nós...vencer as poderosas tendências" (Ellen G. White, 7 SDABC pág. 943; Parábolas de Jesus, pág. 354, ênfase suprida). Mas até mesmo depois do povo de Deus "vencer completamente", ele ainda estará em "carne pecaminosa", com uma "natureza pecaminosa", até a glorificação.

3. Transgride a Mensagem de 1888 os conselhos de Ellen White nesta carta dando a "a mais leve impressão ... de que uma mancha de, ou inclinação à corrupção esteve em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, Se rendeu à corrupção." (Ellen G. White, 5 SDABC, pág. 1128, 1129)?

Não. Na realidade, Waggoner antecipou esta declaração, usando quase esta exata expressão dela, sete anos antes dela escrevê-la a Baker, enfatizando a ausência de pecado em Cristo:

"Como podia Cristo ser 'rodeado de fraquezas' (Hebreus 5:2) e ao mesmo tempo não conhecer pecado? Alguém pode pensar, enquanto lê estas linhas, que estejamos depreciando o caráter de Jesus, rebaixando-O ao nível da pecaminosa humanidade. Ao contrário, estamos simplesmente exaltando o "Divino Poder" de nosso bendito Salvador ... Sua própria pureza imaculada que Ele conservou sob as mais cruéis e adversas circunstâncias ... Toda a Sua vida foi um constante conflito. A carne, impulsionada pelo inimigo de toda justiça, tendia ao pecado, apesar de que Sua divina natureza nem por um momento **abrigou** um desejo pecaminoso nem Seu divino poder **vacilou** em qualquer ocasião. Tendo sofrido na carne tudo que ao homem é possível sofrer, Ele retornou ao trono do Pai tão imaculado como quando deixou as cortes da glória. (Waggoner, Christ and His Righteousness, pág. 28, 29).

Os verbos que Waggoner usou eram sinônimos dos da carta de Ellen White, de sete anos depois: ela disse "esteve" e "rendeu", e ele disse "abrigou" e "vacilou", na mesma sintaxe de expressão. Ela disse em 1895 que "nem por um momento houve nEle uma má propensão", e ele escreveu em 1889 que "nem Seu divino poder vacilou em qualquer ocasião". É quase como se Ellen White estivesse aconselhando a Baker que, se ele aderisse às precisas expressões de Waggoner de 1889, estaria seguro.

4. O conceito da Mensagem de 1888, a respeito da natureza de Cristo, torna-O "completamente humano, como qualquer um de nós mesmos, que isto não pode ser" (Ellen G. White, 5 SDABC pág 1128,1129)?

A expressão de Ellen White é clara: ela não contesta a fazer para o Cristo "humano" per si, porque ela não é uma docetista. O pensamento fundamental nesta sua expressão é "como qualquer um de nós mesmos". Cristo era divino como também "humano", mas nós somos meramente "completamente humanos" e não divinos. O contexto de sua declaração torna claro que este é o seu ponto: 'Que todo ser humano esteja alerta em fazer a Cristo completamente humano, tal um como nós mesmos, porque isto não pode ser. Não nos é necessário sabermos o tempo exato em que a humanidade se combinou com divindade. Devemos manter nossos pés sobre a Rocha, Cristo Jesus, como Deus revelado na humanidade."

Mais adiante, nós "mesmos" somos pecadores e Cristo não era pecador; então, Ele não pode ser "feito humano completamente, como qualquer um de nós mesmos". Isto não é dizer que desde que nós somos pecadores por herança genética que Cristo estava "isento" de participar fortemente em nossa herança genética como 'Questions On Doctrine' insinua (página 383). Nem a Bíblia nem Ellen White ensinam a doutrina agostiniana do "pecado original."

5. Como então podemos nós entender a seguinte declaração: "Nunca, de maneira alguma, deixe a mais leve impressão nas mentes humanas de que uma mancha de, ou inclinação à corrupção <u>esteve</u> em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, <u>Se rendeu</u> à corrupção." (Ellen G. White, 5 SDABC pág. 1128, 1129)?

Os dois verbos principais nesta expressão são: "esteve" e "Se rendeu". A Justiça de Cristo é o resultado de um "verbo" e não um mero "substantivo". Ele sempre fez justiça; e Ele não poderia ter feito justiça a menos que Ele escolhesse. Adão foi criado sem pecado, e se fôssemos dizer que ele era "justo" no seu estado sem pecado (que parece que nem Ellen White nem a Bíblia nunca dizem que ele era) teríamos que implicar, por aquela expressão, que a justiça era inata nele e que não era por escolha que ele era "sem pecado". Mas a glória da Justiça de Cristo é que era

por escolha que Ele era sem pecado, e não por uma inata, pré-programada, autônoma "natureza".

Ele explica a verdade, falando-nos que Ele tinha tomado sobre Ele mesmo uma vontade natural que era contrária à vontade de Seu Pai, e assim Ele teve a mesma luta com o "ego" que nós temos: "Não procuro a Minha própria vontade, e, sim, a dAquele que Me enviou"; "Eu desci do céu não para fazer a Minha própria vontade; e, sim, a vontade dAquele que Me enviou" (João 5.30; 6.38). "Cristo não Se agradou a Si mesmo (Romanos 15:3). Então a Justiça dÊle era o fruto duma constante luta para submeter Sua vontade à vontade de Seu Pai; e a terrível extensão daquela luta é vista na Sua agonia no Getsêmani e na cruz. A expressão de Ellen White indica que "uma mancha de corrupção estando em Cristo" teria sido equivalente a "render-Se à corrupção". E isso teria sido pecado. E isso Ele nunca fez, nem em pensamento, nem em propósito, ou nem mesmo em fantasia.

6. Como poderia Cristo ter tomado sobre Si a natureza pecaminosa do homem depois da queda, e não ter "nenhuma mancha de pecado"?

morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão" (Heb. 2:15). Esta é

A palavra 'mancha' significa um toque ou sabor indicando a presença do artigo que mancha. Leite deteriorado tem a "mancha" da deteriorização porque a deteriorização está lá. Se Cristo tivesse "uma mancha de pecado", ou tivesse, 'por um momento', permitido que ela "estivesse nEle", Ele teria sido um pecador e assim teria trazido sobre Si próprio "a mancha de pecado." A mensagem de Jones e Waggoner nunca apresentou a "mais leve" mancha de pecado ou corrupção como "estando em Cristo". Mas Cristo suportou a completa possibilidade de ser tentado que os caídos filhos de Adão se encontram, não somente a possibilidade de ser tentado do sem pecado, de Adão no Jardim antes da queda. A glória da "justiça de Cristo" é que "nem por um momento Ele permitiu que uma mancha de pecado 'estivesse' nEle próprio. A cruz é a resposta.

7. Se o Cristo nasceu "sem uma mancha de pecado" (Carta 97, 1898), Ele não era diferente de nós, que nascemos "com propensões inerentes à desobediência" (Ellen G. White, 5 SDABC, pág. 1128)?

Sim, certamente Ele era diferente de nós, porque nós somos pecadores caídos e Ele era sem pecado. O que era "diferente", entre nós, era o Seu caráter, a Sua justiça. O que é "semelhante", entre nós, é a Sua natureza que Ele "tomou", Sua hereditariedade genética e a nossa. Não devemos entender mal o que são as nossas "inerentes propensões à desobediência", ou como nós as herdamos. Ellen White é muito clara que as influências pré-natais são uma parte de nossa "herança". Mas talvez haja uma diferença entre "propensões inerentes à desobediência" que um bebê pode "herdar" geneticamente através dos genes, e aquelas que ele "herdaria" através do meio ambiente pelas influências pré-natais. Não ousamos dizer que o pecado per si é transmitido no DNA, ou teríamos que adotar uma versão da Imaculada Concepção católica romana.

8. Se Cristo "foi assaltado com tentações no deserto, como Adão foi assaltado com tentações no Éden" (Ellen G. White, 5 SDABC, pág. 1128), isto significa que a natureza dÊle era como a do Adão sem pecado?

Não, a menos que reescrevamos as palavras dela e insiramos 'somente' onde aparece a vírgula. É verdade que Cristo tomou o lugar de Adão, mas **não** é verdade que Ele redimiu **somente** o fracasso de Adão. Ele redimiu também o nosso. O uso da palavra "mas" nestas declarações em 'O Desejado de Todas as Nações' é significativo:

"Desde o pecado de Adão, estivera a raça humana cortada da direta comunhão com Deus ... Agora, que Jesus viera 'em semelhança da carne do pecado' (Rom. 8:3), o próprio Pai falou. Dantes, comunicara-Se com a humanidade **por intermédio** de Cristo; fazia-o agora **em** Cristo. [Esta citação torna-se sem sentido se alguém entende que Cristo tomou a natureza sem pecado de Adão antes da queda.] ... Satanás apontara o pecado de Adão como prova de que a lei de Deus era injusta, e não podia ser obedecida. Cristo devia redimir, em nossa humanidade, a falha de Adão. Quando este fora vencido pelo tentador, entretanto, não tinha sobre si nenhum dos efeitos do pecado.... Não assim quanto a Jesus.... Por quatro mil anos estivera a raça a decrescer em forças físicas, vigor mental e moral; e Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade

degenerada. Unicamente assim podia salvar o homem das profundezas de sua degradação." (pág 115, 117, ênfase original)

"Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus, revestir-Se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. **Mas** Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade..... Veio com essa hereditariedade para ...dar-nos o exemplo de uma vida impecável." (O Desejado de Todas as Nações, pág. 49).

Obviamente, de acordo com a ênfase dela, a caída "hereditariedade" que Cristo "aceitou" não era meramente deterioração física, mas também "moral". Seu ponto é que em nossa natureza, que é claramente "pecaminosa", é possível viver "uma vida sem pecado", porque Ele fez isso como um "exemplo". "As mais baixas profundidades de degratação" são espirituais e morais, não meramente físicas. E era o "homem" lá que Cristo "resgatou" com aquela longa "corrente de ouro" abaixada do céu, na qual não é para ter nenhum "elo rompido".

De maneira alguma isto compromete a perfeita ausência de pecado de Cristo. Isto a enaltece, e nos dá esperança. Esta é a "mensagem da justiça de Cristo". A linguagem de Ellen White parece clara: "Cristo veio para redimir o fracasso de Adão,...mas quando Adão foi assaltado pelo tentador, nenhum dos efeitos de pecado estava nele... Não assim quanto a Jesus". O grande conflito requer que Ele resgate também o nosso fracasso!

9. "Ele (Cristo) humilhou-Se a Si próprio quando viu que estava na forma como um homem, a fim de compreender a força de todas as tentações com que o homem é atacado" (Ellen G. White, 5 SDABC 1128, 1129). Isto sugere que Ele nasceu com uma natureza diferente da nossa, mas que depois em Sua encarnação, Ele "humilhou-Se a Si próprio"?

Não necessariamente. Cristo nasceu como um bebê humano e "cresceu" em conhecimento e entendimento. "Ele aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu" (Hebreus 5:8; veja também Lucas 2:52). Como um bebê Ele não pôde "compreender a força de todas as tentações com que o homem é atacado" --- nenhum bebê pode. Ele teve que crescer nesta maturidade. O ponto é que em qualquer momento neste processo de crescimento, o Filho de Deus podia ter recusado sofrer mais, e Ele poderia ter-Se excusado de participação adicional conosco em tentação. Mas Ele "humilhou-Se a Si próprio" para suportar "a força de todas as tentações" até o fim.

10. Como está "O Desejado de Todas as Nações", de Ellen White, relacionado com os conceitos da Mensagem de 1888 sobre a natureza de Cristo?

Está muito intimamente relacionado. Ela o escreveu na década depois de 1888. Contém várias declarações muito claras que apoiam o conceito de Jones e de Waggoner (conforme páginas 49, 68-70, 112, 117, 208, 329, 336, 363). Declarações muito poderosas aparecem também em *Youth's Instructor* de 2 de junho, 4 de agosto, 8 de setembro, 13 de outubro de 1898; ST de 9 de junho de 1898; e Carta 97, 1898.

Ela, naquela época, parece ter sido quase obcecada com o paralelismo entre a história dos judeus e a nossa história de 1888. Ela fala disto numa série de artigos na *Review & Herald* de janeiro a abril de 1890:

"Tenho recebido cartas, afirmando que Cristo não poderia ter tido a mesma natureza como um homem, porque se Ele tivesse, Ele teria caído debaixo de tentações semelhantes.... Eu tenho vontade de fugir do lugar para que não receba o molde desses que não podem investigar francamente...a evidência de uma posição que difere da deles" (Feb.18).

"Eles [os irmãos] se opõem àquilo que não conhecem, porque, infelizmente, eles estão fermentados com o espírito de oposição" (25 de Fevereiro).

"Irmãos, há luz para nós... Luz está flamejando do trono de Deus, e para que é isto?--- É que um povo possa estar preparado para estar em pé no dia de Deus... Como estou escrevendo a respeito da "Vida de Cristo", ergo meu coração ao alto em oração a Deus para que a luz possa vir ao Seu povo ... Toda linha que traço sobre a condição do povo no tempo de Cristo, sobre sua atitude para com a Luz do mundo, no qual vejo perigo de nós tomarmos a mesma posição, ofereço a Deus uma oração: 'Oh! não deixe que seja esta a condição de Teu povo. Não permita que Teu povo cometa este erro.'... É quando encontramos incredulidade nesses que deveriam ser os líderes

do povo, que as nossas almas são feridas. Isto... aflige o Espírito de Deus" (4 de marco).

Por alguma razão, nem o White State [Patrimônio White] nem qualquer outra editora oficial alguma vez reimprimiu o poderoso livreto "Bible Student's Library' de Ellen White de 1894, entitulado "Christ Tempted As We Are" (Cristo tentado como nós). Este data da mesma época que a carta a Baker. Ela apóia claramente a Mensagem de 1888:

- (a) "Convinha que, em todas as cousas, Se tornasse semelhante aos irmãos."
- (b) Ele "foi tentado em todos os pontos como nós somos, mas sem pecado."
- (c) Suas tentações não foram como as de Adão; "não foi assim com Jesus". "Sozinho Ele esteve a trilhar o caminho da tentação e exerceu autocontrole mais forte que a fome, a ambição, ou a morte... Argumentação enganosa foi uma tentação a Cristo. Sua humanidade a tornou uma tentação para Ele. ... Ele andou pela fé, como nós temos que andar pela fé.... Alguém suportou todas estas tentações antes de nós ... As mais fortes tentações ... do cristão virão de dentro. Cristo [foi] tentado como nós somos [mesma página]" (pág.11).
- (d) 'Toda luta contra o pecado, todo esforço para se conformar à lei de Deus, é Cristo operando mediante Suas designadas agências no coração humano."

A mente de Ellen White não estava confusa neste assunto!

Os conceítos do "1888 CEM" 19

A tradução e edição deste livro foram patrocinadas pelo "1888 CEM — Comitê de Estudo de COMO VENCER OS VÍCIOS, OS DEFEITOS DE CARÁTER E AS TENTAÇÕES PELA FÉ" é formado por Adventistas do Sétimo Dia, espalhados em diversos países. Somos dizimistas, atuantes em nossas igrejas locais como pastores, anciãos, diretores de grupos, diretores de Ministério Pessoal, Escola Sabatina, ADRA, J. A., Desbravadores, Professores, Diáconos, Diaconisas, alunos, etc.

Rejeitamos a idéia de ser a nossa querida IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA alcunhada de Babilônia ou dela ser uma de suas filhas. Entendemos o relacionamento de Cristo com a IASD como melhor retratado no paralelismo entre Oséias [Jesus] e Gômer [IASD]. O drama de Oséias é que não havia outra esposa. Gômer é única. Ele ama Sua esposa infiel, leva-a ao deserto, fala-lhe ao coração, reconquistar-la-á e ela [IASD], finalmente, corresponderá aos Seus anseios. Inexiste a 8ª. igreja em Apoc. 2 e 3.

Assim não convivemos com as idéias dos reformistas ou de outros separatistas. Somos estrita e definitivamente denominacionais. "A Igreja de Cristo, débil e imperfeita [deficiente, defeituosa] como possa parecer, é o único objeto na terra sobre o qual Ele aplica, num sentido especial. Seu amor e Seu cuidado."²⁰

"Hoje em dia há quem põe em dúvida nosso destino profético de posições muito diferentes, concluindo que a igreja organizada fracassou estrepitosamente, que deixou de ser a igreja remanescente da profecia. Essa mentalidade separatista se origina na ausência das verdades contidas na mensagem de 1888 ... [que] são como vitaminas essenciais para o organismo humano; sua ausência prepara o terreno para a enfermidade."²¹ Em breve síntese, eis a nossa visão:

• Que postura o 1888 CEM adota em relação aos oponentes que não aceitam, nem reconhecem, a luz enviada por Deus na 3ª. mensagem angélica *original?*

-

¹⁹ As ênfases, nas citações deste capítulo, foram supridas.

²⁰ Ellen G. White, 1888 Materials, pág. 1554.

²¹ Robert J. Wieland, 'Sé Pues Celoso Y Arrepiéntete, Pueblo Mío', cap. 2.

"A verdade dispensa o apoio da maioria."

"Deixemos que as idéias lutem, enquanto nós continuamos sendo bons amigos."

• Qual a relação entre a Justificação pela Fé ensinada por Lutero e a que nos foi enviada por Deus em 1888?

Assim como se diz que, na física, Einstein 'engoliu' a Newton, semelhantemente, em termos de compreensão da Justificação pela Fé bíblica, Waggoner e Jones 'engoliram' a Lutero.

Para Lutero, a justificação pela fé era Deus declarando: 'você é justo'; era puramente uma transação legal; era apenas a imputação da Justiça de Cristo, restrita ao que Deus fez **por nós**, em Cristo. "Toda a nossa retidão está fora de nós; ela habita inteiramente em Jesus Cristo."

Para Waggoner, por outro lado, quando Deus declara: 'você é justo', devido ao poder criador da Sua Palavra, também torna justo (João 1.12; Rom. 5.19). Inclui tanto o que Cristo fez **por nós** como o que opera **em nós**. Inclui tanto a imputação como a comunicação da Justiça de Cristo.

O que Cristo fez *por nós* nos dá o **direito** à vida eterna e o que Ele *fez, faz e fará em nós* nos torna **dignos** da vida eterna.

E qual é o conceito do Espírito de Profecia? "Justificação significa perdão." "O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão **pelo** pecado, mas livramento **do** pecado." ²²

Logo, como o leitor percebe, vê-se quanto de verdade há na afirmativa prélapsariana de que Lutero já havia recebido e pregado a 3ª. mensagem angélica!

A purificação do santuário celestial está conectada à mensagem da Justificação pela Fé?

O santuário será purificado' [Daniel 8.14] refere-se tanto ao santuário celestial como ao humano [1 Coríntios 3.16]. O trabalho lá não se concluirá antes de Cristo purificar o templo da alma de Seu povo aqui [Judas 24; 2 Coríntios 11.2].

'Agora, enquanto nosso grande Sumo Sacerdote está a fazer expiação por nós, devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo. Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação. ... Esta é a condição em que devem encontrar-se os que subsistirão no tempo de angústia.²³

Qual a condição para a vida eterna?

"Logo no início da vida cristã, deve ensinar-se aos crentes seus princípios fundamentais. Deve-se-lhes ensinar que não serão salvos **somente pelo sacrifício de Cristo, mas que também devem tornar a vida de Cristo, a sua vida e o caráter de Cristo, o seu caráter.**"²⁴

"As condições da vida eterna, sob a graça, são exatamente as mesmas que eram no Éden — perfeita justiça, harmonia com Deus, conformidade perfeita com os princípios de Sua lei."²⁵

"Ninguém diga: Não posso corrigir meus defeitos de caráter. Se chegardes a essa decisão, certamente deixareis de alcancar a vida eterna."²⁶

²⁴ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 58 / 59.

²² Ellen G. White, *Meditações Matinais* 1999, pág. 29; *Maior Discurso de Cristo*, pág. 114.

²³ Ellen G. White, *Grande Conflito*, pág 623.

²⁵ Ellen G. White, *Maior Discurso de Cristo* pág 76.

²⁶ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 331.

"Foi porque a lei é imutável, porque o homem só se pode salvar mediante a obediência a seus preceitos, que Jesus foi erguido na cruz." ²⁷

"Deus não aceitará coisa alguma a não ser a pureza e a santidade; uma mancha, uma ruga, **um defeito de caráter, excluí-los-á para sempre do Céu**, com todas as suas glórias e riquezas."²⁸

"A justiça de Cristo não é uma capa para encobrir pecados não confessados e não abandonados." ²⁹

Então a justiça de Cristo imputada ao crente — o que Ele fez *por nós* —, dá-lhe o *direito* à vida eterna e a justiça de Cristo comunicada ao crente — o que Ele fez, faz e fará *em nós* —, torna-o *digno* da vida eterna.

No ego humano de Cristo a inimizade com Satanás era natural ou sobrenatural?

Sabemos que, ao homem se converter, é Deus Quem põe nele a inimizade contra no pecado, o mal. Assim dizemos que "a inimizade posta entre a semente da serpente [diabo] e a semente da mulher [nós] foi <u>sobrenatural</u>. Com Cristo a inimizade era em certo sentido natural; <u>em outro sentido foi sobrenatural</u>, visto combinarem-se humanidade e divindade."30

Sendo que, no ego humano de Cristo, a inimizade contra o pecado foi *sobrenatural*, conclui-se que sua natureza humana foi decaída e egoísta, exatamente como a nossa; Ele também tinha em Si a *'máquina de pecar'* mas nunca a pôs em funcionamento, embora fosse tentado, tanto *por dentro* como *por fora*.

"Vindo, como Ele fez, como um homem, para **experimentar todas as más tendências**³¹ das quais o homem é herdeiro e **ser sujeito a elas**, operando de todos os modos concebíveis para destruir-Lhe a fé, Ele tornou possível a Si mesmo o ser esbofeteado pelos agentes humanos inspirados por Satanás, o rebelde que havia sido expulso do Céu." ³²

Se Ele venceu, então qualquer um de nós também pode vencer como Ele: "Não há desculpas para pecar."³³

Em Cristo, a natureza divina e a natureza pecaminosa, idêntica à nossa, se combinaram e este conjunto venceu. Ao aceitá-LO como nosso Salvador, novamente forma-se a união da natureza divina — dEle, com a carne pecaminosa — a nossa: este conjunto novamente pode ser vencedor e espelhar perfeitamente o caráter de Deus. [Rom. 8.3-4]. Jesus quer novamente condenar o pecado, agora em nossa carne pecaminosa.

"Se o **grão** de trigo [Jesus], caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto [cristãos]" [João 12.24]. Se o 'fruto' é composto da natureza humana pecaminosa + a natureza divina, então, identicamente, ocorreu com o Grão

²⁷ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 763.

²⁸ Ellen G. White, Cons. Sobre Saúde, pág. 568.

²⁹ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 555/556.

³⁰ Ellen G. White, 1a. Mensagens Escolhidas, pág. 254.

³¹ Hereditárias. Nota do compilador.

³² Ellen G. White, *Carta K-303* — 1903.

³³ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 311.

original. Jesus "tornou-Se carne, exatamente como nós somos."34

"Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande Lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres." ³⁵

"Somente pela Sua própria sujeição à lei da herança podia Ele alcançar a medida inteira e verdadeira do pecado. Sem isto não podiam ser postos sobre Ele os nossos pecados realmente cometidos, com o castigo e a condenação pertencentes a eles." ³⁶

Além de uma carne pecaminosa, teve Jesus também uma mente pecaminosa?

"Retornemos ao assunto de que Cristo não tivesse 'paixões semelhantes' às nossas, vemos que em todas as Escrituras Ele é como nós, e como nós segundo a carne... Foi feito em semelhança de carne de pecado. Porém não andemos longe demais: foi feito em semelhança de carne de pecado, não em semelhança de mente de pecado. Não forcemos Sua mente até ali. Sua carne foi nossa carne, porém a mente era 'a mente ... que teve Cristo Jesus' ... [Fil 2.5 KJV] Se Ele tivesse tomado nossa mente, como então seríamos exortados a ter a mente de Cristo? Já a possuiríamos antecipadamente" 38

• Jesus teve alguma vantagem sobre nós, alguma força que não nos está disponível?

"Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam ter mediante a fé nEle. Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi." ³⁹

"A Majestade do Céu empreendeu a causa do homem e, com os mesmos recursos que o homem pode alcançar, resistiu às tentações de Satanás, como o homem tem de a elas resistir."40

Que método usou Jesus para vencer?

"O Salvador tomou sobre Si as enfermidades humanas, e viveu uma vida sem pecado, a fim de os homens não terem nenhum temor de que, devido à fraqueza da natureza humana, eles não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar "participantes da natureza divina", e Sua vida declara que a humanidade, unida à divindade, não comete pecado."

"O Salvador venceu para mostrar ao homem como ele pode vencer. Todas as tentações de Satanás, Cristo enfrentava com a Palavra de Deus. Confiando nas promessas divinas, recebia poder para obedecer aos mandamentos de Deus e o tentador não podia alcançar vantagem. A toda tentação, Sua resposta era: "Está escrito." "As armas que Cristo usou foram as palavras de Deus: "Está escrito"; e se manejardes a espada do Espírito, também vós podereis sair vitoriosos pelos

³⁴ Ellen G. White, Atos dos Apóstolos, pág 472.

³⁵ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 49.

³⁶ Jones, O Caminho Consagrado à Perfeição Cristã, pág 38.

³⁷ Pois não teve tendências *cultivadas* ao mal. Nota do compilador.

³⁸ Jones, Boletim da Conferência Geral, 1895, pág. 327.

³⁹ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 664.

⁴⁰ Ellen G. White, *Mens. Escolhidas*, vol. 1, pág. 252

⁴¹ Ellen G. White, *Temperança*, pág. 107.

• A obediência perfeita é possível?

"Ele [Jesus] não consentia com o pecado. Nem por um pensamento cedia à tentação. O mesmo se pode dar conosco ... Deus nos toma a mão da fé, e a leva a apoderar-se firmemente da divindade de Cristo, a fim de atingirmos a **perfeição de caráter.** E a maneira por que isso se realiza, Cristo no-la mostrou. Por que meio venceu no conflito contra Satanás? — Pela Palavra de Deus. Unicamente pela Palavra pôde resistir à tentação. 'Está escrito', dizia."⁴³

"Ele só Se serviu das armas que os seres humanos estão em condições de usar — a Palavra dAquele que é poderoso em conselho — 'Está escrito.'"⁴⁴

Como se entende "o justo viverá pela fé" [Romanos 1.16-17]?

A fé, que Jesus elogiou em Mateus 8.5-13, foi a crença de que a *Palavra de Jesus* [Deus], *tinha poder para curar*.

Então, "viver pela fé" significa desenvolver o hábito de enfrentar toda e qualquer tentação com um 'Assim diz o Senhor', tendo plena confiança, e absoluta certeza, de que, ao pronunciarmos a Palavra de Deus, ela manifestará seu **poder**, criando em nós o conteúdo citado. Desta maneira manifesta-se "o poder de Deus para salvação" [Rom. 1.16] de pecar naquela específica tentação. E assim sucessivamente, "de fé em fé".

• O que Deus requer de nós, hoje?

"É requerida obediência exata, e os que dizem não ser possível levar uma **vida perfeita**, lançam sobre Deus a acusação de injustiça e falsidade." ⁴⁵

"A obediência de Cristo a Seu Pai era a mesma que é requerida do homem ... O Senhor Jesus veio ao nosso mundo não para revelar o que Deus poderia fazer, <u>mas o que o homem poderia realizar mediante a fé no poder de Deus</u>." 46

'Todos os que pela fé obedecem aos mandamentos de Deus, atingirão a condição de impecabilidade na qual Adão viveu antes de sua transgressão."47

A obediência perfeita é necessária?

"Apesar de ter Cristo ganho uma vitória incalculável em favor do homem, vencendo as tentações de Satanás no deserto, esta vitória não será de nenhum benefício ao homem, a menos que ele também ganhe a vitória por si próprio." 48

"O amor de Deus não O leva a desculpar o pecado. Não o desculpou em Satanás; não o escusou em Adão ou em Caim; nem o desculpará em qualquer outro homem. Não tolerará nossos pecados, e não passará por sobre nossos defeitos de caráter. Espera que vençamos em Seu nome."49

⁴² Ellen G. White, *Temperança*, pág. 276.

⁴³ Ellen G. White, *Desejado Todas Nações*, pág. 123.

⁴⁴ Ellen G. White, 1^a. Mensagens Escolhidas, pág. 255.

⁴⁵ Ellen G. White, *Lições da Esc. Sabatina*, 2 Trim/89, Ediç. Professor, pág 48.

⁴⁶ Ellen G. White, SDABC, vol. 7, pág. 929.

⁴⁷ Ellen G. White, Signs of the Times, 23 de julho de 1902..

⁴⁸ Ellen G.White, No Deserto da Tentação, pág 77 / Confrontation, pág 64. [Ênfase acrescida].

⁴⁹ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 316.

Qual o papel da reforma pró-saúde na vitória sobre o ego?

"Nenhum de vós tem visto a necessidade da reforma de saúde, mas quando as pragas de Deus estiverem ao vosso redor, então vereis os princípios da reforma de saúde e a estrita temperança em tudo — <u>essa temperança unicamente é o fundamento de todas as graças que vêm de Deus, de todas as vitórias a serem ganhas." 50</u>

A mensagem da Justificação pela fé / Justiça pela fé, isto é, a mensagem de 1888, foi aceita e pregada por nós da maneira como o Senhor planejara?

"Vi que Jones e Waggoner tiveram sua contrapartida em Josué e Calebe. Como os filhos de Israel apedrejaram os espias com pedras literais, vós apedrejastes esses irmãos com pedras de sarcasmo e ridículo ... Vi também que, se tivéssemos aceito a mensagem deles, teríamos estado no reino dois anos após daquela data, mas agora temos de retornar ao deserto e ficar 40 anos."51

• Ellen G. White foi mesmo enviada à Austrália contra a vontade de Deus e a sua?

"O Senhor não estava dirigindo nossa saída da América. Ele não revelou que era Sua vontade que eu deixasse Battle Creek [sede da Conferência Geral]⁵². O Senhor não planejou isso, mas permitiu que agissem segundo vossa própria imaginação. O Senhor desejava que W. C. White, sua mãe e seus obreiros permanecessem na América. Nós éramos necessários no centro da Obra ... O Senhor teria trabalhado pela Austrália por outros meios, e uma forte influência teria sido mantida em Battle Creek, o grande coração da Obra. ... Não foi o Senhor Quem planejou essa questão. Não pude obter um raio de luz quanto a deixar a América. ... Quando partimos, alívio foi sentido por muitos ... e o Senhor não Se agradou disso, pois Ele nos havia colocado junto às rodas do maquinismo de Battle Creek."

Quando Jesus voltará?

"Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus." 54

"E será pregado este evangelho do reino por todo mundo ... Então virá o fim" [Mateus 24.14].

Juntando as duas citações, tem-se que o evangelho será tido por pregado a alguém tão somente quando ele ouvir o evangelho e <u>vir o caráter de Cristo perfeitamente reproduzido em um cristão</u>. Apenas a teoria do evangelho não é o bastante para se concluir a missão evangélica.

O que já teria acontecido, se a mensagem de 1888 tivesse sido aceita e pregada? Qual a prova de que não foi?

"Houvesse a **igreja de Cristo** [Igreja Adventista do Sétimo Dia!] *feito a obra que lhe era designada, como Ele ordenou, o mundo inteiro haveria sido antes advertido, e o Senhor Jesus teria vindo à Terra em poder e grande glória" ⁵⁵*

⁵⁰ Ellen G. White, *Temperança*, pág. 201.

⁵¹ Ellen G. White, em 09.05.1892, de Melbourne, Austrália.

⁵² Nota do compilador.

⁵³ Ellen G. White, 1888 Materials, pág 1622-1623; Carta ao Pr. O. A. Olsen, presidente da Conferência Geral, 127, 1896.

⁵⁴ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, pág. 69..

⁵⁵ Ellen G. White, Desejado de Todas Nações, pág. 634.

"A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas ... Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo [isto é: a mensagem de 1888!] ... e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo. ... Semelhantemente, não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo fosse tão demorada, e que Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza." 56

A prova *incontestável* de que a mensagem ainda não foi aceita pela maioria é que Jesus AINDA não voltou!

Podemos nós, humanos, adiar ou apressar a volta de Jesus?

"Está em nosso poder apressar a vinda do dia de Deus, levando o evangelho ao mundo. <u>Tivesse a igreja de Cristo [IASD]</u> feito o trabalho que lhe foi apontado como o Senhor ordenara, e todo o mundo teria sido advertido antes disto, e o Senhor Jesus já teria vindo à Terra com poder e grande glória." ⁵⁸

Então o evangelho estará efetivamente pregado ao mundo tão somente quando este vir o caráter de Cristo em Seus filhos. A pregação efetiva dirige-se mais aos olhos — atos, caráter — do que aos ouvidos — teoria. O Senhor está interessando antes em *qualidade* do que em *quantidade*.

A geração, que aceitar esta mensagem e vivê-la, verá Cristo vir nas nuvens. Enquanto ela não produzir os frutos a que se propõe, Jesus não virá, ainda que se passem centenas de anos. Será apenas quando Ele vir Sua 'seara da terra' madura — 'caráter de Cristo perfeitamente reproduzido em Seu povo' — é que Jesus voltará. [Apoc. 14.14-15].

• Qual mensagem contém o apelo da Testemunha fiel e verdadeira?

'A mensagem que os mensageiros [Waggoner e Jones]⁵⁹ tem proclamado é a mensagem à Igreja de Laodicéia [citado Apoc. 3.14-20] ... A mensagem dada a nós por A. T. Jones e E. J. Waggoner é a mensagem de Deus à Igreja de Laodicéia, e ai daquele que professa crer na verdade e ainda não reflete a outros os raios dados por Deus.⁷⁶⁰

"Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro [Apocalipse]⁶¹ para nós significa, ver-se-á entre nós grande reavivamento."⁶²

Este grande *reavivamento* profetizado já aconteceu? Não! Então, a mensagem de 1888 ainda não foi compreendida por nós, como um povo! Realmente, até o presente momento, ela nem atingiu nem tocou a consciência adventista, como um todo.

O que provoca a sacudidura em nosso meio?

'Perguntei qual o sentido da sacudidura que eu acabava de presenciar e foi-me mostrado que fora causada pelo positivo testemunho motivado pelo conselho da

⁵⁶ Ellen G. White, *Grande Conflito*, pág. 457/458.

⁵⁷ Nota do compilador.

⁵⁸ Ellen G. White, *Med. Matinais* 1974, pág. 351.

⁵⁹ Nota do compilador.

⁶⁰ Ellen G. White, '1888 Materials', pág. 1040-1054, conforme Carta de a Uriah Smith, em 19.09.1892.

⁶¹ Nota do compilador.

⁶² Ellen G. White, Test. para Ministros, págs. 113.

Testemunha fiel, aos laodiceanos. Esse **testemunho** [a mensagem de 1888!]⁶³ terá o seu efeito sobre o coração do que o recebe, levando-o a exaltar a norma e declarar a positiva verdade. Alguns não suportarão esse claro testemunho. **Oporse-lhe-ão** e isto causará uma **sacudidura** entre os filhos de Deus. ⁶⁴

Se alguém aceita a mensagem de 1888, que exalta a *norma divina*, ao colocar perante o crente a possibilidade, a necessidade e a importância dele obedecer à Lei de Deus, perfeitamente, como Jesus obedeceu, o inimigo, de pronto, lança seus instrumentos contra ele. O *'leão ruge'* [1 Pedro 5.8] criticando, ameaçando e caluniando. Pondere, com oração, em Marcos 13.9-13, lembrando que *'tribunais'* = concílios locais, na NIV, isto é: comissão da igreja.

Quando a mensagem vencer dentro do adventismo, e for sendo ensinada *'aos de fora'*, o *'leão'* rugirá através do decreto dominical, intentando barrar a mensagem.

Como se desenvolverá a sacudidura nas IASD?

"Ao avançar a obra do povo de Deus, com santificada e irresistível energia, implantando **na igreja** [ASD, obviamente]⁶⁵ o estandarte da justiça de Cristo, movida por um poder que vem do trono de Deus, tornar-se-á a grande controvérsia cada vez mais forte, e se tornará cada vez mais determinada. Mente se aparelhará contra mente, plano contra plano, princípios de origem celestial contra princípios de Satanás. A verdade, em seus variados aspectos, estará em conflito com o erro, em suas formas sempre variadas e crescentes, e que se possível, enganariam os próprios escolhidos."⁶⁶

Num super resumo, o que ensina a mensagem de 1888?

'É isto o que esta mensagem significa para ti e para mim — transladação. 67 Simplesmente ensina COMO VENCER OS VÍCIOS, OS DEFEITOS DE CARÁTER E AS TENTAÇÕES PELA FÉ ou seja: COMO VENCER o PECADO, o ego ou seja: Como, pela graça, o homem pode efetivamente obedecer à Lei de Deus, atingir a perfeição de caráter como Enoque, Daniel, etc.!

Apenas aquele 1/3 dos anjos expulsos do Céu é que deveria ser *contra* a mensagem de Waggoner e Jones.

"O inimigo de Deus, e dos homens, está decididamente contra a clara proclamação desta verdade [a Justiça pela Fé]⁶⁸, porque sabe que, se o povo aceitar, o seu poder estará desfeito. Se puder, porém, dominar os corações daqueles que se chamam filhos de Deus, de modo que as suas experiências de fé estejam cheias de dúvidas e incredulidade, pode vencê-los pelas suas tentações."⁶⁹

Então, se você aceitar a mensagem de 1888, não espere ser compreendido, e aceito, por parte dos que, sem o saber, são usados pelo *'leão'*.

• O que diz a profecia a respeito da reação, mesmo de alguns dos nossos pastores, ao 'alto clamor' da mensagem de Waggoner e Jones?

⁶³ Nota do compilador.

⁶⁴ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 60.

⁶⁵ Nota do compilador.

⁶⁶ Ellen G. White, *Test. Ministros*, pág. 407..

⁶⁷ A. T. Jones, *Boletim da Conferência Geral 1893*, pág. 185.

⁶⁸ Nota do compilador.

⁶⁹ Ellen G. White, Review & Herald, 3.9.1889.

"Então será revelado nas igrejas o maravilhoso poder de Deus. Este poder, porém, não moverá aqueles que não se tinham humilhado perante o Senhor e que não abriram a porta do seu coração ao arrependimento e à confissão dos seus pecados. Na revelação deste poder, que iluminará o mundo todo com a glória de Deus, verão somente algo que, na sua cegueira, consideram como perigoso e que despertará medo neles. A seguir levantar-se-ão e resistirão a este poder. Por o Senhor não atuar segundo suas idéias e imaginações, opor-se-ão a esta obra. Dizem, 'por que não reconheceríamos o Espírito de Deus, nós que estivemos por tantos anos na obra do Senhor?"

Nossa atitude, pessoal e denominacional, vem ofendendo o Espírito Santo desde 1888?

"O pecado cometido, no que teve lugar em Minneápolis, permanece nos livros de registro do céu, assinalados contra os nomes daqueles que resistiram à luz, e permanecerá nos registros até que se faça plena confissão, e os transgressores se apresentem em total humildade perante Deus." 71

"Uma vez será isto reconhecido na sua completa importância, com todos os seus fardos e dores que resultaram daquilo."⁷²

Em razão de ainda não termos correspondido com os anseios do Salvador, como Se sente Ele, em relação à nossa atitude?

"Para os que são indiferentes neste tempo, a advertência de Cristo é: 'Porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca.' Apoc. 3.16. A figura de vomitar da Sua boca significa: (1°) Que Ele não pode oferecer a Deus as vossas orações ou expressões de amor. (2°) Não pode aprovar de forma alguma o vosso ensino de Sua Palavra ou o vosso trabalho espiritual. (3°) Não pode apresentar os vossos cultos religiosos com o pedido de que vos seja concedida graça."⁷³

Não temos o que contra-argumentar: A explicação do texto é do Espírito de Profecia.

• 'Sê, pois, zeloso, e arrepende-te'. [Apoc. 3.19], cumprir-se-á entre nós, individual e coletivamente?

Irmãos, haverá entre nós uma sincera e profunda tristeza pela atitude com que, como movimento, agravamos o Espírito de Deus, a partir de 1888. A não aceitação da mensagem pela maioria que, até o momento, teve contato com ela, prolonga-se até os nossos dias; partilha-se do mesmo espírito que reinou naquela Conferência: a rejeição hoje é tão evidente e forte que fazem-se ameaças aos que se propõem a divulgar a mensagem que, se praticada, preparará um povo para receber a Cristo em Seu retorno. Nem edita-se, por enquanto, pela nossa mídia oficial, os livros dos mensageiros escolhidos por Deus, nem cita-se seus conceitos nas Lições da Escola Sabatina, Revista Adventista ou Revista Ministério, etc. Que pena!

Por qual razão haveríamos nós, um século depois, de confessar os pecados de nossos antecessores?

Leia Levítico 26.40-42. "A razão porque Deus exige de nós a confissão dos

⁷⁰ Ellen G. White, *Review & Herald*, 23.12.1890.

⁷¹ Ellen G. White, *Carta 019*, 01.09.1892.

⁷² Ellen G. White, *Boletim da Conferência Geral*, 1893, pág. 184.

⁷³ Ellen G. White, 3 *Testemunhos Seletos*, pág. 15.

pecados dos pais, está no fato dos seus pecados terem-se tornado também os dos filhos. A rejeição da mensagem divina, pelos nossos antecessores, não foi meramente um pecado deles próprios, porque homem algum vive somente para si.

"O seu espírito, e a sua maneira de pensar, transmitiram-se aos filhos e aos filhos dos filhos, possivelmente sem se darem por isso. Aquilo que, por causa da rejeição daquela luz, se manifestava na sua vida, foi transmitido aos seus descendentes. **Neste sentido, o seu pecado tornou-se também o nosso.** Para poder afastar este pecado deve — como, aliás, é o caso com cada pecado — ser remediada a causa, não importando quanto tempo atrás tenha acontecido. Antes de podermos confessar os pecados dos nossos pais, devemos conhecer a nossa própria história. É por esta razão que Deus ordena que a estudemos:

"É hoje igualmente importante, que os filhos de Deus se recordem como, e quando, foram provados, onde a sua fé falhou e onde prejudicaram Sua obra pela incredulidade e confiança em si mesmos. ... Se o povo de Deus olhasse deste modo para o passado, reconheceria que o Senhor sempre repete Sua maneira de agir. Eles deveriam considerar as advertências anteriores e ter cuidado de não repetir os erros daquele tempo.' (Ellen G. White, Testimonies, vol. 7, pág. 210).

"Cada Adventista deve interessar-se pela questão de Minneápolis, **como se tivesse estado presente naquele tempo**. Estamos dispostos a voluntariamente verificar esta parte da nossa história, confessando a seguir a injustiça, cometida naquele tempo? Somente assim nos pode ser tirado o espírito de rejeição, em que fomos educados pelos nossos pais, e nos pode ser dado um novo espírito para a aceitação da mensagem."⁷⁴

A idéia de que não há necessidade desta confissão, visto 'nada termos a ver com os atos de nossos antepassados', fundamenta-se no engano de que atualmente 'está tudo bem com 1888', quando, lamentavelmente, esta não é a realidade.

Deveríamos nós, ASD, ler os livros escritos pelos nossos pastores Waggoner e Jones?

Ellen G. White disse: "E. J. Waggoner pode ensinar a Justiça pela Fé mais claramente do que eu posso ... Sim, o Senhor deu-lhe luz especial nesta questão. Tenho almejado expor o assunto mais claramente, mas eu não poderia tê-lo exposto tão claramente quanto ele o fez. Mas quando ele expôs o assunto em Minneapolis, reconheci-o".⁷⁵

Portanto, leia-os!

Onde encontrar material suplementar a respeito?

http://www.adventistas.info

http://www.libros1888.com

http://www.1888msc.org

http://www.br.geocities.com/reexaminado1888 [Livro em português].

Recomendamos a leitura também dos seguintes livros:

- a] do Pr. E. J. Waggoner: "AS BOAS-NOVAS" e "ESTUDOS BÍBLICOS SOBRE A EPÍSTOLA AOS ROMANOS".
- b] do Pr. A. T. Jones: "O CAMINHO CONSAGRADO PARA A PERFEIÇÃO CRISTÃ" e "CRISTO E SUA JUSTIÇA".

⁷⁴ Wolfgang Meyer, 'Minneápolis – 1888', págs. 92-93. [Ênfase suprida].

⁷⁵ Entrevista do Pr. Washburn, após 1888, conforme www.1888MSC.org.

- c] do Pr. Wieland: "INTRODUÇÃO À MENSAGEM DE 1888" e "AS DEZ GRANDES VERDADES QUE TORNAM ÚNICA A MENSAGEM DE 1888".
- d] do Pr. Jean R. Zurcher: "TOCADO POR NOSSOS SENTIMENTOS"
- e do Pr. M. L. Andreasen: "CARTAS PARA AS IGREJAS" [http://br.geocities.com/cartas_andreasen]
- f] de W. Meyer, "MINNEÁPOLIS 1888".

1888 CEM - Comitê de Estudo de

'COMO VENCER OS VÍCIOS, OS DEFEITOS DE CARÁTER E AS TENTAÇÕES PELA FÉ!' ou seia:

da Mensagem da Justiça de Cristo pela Fé ou seja: da Mensagem de 1888 - Minneapolis ou seja: da Terceira Mensagem Angélica ou seja: da Mensagem do 'Alto Clamor' ou seja: da Justificação pela Fé *original*!

Cx. Postal, 1047 85884-000 Medianeira - PR